

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Mirian Redin de Quadros

**O LUGAR DO OUVINTE NAS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS:
CONCESSÃO DE VOZ E CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DOS
OUVINTES-ENUNCIADORES**

Santa Maria, RS
2018

Mirian Redin de Quadros

**O LUGAR DO OUVINTE NAS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS: CONCESSÃO DE
VOZ E CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DOS OUVINTES-ENUNCIADORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Franz Amaral

Santa Maria, RS, Brasil
2018

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Quadros, Mirian Redin de

O lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas:
concessão de voz e critérios de acionamento dos ouvintes
enunciadores / Mirian Redin de Quadros.- 2018.

189 p.; 30 cm

Orientadora: Márcia Franz Amaral

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2018

1. Narrativa jornalística 2. Narrativa radiofônica 3.
Participação do ouvinte I. Amaral, Márcia Franz II. Título.

Mirian Redin de Quadros

O LUGAR DO OUVINTE NAS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS: CONCESSÃO DE VOZ E CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DOS OUVINTES-ENUNCIADORES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação.**

Aprovada em 04 de janeiro de 2018:

Prof^a Dr^a Márcia Franz Amaral (UFSM)
Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta (UnB)
Primeiro membro (participação por parecer)

Prof^a. Dr^a. Debora Cristina Lopez (UFOP)
Segundo membro (participação por videoconferência)

Prof. Dr. Reges Toni Schwaab (UFSM)
Terceiro membro

Prof^a. Dr^a. Laura Strelow Storch (UFSM)
Quarto membro

Santa Maria, RS
2018.

AGRADECIMENTOS

É difícil descrever os sentimentos que permeiam um momento como este. A finalização de uma tese. O encerramento de um Doutorado. A conquista de um título. A realização de uma meta pessoal. Há um misto de sensações: alívio, felicidade, orgulho e, sobretudo, gratidão. Gratidão por ter tido o privilégio de trilhar esse caminho, pela oportunidade ainda limitada a tão poucos. Gratidão por ter superado tantos desafios, tantos medos e obstáculos. Gratidão por ter conseguido chegar até aqui, por terminar. Gratidão pela trajetória, pela aprendizagem e pelo crescimento. E gratidão, principalmente, por ter ao meu lado – fisicamente ou não – pessoas especiais, que tornaram essa jornada menos árdua, mais humana e significativa.

Obrigada, mãe, Geni Redin de Quadros. É de ti que vem a inspiração e a força para seguir sempre em frente. É em ti que encontro a palavra (e o colo) de apoio e incentivo. Sem você eu não teria chegado até aqui.

Obrigada, pai, José Antonio de Quadros (*in memoriam*), onde quer que você esteja. Teus ensinamentos seguem comigo. Se cheguei até aqui foi porque tive contigo as minhas primeiras lições. Foi contigo que aprendi a gostar de aprender.

Obrigada, meu amor, Jacson Ballin. Meu porto seguro, meu sossego, o acalento para o meu coração ansioso e inseguro. É no teu abraço que me sinto em casa, onde quer que nossa casa for. Obrigada por estar sempre disposto a me ouvir, me apoiar, me acalmar. Obrigada por toda a ajuda, por todo o carinho, por toda a compreensão.

Obrigada, professora Márcia Franz Amaral. Orientadora, amiga, às vezes um pouco mãe. Obrigada por me conduzir ao longo dessa trajetória de forma tão humana, calma e dedicada. Obrigada por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava. Obrigada pelo exemplo de mulher, professora e pesquisadora.

Obrigada aos amigos e familiares, de Ijuí, Santa Maria e tantos outros lugares. Marizandra Rutilli, Rosara Bueno, Ancela Hüller, Estefania Linhares, Evani e Paula Redin, Maria Antonieta Ballin: em todas vocês encontrei palavras de conforto e encorajamento, ouvidos pacientes, abraços e carinhos. Obrigada, também, às amigas e amigos do Grupo de Tênis do Clube Recreativo Dores, por compartilhar não só um esporte, mas também gargalhadas e conversas fiadas – um respiro na cansativa rotina de estudos.

Obrigada aos colegas do Gabinete do Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, em especial ao professor Flavi Lisboa Filho e às Relações Públicas com quem aprendo tanto, todos os dias: Sendi Spiazzi, Danusa Frazzon e Tânia Weber. Obrigada pela acolhida, pela paciência e pelo apoio constante.

Obrigada aos colegas de Doutorado e de Poscom, principalmente à Fabiana Pereira e Camila Marques, companheiras desde o Mestrado, e do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo, em especial à Juliana Motta e Lara Nasi, pelo compartilhamento de saberes, angústias, conquistas e cafés. Espero que nossos caminhos continuem a se cruzar no futuro.

Obrigada aos demais professores do Poscom e ao Maurício Uberti, nosso secretário. Obrigada pelas aulas, pelas conversas de corredor, pelos conselhos, livros recomendados, orientações e suporte. Conviver com todos vocês foi um aprendizado constante. Mais um dos privilégios desta trajetória.

Obrigada especial aos professores que aceitaram participar desde a qualificação até a banca final de avaliação deste trabalho: Luiz Gonzaga Motta, referência absoluta para esta pesquisa; Debora Lopez, minha eterna orientadora; Reges Schwaab, amigo querido e exemplo de pesquisador; e Laura Strelow Storch, inspiração de sabedoria e doçura.

Obrigada, por fim, à Universidade Federal de Santa Maria pelo acolhimento e acesso gratuito à uma formação de qualidade e à Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo suporte financeiro à uma parte substancial e essencial desta pesquisa.

Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Renato Russo

RESUMO

O LUGAR DO OUVINTE NAS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS: CONCESSÃO DE VOZ E CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DOS OUVINTES-ENUNCIADORES

AUTORA: Mirian Redin de Quadros
ORIENTADORA: Dr^a Marcia Franz Amaral

A temática central desenvolvida nesta Tese é a participação do ouvinte nas narrativas jornalísticas radiofônicas. A investigação teve como principal objetivo identificar, pela análise de um produto midiático, quais os critérios e circunstâncias responsáveis por influenciar o acionamento e a concessão de voz aos ouvintes-enunciadores na configuração de narrativas jornalísticas radiofônicas transmitidas em tempo real. Para isso, a Tese ancora-se teórica e metodologicamente nos Estudos da Narrativa, especificamente na Análise Crítica da Narrativa, método proposto por Motta (2013b). A partir desta perspectiva, o trabalho discute a compreensão do jornalismo como narrativa do tempo presente e as características das narrativas radiofônicas de acordo com suas especificidades. Empiricamente, a Tese analisa cinco narrativas radiofônicas com temáticas distintas configuradas no programa Gaúcha Atualidade, pertencente à grade de programação da emissora porto-alegrense Rádio Gaúcha, e veiculadas entre os meses de julho e setembro de 2016. Em uma primeira etapa, a análise comparou o conjunto de vozes acionado na configuração das narrativas, enfatizando quanti e qualitativamente as intervenções da audiência. Em seguida, as sequências narrativas, em que foram identificadas contribuições enviadas por ouvintes, foram examinadas individualmente e classificadas de acordo com os atributos dos ouvintes-enunciadores, das mensagens e quanto aos efeitos valorativos gerados. A sistematização dos resultados levou à identificação de sete principais critérios responsáveis pelo acionamento e concessão de voz aos ouvintes: a) o tipo de acontecimento narrado; b) a atualidade e a imediaticidade das mensagens enviadas pela audiência; c) a saturação de mensagens com conteúdo semelhante; d) o testemunho e a credibilidade da informação enviada pelo ouvinte; e) a localização geográfica do ouvinte-enunciador; f) a qualificação do ouvinte-enunciador; e g) a adequação e reforço do projeto dramático assumido na narrativa. A Tese conclui que o acionamento e a concessão de voz aos ouvintes, além de serem controlados pelo veículo e seus profissionais, também são instrumentais, de modo que atendem a determinados propósitos dentro do enquadramento (projeto dramático) proposto para cada narrativa. De forma ampliada, a pesquisa reflete sobre a relevância, do ponto de vista jornalístico, da abertura de espaço para a participação sincrônica do ouvinte nas narrativas radiofônicas, considerando que esta participação pode ser entendida como uma técnica de enunciação peculiar às narrativas radiofônicas, empregadas com diferentes objetivos, porém norteadas pela intenção de envolver a audiência, produzindo efeitos de proximidade e pertencimento que, por sua vez, levam à fidelização da audiência e à consequente viabilidade econômica do veículo.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Narrativa radiofônica. Participação do ouvinte.

ABSTRACT

THE PLACE OF THE LISTENER IN RADIO NARRATIVES: VOICE CONCESSION AND CRITERIA FOR THE ACTIVATION OF THE LISTENERS-ENUNCIATORS

AUTHOR: Mirian Redin de Quadros

ADVISOR: Dr^a Marcia Franz Amaral

The central theme developed in this thesis is the listener's participation in radio journalistic narratives. The main objective of the investigation was to identify, through the analysis of a media product, the criteria and circumstances responsible for influencing the activation and the voice concession to the listeners-enunciators in the configuration of radio journalistic narratives transmitted in real time. For this, the thesis is anchored theoretically and methodologically in Narrative Studies, specifically in Critical Narrative Analysis, a method proposed by Motta (2013b). From this perspective, the work discusses the understanding of journalism as a narrative of the present time and the characteristics of radio narratives, according to their specificities. Empirically, the thesis analyzes five radio narratives with distinct themes, configured in the program *Gaúcha Atualidade*, belonging to the programming grid of the Porto Alegre radio station *Gaúcha*, and transmitted between July and September 2016. In a first step, the analysis compared the set of voices activated in the configuration of the narratives, emphasizing quantitatively and qualitatively the interventions of the audience. Next, the narrative sequences in which contributions sent by listeners were identified were individually examined and classified according to the attributes of the listeners-enunciators, the messages and the value effects generated. The systematization of the results led to the identification of seven main criteria, responsible for activating and giving voice to listeners: a) the type of event narrated; b) the actuality and immediacy of the messages sent by the audience; c) the saturation of messages with similar content; d) the testimony and credibility of the information sent by the listener; e) the geographical location of the listener; f) the qualification of the listener-enunciator; and, g) the adequacy and reinforcement of the dramatic project assumed in the narrative. The thesis concludes that the activation and the voice concession to the listeners, besides being controlled by the vehicle and its professionals, are also instrumental, so that they fulfill certain purposes within the framework (dramatic project) proposed for each narrative. In an extended way, the research reflects on the relevance, from the journalistic point of view, of the opening of space for the synchronous participation of the listener in the radio narrations, considering that this participation can be understood as a technique of enunciation peculiar to the radio narratives, employed with different objectives, but guided by the intention to involve the audience, producing effects of proximity and belonging that, in turn, lead to the fidelity of the audience and the consequent economic viability of the vehicle.

Keywords: Journalistic narrative. Radio narrative. Listener participation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A tríplice mimese ricoeuriana.....	28
Figura 2 – Modelo dos balões sucessivos.....	35
Figura 3 – Sistema semiótico radiofônico.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias para classificação das Sequências Narrativas (SNs).....	85
Quadro 2 – Atributos do ouvinte-enunciador.....	87
Quadro 3 – Atributos da mensagem.....	88
Quadro 4 – Efeito valorativo das mensagens.....	89
Quadro 5 – Síntese comparativa das narrativas analisadas.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Narrativa 1: Classificação das Sequências Narrativas.....	91
Tabela 2 – Narrativa 2: Classificação das Sequências Narrativas.....	101
Tabela 3 – Narrativa 3: Classificação das Sequências Narrativas.....	112
Tabela 4 – Narrativa 4: Classificação das Sequências Narrativas.....	121
Tabela 5 – Narrativa 5: Classificação das Sequências Narrativas.....	130
Tabela 6 – Síntese comparativa e quantitativa da participação dos ouvintes.....	137

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A NARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	24
2.1 O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO TEMPO PRESENTE.....	24
2.2 QUEM NARRA? IDENTIFICANDO VOZES, NARRADORES E PERSONAGENS JORNALÍSTICOS.....	33
2.2.1 Primeiro e segundo-narrador: o jornal, o jornalista e a autoridade enunciativa.....	36
2.2.2 O terceiro-narrador: as personagens jornalísticas.....	41
2.3 A NARRATIVA COMO MÉTODO: OS CAMINHOS DA PESQUISA A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA.....	45
3. O RÁDIO COMO OBJETO EMPÍRICO.....	50
3.1 CONTEXTUALIZANDO O RÁDIO CONTEMPORÂNEO.....	51
3.2 O LUGAR DO OUVINTE.....	53
3.3 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA RADIOFÔNICA.....	60
3.3.1 A linguagem radiofônica.....	61
3.3.2 A emissão continuada.....	68
3.3.3 Radiojornalismo em tempo real.....	73
4. DESVELANDO AS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS.....	78
4.1 A RÁDIO GAÚCHA E O PROGRAMA GAÚCHA ATUALIDADE.....	78
4.2 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : COLETA E SELEÇÃO DAS NARRATIVAS.....	83
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: MOVIMENTOS E CATEGORIAS.....	84
4.4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	90
4.4.1. Narrativa 1: Instabilidade climática.....	90
4.4.1.1 A composição da intriga, episódios e conflitos.....	90
4.4.1.2 As vozes da narrativa.....	93
4.4.1.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador.....	95
4.4.2. Narrativa 2: Queda da marquise.....	99
4.4.2.1 A composição da intriga, episódios e conflitos.....	100
4.4.2.2 As vozes da narrativa.....	103
4.4.2.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador.....	105
4.4.3. Narrativa 3: Greve dos servidores do Detran.....	108
4.4.3.1 A composição da intriga, episódios e conflitos.....	109
4.4.3.2 As vozes da narrativa.....	112
4.4.3.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador.....	114
4.4.4. Narrativa 4: Crise na segurança.....	117
4.4.4.1 A composição da intriga, episódios e conflitos.....	118

4.4.4.2 As vozes da narrativa.....	122
4.4.4.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador.....	124
4.4.5. Narrativa 5: Protestos contra as reformas.....	127
4.4.5.1 A composição da intriga, episódios e conflitos.....	127
4.4.5.2 As vozes da narrativa.....	130
4.4.5.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador.....	132
5. CONDIÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS DE CONCESSÃO DE VOZ AO OUVINTE-ENUNCIADOR.....	136
5.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS.....	136
5.2 PRINCIPAIS CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DO OUVINTE- ENUNCIADOR.....	142
5.2.1 Tipo de acontecimento narrado.....	142
5.2.2 Atualidade e imediatez.....	144
5.2.3 Saturação de mensagens.....	145
5.2.4 Testemunho e credibilidade da informação.....	146
5.2.5 Localização geográfica do ouvinte-enunciador.....	147
5.2.6 Qualificação do ouvinte-enunciador.....	148
5.2.7 Reforço do projeto dramático.....	149
5.3 A PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE PELO VIÉS DA NARRATIVA.....	151
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS.....	161
APÊNDICE – ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS NARRATIVAS PARTICIPATIVAS.....	169

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

O homem vive em um “mundo de segunda mão”. A afirmação de Luiz Gonzaga Motta (2003) explica como a realidade que nos cerca, os valores que constituem nossa cultura e o conhecimento que temos do mundo e de nós mesmos, resultam de processos de mediação. A linguagem é um destes processos. Nossos primeiros contatos com a realidade e até mesmo nossos pensamentos se dão por meio de códigos linguísticos, responsáveis por atribuir sentidos às nossas experiências. O mundo, todavia, não se limita àquilo que vemos, sentimos ou experimentamos de forma direta ou imediata. Ao tornar-se cada vez mais complexa, a vida em sociedade demanda novos instrumentos capazes de tornar acessíveis e compreensíveis realidades que não podemos vivenciar e interpretar por nós mesmos. A religião, as artes, a filosofia, a ciência, constituíram-se como outras formas de mediação da realidade: são tipos de conhecimento que nos oferecem versões sobre os fatos e concepções de mundo. O jornalismo também pode ser compreendido deste modo: como uma forma de conhecimento contemporâneo, que, pelo relato ordenado dos fatos, pela contextualização histórico-social dos acontecimentos cotidianos e pela concessão de poder de voz a diferentes atores sociais, nos oferece uma representação simbólica do mundo real.

Para Adelmo Genro Filho (1987), o jornalismo é uma forma de conhecimento singular. Seu surgimento histórico é atribuído pelo autor justamente pela ampliação dos contornos mundiais, reflexo do desenvolvimento das relações capitalistas e da industrialização (MEDITSCH, 1992). Se na Idade Média o mundo do homem restringia-se aos limites de sua comunidade, hoje ele é global, ignora as fronteiras geográficas e estende-se indefinidamente. Tomar conhecimento desta nova realidade de forma direta, conseqüentemente tornou-se inviável. Foi aí que o jornalismo encontrou sua principal função social: exercer a mediação simbólica entre os acontecimentos do mundo e a experiência do homem. É por meio de sua capacidade narrativa, de contar histórias, que o jornalismo desempenha este papel de mediador.

Afinal, todavia, de que narrativa estamos falando? Eis um dos eixos fundamentais da pesquisa que apresentamos nesta tese. De acordo com Motta (2017b, p. 8-9), as reflexões acerca das narrativas jornalísticas configuram-se como um campo cujas bases e contornos teórico-metodológicos ainda encontram-se em construção, no qual residem mais questionamentos que certezas: “Os pesquisadores ainda se interrogam o que é exatamente uma narrativa jornalística: qual são mesmo os fatos empíricos que conformam este campo particular? Qual é o seu objeto? O que a expressão ‘narrativa jornalística’ traduz”? Nesse

sentido, a fim de emprendermos nosso estudo tendo como fio condutor o viés da narrativa, adotamos uma perspectiva que parte de teorias pragmáticas e hermenêuticas, afastando-se da abordagem Estruturalista, sob a qual os estudos sobre a narrativa ganharam visibilidade em meados do século 20. À compreensão da narrativa como estrutura ou gênero textual, preferimos a abordagem que a entende como um *processo* de ordenamento e produção de sentidos. Consideramos, assim, o jornalismo como uma narrativa dinâmica do tempo presente, que se configura como instrumento de mediação e experimentação da realidade.

Diariamente, nas páginas dos jornais, nas reportagens para a TV ou nos boletins radiofônicos, a história do presente é relatada. As narrativas jornalísticas encadeiam, de forma lógica e cronológica, os fatos, organizando a realidade e atribuindo-lhe sentidos e vinculações sociais. Segundo Motta (2013b, p. 71), “a narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis”. Mesmo o fragmentado noticiário cotidiano adquire sentido enquanto parte de uma narrativa ampliada, em que os valores sociais são continuamente reforçados. As narrativas – sejam elas factuais ou ficcionais – agem como referências culturais e comportamentais para uma determinada época, orientando a forma como os sujeitos vivenciam e interpretam a realidade que os cerca.

A principal questão que nos inquieta ao pensarmos o jornalismo enquanto narrativa do tempo presente – e que nos move, nesta tese – é a de *quem narra*. Quem são os sujeitos habilitados a enunciar as narrativas factuais? A condição de identidade definida pelo contrato de comunicação, conforme Charaudeau (2013), atribui ao jornalista uma autoridade discursiva. Em um contexto de convergência midiática, porém, essa centralidade do jornalista tem sido constantemente colocada em xeque. O desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação colaborou para a multiplicação de ferramentas de interação capazes de amplificar a voz de ouvintes, leitores e telespectadores. Conectados à internet por meio de computadores pessoais ou dispositivos móveis, munidos de *tablets* e *smartphones*, os receptores de produtos jornalísticos têm, hoje, a possibilidade de opinar, sugerir, informar, corrigir, compartilhar, criar e recriar conteúdos com muito mais facilidade e agilidade e, assim, influenciar, interferir ou até mesmo modificar a forma como as narrativas jornalísticas são configuradas.

Esse contexto de hiperconexão, instantaneidade e interatividade representa novos constrangimentos para o jornalismo, principalmente em situações de transmissão em tempo real. Afinal, como lidar com essa audiência ativa (MASIP et al., 2015) e a avalanche de

conteúdos – informações, perguntas, críticas, sugestões – por ela produzida? Em que medida essas contribuições servem ao jornalismo?

Uma das mídias em que esses constrangimentos se revelam ainda mais intensos é o rádio, nosso objeto de estudo. Inicialmente identificado como um veículo de massa, em que a comunicação se dá de maneira unilateral, o rádio, paradoxalmente, é caracterizado pela sua capacidade de interação com o público, propriedade que lhe é atribuída, principalmente, pelo emprego de estratégias enunciativas que criam a sensação de proximidade entre locutor e ouvintes, mas também pela adoção de diferentes ferramentas e práticas que viabilizam a relação entre as duas instâncias comunicacionais. Cartas, participação em auditórios, telefonemas, mensagens de celular, *e-mails*, *chats* e, mais recentemente, *sites* de redes sociais e aplicativos para celular, são algumas das formas encontradas por este meio de comunicação, em sua trajetória histórica, para se aproximar de seus ouvintes, tanto com o intuito de cativá-los e fidelizá-los à emissora, quanto como forma de pluralizar e alimentar a produção jornalística. No caso do rádio, não se trata de algo novo na relação entre o meio e seus públicos. É importante enfatizar: a interação com a audiência acompanha o rádio desde sua origem, mas, hoje, se dá de forma mais intensa e sincrônica, em virtude das tecnologias disponíveis. Se antes a carta levava dias para chegar ao estúdio, hoje a mensagem enviada via *WhatsApp* é recebida pelo locutor imediatamente; se há algumas décadas a emissora recebia uma dezena de cartas a cada dia, hoje são centenas de mensagens que chegam à redação em poucas horas. Nossas inquietações diante deste cenário se aguçam: O que fazer com tantas mensagens? Como elas podem contribuir com o jornalismo radiofônico?

Questionamentos como esses foram os que nos motivaram a definir como **tema de pesquisa** a função da participação¹ dos ouvintes na configuração de narrativas jornalísticas radiofônicas em tempo real. Tomando como referência teórica e metodológica a obra de Motta (2007, 2012, 2013a, 2013b, 2017a), consideramos que todo texto narrativo é “produto de um ato intencional em contexto” (2013b, p. 176), em que um narrador ordena

¹ Em pesquisa anterior (QUADROS, 2013), discutimos e utilizamos o conceito de interatividade para nos referirmos às relações dialógicas entre rádio e seus ouvintes. Conduzimos uma reflexão teórica que nos levou a compreender tanto a interatividade quanto a participação como tipos de interação. A distinção entre os dois conceitos se dá pela existência de reciprocidade entre os dois polos comunicacionais. Assim, quando emissora e ouvinte intercambiam papéis e conteúdos em um diálogo, temos um caso de interatividade. A participação, por sua vez, diz respeito a manifestações espontâneas da audiência, sem que haja o estabelecimento de trocas entre os interagentes. A participação seria uma comunicação de mão única que, no momento em que encontra resposta por parte dos profissionais, pode evoluir para um caso de interatividade. Com base nessa reflexão e em nossos atuais objetivos de pesquisa, optamos, aqui, por utilizar o termo *participação*, haja vista que nossos questionamentos recaem de maneira particular sobre a forma como as contribuições enviadas pela audiência – tanto de modo espontâneo quanto em resposta aos estímulos à participação – são inseridas na narrativa, independente do estabelecimento ou não de um diálogo com a emissora.

estrategicamente fatos e sujeitos de acordo com um projeto dramático, transformando-os em episódios e personagens da narrativa. Interpretando as narrativas jornalísticas radiofônicas sob esse viés epistemológico, nos desafiamos nesta pesquisa a analisar o processo narrativo do jornalismo de rádio e as relações entre os diferentes sujeitos enunciativos. Nosso foco recai sobre as disputas pelo poder de voz que se dão no interior do processo de narração entre os narradores – entendidos por nós como a instância de produção, ou seja, a emissora de rádio e seus profissionais – e os narratários – a instância de recepção, isto é, os ouvintes. Estabelecemos, então, como nosso **problema de pesquisa**, a seguinte questão: Que critérios e circunstâncias orientam o acionamento e a concessão de voz aos ouvintes na configuração de narrativas jornalísticas radiofônicas transmitidas em tempo real?

Nosso problema de pesquisa se desdobra em uma série de outros **questionamentos**: De que forma a participação dos ouvintes influencia, interfere ou modifica o modo como o jornalismo configura suas narrativas no rádio? Que critérios ou situações qualificam as contribuições da audiência para que sejam levadas ao ar? A inserção de mensagens enviadas por ouvintes na narrativa seria uma busca por qualificação do conteúdo veiculado ou uma estratégia de captação da audiência à medida que provoca um efeito de sentido de interação? Que disputas pelo poder de voz se dão entre narradores e narratários no ato de configuração das narrativas radiofônicas?

Partimos de algumas premissas² iniciais. Acreditamos que as narrativas jornalísticas configuradas pelo rádio, por serem mais porosas e efêmeras, admitem a participação dos ouvintes de modo mais “natural” que outras mídias e, hoje, diante das novas tecnologias, de forma cada vez mais intensa e instantânea. Essa capacidade de intervir, contudo, permanece sob o controle do jornalista – é este profissional que avalia, seleciona, ordena e molda a participação do ouvinte na narrativa, de acordo com suas intenções e com o projeto dramático assumido.

Reconhecemos, ainda, a narrativa jornalística como um processo que abriga intensos jogos de poder, em que diferentes atores sociais buscam dar visibilidade a suas visões de mundo, ao mesmo tempo em que o veículo rádio precisa afirmar-se como negócio midiático viável – e, principalmente, lucrativo, no caso das emissoras comerciais. Nesse sentido,

² No lugar de hipóteses, preferimos assumir, nesta pesquisa, algumas premissas ou sacações, conforme Braga (2005), elaboradas com base nas reflexões e observações realizadas ao longo do Doutorado. Entendemos que, por apresentar uma proposta inovadora de aplicação metodológica (como explicaremos em seguida), nossa pesquisa adquire uma postura exploratória. Nesse sentido, ao estabelecer uma hipótese, a ser confirmada ou não, corremos o risco de limitar nosso olhar e, conseqüentemente, nossos resultados. Buscamos, dessa forma, mais do que apenas respostas para nossas inquietações, mas uma nova abordagem para o estudo do conteúdo e das relações entre os sujeitos envolvidos nos processos produtivos do jornalismo radiofônico.

acreditamos que a participação do ouvinte no radiojornalismo seja convocada pelos jornalistas durante o processo de configuração das narrativas com diferentes objetivos e com base em critérios – tanto objetivos quanto subjetivos – que orientam a seleção e o acionamento destes sujeitos, que denominamos ouvintes-enunciadores.³ São justamente esses critérios que buscamos descortinar e sistematizar em nosso percurso de investigação.

A fim de investigarmos nossas suposições, nos dedicamos à análise da participação dos ouvintes em um programa radiofônico do segmento jornalístico com transmissão ao vivo. Elegemos como objeto o programa Gaúcha Atualidade, veiculado diariamente pela Rádio Gaúcha, emissora porto-alegrense integrante do Grupo RBS. Como recorte empírico, selecionamos cinco narrativas distintas configuradas no interior do programa.

De modo a conduzir nosso percurso de investigação, estabelecemos como **objetivo geral** de pesquisa identificar os diferentes critérios, circunstâncias e intencionalidades que norteiam a concessão de voz aos ouvintes na configuração de narrativas jornalísticas radiofônicas transmitidas em tempo real.

Como **objetivos específicos** determinamos:

- partindo da perspectiva teórico-metodológica que interpreta o jornalismo como uma narrativa do tempo presente, caracterizar a narrativa jornalística radiofônica, considerando as especificidades técnicas e socioculturais do meio;
- identificar, em diferentes narrativas jornalísticas veiculadas pelo rádio, quais são as vozes autorizadas e que posição elas ocupam nas narrativas, distinguindo a voz dos ouvintes-enunciadores;
- refletir acerca dos jogos de poder subjacentes ao processo de concessão de voz durante a configuração das narrativas radiofônicas em tempo real;
- observar nas intervenções da audiência que foram levadas ao ar, quais os atributos e efeitos valorativos gerados que qualificaram tanto ouvintes quanto suas mensagens, habilitando-os à condição de personagens das narrativas radiofônicas;

³ Utilizaremos neste trabalho a expressão *ouvinte-enunciador* a fim de diferenciá-lo dos demais ouvintes que somente consomem a programação radiofônica sem interagir com o meio. O ouvinte-enunciador é o que busca estabelecer uma relação com a emissora, utilizando-se de ferramentas interativas para enviar informações, opiniões, perguntas, correções ou críticas, e que tem sua voz, ainda que de forma indireta, inserida na narrativa. A concepção do ouvinte-enunciador se aproxima, nesse sentido, do conceito de agente jornalístico proposto por Leal e Carvalho (2015), em oposição à metáfora da fonte, posto que as contribuições enviadas pela audiência têm diferentes funções e objetivos que não apenas colaborar com a reconstituição dos acontecimentos narrados. Desenvolvemos este conceito em Quadros e Amaral (2016) e o abordaremos novamente, a seguir, no subcapítulo “2.2.2 – O terceiro narrador: as personagens jornalísticas”.

- considerando o viés argumentativo e intencional das narrativas, sistematizar os principais critérios responsáveis pelo acionamento dos ouvintes-enunciadores nas narrativas radiofônicas configuradas em tempo real.

A opção por este tema de pesquisa e abordagem justifica-se, primeiramente, pela possibilidade de continuidade dos estudos iniciados durante o Mestrado. Os resultados obtidos pela pesquisa “As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN” (QUADROS, 2013), desenvolvida entre 2012 e 2013 junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, nos revelaram, por um lado, uma intensa atividade por parte da audiência, confirmando o perfil ativo do ouvinte de rádio no contexto da convergência, mas, por outro, certas dificuldades e até resistências por parte dos profissionais do meio em lidar com o volume de contribuições. Em nossas análises observamos situações interessantes: informações enviadas por ouvintes levadas ao ar sem nenhum tipo de checagem, reportagens pautadas por contribuições da audiência, jornalistas que afirmam confiar nos ouvintes e até locutores reclamando, ao vivo, do excesso de participações; exemplos que nos motivaram a dar continuidade à discussão acerca da participação da audiência no jornalismo, especialmente dos ouvintes no radiojornalismo.

Considerando suas características e, principalmente, sua adaptação ao contexto da convergência, o rádio e, principalmente, a programação radiofônica do segmento jornalístico, configuram-se como um profícuo objeto de estudo para a reflexão sobre as relações entre os sujeitos da enunciação. Conforme define Ferraretto (2014), neste tipo de programação predomina o conteúdo informativo, englobando variados tipos de programas e uma cobertura intensiva dos acontecimentos. Em razão disso, a rotina de produção costuma ter um ritmo acelerado, em que as transmissões em tempo real predominam. A corrida pelo furo,⁴ a concorrência com outras rádios e agora também com os meios digitais, levam a uma busca cada vez mais acentuada pela veiculação de informações praticamente instantâneas. Ao mesmo tempo, a adoção de diversas plataformas interativas que permitem ao ouvinte se relacionar com o meio, emitindo sua opinião ou enviando informações e sugestões, colabora para complexificar esse cenário. A participação da audiência ganha outros contornos que não mais somente o *feedback*. Por um lado, o ouvinte é elevado à condição de fonte, sendo detentor de informações essenciais para a construção imediata do acontecimento midiático; por outro, é visto quase como um cliente que precisa ser fidelizado a fim de que os níveis de

⁴ “Furo” é um jargão jornalístico que, conforme Jorge (2008), identifica uma informação exclusiva, assunto inédito de grande interesse.

audiência da emissora possam se manter competitivos. Incentivar, interagir e valorizar a participação desse ouvinte revela-se, assim, uma importante estratégia de captação.

A discussão que estamos propondo, portanto, revela-se pertinente pela relevância do debate acerca das transformações por que passa o jornalismo e, mais especificamente, o radiojornalismo diante do atual processo de convergência. Nosso objetivo é refletir sobre a interação e a participação dos ouvintes no rádio para além de um viés quantitativo, questionando o como e o porquê destes ouvintes serem acionados no radiojornalismo e pondo em xeque a aparente polifonia gerada pelos diferentes interlocutores das narrativas radiofônicas.

O estado da arte das nossas principais palavras-chave é outro argumento que reforça a pertinência da abordagem que desenvolvemos. Em pesquisas nos sistemas de busca do Banco de Teses da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), bem como nos Anais dos Encontros Nacionais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), não localizamos trabalhos que relacionem nossos três eixos de pesquisa – rádio/radiojornalismo, participação/interatividade e narrativa.

Identificamos, no entanto, alguns trabalhos interessantes sobre a interação dos ouvintes no rádio. Destaca-se, entre eles, a dissertação de Zimmermann (2012), que analisa a participação do público na cobertura radiofônica de um desastre socioambiental, ocorrido em Blumenau (SC), em 2008. Com objetivos semelhantes aos nossos – investigar a finalidade da participação dos ouvintes –, a pesquisa foi alicerçada em um marco teórico e metodológico distinto, vinculando-se aos estudos sobre jornalismo público e participativo. A dissertação de Andrade (2014) também apresenta uma investigação que dialoga com nosso tema de pesquisa. A autora analisa, quanti e qualitativamente, a participação do público em um programa de debates veiculado por uma emissora cearense. Sua pesquisa, no entanto, se concentra na interação em detrimento do conteúdo, investigando, por meio de uma triangulação de métodos, as ferramentas utilizadas pelos ouvintes e o espaço que suas contribuições ocuparam na programação. Já Bessalho (2015), em sua tese, investiga as relações entre emissoras e ouvintes, considerando o consumo expandido, ou seja, em outras plataformas que não somente a sonora. Analisando de modo cruzado a programação “de antena” e perfis em sites de redes sociais, a autora buscou identificar e mapear as formas de interação entre as duas instâncias.

De modo geral, percebemos que as pesquisas que tratam da participação/interação do público no jornalismo têm três principais vieses: a participação entendida sob a perspectiva política, como deliberação e exercício da cidadania; a participação ligada às novas tecnologias; e a participação pelo ponto de vista do receptor, como uma ferramenta de inserção social ou pluralização do discurso jornalístico. Em quase todas essas perspectivas se sobressai a visão otimista da tecnologia como “libertadora” da opinião pública e motor de um novo jornalismo mais polifônico e democrático.

Nossa pesquisa situa-se em uma área ligeiramente distinta. Direccionamos nosso foco sobre a participação dos ouvintes desde o ponto de vista do *jornalismo* e dos *jornalistas* de rádio. Além disso, ainda que considerando o processo de convergência midiática e a influência das novas tecnologias de comunicação e informação nas relações entre ouvintes e emissoras, nosso foco recai sobre o conteúdo e os sujeitos implicados no processo de construção das narrativas. Em outras palavras, não nos interessa *como* ou por meio de qual ferramenta o ouvinte interage, mas, sim, *a que serve* e *o que o jornalismo faz* com a sua contribuição.

Voltando ao estado da arte do nosso tema de pesquisa, observamos em Quadros, Nasi e Motta (2017) que a maioria dos estudos recentes que incluem o termo “narrativa” entre suas palavras-chave, apesar de significativos quantitativamente,⁵ não apresentam essa abordagem enquanto fundamentação teórica e metodológica. Em artigos apresentados em três dos principais Congressos Nacionais da área da Comunicação, entre 2012 e 2016, as narrativas são tratadas, na maioria dos casos, como gêneros textuais, remetendo a uma perspectiva estruturalista. A maior parte dos trabalhos que associa os termos “narrativa” e “jornalismo” identifica análises de obras ficcionais, grandes reportagens ou textos classificados como jornalismo literário, geralmente em meios impressos ou audiovisuais (televisão, cinema ou documentários). Apenas cinco trabalhos utilizam as teorias da narrativa como referencial para estudar o rádio (OLIVEIRA, 2013; MONTIPÓ, 2014; QUADROS, 2016; QUADROS; AMARAL, 2016b; ROVIDA, 2016).

Destacamos de nossos levantamentos, ademais, alguns trabalhos que abordam a questão das vozes no jornalismo pelo viés da narrativa e que, por isso, vão ao encontro das nossas reflexões. Em artigo apresentado no Encontro Nacional da Compós, e, mais tarde, em

⁵ Entre 2012 e 2016, 217 artigos, contendo os termos “narrativa” e “jornalismo” como palavras-chave ou no título, foram apresentados nos congressos promovidos pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) (QUADROS; NASI; MOTTA, 2017).

seu livro “Análise Crítica da Narrativa”, Motta (2013a, 2013b) propõe uma matriz para análise dos conflitos pelo poder de voz no jornalismo – modelo que exploraremos adiante, no Capítulo 2. Gonçalves (2014) e Leal e Carvalho (2015) apresentam interessantes reflexões teóricas sobre “quem fala” no jornalismo, problematizando, sob a perspectiva da narrativa, os diferentes conceitos e tipologias de fontes jornalísticas. Entre os estudos empíricos, destacamos Lage (2013b), que analisa o papel dos testemunhos nas narrativas dos programas televisivos Profissão Repórter e A Liga, e Fraga e Motta (2013), que identificam as vozes presentes em reportagens, também televisivas, sobre a ocupação da Reitoria da Universidade de Brasília (UnB) em 2008.

Reside nesse hiato – a ausência de estudos que articulem rádio, jornalismo, participação/interatividade e narrativa – a principal contribuição que esperamos poder acrescentar ao campo. Acreditamos que a escolha pela fundamentação teórico-metodológica da narrativa ofereça uma possibilidade de interpretação inovadora para o estudo do jornalismo radiofônico – o que, ao mesmo tempo em que se revela um grande desafio epistemológico, nos oferece um novo e instigante lugar de observação e fala. Não restrita apenas à instância de produção, mas reconhecendo também o papel ativo da recepção, a abordagem pela narrativa enfatiza a função mediadora do jornalismo, como onexo simbólico entre os acontecimentos do mundo factual e a experiência humana. Este viés reforça o caráter processual do jornalismo, compreendendo-o como ação comunicativa, polifônica e intencional, e colaborando para a destituição de velhos mitos atrelados à objetividade e à crença da notícia como espelho da realidade. A perspectiva da narrativa, assim, permite-nos visualizar as porosidades do jornalismo, interpretando-o como um palco de disputas, onde diferentes vozes entram em conflito por visibilidade, inclusive a dos receptores, antes vistos apenas como o ponto final do processo comunicacional. Considerando nossos objetivos de pesquisa, é justamente por esse aspecto que a abordagem teórico-metodológica das teorias da narrativa nos parece adequada, pois nos instrumentaliza para identificar e interpretar estes conflitos enunciativos, principalmente aqueles que envolvem a participação dos ouvintes, permitindo-nos refletir sobre as condições e as intencionalidades que regem esse processo de concessão de voz.

Metodologicamente, conduzimos nossa pesquisa com base na Análise Crítica da Narrativa sugerida por Motta (2013b), adaptando os movimentos analíticos ao nosso objeto e objetivos de pesquisa. Concentramo-nos, como detalharemos no Capítulo seguinte, nos planos

da expressão e da estória,⁶ buscando descortinar, pela análise das estratégias enunciativas utilizadas pelo rádio, que critérios e condições influenciam o acionamento dos ouvintes, tornando-os personagens das narrativas configuradas pelo meio. Para tanto, analisamos cinco narrativas configuradas pelo programa Gaúcha Atualidade, veiculadas entre os meses de julho e setembro de 2016. É importante ressaltar que a metodologia proposta por Motta (2013b) está amparada em uma tradição de estudos da narrativa oriunda da Literatura, voltada principalmente para a análise de meios impressos, o que nos levou a uma adaptação metodológica visando a contemplar as especificidades da narrativa radiofônica.

A tese está organizada em quatro Capítulos, além desta Introdução. No segundo Capítulo abordamos o jornalismo à luz da Análise da Narrativa, salientando seu caráter simbólico como mediador e ordenador da realidade. Discutimos as definições de fontes, vozes e narradores, buscando localizar e identificar teoricamente o ouvinte interagente. Ainda neste Capítulo, apresentamos a Análise Crítica da Narrativa como metodologia, descrevendo nossas escolhas e passos analíticos. Como principais referências, utilizamos, neste Capítulo, as contribuições de Motta (2007, 2012, 2013a, 2013b), Ricoeur (1994, 1995), Leal (2006, 2013), Carvalho (2012), Lage (2013a), Carvalho e Lage (2014), entre outros.

O terceiro Capítulo trata das narrativas radiofônicas e da participação do ouvinte. Entrecruzando teoria e prática, nos debruçamos sobre as especificidades do rádio, buscando identificar como são configuradas as narrativas neste meio. Contextualizamos, também, o rádio no contexto da convergência midiática como forma de introduzir a discussão acerca da participação do ouvinte e sua relevância para o rádio contemporâneo. Meditsch (2007), Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005), Guarinos (2009), Balsebre (2007), Lopez (2010, 2016), Kischinhevsky (2012), Ferraretto (2000, 2014), entre outros, fundamentam este Capítulo.

Nosso objeto empírico – a Rádio Gaúcha e o Programa Gaúcha Atualidade –, os critérios de composição do *corpus* e o detalhamento de nossos movimentos de análise, são apresentados no quarto Capítulo. Neste tópico também relatamos a análise específica de cada uma das narrativas, expondo desde a composição da intriga, episódios e conflitos, até o detalhamento das vozes e dos critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores.

Por fim, no quinto Capítulo da tese os resultados da análise são retomados de forma sistematizada e comparativa. Apresentamos os principais critérios responsáveis pelo

⁶ O uso do termo “estória” acompanha o posicionamento de Motta (2013b), que remete à distinção entre *history* e *story*, na língua inglesa, atribuindo ao segundo termo um caráter narrativo e subjetivo. O uso de História, sob essa perspectiva, estaria mais ligado aos relatos da historiografia.

acionamento dos ouvintes-enunciadores observados em nossa análise empírica e, ainda, refletimos sobre a contribuição da Análise Crítica da Narrativa como método para estudo das vozes no jornalismo e, de modo mais específico, o lugar do ouvinte no radiojornalismo contemporâneo. Na sequência apresentamos as considerações finais e as referências consultadas.

CAPÍTULO 2 – A NARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O ato de narrar tem sua origem com a humanidade. Desde o princípio da comunicação oral o homem utiliza-se de práticas narrativas para relatar acontecimentos, para registrar a História, inventar histórias e transmitir conhecimentos e valores. É pelo encadeamento da experiência vivida em uma lógica temporal de causas e consequências, que o ato de narrar promove o ordenamento dos fatos e dos sujeitos, dando-lhes coerência e sentido. É por meio das narrativas que acompanham a humanidade que o complexo mundo que nos cerca vai sendo decifrado. Não há povo sem narrativa, já afirmava Barthes (2008). São as narrativas de cada sociedade e de cada época – os mitos, os contos, as fábulas, os romances e, hoje, também, o jornalismo – que ensinam e orientam o homem sobre o mundo, seus valores e modos de agir.

O argumento que defendemos e que desenvolveremos neste Capítulo, é de que o jornalismo pode ser compreendido como uma narrativa capaz de organizar a realidade e orientar a vida em sociedade, a partir do *que* seleciona como relevante, de *como* torna público determinados fatos e, de forma mais significativa em nossa pesquisa, a *quem* concede voz, em *que circunstâncias* e com qual *finalidade*.

Para tanto, inicialmente discutiremos a narrativa como aporte teórico para o estudo do jornalismo. Em seguida, direcionaremos nossas reflexões para os sujeitos da narrativa, definindo quem são os narradores e as personagens nas narrativas jornalísticas. Fechando este Capítulo, apresentaremos a narrativa como perspectiva metodológica. Tomando como referência a Análise Crítica da Narrativa, conforme Motta (2007, 2013b), detalharemos as adaptações empreendidas em nossa investigação, objetivando responder nossas inquietações de pesquisa.

2.1 O JORNALISMO COMO NARRATIVA DO TEMPO PRESENTE

Pensar o jornalismo como uma narrativa, na perspectiva que adotamos nesta pesquisa, não significa buscar somente na estrutura textual das notícias determinados elementos que as caracterizem como uma narração. Este foi o principal pressuposto sustentado por teóricos Estruturalistas e Formalistas, que, em meados do século 20, dedicaram-se a investigar a existência de uma estrutura lógica comum a todas as narrativas. Pela via do Estruturalismo, as narrativas seriam compostas por determinadas unidades funcionais (também entendidas como

níveis ou sequências-tipo), encadeadas de forma a compor um modelo. Assim, a partir da análise da estrutura interna de contos e romances, diferentes teóricos apresentaram esquemas básicos que seriam capazes de explicar o texto narrativo. Tzvetan Todorov, por exemplo, sugeria um modelo composto de cinco estágios: estado inicial de equilíbrio, força perturbadora, desequilíbrio, força antagônica e restauração do equilíbrio; já Vladimir Propp propôs um modelo com sete níveis: situação inicial, parte preparatória, nó da intriga, doadores, cena auxiliar, segunda sequência e continuação ou epílogo (MOTTA, 2013b).

Expandindo nossa compreensão para além dessa perspectiva, a narratividade do texto jornalístico que buscamos evidenciar não se localiza apenas no produto final, como uma obra fechada, mas considera também o processo de produção: narrar é um modo de articular experiências e sujeitos dentro de um contexto lógico e temporal. Mais que um mero conjunto de procedimentos técnicos de escrita, o jornalismo é um fenômeno simbólico e cultural e, como tal, está atrelado às tensões que permeiam a realidade. Por isso, “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades” (LEAL, 2013, p. 28). A narratividade no jornalismo a que nos referimos não se encontra, portanto, apenas na textualidade das notícias que vemos na TV ou lemos no jornal; a narratividade do jornalismo se dá no seu modo de produção como um todo, desde a apuração até o processo de recepção.

Essa compreensão do jornalismo pelo viés da narrativa, de acordo com Lage (2013a), passou a ganhar relevância nos estudos da área por volta do final da década de 1970 e início dos anos 1980. Gaye Tuchman (1999) é uma das principais pesquisadoras a adotar essa abordagem a partir de uma perspectiva sociológica. A pesquisadora inglesa ampara-se, principalmente, em seu entendimento do jornalismo como construção social da realidade. Para ela, todos os relatos noticiosos são estórias: enunciados narrativos que recontam os acontecimentos reais por meio de técnicas e estratégias institucionalizadas. Valendo-se da noção de *frame*, desenvolvida por Goffman, Tuchman argumenta que os jornalistas utilizam-se de enquadramentos ou molduras simbólicas para relatar os acontecimentos.

De forma semelhante, Schudson (1999) também identifica convenções narrativas que orientam o modo como o jornalismo relata suas estórias. Estas convenções seriam balizadas pela realidade. Ou seja, à medida que a realidade social de uma determinada época e lugar vai se modificando, as convenções que regem o jornalismo também mudam. Assim como os *frames*, as convenções narrativas de Schudson (1999) podem ser interpretadas como modelos simbólicos, culturalmente instituídos e reconhecidos por uma determinada sociedade.

São, portanto, os *frames* ou as convenções que conferem sentido aos *strips* – fatias ou cortes no fluxo cotidiano, conforme Goffman –, ordenando-os e contextualizando-os de

acordo com as intenções do jornalista enunciador. “Dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia”, afirma Tuchman (1999, p. 262). Na verdade, compreender o texto noticioso como uma estória narrada é reconhecer seu caráter simbólico enquanto realidade construída a partir da atuação de profissionais, com seus interesses e constrangimentos e de acordo com as referências culturais e sociais provenientes do contexto. As notícias, sob essa perspectiva, não são a realidade em si e nem seu reflexo perfeito, como defendia a abordagem do Espelho, mas, sim, uma representação seletiva e simbólica do real.

A notícia como narrativa pode ser vista, então, como uma representação do mundo factual, em que o jornalista emprega sua própria “enciclopédia” a fim de enquadrá-lo no formato jornalístico (ALSINA, 2009). Esta enciclopédia corresponde à bagagem sociocultural do profissional, que orienta subjetivamente seu olhar, mas também envolve constrangimentos organizacionais, interesses editoriais do veículo, implicações da rotinização da redação, entre outros fatores decisivos no processo de produção da notícia. A pirâmide invertida, a seleção e exclusão de informações, ou a busca por respostas às questões básicas do *lead* – Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? – são exemplos, apontados por Traquina (1999), de práticas empregadas pelos jornalistas na produção das notícias, que, mais do que técnicas de apuração e redação, são procedimentos narrativos.

Bird e Dardenne (1999) ampliam ainda mais essa perspectiva, considerando as notícias e o jornalismo, de modo geral, como um sistema simbólico semelhante aos mitos e ao folclore. Assim, ao dotar acontecimentos e sujeitos aparentemente isolados de significações, situando-os em um contínuo temporal, as notícias enquadram a realidade dentro de referências culturais preestabelecidas. Dessa forma, ensinam e orientam, mais do que apenas relatam e informam. Ao dar visibilidade a determinados indivíduos, classificando-os como mocinhos e bandidos, evidenciar um fato em detrimento de outro, condenar certos comportamentos, entre tantas outras ações, o jornalismo diário – tal qual os mitos – reforça valores, distingue o bem do mal e o certo do errado:

As notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam [...]. No entanto, muito do que [os leitores] aprendem pode ter pouco a ver com os “factos”, “nomes” e “números” que os jornalistas tentam apresentar com tanta exactidão. Estes pormenores – significantes e insignificantes – contribuem todos para o bem mais amplo sistema simbólico que as notícias constituem (BIRD; DARDENNE, 1999, p. 265).

Por essa capacidade de ordenar e dar sentido à realidade, Motta (2012) sugere que o jornalismo seja interpretado como uma forma de experimentação da realidade. Segundo ele, as narrativas jornalísticas são esboços instáveis e provisórios do mundo factual, em constante configuração e reconfiguração. O jornalismo, enquanto narrativa, seria responsável, portanto, por ordenar, de forma preliminar, as nossas experiências e os acontecimentos do presente, inserindo-os em enredos prefigurados e, assim, tornando-os compreensíveis e aceitáveis.

Essa hipótese, sugerida por Motta (2012), ampara-se na compreensão da narrativa desenvolvida pelo filósofo Paul Ricoeur. Referência para grande parte dos pesquisadores brasileiros contemporâneos das narrativas jornalísticas (MOTTA, 2012, 2013a, 2013b; CARVALHO, 2012; CARVALHO; LAGE, 2014; LAGE, 2013a; LEAL, 2006, 2013), Ricoeur (1994) articula, em sua obra *Tempo e Narrativa*, uma teoria do tempo a partir das reflexões de Santo Agostinho, e uma teoria da intriga, com base no conceito de *mimese* de Aristóteles. O filósofo, então, tece sua tese: a mediação entre tempo e narrativa se daria por meio de um processo mimético, que se configura como um círculo (virtuoso, e não vicioso) composto por três fases.

Antes de discutirmos o círculo (ou arco) mimético ricoeuriano, é importante refletirmos sobre o que o autor compreende como *mimese*. O conceito vem da *Poética* de Aristóteles, quando é articulado com a noção de *muthos*. De acordo com Ricoeur (1994), ambos os termos referem-se, na obra do filósofo grego, a operações – e não estruturas – da composição da arte poética. *Muthos* designaria a disposição ou o agenciamento dos fatos em um sistema, vindo a ser, posteriormente, compreendido como a composição ou tessitura da intriga.⁷ Já *mimese* foi traduzida como a atividade de imitação ou representação da ação. Ricoeur trabalha com a quase identificação das duas expressões. Dessa forma, a atividade mimética de representação da ação seria regida pelo agenciamento dos fatos (*muthos*). Em outras palavras, o *muthos* seria o objeto da *mimese*.

Cabe esclarecermos, ainda, a definição de *mimese* por Aristóteles, afastando-a da noção de imitação, no sentido de cópia ou réplica. Conforme Ricoeur (1994, p. 60), “a imitação ou a representação é uma atividade mimética enquanto produz algo”. A *mimese*, assim, não denominaria a produção de uma cópia idêntica da realidade, mas, sim, uma versão. Motta (2012) explica que, em Ricoeur, a atividade mimética promove uma ruptura com o referente e uma transposição metafórica deste.

⁷ Ricoeur (1994) utiliza o termo *muthos*, no entanto, na tradução da *Poética* por Ana Maria Valente, encontramos o termo *mythos* como equivalente, sendo traduzido, no prefácio da obra, como “enredo” (PEREIRA, 2008).

Seria a mimese, portanto, a resposta para o problema da mediação entre o tempo e a narrativa, discutido por Ricoeur. Para o filósofo, toda e qualquer obra narrativa tem como objeto um mundo que é temporal, da ordem da experiência. A dialética entre os conceitos se dá na constatação de que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo”, enquanto “a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15). A narrativa, dessa forma, por meio do processo mimético de tessitura da intriga, é capaz de atribuir sentidos a experiências temporais dispersas e confusas, tornando-as compreensíveis ao homem. Esse processo, conforme Ricoeur (1994), se dá por meio de três etapas, representadas na Figura 1:

Figura 1 – A tríplice mimese ricoeuriana



Fonte: Elaboração da autora com base em Ricoeur (1994).

A tríplice mimese (ou o círculo/arco mimético) de Ricoeur é composta pela mimese I, que corresponderia ao mundo prefigurado, prático, onde se dá a ação e os acontecimentos que podemos chamar de “reais”; pela mimese II, que denomina o mundo configurado e em que se situa o processo simbólico e contextual de tessitura da intriga; e, por fim, pela mimese III, o mundo refigurado, no qual a narrativa alcança seu sentido pleno pela ação da recepção e reinterpretação por parte do leitor/ouvinte. Sob uma perspectiva hermenêutica, Ricoeur (1994) se debruça de forma mais incisiva sobre a mimese II, compreendendo-a como o lugar privilegiado de mediação, contudo considerando-a em relação com as demais etapas do processo: “É [...] tarefa da hermenêutica reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma

obra eleva-se do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um ator, a um leitor que a recebe e assim muda seu agir” (RICOEUR, 1994, p. 86).

A mimese II, portanto, abriga a tessitura da intriga, processo que efetiva a mediação entre a experiência do mundo factual e sua compreensão pelo receptor. Ricoeur (1994) afirma que a composição da intriga desempenha essa função de mediação de três formas. A primeira delas é a propriedade de transformar acontecimentos singulares e dispersos em histórias. A tessitura da intriga, segundo o filósofo, “é a operação que extrai de uma simples sucessão [de eventos] uma configuração” (RICOEUR, 1994, p. 103), resultando em uma história da qual se pode apreender um “tema”.

A segunda forma de mediação desempenhada pela intriga é a capacidade de conectar fatores heterogêneos. Trata-se de um processo de “concordância-discordância”, responsável pela transição da mimese I à mimese II, por meio do qual os diferentes elementos que compõem a ação no campo prático – agentes, fins, circunstâncias, interações, resultados – são intersignificados de forma a configurar uma narrativa. Valendo-se de conceitos oriundos da semiótica, Ricoeur (1994) explica esse processo como a passagem de uma ordem paradigmática a uma ordem sintagmática. Em outras palavras, podemos afirmar que a tessitura da intriga confere coesão e coerência aos distintos elementos da ação, atribuindo-lhes ordem e sentidos.

Por fim, o terceiro modo pelo qual a intriga cumpre sua função mediadora é pela articulação de duas dimensões temporais: cronológica e não cronológica. A dimensão cronológica é episódica e caracteriza a história como constituída por diversos acontecimentos. Já a dimensão não cronológica é configurante, ou seja, transforma os acontecimentos em histórias. Nesse sentido, conforme Ricoeur, a dimensão configurante da intriga transforma o que era uma sucessão de eventos aparentemente independentes em uma totalidade significativa, ao mesmo tempo em que lhe impõe um ponto final.

As reflexões de Paul Ricoeur acerca do papel mediador das narrativas, bem como a elaboração de seu círculo mimético, servem de fundamentação para a maioria dos pesquisadores brasileiros que buscam uma aproximação entre o jornalismo e a narrativa (QUADROS; NASI; MOTTA, 2017; MARTINEZ; IUAMA, 2016). Leal (2013), por exemplo, ampara-se em Ricoeur para defender que a experiência humana somente se torna compreensível pela sua narrativização. Da mesma forma, Carvalho (2012) argumenta que fora da narrativa os acontecimentos são meras ocorrências singulares, rupturas na normalidade da vida que apenas adquirem sentido ao serem narrados e, assim, organizados de forma coerente, dentro de uma lógica temporal e de um determinado contexto. As narrativas – sejam elas

jornalísticas, historiográficas ou mitológicas –, deste modo, inserem fatos e sujeitos isolados em histórias ampliadas – *frames* ou convenções narrativas, para retomarmos Tuchman (1999) e Schudson (1999).

Tomemos como exemplo uma notícia corriqueira na editoria policial de qualquer veículo jornalístico: a cobertura de um caso qualquer de roubo. A ocorrência, vista somente em sua singularidade, pode ser caracterizada como um acontecimento isolado. Ao narrar tal situação sob a forma de notícia, contudo, o jornalista situa o caso geográfica e temporalmente, identifica os sujeitos envolvidos, classifica-os como vítimas ou culpados, busca explicações causais ou, ainda, relaciona a ocorrência a outras semelhantes, a título de comparação. A narrativa jornalística, assim, configura uma história muito mais ampla que o mero relato do acontecimento singular. Por meio do ato configurante, o caso que parecia apenas mais um roubo ganha contexto, personagens e significados, ajudando a compor uma narrativa mais abrangente sobre segurança pública, por exemplo. É esse processo desempenhado também pelo jornalismo que Ricoeur (1994) – que, em sua obra, se debruça de forma mais específica sobre as narrativas ficcionais e historiográficas – denomina de tessitura da intriga.

Essa configuração narrativa do mundo factual, porém, não é definitiva e imutável, principalmente quando nos referimos ao processo de narrativização da história do presente, tal qual faz o jornalismo. Ao alcançar a mimese III, a configuração simbólica da realidade reencontra o mundo histórico e prático por meio da ação do receptor que, ao interpretar a história configurada pela mimese II, reconfigura seu próprio mundo, retornando a uma nova mimese I. O círculo hermenêutico, então, revela-se uma espiral, como defende Leal (2013, p. 39): “o retorno da narrativa ao mundo da vida não é uma volta ao ponto de origem, mas um acréscimo, um trânsito, uma inovação”.

É considerando esse movimento espiralado que Motta (2012) propõe a hipótese das narrativas jornalísticas como formas de experimentação da realidade, ou como apresentação experimental de uma realidade em movimento. O jornalismo, sob essa perspectiva, ao ordenar os fatos simultaneamente a suas ocorrências, configura narrativas que são esboços instáveis e provisórios. A narrativa jornalística, assim, apreende e traduz a complexidade do mundo em enredos coerentes, capazes de instituir verdades efêmeras em contínua atualização (MOTTA, 2012).

É por isso que as narrativas jornalísticas podem ser entendidas como a história do tempo presente ou do tempo imediato (MOTTA, 2013b). Lacoulture (1990) compara, inclusive, o jornalista a um historiador da atualidade – ou um historiador “imediatista” –,

justamente por sua capacidade de explicar e atribuir sentidos, ainda que provisórios, mas imediatos, aos acontecimentos que rompem com a normalidade cotidiana:

[...] o jornalista assim sacudido pelo capricho do acontecimento continua sendo um candidato à operação histórica, na medida em que, testemunha, ator, mediador, motor ou observador, ele introduz em sua pesquisa uma vontade racional de situar, de ordenar essas seqüências e relacioná-las a um sentido pelo menos problemático (LACOUTURE, 1990, p. 231).

O jornalismo, sob este viés, seria uma forma de atualização permanente da realidade, ou, como define Carvalho (2012, p. 173), o ato de narrar “é a capacidade humana de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá na memória”. Diferente da historiografia tradicional, que se distancia temporalmente dos fatos para sobre eles refletir e contextualizar, o jornalismo narra os acontecimentos quase que simultaneamente as suas ocorrências, especialmente hoje, em um cenário de mídiatização e convergência tecnológica.

Efêmeras e fluidas, portanto, as narrativas jornalísticas distanciam-se das narrativas ficcionais ou historiográficas por sua fragmentação. As histórias do tempo presente, relatadas diariamente pelo jornalismo, surgem serializadas nas páginas dos jornais, nas edições noticiosas do rádio e da TV, ou, ainda, em breves pílulas quase que instantâneas aos seus referentes no mundo factual em portais da internet e *sites* de redes sociais. Sua narratividade, por isso, é mais complexa, emergindo de uma dupla ação: primeiro pelo trabalho simbólico do jornalista que narra os fatos e os insere em um contexto que não é apenas histórico-social, mas cada vez mais determinado também por seu suporte técnico; e em seguida pela ação da audiência no momento da recepção por meio da capacidade do público de imprimir o que Leal (2006) denominou de *olhar narrativizante*: o ato de conectar fragmentos serializados reconfigurando uma narrativa ampliada. Para Leal (2013, p. 40), a narratividade jornalística implica “considerar a possibilidade de um ‘texto’ para além da notícia e acionar outras relações presentes no espaço e no tempo [...]”.

Dessa forma, ao analisarmos um programa noticioso radiofônico, a adoção de um olhar narrativizante nos permite identificar, em meio à fragmentação deste produto midiático, a existência de uma narrativa mais ampla. A forma como o roteiro é conduzido pelo locutor, as variações na entonação da voz, a utilização de recursos sonoros e, principalmente, o encadeamento de notícias, mesmo que aparentemente desconectadas, conformam uma narrativa ampliada que nos conta sobre a realidade de um determinado tempo e espaço. Cada notícia ou temática abordada no programa pode ser interpretada como uma micronarrativa. São pequenas histórias que falam sobre acontecimentos e personagens do dia a dia, mas que,

em seu encaixe dentro da programação radiofônica, configuram um contexto maior, colaborando para construir, reforçar ou mesmo desconstruir uma representação simbólica do mundo cotidiano.

Essa compreensão da narrativa como um processo, que adotamos como marco teórico e metodológico para nossa pesquisa, absorve a contribuição da hermenêutica ricoeuriana, mas é também resultado da influência de uma perspectiva pragmática. A influência desta corrente teórica, que nasceu na Filosofia e modificou os estudos da língua, colaborou, conforme Motta (2012), para deslocar o foco das análises do enunciado narrativo para a enunciação, reconhecendo o ato de narrar como um processo dinâmico situado em um determinado contexto e composto por diversas vozes que se relacionam e se embatem, cada qual com suas intencionalidades.

A pragmática, dentro dos estudos linguísticos, é herdeira da corrente filosófica conhecida como Pragmatismo, que surgiu nos Estados Unidos no final do século 19. Como movimento filosófico, o Pragmatismo propunha tornar os problemas e o próprio pensamento filosófico mais claros. A filosofia, então, se volta para a linguagem. Especialmente pela obra de Wittgenstein, os filósofos passam a reconhecer o papel da linguagem para a apreensão da realidade e para o próprio ato de filosofar. Dutra (2014) explica que, por se entender como uma atividade discursiva que se interessa pela conduta humana, a filosofia reconhece o papel da linguagem para a sua própria análise e reflexão. Esse movimento que deslocou o pensamento filosófico de uma perspectiva metafísica para a linguística, ficou conhecido na história do conhecimento como a *virada* ou o *giro linguístico*, dando início a uma corrente denominada Filosofia da Linguagem. A partir de então, a linguagem, como salienta Motta (2013b), passou a ser considerada parte do pensamento. De acordo com esse novo paradigma, somente haveria pensamento e experiência mediante a linguagem, por meio do “empalavramento” do mundo.

Dentro dos estudos específicos da linguística, a influência desta virada filosófica foi refletida principalmente em duas linhas de pesquisa, conforme explica Marcondes (2005). A primeira delas credita a capacidade de compreensão do significado das sentenças à contribuição dos dêiticos ou expressões indiciais – pronomes pessoais e demonstrativos, advérbios de tempo e lugar principalmente – e sua interpretação de acordo com o contexto em que estão inseridos. Essa linha de pensamento baseia-se na semântica, o estudo dos significados dos signos linguísticos. Uma segunda perspectiva considera que o significado da língua é atribuído pelo seu uso. Segundo Marcondes (2005, p. 12), os autores que

desenvolvem essa abordagem “acrescentam à consideração do contexto a ideia de que a linguagem é uma forma de ação e não de descrição do real”.

É a essa segunda corrente que associamos a abordagem pragmática da narrativa que adotamos como referência. Essa concepção da linguagem como resultado do uso da língua, e não apenas de sua estrutura gramatical, tem, na Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida inicialmente por John Austin, sua principal sistematização. Este filósofo da linguagem defendia que, quando dizemos algo, estamos, na verdade, *fazendo* algo, não somente descrevendo ou afirmando, mas também negando, estimulando, ordenando, pedindo, explicando, entre tantas outras ações possíveis. Além disso, o contexto em que certa frase seria usada é que determinaria seu significado e sua capacidade *performativa*⁸ (MAGEE, 2013).

Aplicada aos estudos da narrativa, a pragmática, de acordo com Motta (2017a), contribui por meio de duas principais formas: pela ênfase à capacidade performativa da língua, quando confere protagonismo aos atores sociais nos papéis de narradores e narratários (ou destinatários) entre os quais se dá a configuração da narrativa; e pela relevância atribuída ao contexto da enunciação para o processo de significação, quando reforça o papel simbólico e de mediação da narrativa. Argumenta o autor que a análise pragmática da narrativa ilumina aspectos que um estudo puramente gramatical ou linguístico não alcançaria, como a definição dos sujeitos, as intenções comunicativas envolvidas, o contexto verbal, o reconhecimento das instruções de uso da linguagem, o conhecimento do mundo compartilhado, entre outras.

Veremos, de modo mais detalhado no subcapítulo 2.3, como estas diferentes vertentes teóricas contribuíram para a construção de um método específico para a análise das narrativas jornalísticas. Antes disso, nos deteremos em discutir e definir quem são os sujeitos implicados nas narrativas jornalísticas – elemento fundamental para a discussão que propomos nesta tese.

2.2 QUEM NARRA? IDENTIFICANDO VOZES, NARRADORES E PERSONAGENS JORNALÍSTICOS

Antes de nos debruçarmos sobre nossa questão central neste tópico – quem narra? – e discutirmos de forma mais atenta quem são os narradores e as personagens das narrativas

⁸ Uma das primeiras concepções da Teoria dos Atos de Fala de Austin é a distinção entre sentenças *constatativas* e *performativas*. A primeira corresponderia a sentenças que descrevem fatos e eventos (“fulano está viajando”), enquanto a segunda se refere às expressões utilizadas para realizar algo (“prometo que irei”). Em um segundo momento, porém, o filósofo compreende os constatativos também como performativos, uma vez que a descrição também se caracteriza como um ato. Sua noção de atos performativos, assim, estende-se para toda a linguagem, compreendendo, de modo abrangente, o uso das palavras como formas de ação (MARCONDES, 2005).

jornalísticas, é importante compreendermos, primeiramente, um conceito fundamental para a discussão proposta: a definição de *voz* no campo da narrativa.

Conforme Reis e Lopes (1988), na narrativa a voz refere-se fundamentalmente à voz do(s) narrador(es), identificando todas as manifestações observáveis da sua presença no enunciado narrativo. Especialmente em obras ficcionais, tais manifestações seriam percebidas nas “intrusões do narrador”: trechos em que as impressões e subjetividades do sujeito mediador seriam visíveis no texto. Já em Genette (1998), ainda segundo Reis e Lopes (1988), a voz também englobaria o processo de narração, em que estão implicados narrador e narratário, sob circunstâncias específicas.

A voz na narrativa, então, é empregada de forma distinta da Análise do Discurso (AD). Prince (1989, p. 102-103, tradução nossa) assinala essa diferença explicando que a voz, enquanto ponto de vista (sob o viés da AD, portanto), “fornece informações sobre ‘quem vê’, quem percebe, que ponto de vista governa as narrativas”, à medida que a voz, como instância narrativa, “fornece informações sobre ‘quem fala’, quem é o narrador, em que consiste a instância narradora”.⁹

A voz do narrador, contudo, não designa somente a voz daquele que conta a história, tampouco se equivale à voz do autor do texto. É Ricoeur (1995) quem nos ajuda a compreender a voz narrativa como um conjunto de vozes, recorrendo as noções de *poética da composição*, de Boris Uspensky, e de *romance polifônico*, de Mikhail Bakhtin. Com o primeiro, o filósofo reflete sobre a possibilidade de incorporação de diferentes pontos de vista em uma mesma obra, constituindo-a, assim, em um objeto plurivocal. Já com Bakhtin, Ricoeur considera a possibilidade de construção de narrativas dialógicas, compostas por diferentes vozes narrativas, para além da voz do narrador-autor.

A estranha originalidade do romance polifônico é feita, portanto, de uma revolução na concepção do narrador e da voz do narrador, tanto quanto na do personagem. A relação dialogal entre os personagens é, de fato, desenvolvida a ponto de incluir a relação entre o narrador e seus personagens. Desaparece a consciência autoral única. Em seu lugar, sobrevém um narrador que *conversa* com seus personagens e se torna ele próprio uma pluralidade de centros de consciência irredutíveis a um denominador comum (RICOEUR, 1995, p. 159, grifo do autor).

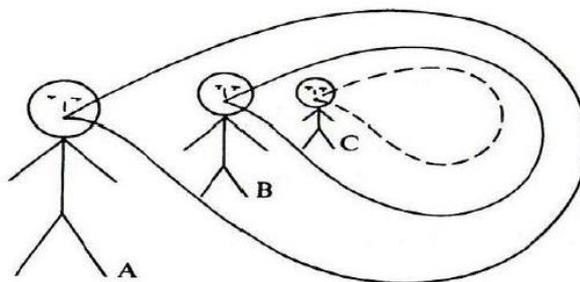
⁹ No original: “provides information about ‘who sees’, who perceives, whose point of views governs the narratives” e “provides information about ‘who speaks’, who the narrator is, what the narrator instance consists of”.

Ao interpretar as proposições de Ricoeur, Motta (2013b, p. 214) expõe que “a enunciação se torna o discurso do narrador, enquanto o enunciado se torna o discurso da personagem”. Existe, portanto, uma complexa relação entre o discurso do narrador e das personagens que falam por meio dele – o que vai ao encontro dos conceitos de polissemia e polifonia. Enquanto o primeiro identifica a existência de múltiplos enunciadores em um mesmo texto, o segundo remete aos diferentes pontos de vista contrapostos.

Quando nos referimos ao texto jornalístico, observamos sua natureza polissêmica ao identificarmos a voz do narrador principal, o jornalista-indivíduo que conta a estória; dos personagens, na fala das fontes; e também do próprio veículo, ou do jornalista-instituição, que participa da narrativa por meio de influências ideológicas ou comerciais, e ainda impondo condições técnicas.¹⁰ Isso nos leva a pensar o texto jornalístico como um lugar de conflitos, em que diferentes sujeitos disputam visibilidade. Para Motta (2013a), os narradores estão em permanente negociação política e simbólica, buscando sobrepujar seus próprios pontos de vista e, assim, conquistar o poder de fazer crer, dominando a versão hegemônica do relato: “na narrativa jornalística ele [o poder simbólico e político] se exerce através do incessante embate diário pela construção da ‘verdade’” (MOTTA, 2013a, p. 9).

Como, todavia, identificar essas vozes que compõem as narrativas jornalísticas? Como podemos perceber estas disputas de poder dentro do texto jornalístico? A metáfora dos balões sucessivos, proposta por Genette (1998) (Figura 2), apresenta um modelo que nos ajuda nessa tarefa.

Figura 2 – Modelo dos balões sucessivos



Fonte: Genette (1998, p. 58).

¹⁰ Pela ótica da Análise do Discurso francesa, Machado (2006) também identifica estas distintas vozes no texto jornalístico, ressaltando, contudo, a necessidade de percepção não apenas das vozes, mas também dos lugares de fala de cada locutor, ou seja, do seu caráter polifônico. Uma reportagem com muitas fontes pode ser compreendida como um texto polissêmico (MOTTA, 2013a), mas não necessariamente como um texto polifônico.

Observamos na figura a representação de um primeiro narrador que está fora da estória – é, portanto, extradiegético. Ele narra um primeiro relato – o primeiro balão – dentro do qual se encontra o segundo narrador, que é intradiegético, pois já se encontra inserido na narrativa. Este segundo narrador também emite um balão, em que vemos um terceiro narrador – o personagem –, que também pode emitir um novo balão, evocando novos narradores e assim sucessivamente.

Ao transpor este modelo para o estudo da mídia, Motta (2013a) sugere que compreendamos o primeiro narrador como o veículo de comunicação, ao qual está subordinado o segundo narrador, o jornalista, que, por sua vez, detém poder sobre o terceiro narrador, ou seja, as fontes da narrativa jornalística. O autor defende a hipótese de que o poder enunciativo opera predominantemente de fora para dentro: do primeiro narrador para o segundo e deste para o terceiro. Pode, porém, inverter-se: “o poder simbólico é continuamente negociado e pode refluir de dentro para fora, dependendo do capital político de cada ator e da correlação de forças em cada situação concreta” (MOTTA, 2013b, p. 226). Submetido ao jornalista e, indiretamente, também ao veículo, o terceiro narrador dispõe de seu próprio poder para influenciar a narrativa. As novas tecnologias de informação e comunicação, bem como as estratégias de visibilidade adotadas pelas fontes, seriam as principais responsáveis por atribuir maior poder enunciativo aos narradores terciários, contribuindo para a inversão dessa hierarquia. Nesse sentido, no contexto da convergência, tecnologias, como a telefonia móvel e a internet, colaboram para conceder maior poder de voz inclusive aos ouvintes, qualificando-os enquanto terceiros narradores e permitindo-lhes influenciar, com mais frequência e intensidade, as narrativas configuradas pelo radiojornalismo.

Para que, mais adiante, possamos refletir acerca da função desempenhada pelos ouvintes na configuração das diferentes narrativas radiofônicas sob análise, nos deteremos, a seguir, em discutir e distinguir essas instâncias enunciativas.

2.2.1 Primeiro e segundo-narrador: o jornal, o jornalista e a autoridade enunciativa

O *narrador* é aquele que conta uma história, responsável pelo ato de enunciação da narrativa. Nas teorias literárias, o narrador distingue-se do autor. Enquanto o último corresponde a um sujeito real e extradiegético, o primeiro designa uma entidade fictícia inserida na história (intradiegético) e responsável por conduzi-la. Nas narrativas factuais, especialmente as jornalísticas, essa distinção não é tão simples. Por se tratar, idealmente, de um texto polifônico – ou, no mínimo, polissêmico –, as narrativas jornalísticas abrigam

múltiplas vozes e, conseqüentemente, múltiplos narradores, como vimos no modelo dos balões sucessivos de Genette (1998). Há, entretanto, uma hierarquia implícita no processo de narração jornalística, que atribui ao narrador-jornal e ao narrador-jornalista uma autoridade enunciativa diante dos demais sujeitos envolvidos na configuração das narrativas.

O primeiro narrador das narrativas jornalísticas, segundo Motta (2013a), é aquele que enuncia, sem, contudo, ter participado ou testemunhado diretamente os fatos. Seu papel na narrativa é comercializar a estória, atraindo a atenção do receptor, seduzindo-o e persuadindo-o a consumir determinada narrativa midiática. O primeiro narrador pode ser identificado de forma mais clara nas manchetes, títulos, chapéus, chamadas, escaladas, vinhetas e outros elementos da linguagem jornalística, por meio dos quais o veículo manifesta seu poder: o poder de dar voz a outros atores sociais e de contar estórias – sobretudo de selecionar quais e como as estórias serão contadas.

O segundo narrador é o jornalista, subordinado ao poder do primeiro narrador. Sua função é “tecer os fios da estória de acordo com a sua interpretação dos papéis e posições das personagens em conflito” (MOTTA, 2013a, p. 16). É a voz que, de acordo com seus próprios valores profissionais e dos interesses do veículo, enuncia a narração; que seleciona, hierarquiza e encadeia os fatos, que dá voz às personagens. Seu poder é, portanto, constantemente negociado, tanto com o veículo que lhe condiciona técnica e ideologicamente o trabalho, quanto com as fontes, de quem depende para a construção da narrativa.

Dotado de competências específicas e um *ethos* profissional orientado por ideais como objetividade, liberdade, autonomia e verdade (TRAQUINA, 2012), o jornalista detém um papel central na enunciação das narrativas jornalísticas, ainda que subordinado e condicionado pelo veículo. Cabe ao jornalista fazer a mediação simbólica entre os acontecimentos e os sujeitos sociais. Recorrendo a uma perspectiva discursiva, podemos compreender essa posição considerando o *contrato de comunicação*, que, conforme Charaudeau (2013), denomina o conjunto de regras implícitas responsável por estabelecer normas e restrições que delimitam e organizam as interações, a fim de que estas façam sentido aos sujeitos interagentes.

O contrato de comunicação firmado entre as instâncias de produção e recepção, de acordo com Charaudeau (2013), define desde as condições práticas para a manutenção da situação de troca até suas características discursivas. É pelo reconhecimento e adesão tácitos às condições de enunciação do contrato (condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo), que os sujeitos envolvidos tomam conhecimento, por exemplo, do código linguístico, do tom empregado na comunicação, da

hierarquia, do tempo e do espaço destinado a cada uma das partes envolvidas nas trocas, criam expectativas sobre o teor do conteúdo intercambiado e conhecem as limitações daquela situação: o que pode e o que não pode ser dito.

A condição de identidade, definida pelo contrato, é a que se refere aos sujeitos; quem fala e para quem se fala em uma situação de troca comunicacional. Identifica, portanto, as instâncias de produção e de recepção. A primeira é responsável pela organização do sistema de produção e da enunciação discursiva da informação, enquanto a segunda se desdobra em um destinatário-alvo (aquele para quem a mensagem é emitida) e num destinatário público (aquele que efetivamente consome a mensagem). Utilizando este modelo para pensarmos o jornalismo, identificamos, como instância de produção, os veículos noticiosos e seus profissionais, os sujeitos a quem é atribuída a função de informar – o primeiro e segundo narradores, portanto, conforme o modelo de Genette (1998). Cabe ao jornalista, de acordo com Charaudeau (2013), atuar como um pesquisador-fornecedor, que coleta e transmite informações, ou como um descritor-comentador, que explica e interpreta os fatos. O contrato de comunicação, portanto, atribui ao jornalista uma posição de autoridade.

Seguindo pelo viés discursivo, Pinto (1989, p. 39) explica que os diversos discursos em circulação são legitimados por regras socialmente instituídas que autorizam sua enunciação, bem como reconhecem os sujeitos habilitados a proferi-los: “quem pode falar o quê para quem em que lugar?” É desta forma que os discursos médico e religioso, por exemplo, só se tornam credíveis quando enunciados por profissionais da saúde e membros do clero, respectivamente. Se enunciados por outros sujeitos, o discurso perde sua capacidade de interpelar o público.

Com base em Foucault (1999), podemos afirmar, então, que o jornalista detém um direito privilegiado ou exclusivo de um tipo específico de fala: o discurso informativo, que tem como objetivo fazer saber, e só pode ser proferido pelo jornalista. De acordo com este autor, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p. 9). O jornalista, desde o seu lugar de fala junto a instância de produção de um meio informativo, detém, portanto, o poder de enunciação do discurso jornalístico.

Essa autoridade discursiva deriva de um processo histórico de construção da identidade jornalística, atrelada a um ideário romântico da profissão, que remonta à segunda fase da história do jornalismo, período que, segundo Marcondes Filho (2002), estendeu-se ao longo do século 19 e até o início do 20. Foi a partir deste período que surgiram as primeiras empresas jornalísticas, com a injeção de recursos financeiros nos veículos de mídia, processos

de urbanização que colaboraram para ampliar o número de leitores e segurança jurídica garantida pelas leis de liberdade de imprensa promulgadas ao redor do mundo (BARSOTTI, 2014). Todas estas transformações vieram substituir o jornalismo de conteúdo político e literário, sem fins lucrativos, que marcou a primeira fase da profissão, entre o final do século 18 e a metade do século 19.

Diferente desse primeiro jornalismo, panfletário, como define Pereira (2004), com textos essencialmente críticos e opinativos, o jornalismo de informação que surge a partir do século 19 inaugura o ideal da objetividade, um dos valores mais caros à profissão. Elevando-se acima das disputas políticas, o jornalismo constrói, nessa fase, uma autoimagem de neutralidade e isenção, concentrando-se apenas em refletir a realidade dos fatos, tal qual um espelho, assumindo um compromisso com os cidadãos e o interesse público. Essa responsabilidade social de que se reveste o jornalismo garante-lhe um lugar de autoridade independente, de onde desempenha a função de fiscalizar os atos do governo e iluminar os acontecimentos. A imprensa passa a ser concebida, nesse contexto, como um “Quarto Poder”, a exemplo do exercido pelas demais instâncias democráticas.

Segundo Traquina (2012), a fachada neutra e imparcial do jornalismo levou a imprensa a se tornar o meio para a expressão das queixas e injustiças contra o poder político. Amparados pelas então recentes teorias democráticas, os jornais tornaram-se antagonistas do governo, assumindo um duplo papel, “como porta-vozes da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade [...], e como vigilantes do poder político que protege os cidadãos contra os abusos (históricos) dos governantes” (TRAQUINA, 2012, p. 48). Emerge daí uma posição de autoridade social, legitimada pelo povo, que via na mídia um aliado de suas causas.

Retornando à narrativa, o jornalista é, portanto, o sujeito autorizado e incumbido de narrar a história do presente. Diferente das narrativas ficcionais, como vimos anteriormente, nas narrativas jornalísticas narrador e autor equivalem-se, convergindo na figura do jornalista. É dele, conforme Motta (2013b, p. 211, grifos do autor), o “*poder de voz* para organizar, encadear, posicionar, hierarquizar, dar ao seu interlocutor as pistas e *instruções de uso* por meio das quais indica como pretende que seu discurso seja interpretado”.

A presença do segundo narrador no texto, porém, não é necessariamente visível; na verdade, orientado pelos ideais da objetividade e imparcialidade, o jornalista revela-se um narrador ausente, que se subtrai da narrativa, buscando negar qualquer marca de

subjetividade¹¹. Para isso, se vale do que Tuchman (1999) denominou de “procedimentos estratégicos”: a busca pelos “dois lados da questão”, a apresentação de provas auxiliares, o uso das aspas e a estruturação da notícia seguindo o modelo da pirâmide invertida; procedimentos que amparam o jornalista na defesa do caráter objetivo do seu trabalho, ao mesmo tempo em que o protegem dos riscos da profissão. Na narrativa jornalística, assim, o jornalista não é uma pessoa, mas sim um lugar, impessoal e distante, “blindado” por rotinas produtivas e constrangimentos organizacionais, políticos e econômicos (LEAL, 2013).

A inserção da voz do ouvinte nas narrativas jornalísticas radiofônicas, dessa forma, pode ser interpretada como uma das estratégias de que se vale o jornalista para tornar sua mensagem verossímil. Ao conceder poder de voz aos ouvintes, ainda que de forma temporária, mediada e, na maioria das vezes, indireta, o jornalista valida seu relato baseando-se no caráter testemunhal e/ou (aparentemente) desinteressado daquele que ouve e decide intervir espontaneamente. Ao mesmo tempo, produz também efeitos de participação e pluralidade, à medida que configura uma narrativa com diversas vozes – polissêmica, portanto, mas não necessariamente polifônica.

Encaminhando-nos para a discussão sobre quem são as personagens das narrativas jornalísticas – categoria em que classificamos os ouvintes que participam do programa –, cabe relativizarmos essa perspectiva que concentra o poder de enunciação do discurso jornalístico no sujeito jornalista. Gonçalves (2014) é quem nos lembra que por trás dos produtos jornalísticos há uma complexa rede de interesses e personagens envolvidos em uma disputa constante por visibilidade. O texto publicado no jornal ou a matéria que vai ao ar na TV não apresenta os fatos somente de acordo com o enquadramento determinado pelo profissional que a assina; influenciam na configuração da narrativa jornalística, também, os pontos de vista do veículo, do editor, das fontes consultadas, dos anunciantes e das demais forças políticas, sociais e econômicas que exercem pressão sobre o jornalismo. Em virtude disso, Gonçalves (2014, p. 92) defende que o “jornalista não é mais, e sequer podemos dizer que já tenha sido de maneira plena, o maestro absoluto desse conjunto. Todos dependem das fontes, e as perspectivas apontadas por elas influenciam em grande medida a decisão jornalística”.

¹¹ Em razão de seu caráter “companheiro” e dos diferentes formatos de programação, com frequência, no rádio, o segundo-narrador nega essa invisibilidade enunciativa. A coloquialidade da linguagem radiofônica, bem como a proximidade com os fatos narrados, permitem que o jornalista de rádio assuma e expresse, em suas narrativas, pontos de vista e subjetividades.

2.2.2 O terceiro-narrador: as personagens jornalísticas

O terceiro narrador, identificado por Genette (1998), representa as personagens da estória. Categoria intradieética da narrativa, a personagem é uma criação do narrador, inserida em um projeto dramático. Nas Teorias Literárias, Gancho (1995) a define como um ser fictício que realiza uma ação e em torno de quem gira o enredo. As personagens, tanto em narrativas ficcionais quanto fáticas, são *figuras de papel*; o que as diferencia, entre Literatura e Jornalismo, é que nas notícias elas representam sujeitos reais. Apesar, contudo, de não serem criações de um narrador, as personagens jornalísticas não podem ser interpretadas como pessoas “de carne e osso”, mas, sim, representações discursivas desses sujeitos. Do mesmo modo como ocorre na ficção, sua caracterização, papel e ações no interior da narrativa são determinados por um narrador.

Podemos entender como personagens jornalísticas os sujeitos em torno de quem a narrativa é construída, bem como as fontes ouvidas e, para as quais, o jornalista dá voz na construção da notícia. As personagens podem ser identificadas na forma de citações diretas, entre aspas (principalmente em narrativas textuais), em entrevistas ou depoimentos (comuns em narrativas televisuais e radiofônicas), ou, ainda, em discursos indiretos, em que a fala da fonte é enunciada por meio da voz do segundo narrador.

Aqui se faz necessária uma discussão paralela sobre o conceito de fonte jornalística e de audiência radiofônica, e até onde eles nos servem para caracterizar o ouvinte que participa e interage com as emissoras de rádio, contribuindo com a configuração da narrativa. Como devemos nomear esse ouvinte que não se limita a apenas ouvir, mas busca também interagir com a emissora? E como denominar esse ouvinte que interage e, de fato, conquista um lugar de fala na narrativa, tornando-se personagem jornalística?

As fontes jornalísticas são definidas, por teóricos em jornalismo, como agentes sociais, sejam eles instituições, grupos ou indivíduos (bem como os vestígios por eles produzidos, como documentos, discursos ou dados), que se dispõem a fornecer informações consideradas de interesse público para a produção das notícias (LAGE, 2011; CORREIA, 2011).

As fontes são essenciais ao jornalismo – principalmente ao jornalismo diário das *hard news* – uma vez que os jornalistas não podem criar notícias e nem são capazes de testemunhar todos os acontecimentos considerados relevantes. Para Alcântara, Chaparro e Garcia (2005), a fonte é indispensável ao jornalismo, afinal a (re)construção midiática do acontecimento se dá por meio da apuração, coleta e ordenamento das informações, explicações e interpretações

fornecidas pelas fontes: “é da fonte que o jornalista colhe o relato, o testemunho, a opinião, o conteúdo com que realiza a sua arte maior, a narrativa da atualidade” (p. 25).

Há poucas reflexões, entretanto, que qualificam o ouvinte/leitor/telespectador como uma possível fonte para o jornalismo. Poderíamos associá-lo à categoria de fonte testemunhal, conforme as definições de Lage (2011) ou Charaudeau (2013), entretanto nem sempre este receptor que interage o faz com o objetivo de relatar uma experiência; muitas vezes sua participação tem caráter opinativo, crítico ou questionador. Talvez a categoria mais próxima seja a de fonte popular, definida por Schmitz (2011) como uma pessoa comum que se manifesta por si mesma e não por um grupo ou organização social específica. Na narrativa jornalística, essa fonte popular geralmente desempenha o papel de vítima, testemunha ou cidadão reivindicador, sendo acionada para testemunhar ou contextualizar algum fato cotidiano.

A classificação como popular, porém, apesar de identificar a origem da fonte, ainda não dá conta do caráter proativo do ouvinte, que busca participar e intervir quase que simultaneamente na narrativa que consome. Esse “ouvinte-fonte” geralmente atua por iniciativa própria ou em resposta a convites à interação destinados a uma audiência massiva e anônima. As fontes tradicionais, ao contrário, via de regra, são selecionadas e convocadas pelos jornalistas de acordo com a especificidade da pauta e do enquadramento dado à notícia.

Esse ouvinte interagente dificilmente será uma fonte primária ou contará com o prestígio das fontes tradicionais na narrativa. Sua contribuição, contudo, serve, muitas vezes, como alerta para uma nova pauta; é a correção imediata à informação errônea levada ao ar; é o complemento ao relato oficial, ou, ainda, a dimensão social do acontecimento narrado. Agindo de modo espontâneo, a contribuição deste ouvinte é quase um “bônus” ao jornalismo radiofônico.

Voltando à discussão sobre o conceito de fonte, esta metáfora, na verdade, tem se revelado cada vez mais insuficiente para caracterizar os informantes dos processos produtivos jornalísticos contemporâneos. Leal e Carvalho (2015) argumentam que o uso do termo “fonte” remete à ideia de desinteresse e passividade dos informantes – o que já não mais corresponde ao cenário atual. Em substituição, os pesquisadores sugerem o uso do termo *agentes jornalísticos*. A mudança de nomenclatura visa a englobar os diferentes modos de atuação e inserção dos sujeitos sociais nas notícias. Os agentes designam não apenas os indivíduos, organizações ou grupos que fornecem informações ao jornalismo, mas também os sujeitos que promovem ou atuam diretamente nos acontecimentos que produzem ou ressignificam as notícias.

A definição de fonte jornalística, assim como as várias classificações propostas por distintos autores, se mostra, dessa forma, insuficiente quando aplicada ao atual contexto comunicacional, marcado pela influência das mídias digitais e as novas relações com os públicos. Para Chaparro (2014), estamos vivenciando uma terceira revolução no jornalismo, a que ele denominou justamente de Revolução das Fontes.¹² Segundo o autor, os sucessivos avanços tecnológicos levaram a uma profissionalização das fontes que, com mais acesso aos meios de difusão, deixaram sua posição de “‘objetos’ à disposição dos repórteres e pauteiros” para assumir uma “posição de sujeitos jornalísticos, na qualidade de produtores competentes, profissionalizados, de falas e fatos noticiáveis” (CHAPARRO, 2014, p. 78).

Apesar de concentrar suas reflexões na atuação profissionalizada das fontes, principalmente por meio das assessorias de imprensa, a discussão proposta por Chaparro (2014) também nos serve para pensar acerca do cidadão comum, até há pouco tempo um receptor considerado “passivo” dos meios de comunicação e que, agora conectado, tem a possibilidade de falar e ser ouvido. Trata-se de um novo perfil de público, uma audiência ativa, conforme definiu Masip et al. (2015), ou audiência potente segundo Mesquita (2014), que surge na esteira de modalidades jornalísticas como o jornalismo participativo, público ou cívico.¹³ No âmbito do webjornalismo, seu caráter ativo o levou a ser denominado *usuário* ou *interagente* (PRIMO, 2011) e, de modo mais específico, nos espaços destinados ao jornalismo colaborativo ou cidadão, em grandes veículos de mídia, já foi chamado de repórter-cidadão, leitor-repórter ou mesmo de jornalista amador. Vizeu e Mesquita (2011) preferiram denominá-lo de *mediador público*, atribuindo-lhe a função de coprodutor das notícias.

Especificamente falando sobre o receptor de rádio, Lopez (2010) atualizou a noção de ouvinte, denominando-o de *ouvinte-internauta*. Dessa forma, a autora busca contemplar aquele ouvinte que consome a informação em áudio, mas que, também, de forma simultânea, busca outros conteúdos na internet, navegando na web ou interagindo pelos sites de rede social. O ouvinte-internauta, assim, “busca as informações pontuais e a atualização na

¹² Segundo Chaparro (2014), a primeira revolução foi a das *notícias*, provocada pelo uso pioneiro do telégrafo, a expansão das agências de notícias e o aumento nas tiragens, na segunda metade do século 19. A segunda revolução foi a da *reportagem*, no final do século 19, quando este formato jornalístico passou a ganhar espaço nos jornais, suprimindo uma lacuna por explicações e debates acerca dos conflitos da época.

¹³ Não entraremos aqui na discussão específica acerca do conceito de audiência; cabe apenas esclarecermos brevemente nossa concepção sobre o assunto. Apesar de associarmos os conceitos propostos por Masip et al. (2015) e Mesquita (2014) ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, é importante frisarmos que a noção de um receptor passivo na comunicação já foi desconstruída anteriormente, principalmente a partir da Escola Interacionista, dos Estudos de Recepção e dos Estudos Culturais. Estas perspectivas teóricas foram pioneiras ao reconhecerem a audiência não mais como sujeitos passivos, meros destinatários de uma mensagem, como postulavam as Teorias Funcionalistas, mas, sim, como uma “arena de disputas de poder” onde se dá um processo de negociação e construção de sentidos (MESQUITA, 2014).

comunicação sonora transmitida de maneira síncrona, mas tem um perfil mais dinâmico e ágil, que busca complementações, interação e personalização de conteúdo” (LOPEZ, 2010, p. 141).

Sob a perspectiva da narrativa, em reflexões anteriores, preferimos tratar esse sujeito como um *ouvinte-enunciador* (QUADROS; AMARAL, 2016a, p. 113).

Consideramos que os ouvintes tornam-se fontes e, conseqüentemente, personagens quando tomam a iniciativa de participar e interferem na configuração da narrativa. Ao enviar para a emissora sua opinião sobre determinado tema ou o testemunho de um fato, e ter sua mensagem lida no ar pelo jornalista, o ouvinte troca de papel, como assinalam Souchier e Wrona (2015), deixando de ser um cidadão anônimo e passivo para assumir o lugar de sujeito midiático, um personagem enunciador da narrativa radiofônica, portanto.

Acreditamos que a discussão sobre a correta denominação para esse receptor ativo que conquista um lugar de fala no jornalismo não se encerra aqui; carece talvez de uma nomenclatura inovadora, que se afaste das metáforas já instituídas e que abarque as constantes renovações e intercâmbio de papéis que vêm marcando os processos comunicacionais e o próprio jornalismo contemporâneos. Como um gesto metodológico, entretanto, optamos por seguir utilizando, nesta pesquisa, o termo *ouvinte-enunciador* para denominar este sujeito, ao mesmo tempo narrador e personagem das narrativas jornalísticas radiofônicas. A escolha se dá principalmente por filiar-mo-nos a Leal e Carvalho (2015), concordando que o termo fonte não é mais adequado para identificar estes sujeitos atuantes no processo de construção das narrativas jornalísticas. No lugar de agentes jornalísticos, contudo, preferimos manter a identidade do receptor do meio rádio – *ouvinte* –, ao mesmo tempo em que reforçamos sua posição enquanto voz da narrativa. Optamos, também, pelo uso de *ouvinte-enunciador* em lugar de *ouvinte-internauta*, por acreditarmos que a primeira denominação nos permita nominar também os ouvintes que interagem por intermédio de plataformas outras que não somente os meios digitais de comunicação, englobando, ainda que em menor número, aqueles que se comunicam com as emissoras de rádio mediante ligações telefônicas, torpedos de celular ou mesmo cartas.

Estabilizados nossos principais conceitos acerca da abordagem da narrativa como aporte teórico, avançamos, no tópico a seguir, para uma perspectiva metodológica, esmiuçando a Análise Crítica da Narrativa e as adequações que conduzimos no método visando a atender nossos objetivos de pesquisa.

2.3 A NARRATIVA COMO MÉTODO: OS CAMINHOS DA PESQUISA A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA

O entendimento do jornalismo como narrativa, sobretudo a partir do conjunto da obra de Luiz Gonzaga Motta, reconhece o papel dos sujeitos envolvidos na construção narrativa da realidade, enfatizando seu caráter processual e considerando o emprego de diferentes estratégias discursivas na disputa pelo poder de enunciação. É justamente por elucidar estes embates por visibilidade, reconhecendo e, ao mesmo tempo, questionando a aparente polifonia do discurso jornalístico, que a perspectiva da narrativa nos serve como aporte teórico e metodológico nesta pesquisa. Além de mostrar-se uma abordagem inovadora dentro dos estudos de rádio, a análise da narrativa nos dá suporte para investigar nossa questão central que se debruça sobre as condições e circunstâncias que determinam o acionamento dos ouvintes na configuração das narrativas jornalísticas.

Tomamos, então, como principal referência de pesquisa, a proposta de Análise Crítica da Narrativa sugerida por Motta (2007, 2013b), a partir da qual elaboramos uma estratégia metodológica própria, ajustada ao nosso objeto empírico e a nossos objetivos de pesquisa.

Como vimos anteriormente, o texto narrativo é aquele que encadeia, de forma lógica e cronológica, determinados acontecimentos, causados ou vivenciados por atores sociais. Ao narrar, portanto, organizamos os fatos de maneira a imprimir um determinado sentido, identificando um início, um meio e um fim, e empregamos artifícios discursivos a fim de encadear estes fatos de forma que a estória se torne atrativa ao nosso ouvinte ou leitor. De acordo com Motta (2013b, p. 38), “a enunciação narrativa é uma atitude intencional ou argumentativa”, ou seja, tem uma intencionalidade definida, que orienta a ação dos sujeitos narradores.

Os textos narrativos podem ser ficcionais ou factuais. Em nosso caso de estudo nos concentramos nas narrativas factuais, dentre as quais se destaca o jornalismo. Consoante com Motta (2013b), na narrativa factual estabelece-se um protocolo de verificação ou uma vontade de verdade. A enunciação narrativa, neste caso, é organizada de forma a buscar uma tradução fiel dos acontecimentos cotidianos, empregando uma linguagem objetivada e articulando números, estatísticas, citações, dêiticos, entre outras estratégias discursivas. O receptor também assume um contrato com o narrador, atribuindo a ele a autoridade de enunciador da verdade. Ao aceitar a narrativa factual como verdadeira, o ouvinte ou leitor colabora com a construção do efeito de real.

Com base nestes pressupostos, Motta (2013b) propõe uma metodologia de análise pragmática da narrativa (que ele denominou de Análise Crítica da Narrativa), adotando uma perspectiva antropológica cultural e multidisciplinar. O método proposto vale-se de pressupostos oriundos do Estruturalismo e do Formalismo, agregando importantes contribuições da fenomenologia e da pragmática, constituindo-se, por fim, como uma técnica hermenêutica de interpretação dos discursos.

Motta (2007, p. 147) explica que os procedimentos da Análise da Narrativa visam a “interpretar dinâmica e sistematicamente a essência do fenômeno observado, compreender as diversas camadas significativas do objeto empírico como objeto intencional de nossa percepção”. O método, dessa forma, conduz a uma espécie de desconstrução gradual da narrativa, evidenciando aspectos como as intenções dos narradores, as estratégias enunciativas empregadas, a caracterização das personagens, os recursos de encadeamento dos fatos, entre outros. A análise individualizada destes elementos permite ao analista descortinar o processo, o contexto e os conflitos por trás das narrativas.

O autor sugere que, inicialmente, as narrativas sejam desmembradas em três camadas, ou instâncias expressivas: o *plano da expressão*, o *plano da estória* e o *plano da metanarrativa*. Identificar na narrativa em análise estes três planos, de acordo com Motta (2013b, p. 135), auxilia o analista no “mergulho até a essência do objeto”. Nos deteremos brevemente, aqui, em distinguir teoricamente estas instâncias.

O Plano da Expressão é o plano da linguagem, a superfície do texto, em que pode ser observada a retórica. A análise deste plano implica perceber os diferentes recursos estratégicos de uso da linguagem empregados pelo narrador com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentidos. Aqui podem ser observados, por exemplo, o uso de figuras de linguagem (metáforas, hipérboles, ironia, entre outras), o emprego dos tempos verbais, advérbios, adjetivos e pronomes, além de, no caso específico do rádio, o uso de recursos sonoros diversos, do silêncio e até mesmo as entonações de voz.¹⁴

O Plano da Estória é o que abriga o conteúdo da narrativa, a *diegese*. É onde se encontram a intriga, os conflitos e as personagens, ou seja, é o plano da representação. A análise desta camada da narrativa demanda a compreensão do enredo e da articulação das sequências e episódios, o reconhecimento dos conflitos principais e secundários, a caracterização das personagens e suas funções na narrativa, além da identificação das estratégias argumentativas empregadas pelo autor.

¹⁴ Veremos mais sobre as especificidades da narrativa radiofônica no próximo Capítulo.

Por fim, o último Plano é o da Metanarrativa. Esta é a camada mais abstrata e evasiva, em que residem as referências culturais e os valores éticos e morais de fundo, que orientam, de modo implícito, toda a construção da narrativa. A análise deste plano tem como objetivo descortinar a “moral da história”, ou seja, o que determinada narrativa tem a ensinar, que ponto de vista defende ou que efeitos de sentido visa a provocar.

Apesar de dividir as narrativas nestas três instâncias expressivas, Motta (2013b) alerta para que a análise não seja feita de forma isolada. O autor, entretanto, sugere que os Planos da Estória e da Expressão sejam privilegiados num primeiro momento da análise, fornecendo elementos para a investigação posterior do Plano da Metanarrativa. Nesse sentido, operacionalmente Motta (2013b) organizou sete movimentos que seguem essa lógica de desconstrução da narrativa, conduzindo a uma análise de caráter hermenêutico.

Os sete movimentos de análise de Motta (2013b) podem ser sintetizados da seguinte forma:

- 1º) compreender a intriga como síntese do heterogêneo: este primeiro movimento tem como objetivo compreender a intriga central da narrativa a partir de procedimentos de leitura e releitura da estória narrada, bem como a delimitação do início, meio e fim da narrativa;
- 2º) compreender a lógica do paradigma narrativo: visa a identificar o fio condutor da estória – ou as sequências ou sequências-tipo, como denominam autores da teoria literária;
- 3º) deixar surgir novos episódios: aqui o objetivo é identificar e nomear os episódios que compõem a narrativa;
- 4º) permitir ao conflito dramático se revelar: neste movimento, o analista deve observar como o narrador estrutura/organiza os conflitos, como posiciona as personagens e em que medida concede espaço e tempo a cada uma delas;
- 5º) análise das personagens: Motta (2013b) sugere, neste movimento, a identificação das personagens e suas respectivas ações, bem como a observação dos designantes textuais;
- 6º) análise das estratégias argumentativas: nesta etapa busca-se reconhecer as estratégias argumentativas empregadas pelo narrador, distinguindo as *estratégias de produção de efeitos de real* (que fazem com que os leitores interpretem os fatos narrados como verdades), as *estratégias de referência* (que ancoram a narrativa na realidade referente) e as *estratégias de produção de efeitos estéticos*

(que promovem interpretações subjetivas dos receptores e a identificação do leitor com a narrativa);

- 7º) permitir às metanarrativas aflorar: por fim, o último movimento tem como objetivo identificar as metanarrativas, o fundo ético e moral subjacente à narrativa analisada.

Para a discussão que propomos nesta pesquisa, acreditamos não ser necessário o percurso analítico ao longo dos sete movimentos. Seguindo a orientação do próprio autor, que afirma que a metodologia proposta não é um modelo a ser aplicado de forma engessada, mas deve, sim, ser adequado aos objetivos de cada investigação, procedemos uma reconstrução do método.

Haja vista que nosso problema de pesquisa se volta sobre o processo de interlocução entre narradores – jornalistas e ouvintes-enunciadores –, acreditamos que nossa análise devesse se concentrar nos dois primeiros planos da narrativa: os Planos da Expressão e da Estória, não almejando alcançar de forma plena os sentidos produzidos pela narrativa. Nosso interesse está muito mais centrado no *processo* de configuração da narrativa e no modo como os narradores se articulam.

Nossos movimentos de análise, dessa forma, foram sintetizados em quatro etapas:

- 1ª) reconstruir a narrativa: por se tratar de narrativas fragmentadas, nosso primeiro passo de análise consistiu em identificar e registrar todos os trechos da programação radiofônica em que as temáticas em análise eram abordadas;
- 2ª) compreender o paradigma narrativo: aqui, seguindo as orientações de Motta (2013b), identificamos e nomeamos os pontos de virada, episódios e conflitos que compunham cada narrativa;
- 3ª) identificar as personagens: neste movimento, observamos quem fala em cada uma das narrativas analisadas, registrando os modos como as personagens foram introduzidas, que espaço ocupam (quanto tempo? em que momento são convocadas?) e de que forma sua participação é inserida (se em discurso direto ou indireto, se literal ou comentada);
- 4ª) identificar os critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores: nesta última etapa nos debruçamos sobre as sequências narrativas em que identificamos contribuições vindas da audiência, analisando os vestígios discursivos que nos indiquem os atributos e os efeitos valorativos responsáveis por induzir os jornalistas no processo de acionamento dos ouvintes, elevando-os à posição de narradores-personagens das narrativas.

Adiante, no Capítulo 4, abordaremos novamente este quarto movimento, detalhando os procedimentos e operadores empregados na análise das Sequências Narrativas, além de apresentarmos nosso objeto empírico e o *corpus* de pesquisa. Antes disso, porém, é necessário refletirmos acerca das especificidades da narrativa radiofônica, foco do nosso próximo Capítulo.

CAPÍTULO 3 – O RÁDIO COMO OBJETO EMPÍRICO

No Capítulo anterior nos dedicamos a esmiuçar as bases que sustentam o aporte teórico e metodológico escolhido para esta pesquisa. Apresentamos uma proposta de inversão epistemológica que nos leva a interpretar as narrativas jornalísticas não somente como formatos textuais, mas como processos de ordenamento, produção de sentidos e vinculações sociais. Nosso desafio agora é deslocar essa discussão para o rádio, buscando perceber como as características deste meio, bem como sua adaptação ao atual contexto da convergência midiática, conformam as narrativas radiofônicas.

Trata-se, de fato, de um grande desafio. As bases que fundamentam as reflexões sobre narrativas vêm de uma tradição impressa. Desde as análises estruturais da narrativa, com Barthes, Todorov, Genette e outros pensadores Estruturalistas e Formalistas, até a proposta de análise pragmática, sugerida por Motta (2007, 2013b), o foco de estudo vem recaindo sobre produtos impressos, sejam livros, contos, reportagens ou notícias de jornal. Os métodos de análise, dessa forma, consideram, fundamentalmente, elementos textuais e discursivos. O que propomos aqui é estender essas reflexões para uma mídia originalmente sonora, o que nos leva à necessidade de considerarmos suas especificidades, principalmente a linguagem estritamente sonora, a emissão de forma continuada, a transmissão em tempo real e a capacidade de interação com seus públicos.

Assim como as narrativas jornalísticas impressas, portanto, compreender o jornalismo radiofônico como uma narrativa também requer uma visada que vá para além do texto, dos gêneros e formatos. Não significa ignorar esses elementos, mas, sim, considerá-los dentro de um contexto, buscando perceber o que eles ensinam, reforçam, revelam ou silenciam. Tal qual o jornalismo impresso, o rádio informativo não se limita apenas a relatar os acontecimentos por meio de palavras, sons e demais recursos. Sua narrativa é um recorte, uma versão dos fatos, organizados de forma intencional (informar, ensinar, emocionar, atribuir responsabilidades, provocar indignação, entre tantas outras) e refletindo uma série de vinculações sociais: as escolhas do repórter, os constrangimentos organizacionais, a pressão do tempo, a busca pela instantaneidade e o contexto geográfico, histórico e cultural. Ao dirigirmos, assim, um olhar hermenêutico para a narrativa radiofônica, podemos perceber seus significados mais profundos, além das disputas pelo poder de voz subjacentes aos conteúdos levados ao ar diariamente.

Buscaremos, neste Capítulo, examinar o rádio contemporâneo e suas características, visando a compreender de que forma ele configura suas narrativas. Nosso foco, alinhado à

nossa problemática de pesquisa, volta-se para a relação deste rádio com seus públicos e o modo e os critérios que permitem a concessão de voz aos ouvintes no processo de configuração das narrativas sonoras construídas por esta mídia. Nesse sentido, iniciaremos nossa reflexão contextualizando o rádio contemporâneo dentro de um cenário de convergência de mídias – uma discussão que, apesar de não se encontrar no cerne de nossa problemática, interfere diretamente na relação do meio com sua audiência e, portanto, se faz necessária. Em seguida, nos deteremos em discutir a participação do ouvinte no rádio, partindo desde uma perspectiva histórica para refletirmos sobre seu poder de interferência nas narrativas enunciadas pelas emissoras. Por fim, refletiremos, sobre as demais especificidades das narrativas radiofônicas, de modo a instrumentalizar teoricamente, adiante, nossos protocolos de análise empírica.

3.1 CONTEXTUALIZANDO O RÁDIO CONTEMPORÂNEO

O objetivo deste tópico, em um primeiro momento, é caracterizar e contextualizar o rádio dentro de um cenário de convergência midiática, enfatizando seu caráter interativo. Apesar de não se constituir o foco principal de nossa reflexão, a discussão sobre rádio e convergência nos oferece subsídios para compreender as transformações pelas quais essa mídia passa na contemporaneidade e que implicam, entre outros fatores, na forma como o meio se relaciona com seus públicos e de que maneira essas interações interferem em suas práticas e na qualidade do conteúdo jornalístico que o rádio produz e veicula em sua programação. Reforçamos que não consideraremos, posteriormente, o conteúdo radiofônico veiculado em plataformas não sonoras, e não analisaremos as narrativas multi ou transmidiáticas construídas pelo rádio; nosso objetivo, nesta tese, é analisar a participação do ouvinte nas narrativas veiculadas pela programação “de antena” – essencialmente sonoras, portanto. Por entendermos, contudo, que a presença do rádio em distintas plataformas, bem como suas estratégias de adaptação ao processo de convergência, influencia na maneira como as emissoras interagem com seus ouvintes e, por conseguinte, no modo como produz seus conteúdos, dedicamos este tópico para refletir acerca deste novo cenário.

O conceito de convergência, aplicado aos estudos em comunicação, sintetiza, desde suas primeiras menções no final dos anos 1970,¹⁵ as transformações resultantes do

¹⁵ Atribui-se a Nicholas Negroponte as primeiras menções ao conceito de convergência aplicado à comunicação, em 1979. O pesquisador projetava para o ano de 2000 a fusão dos meios de comunicação e das tecnologias digitais, provocando o surgimento de novas formas de comunicação multimídia (FIDLER, 1998).

desenvolvimento sucessivo de novas tecnologias que têm implicado, entre diversos efeitos, a fusão de empresas, a integração de redações e a unificação de linguagens e mídias. Diferentes escolas teóricas têm buscado, desde então, compreender o fenômeno da convergência, explicando-o sob distintas perspectivas: como um *produto*, em uma concepção mais instrumental, como o resultado de uma confluência de tecnologias; como um *sistema*, considerando, além da tecnologia, também os processos de produção e consumo; e como um *processo*, definindo a convergência pelo seu caráter dinâmico e evolutivo (SALAVERRÍA, 2009).

Apesar das diferentes abordagens, emerge das discussões sobre convergência a crença de que “os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos” (JENKINS, 2009, p. 41). O fenômeno estaria, na verdade, estimulando a coexistência e a cooperação entre meios antigos – como o rádio, a televisão, o cinema e os impressos – e mídias emergentes – que englobam o vasto conjunto de mídias digitais –, provocando, conseqüentemente, transformações nas funções e no *status* dos meios tradicionais.

O rádio é um exemplo de mídia tradicional que, inserida nesse cenário de convergência, tem se adaptado aos sucessivos avanços tecnológicos. Com frequência, as reflexões acerca da trajetória histórica deste meio perpassam e, de certa forma, estruturam-se com base nas evoluções técnicas e tecnológicas que acompanharam o seu desenvolvimento: desde as primeiras transmissões experimentais e a recepção nos grandes aparelhos valvulados, nos anos 1920, à Era de Ouro dos populares programas de auditório nas décadas de 1930 e 1940, passando pela ameaça da televisão, no início dos anos 1950, o surgimento das reportagens volantes e o desenvolvimento da Frequência Modulada, na década de 1970, até a chegada do telefone celular e a informatização das emissoras, a partir de 1990. Em diversos momentos dessa história a morte do rádio foi anunciada, entretanto a capacidade de adaptação deste meio, a coexistência e a cooperação com as demais mídias, têm garantido sua sobrevivência e evolução.

O processo de digitalização das redações, nesse sentido, que marca as fases mais recentes da história do rádio, assinala outro importante momento de adaptação, desta vez provocado pelo desenvolvimento e pela popularização das tecnologias digitais. Segundo Meditsch (2007), em meados dos anos 1990 a transformação tecnológica de maior impacto no rádio informativo foi a chegada dos computadores às redações, utilizados, nesse primeiro estágio, como processadores de texto e terminais para recepção de informações das agências de notícia. Nos anos seguintes, a tecnologização atingiu outras etapas do processo jornalístico, como a apuração, edição e transmissão, sem, no entanto, influenciar a narrativa – o que iria se

dar apenas em fase mais recente com o desenvolvimento de produções radiofônicas multimídia, ou seja, conteúdos em áudio, mas também em vídeo, texto, fotografia e infografia (LOPEZ, 2010).

A esse rádio, não mais apenas sonoro, mas agora diversificado em suas linguagens e plataformas, Lopez (2010) atribui a qualidade de *hipermidiático*. Para a autora, o som segue sendo o principal foco, porém com os recursos viabilizados pela internet e demais tecnologias digitais de comunicação, seu alcance se amplia, geográfica e temporalmente, mas também em alternativas para a criação de conteúdo. Em suas páginas na web, emissoras têm a possibilidade de viabilizar o acesso à programação de ouvintes localizados em qualquer parte do mundo, para consumo imediato ou sob demanda, bem como oferecer materiais além do sonoro. Tratam-se, segundo Lopez (2010), de produções complementares, que aprofundam ou detalham o conteúdo de antena, e servem como memória ou utilidade pública.

Com os recursos das tecnologias digitais, o rádio oferece ao seu ouvinte, então, maior alcance geográfico, conteúdos multimídia complementares, possibilidade de consumo assíncrono (por meio de arquivos em *podcast*), além de maiores opções de interação. Kischinhevsky (2012, 2016) define este novo rádio como um *rádio expandido*, ou seja, que com os novos serviços e canais de distribuição e interação “transborda” para outras plataformas, especialmente as mídias sociais e *microblogs*, potencializando seu alcance e a circulação de seus conteúdos.

Grande parte dessas transformações pelas quais o rádio vem passando, porém, não são um reflexo somente da tecnologia, mas, conforme Lopez (2010), uma resposta à demanda da audiência. Não seria, assim, a tecnologia por si só a responsável por provocar as atuais modificações que o meio vem vivenciando, mas o seu uso, tanto nas redações e nas rotinas produtivas quanto nos processos de recepção e interação do público com o meio. Por refletir diretamente em nossos questionamentos de pesquisa, nos dedicaremos a caracterizar, no tópico seguinte, quem é este novo ouvinte de rádio e como ele se relaciona com o meio, interferindo em suas narrativas.

3.2 O LUGAR DO OUVINTE

A possibilidade de o ouvinte interagir e participar da construção da narrativa radiofônica não é exatamente uma característica singular ao rádio. As demais mídias, tradicionalmente, mantêm espaços de interação com seus receptores, seja por meio de seções de cartas e números de telefone ou, hoje, por intermédio de e-mails, sites de redes sociais e

aplicativos para *smartphone*. A participação do ouvinte no rádio, contudo, guarda uma peculiaridade: diferente dos demais meios de comunicação de massa¹⁶, a interação entre ouvinte e rádio e, conseqüentemente, sua capacidade de interferir na narrativa é mais instantânea, direta e ágil, como registra o jornalista Milton Jung (2013, p. 68): “A entrevista mal começa e já chega a primeira pergunta do ouvinte. O entrevistado escorrega, e vem a crítica. O apresentador se engana, e a correção aparece”.

Quem, no entanto, é o ouvinte deste novo rádio, hipermediático e expandido? Como vimos anteriormente, Lopez (2010) o denomina de ouvinte-internauta, diferenciando-o daquele dos “anos dourados”, que se reunia junto da família para ouvir as notícias no único aparelho da casa. O ouvinte-internauta consome o conteúdo radiofônico de modo individual, ao mesmo tempo em que, conectado à internet, desenvolve outras atividades: navega na web, pesquisa, lê notícias, interage nas redes sociais, entre tantas outras.

Esse ouvinte contemporâneo é identificado por Kaseker (2012), após uma pesquisa de cunho etnográfico, como de terceira geração. Segundo a autora, estes ouvintes têm formas de consumo midiático diversificadas, tanto em relação aos suportes técnicos utilizados (tocadores de MP3, *smartphones*, computador, TV a cabo), quanto aos hábitos. Corroborando Lopez (2010), Kaseker (2012) reforça que a recepção do conteúdo radiofônico nesta geração de ouvintes é “invisível”, ou seja, se dá simultaneamente a outras atividades. Além disso, costuma ser mais breve e fragmentada, geralmente durante períodos de mobilidade, por meio das transmissões via telefones celulares.

Esse novo ouvinte está também conectado à internet, dispondo de variadas fontes de informação e interação, desenvolvendo uma postura muito mais ativa. Ele “ainda é mais ouvinte que internauta, já que consome a informação em áudio enquanto navega, enquanto lê, enquanto circula pelas redes sociais”, garante Lopez (2010, p. 141), mas tem um perfil mais dinâmico, busca informações complementares, formas de interação e de personalizar o conteúdo que recebe. Caracteriza-se, portanto, como uma audiência ativa, que consome menos e produz mais, assumindo um protagonismo maior no processo comunicacional e, conseqüentemente, rompendo com o monopólio do poder simbólico da mídia (MASIP et al. 2015).

¹⁶ É preciso ponderar: essa possibilidade de interação instantânea entre receptor e mídia é mais frequente no rádio, em razão de suas especificidades técnicas. Em determinadas circunstâncias, no entanto, a televisão e as mídias digitais também têm a capacidade de permitir uma maior interferência de seus receptores. Em todos os casos, trata-se de permissões temporárias, mediadas e alinhadas às intencionalidades predeterminadas por cada veículo de comunicação.

Assim como as metamorfoses do rádio, a capacidade de interação (e interferência) dos ouvintes não é um reflexo somente das novas tecnologias. Como vimos em Quadros (2013), a história do meio mostra que, desde suas primeiras transmissões, o veículo sempre buscou formas de estabelecer canais de comunicação com seus públicos, seja por meio de cartas, nos auditórios ou pelo telefone. Além disso, algumas de suas características colaboram para reforçar seu caráter interativo, como a sensorialidade e a autonomia.

A sensorialidade, conforme Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985), é a capacidade do rádio de envolver o ouvinte, incentivando o “diálogo mental” entre o receptor e o emissor. Esse envolvimento se dá por meio do uso de recursos sonoros. As entonações de voz, o silêncio, as músicas, os ruídos e os efeitos de sonoplastia, têm a capacidade de quebrar com a monotonia de uma transmissão, tornando o discurso atrativo ao ouvinte. A sensação de proximidade também é provocada pelo discurso aparentemente dirigido do locutor. Essa característica da linguagem radiofônica, por sua vez, está relacionada à autonomia do meio, definida por Ortriwano (1985) como a possibilidade de consumo individualizado da programação.¹⁷ “Essa característica faz com que o emissor possa falar para toda a sua audiência como se estivesse falando para cada um em particular” (ORTRIWANO, 1985, p. 81). A fala do locutor, dessa forma, aparentemente direcionada, cria um clima intimista, suscitando no ouvinte o efeito de diálogo com o radialista e a percepção do rádio como um companheiro (FERRARETTO, 2014).

Estimulado, então, por um lado, pelas características que lhe são peculiares, e, por outro, pela adoção de diferentes ferramentas e estratégias de relacionamento com seus públicos, podemos afirmar que o rádio sempre foi um meio interativo – ainda que poucas vezes tenha conseguido alcançar de modo efetivo a comunicação de dupla via vislumbrada por Brecht (2005).¹⁸ O grande diferencial do estágio atual é o imediatismo e a sincronia com que essas interações se dão, além dos diferentes canais disponíveis que resultam em volumes muito maiores de participação. Ao contrário das cartas que, há alguns anos, levavam dias para chegar às redações, as mensagens via celular, hoje, chegam em segundos. Se até bem pouco

¹⁷ O consumo individualizado é uma característica do rádio pós-transistor. Essa tecnologia, que chegou ao Brasil nos anos 1960, viabilizou o surgimento dos “radinhos de pilha”, receptores menores do que os anteriores, valvulados, e que podiam ser transportados com facilidade pelos ouvintes.

¹⁸ Em ensaios escritos entre 1927 e 1932, publicados com o título *Teorias do Rádio*, o ensaísta alemão Bertolt Brecht defendia o uso democrático do rádio, com potencial para se tornar um veículo de dupla mão, em que os ouvintes não somente recebessem informações de fontes oficiais, mas também pudessem colaborar e emitir suas opiniões: “O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública [...] seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele” (BRECHT, 2005, p. 42).

tempo as linhas de telefone ficavam congestionadas, hoje as redes sociais permitem o envio ilimitado de mensagens.

Lopez et al. (2015) lembram que o telefone foi a primeira ferramenta responsável por transformar a relação entre emissoras e ouvintes, viabilizando a interação síncrona, ou seja, a capacidade de o ouvinte interagir com o rádio durante a transmissão da programação. Essa novidade, à época, estimulou a popularização de programas cuja narrativa se baseava fundamentalmente na participação do ouvinte, como os programas de pedidos musicais ou, ainda, os consultórios,¹⁹ que passaram a contar com a interação ao vivo da audiência. Já com o desenvolvimento do telefone celular, os ouvintes puderam contribuir de forma mais efetiva com o jornalismo, transformando-se em “ouvintes-repórteres”, como nomeou Parada (2000) em 1993, quando registrou a colaboração de ouvintes da Rádio Eldorado, de São Paulo, durante uma cobertura especial de trânsito.

Hoje, diante de uma verdadeira miríade de ferramentas interativas, as possibilidades e os modos de interação dos ouvintes novamente modificaram-se, como pontuam Lopez et al. (2015, p. 190):

Agora, o usuário pode interagir com a emissora de rádio com comentários em suas páginas oficiais, curtidas nos conteúdos postados por ela no Facebook, pode fazer reclamações via e-mail ou por Whatsapp e pode também instalar apps das rádios e selecionar suas preferências de utilização.

Apesar de não constituírem nosso foco de reflexão nesta tese, é importante reconhecermos a relevância dessas interações via redes sociais e sua influência na relação que se estabelece entre o rádio e sua audiência. As mídias sociais deram visibilidade à participação dos ouvintes. Se, antes, com as cartas e os e-mails, ou com o telefone fixo e o móvel, ela se dava de modo direto e restrito entre ouvinte e locutor/emissora, hoje elas são públicas, o que minimiza o controle dos fluxos comunicacionais por parte do rádio, pelo menos no ambiente on-line, como observa Lopez (2016, p. 334): “O controle dos comunicadores era – e em parte ainda é – constante no dial até mesmo em participações ao vivo, que poderiam ser ‘derrubadas’ a qualquer momento. Mas a dinâmica das plataformas digitais é distinta [...]”. A crítica, o elogio, a pergunta ou a informação postados em uma rede social tornam-se visíveis para todos os demais seguidores da emissora – o que, de modo

¹⁹ A estrutura dos programas de consulta, ou consultórios, baseia-se na participação dos ouvintes, que formulam perguntas a serem respondidas, ao vivo, por um especialista. Semelhante a este formato, os “programas de desabafo” costumam ser veiculados durante a madrugada, caracterizando-se como uma conversa intimista e bastante pessoal entre ouvinte e apresentador (LEGORBURU HORTELANO, 2008).

indireto, configura-se uma nova forma de constrangimento para a instância de produção. Não é possível tampouco recomendável, do ponto de vista mercadológico, ignorar estas manifestações, sob pena de desestimular o engajamento dos ouvintes.

Para Cebrián Herreros (2007), a participação dos ouvintes dá prestígio aos programas e às rádios. Ou seja, ao dar voz ao povo, o veículo agrega um valor democrático – indo ao encontro, portanto, das “previsões” de Brecht. Segundo ele, as inovações nas programações jornalísticas tendem a voltar-se cada vez mais para o diálogo e a participação. Ao envolver o ouvinte nesse processo, o rádio converte-se em uma plataforma de comunicação cidadã, em que “os papéis de emissor e receptor se intercambiam permanentemente e em igualdade de condições até gerar o autêntico EMEREC (Emissor-Receptor)” (CEBRIÁN HERREROS, 2007, p. 60, tradução nossa).²⁰ Conforme Herrera Damas (2003), as intervenções da audiência podem ser de grande utilidade para o jornalismo radiofônico, principalmente na cobertura de acontecimentos, como desastres naturais, acidentes, crimes ou atentados. Nestes casos, o ouvinte é convertido em fonte para o rádio e, por conseguinte, como vimos anteriormente, em personagem das narrativas radiofônicas.

Em relação aos propósitos que levam o ouvinte a interagir, Pessoa (2016) apresenta uma tipologia dos possíveis vínculos entre ouvintes e emissoras de rádio. Ela classifica os ouvintes em quatro grupos: o *ouvinte pauteiro*, que atua nos bastidores, compartilhando suas experiências com a emissora e sugerindo pautas para o jornalismo; o *ouvinte entrevistado*, que se aproxima da função de fonte jornalística, atuando, geralmente, em enquetes ou, ainda, como testemunha de acontecimentos; o *ouvinte repórter*, que desempenha temporariamente atividades atribuídas ao jornalista, colaborando com a apuração e coberturas ao vivo; e, por fim, o *ouvinte comentarista*, convocado em programas de opinião, assemelhando-se, em certos casos, a um especialista. Pessoa (2016) pontua, também, uma interessante distinção entre os modos como estes ouvintes são inseridos nas narrativas: enquanto ouvintes pauteiros, quando atuam nos bastidores, sem conquistar um espaço de voz; os ouvintes entrevistados, que, muitas vezes, nem chegam a ser identificados; e os ouvintes comentaristas, que, além de ganharem voz na narrativa, são constantemente identificados não apenas pelo nome, mas também por algum outro elemento – geralmente o local de onde fala ou profissão. Em estudos anteriores (QUADROS; AMARAL, 2016a) já havíamos observado essa situação. Voltaremos a ela mais tarde, quando apresentarmos os resultados de nossa análise empírica.

²⁰ No original: “[...] los papeles de emisor y receptor se intercambian permanentemente y en igualdad de condiciones hasta generar el auténtico EMEREC (Emisor-Receptor)”.

Oferecer meios para interagir e incentivar o contato dos ouvintes, contudo, não basta no cenário atual da convergência. Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) destacam que o problema que se coloca para o rádio nesta relação com os ouvintes, encontra-se na forma como as participações da audiência podem ser inseridas na narrativa radiofônica: “Buscam-se fórmulas para integrar a contribuição dos ouvintes ao produto que está sendo levado ao ar, de forma que ajude a construir o que se narra e não suponha ruído, freio ou obstáculo na progressão narrativa” (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 150, tradução nossa).²¹ Reside aqui um de nossos principais questionamentos de pesquisa: De que forma a participação dos ouvintes interfere na narrativa radiofônica?

Algumas observações preliminares – por ora ainda insuficientes para responder nossas inquietações – nos oferecem subsídios para acreditarmos na capacidade de interferência dos ouvintes na configuração das narrativas, principalmente aquelas construídas em tempo real. Durante o percurso da pesquisa, sob um viés discursivo a partir do referencial teórico de Charaudeau (2013), observamos, em uma edição do programa Gaúcha Atualidade – nosso atual objeto de estudo –, como mensagens de ouvintes contendo críticas à emissora foram levadas ao ar, conduzindo os apresentadores a uma discussão sobre seus próprios posicionamentos e a imparcialidade da cobertura. Neste mesmo estudo, registramos também o redirecionamento das entrevistas e até mesmo da participação de comentaristas, a partir das contribuições dos ouvintes. Nestes casos, mesmo que quantitativamente o tempo de programa ocupado pelos ouvintes tenha sido muito inferior ao tempo tomado pelos demais interlocutores, a audiência teve uma participação qualitativamente relevante: suas contribuições foram, por vezes, comentadas pelos apresentadores, inseridas nas entrevistas e chegaram, inclusive, a influenciar o espaço de tematização ao interferir na condução da pauta do programa.

Em Quadros (2017), ao analisarmos a cobertura da Rádio Gaúcha para o Caso do Rodado,²² identificamos outras situações em que as contribuições da audiência tiveram influência direta sobre a narrativa. Foram ouvintes que transitavam pela rodovia que alertaram a rádio sobre o acidente e enviaram as primeiras informações, servindo como fontes primárias

²¹ No original: “Se buscan fórmulas para integrar la aportación de los oyentes al producto que se esta realizando en antena, de forma que ayude a construir lo que se narra y no suponga ruido, freno u obstáculo en la progresión narrativa”.

²² Por volta das 7 horas do dia 19 de outubro de 2015, um acidente de trânsito vitimou quatro meninas indígenas da cidade de Estrela, na região central do Rio Grande do Sul. Um dos rodados de um caminhão (conjunto de rodas e pneus fixado ao eixo do veículo) que trafegava pela BR 386 se desprende e atingiu as meninas que aguardavam o transporte escolar às margens da rodovia. A Rádio Gaúcha acompanhou o caso desde o início da manhã até o final da tarde, configurando uma narrativa que se estendeu por toda a programação (QUADROS, 2017).

durante as primeiras horas da cobertura, até que o repórter designado para o caso chegasse ao local do acidente. Já no turno da tarde, com o acontecimento estabilizado e o conflito central da narrativa deslocado para a atribuição de culpa ou não ao motorista do caminhão, as mensagens passaram a ter caráter opinativo, ajudando a reforçar uma das versões possíveis para o caso (a de que o motorista não teria ouvido o barulho da queda do rodado e, por isso, não teria prestado socorro às vítimas).

A análise do Caso do Rodado e a função narrativa desempenhada pelos ouvintes reforçaram algumas outras observações anteriores, relacionadas, principalmente, à cobertura de acontecimentos inesperados e agendados. Em análises exploratórias, notamos que os ouvintes desempenham papéis de fontes de informação em casos de acontecimentos imprevistos, como acidentes, alagamentos ou tragédias. Nessa situação, eles são convocados com mais frequência e conquistam mais espaços na narrativa sonora – ainda que de modo indireto, mediados pela voz de um profissional. Em contrapartida, na cobertura de acontecimentos previstos, como paralisações e greves, percebemos que a emissora se instrumentaliza, aumentando o número de repórteres nas ruas, dependendo menos das contribuições da audiência – nestas situações eles passam a atuar como ouvintes comentaristas, com mensagens opinativas.

Em síntese, podemos assumir que o rádio, ainda que caracterizado como uma mídia de massa, é um veículo que, historicamente, busca estabelecer relações de interação com seus ouvintes por meio de diferentes canais. No contexto atual, diante de novas tecnologias e de uma postura mais ativa por parte da audiência, essas interações têm se mostrado mais intensas, frequentes e instantâneas, e, por conseguinte, com mais poder de interferência nas narrativas. Principalmente no jornalismo, o ouvinte de rádio desempenha distintas funções, desde a apuração de informações e cobertura de acontecimentos, até contribuindo com opiniões, críticas e sugestões. Essa possibilidade de diálogo mais direto com a audiência – ampliada em muito, no contexto atual, pelas mídias digitais – pode ser interpretada como uma característica peculiar ao rádio e as suas narrativas, constantemente pontuadas pelas interferências da audiência, ainda que de modo indireto. A essa especificidade acrescentamos outras três que consideramos relevantes para a discussão proposta nesta tese: a linguagem radiofônica, essencialmente sonora; a emissão de forma continuada; e a transmissão em tempo real – características que abordaremos no tópico a seguir.

3.3 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA RADIOFÔNICA²³

De acordo com Guarinos (2009), a narrativa radiofônica, como disciplina acadêmica, deriva da narrativa audiovisual, de onde também provêm as narrativas fílmicas, televisivas, infográficas, entre outras. A definição de narrativa radiofônica, para esta autora, se inscreve, portanto, no escopo da concepção da narrativa audiovisual, sintetizada por García Jiménez (apud GUARINOS, 2009, p. 16, tradução nossa) como:

ordenação metódica e sistemática dos conhecimentos que permitem descobrir, descrever e explicar o sistema, o processo e os mecanismos da narratividade da imagem visual ou acústica fundamentalmente considerada esta (a narratividade) tanto em sua forma como em seu funcionamento.²⁴

De modo semelhante, Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) compreendem a narrativa a partir da Linguística e da Literatura como um modo de relatar e transmitir os acontecimentos do mundo cotidiano. A narrativa radiofônica é explicada por estes autores como um “conjunto sistemático de regras e critérios para a análise teórica e descritiva do modo de contar”²⁵ no rádio (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 17, tradução nossa).

Meditsch (2007), por sua vez, aborda a narrativa como um gênero textual, contrapondo-o ao gênero expositivo. O autor recorre a Lage (1979) para distinguir os dois tipos de texto: o expositivo seria aquele que relata acontecimentos sem prender-se à sequência temporal dos fatos – tal qual o texto jornalístico das *hard news*, orientado pela técnica da pirâmide invertida –, enquanto o texto narrativo é aquele construído de forma sequencial, seguindo a ordem de ocorrência dos fatos. No rádio informativo, em que prevalece a cobertura jornalística tradicional, a estrutura textual predominante seria a expositiva. A

²³ As bases para o desenvolvimento deste tópico foram apresentadas no Congresso Nacional da Intercom, em 2016. No artigo (QUADROS, 2016) organizamos nossa reflexão a partir dos planos da narrativa indicados por Motta (2013b). Classificamos como Plano da Expressão as normas e convenções de cunho mais técnico relativas à construção do texto para o rádio e o emprego dos recursos sonoros e não sonoros. No Plano da Estória localizamos os procedimentos de apuração, a construção do *lead* e a caracterização das personagens na narrativa, de acordo com os preceitos do jornalismo. Por fim, o Plano da Metanarrativa, que se refere a o que as narrativas radiofônicas podem e querem nos ensinar, englobou as reflexões acerca dos vínculos sociais do rádio e seu papel mediador na sociedade.

²⁴ No original: “ordenación metódica y sistemática de los conocimientos que permiten descubrir, describir y explicar el sistema, el proceso y los mecanismos de la narratividade de la imagen visual y acústica fundamentalmente considerada ésta (la narratividade) tanto en su forma como en su funcionamiento”.

²⁵ No original: “[...] conjunto sistemático de reglas y criterios para el análisis teórico y descriptivo del modo de contar [...]”

narração ficaria restrita a alguns poucos momentos, principalmente no relato de notícias classificadas como *fait divers*.

As definições de narrativa radiofônica, apresentadas por Guarinos (2009), Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) e Meditsch (2007), estão alinhadas com a maior parte da bibliografia específica sobre rádio. Nas principais obras de caráter técnico e didático sobre radiojornalismo, o conceito de narrativa é aplicado sob um ponto de vista estrutural, designando o modo com que os elementos da notícia de rádio – tanto os elementos sonoros, quanto aqueles relativos ao acontecimento narrado – são articulados visando a relatar um fato, preferencialmente de forma linear. A narrativa radiofônica, nestas obras, de modo geral, designa o *formato* do texto radiofônico, enfatizando as técnicas de locução, redação e emprego de recursos sonoros.

Nossa proposta, nesta pesquisa, como já salientamos, é ampliar esta perspectiva. Partindo desta visada estrutural, propomos um novo olhar para a narrativa radiofônica, procurando identificar a narratividade também nos textos e programas típicos das notícias mais duras e, desta forma, reconhecer os valores e visões de mundo ali implícitos. A narratividade radiofônica alinhada à discussão conduzida no Capítulo anterior, também não se encontra no produto final, mas no *processo* de ordenamento, no uso de estratégias argumentativas e nas intenções subjacentes.

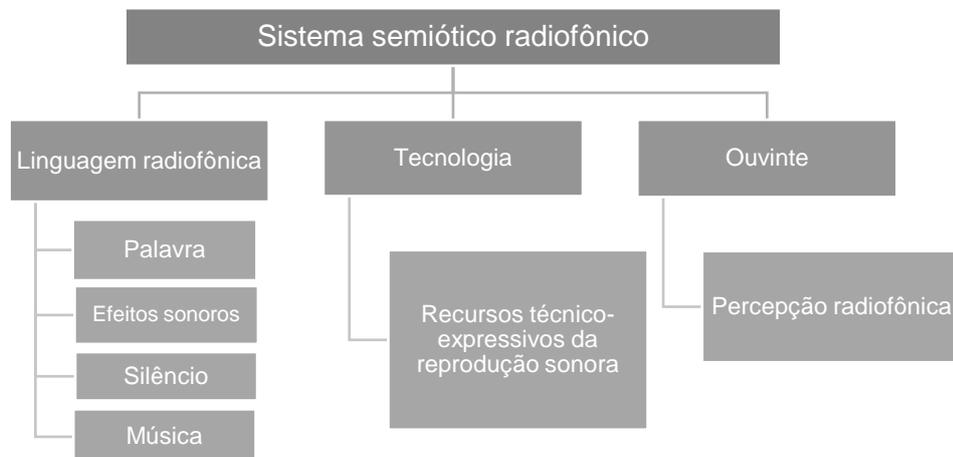
A fim de que, posteriormente, possamos analisar as narrativas configuradas pela Rádio Gaúcha, discutiremos, de forma mais detalhada, algumas das especificidades da narrativa radiofônica consideradas mais relevantes à discussão que conduzimos aqui: a linguagem radiofônica, a emissão continuada e a transmissão em tempo real.

3.3.1 A linguagem radiofônica

Balsebre (2007, p. 27, tradução nossa) define a linguagem radiofônica como “[...] o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio”.²⁶ O autor insere esses elementos dentro de um *sistema semiótico radiofônico* que compreende, ainda, o uso de recursos técnico-expressivos e a percepção sonora por parte do ouvinte:

²⁶ No original: “[...] el conjunto de formas sonoras y no-sonoras representadas por los sistemas expresivos de la palabra, la música, los efectos sonoros y el silencio”.

Figura 3 – Sistema semiótico radiofônico



Fonte: Balsebre (2007, p. 27, tradução nossa).

Balsebre (2007) compreende o rádio como um meio de expressão dotado de uma função estético-comunicativa e constituído, para além dos elementos linguísticos, também por aspectos técnicos e pela percepção e ressignificação da mensagem radiofônica pelo ouvinte. Trata-se, portanto, de um sistema complexo, em que as condições técnicas e a projeção de um ouvinte-imaginado têm papel fundamental no modo como os elementos linguísticos devem ser articulados.

Características do rádio apontadas por Ortriwano (1985) e Zuculoto, (2012) como a limitação à linguagem sonora (que, ao mesmo tempo em que demanda somente um sentido para consumo, libera o ouvinte para a realização de outras atividades), a mobilidade, o imediatismo na transmissão e a instantaneidade da recepção, somadas à sensorialidade e à autonomia, são condicionantes da narrativa radiofônica. Veremos, a seguir, por exemplo, que o uso de reiterações e repetições, sempre aconselhadas nos manuais de radiojornalismo, visa a contornar a fugacidade da mensagem radiofônica, consequência da instantaneidade. A construção de um texto claro, conciso e direto, da mesma forma, atende à necessidade de compreensão de forma simultânea à recepção, pois não há como voltar para reler um texto complexo. Já a autonomia do rádio, que permite o consumo individual, e a sensorialidade, que induz o ouvinte a um “diálogo mental” com o locutor, orientam o tom dialogal e, às vezes, até íntimo, adotado por muitos profissionais.

Percebe-se, desta forma, e como bem expôs Balsebre (2007) em seu sistema semiótico radiofônico, o quanto a narrativa radiofônica e as estratégias enunciativas empregadas pelos jornalistas são influenciadas pelas características técnicas do meio. Analiticamente, não há como separar todos os elementos que compõem esse sistema. É por isso que, diferente dos meios impressos, por exemplo, a narrativa no rádio envolve diversas “camadas”: o texto falado, a entonação da voz do locutor, a trilha de fundo, os efeitos sonoros, os ruídos da transmissão e até mesmo os silêncios, colaboram para a construção da mensagem radiofônica. Na ponta final, todos esses elementos adquirem significação pela percepção criativa do ouvinte.

Partindo dos quatro principais elementos apontados por Balsebre (2007) como constituintes da linguagem radiofônica, iniciamos refletindo acerca da *palavra* e sua função narrativa. Prado (1989) lembra que, ao redigir uma notícia para o rádio, o jornalista precisa considerar que aquele texto será ouvido por seu receptor. Essa é a premissa básica que orienta tanto a redação quanto a locução, e da qual derivam uma série de técnicas descritas nos mais diversos manuais de prática radiofônica.

Por se tratar de um texto veiculado em uma mídia efêmera, e que, *a priori*, é estritamente sonora, a notícia radiofônica demanda uma redação distinta dos demais meios de comunicação de massa que facilite a decodificação e interpretação instantânea do ouvinte. Para Meditsch (2007), a não permanência da mensagem radiofônica é um dos principais fatores que condicionam a construção do texto para o rádio em relação às outras mídias. Como o ouvinte não pode ouvir novamente a informação para esclarecer dúvidas, o texto radiofônico deve ser o mais claro possível, redigido em ordem direta e empregando estruturas gramaticais simples, afinal, como lembra Prado (1989, p. 33), “as formas complexas podem representar uma riqueza expressiva na literatura, mas são um obstáculo para a compreensão no rádio”.

Chantler e Harris (1998, p. 50-51, grifo no original) alertam que, ao escrever para o rádio, o jornalista “deve sentir que está contando uma história para alguém”, portanto deve “escrever de forma clara, enxuta, concisa, convincente e não empolada”. Para Porchat (1993, p. 99), a linguagem radiofônica deve ser “nítida, simples, rica, repetitiva, forte, concisa, correta, invocativa e agradável”. Os manuais de redação para rádio orientam, ainda, para o uso de vocabulário coloquial e a construção de frases curtas e diretas (sujeito-verbo-complemento), evitando, quando possível, as palavras estrangeiras, os jargões e termos excessivamente técnicos. O excesso de dados, as frases negativas, o emprego de adjetivos desnecessários e até mesmo de alguns pronomes, também são práticas desaconselhadas.

Quanto à estrutura da narrativa, Ferraretto (2000) observa a importância da hierarquização das informações no rádio e aponta o *lead* e a técnica da pirâmide invertida como modelos para a construção do texto, mantendo, porém, as características próprias da linguagem do meio. Assim, a notícia radiofônica deve sempre iniciar pelo aspecto mais importante do fato, respondendo às perguntas básicas: Que, Quem, Onde e Quando. Na sequência, apresentam-se os detalhes, informando o Como e os Porquês, sempre de forma concisa e lógica.

A ênfase nas questões mais importantes no rádio, além de seguir um dos modelos narrativos mais tradicionais do jornalismo, tem outra função: a de atrair a atenção do ouvinte. Como vimos, por demandar apenas um sentido, o rádio pode ser consumido de modo simultâneo a outras atividades. A atenção do ouvinte, por isso, é fugaz e precisa ser captada constantemente. Meditsch (2007) salienta que há uma diferença significativa entre o ouvir – ato pré-consciente – e o escutar – ação intencional. Considerando essa distinção, o autor lembra outras regras relacionadas à redação radiofônica responsáveis por captar o foco do ouvinte: a construção de frases de abertura chamativas, capazes de “vender” a matéria, a preferência por ideias concretas, em vez de conceitos abstratos, o uso da voz ativa, a preferência pelo tempo verbal presente, a intercalação de vozes e até mesmo o tom pessoal, direcionado ao ouvinte.

É em virtude, também, da condição fugidia da emissão radiofônica, que é recomendada a reiteração de informações e a repetição de palavras na redação para o rádio. “A condição irrecuperável da informação, na medida mesmo em que vai sendo difundida, obriga também o texto do rádio a utilizar mecanismos de reiteração, tanto em relação ao conteúdo global quanto em relação a sintagmas”, reforça Meditsch (2007, p. 184). É recomendável, nesse sentido, que as informações mais importantes e o nome de personagens ou entrevistados sejam repetidos com certa frequência, visando a auxiliar o processo de recepção e compreensão da mensagem pelo ouvinte.

Às recomendações relacionadas à construção do texto radiofônico somam-se questões ligadas à locução. Associada a outros elementos da linguagem sonora, a voz confere sentido e expressividade à narrativa. Ferraretto (2000, p. 307) observa que um texto pode ter significados diferentes, de acordo com a forma com que o locutor o narra: “as sutilezas e nuances vocais imprimem [...] a um mesmo discurso significados diversos”.

Segundo Balsebre (2007), ao ler um texto no rádio, buscando reproduzir a naturalidade e até certa intimidade peculiares da conversa, o locutor colabora para reforçar a sensação de proximidade com o ouvinte, explorando a sensorialidade, característica do rádio que

mencionamos anteriormente. Retomando Arnheim,²⁷ o autor salienta que alguns fatores da locução seriam capazes de produzir “cores” no som, ou seja, de atribuir ao texto um componente estético, que transcenderia o significado puramente linguístico. A harmonia, ao permitir a superposição ou justaposição de vozes em uma sequência, seria capaz de dar “relevo acústico” à narrativa e o ritmo contribuiria com a ordem e a proporção das sequências sonoras; já a melodia da narração seria responsável por encadear as sequências sonoras:

A melodia expressa também a noção de “continuidade”: a associação sintagmático-associativa entre as distintas partes do discurso temporal e sequencial radiofônico. [...]. A melodia é [...] a transição de um instante a outro da sequência sonora radiofônica, de um ponto a outro na descrição da paisagem sonora do rádio, continuidade temporal e continuidade sintagmática (BALSEBRE, 2007, p. 57-58, tradução nossa).²⁸

Contribui também para a construção das narrativas no rádio o *efeito sonoro*, outro elemento básico indicado por Balsebre (2007) como componente da linguagem radiofônica. O autor define os efeitos sonoros como “[...] um conjunto de formas sonoras representadas por sons inarticulados ou de estrutura musical, de fontes sonoras naturais e/ou artificiais, que restituem objetiva e subjetivamente a realidade construindo uma imagem” (p. 125, tradução nossa).²⁹ O barulho da chuva, o apito do trem, o relinchar de um cavalo e até mesmo sinais eletrônicos, como o *bip* que indica a hora, fazem parte do conjunto de sons que Balsebre identifica como efeitos sonoros.

Inicialmente usados na dramaturgia radiofônica e produzidos ao vivo, os efeitos sonoros passaram a ser empregados em diferentes produtos radiofônicos, com o objetivo de produzir efeitos de verossimilhança e ambientação com a realidade. São mais comuns em anúncios publicitários, peças ficcionais ou programas de entretenimento ou populares. No jornalismo, têm espaço limitado, geralmente sendo utilizados em grandes reportagens ou documentários radiofônicos. Meditsch (2007) salienta que há um limite ético para a manipulação da realidade em produtos jornalístico, que impede que os sons que remetem a referentes reais inseridos na narrativa jornalística possam ser criados artificialmente – caso

²⁷ O psicólogo alemão Rudolf Arnheim é autor do livro *Radio: an art of sound*, publicado em 1936 e traduzido para o espanhol em 1980 sob o título *Estética Radiofónica*.

²⁸ No original: “La melodía expresa también la noción de ‘continuidad’: la asociación sintagmático-asociativa entre las distintas partes del discurso temporal y secuencial radiofónico. [...] La melodía es [...] la transición de un instante a otro de la secuencia sonora radiofónica, de un punto a otro en la descripción del paisaje sonoro de la radio, continuidad temporal y continuidad sintagmática”.

²⁹ No original: “[...] un conjunto de formas sonoras representadas por sonidos inarticulados o de estructura musical, de fuentes sonoras naturales y/o artificiales, que restituyen objetiva y subjetivamente la realidad construyendo una imagen”.

contrário o jornalismo estaria ferindo um de seus princípios fundamentais associados ao compromisso com a verdade.

Balsebre (2007) enfatiza o caráter objetivo e subjetivo dos efeitos sonoros, responsáveis não somente por reproduzir sons que remetam a ideias concretas, mas também a conceitos abstratos, como o uso do som de ondas quebrando na praia para transmitir a ideia de tranquilidade, ou do tic-tac de um relógio para representar pressa e ansiedade. Nesse sentido, o autor classifica os efeitos sonoros quanto a suas funções, podendo ser ambientais ou descritivos, narrativos, expressivos ou ornamentais. Interessa-nos, particularmente, as duas primeiras funções.

Efeitos sonoros classificados como ambientais ou descritivos restituem a realidade objetiva, contribuindo para “localizar o relato e os personagens radiofônicos em um espaço ou paisagem sonora” (MARTÍNEZ-COSTA; DIEZ UNZUETA, 2005, p. 62, tradução nossa).³⁰ Quando associado à palavra, este tipo de efeito gera uma redundância simbólica que, principalmente no jornalismo, se converte em efeito de credibilidade, como explica Balsebre (2007, p. 126, tradução nossa):

Quando em uma reportagem radiofônica, o jornalista-repórter descreve verbalmente uma determinada ação/notícia desde um lugar concreto em uma rua de uma grande cidade, o ouvinte espera escutar, junto à palavra do repórter, murmúrios de pessoas, sons do trânsito urbano ou qualquer outro som ambiental que signifique convencionalmente a descrição jornalística.³¹

Os efeitos sonoros descritos por Balsebre são o que costumamos chamar de ruídos. Borges (2013) discute o papel do ruído como elemento de credibilidade no jornalismo. Ele, no entanto, distingue ruído de efeito sonoro argumentando que, enquanto o primeiro costuma ser espontâneo, o efeito sonoro se caracteriza como um som gravado, captado da natureza ou reproduzido artificialmente, mas essencialmente editado e manipulado, inserido na narrativa radiofônica de modo intencional.

De efeito indesejado, o ruído passou a ser aceito no jornalismo de rádio justamente por provocar o efeito de veracidade, testemunhando a presença da reportagem no local dos acontecimentos. Porchat (1993) alerta para o cuidado necessário com os sons de “fundo” a fim de que não prejudiquem a audição da notícia. Já Barbeiro e Lima (2001) defendem que,

³⁰ No original: “localizar el relato y los personajes radiofónicos en un espacio o paisaje sonoro”.

³¹ No original: “Cuando en un reportaje radiofónico, el periodista-reportero describe verbalmente una determinada acción/noticia desde un lugar concreto en una calle de una gran ciudad, el oyente espera escuchar, junto a la palabra del reportero, murmullos de personas, sonido del tráfico urbano o cualquier otro sonido ambiental que signifique convencionalmente la descripción periodística”.

quando relacionados ao fato relatado, os sons de ambiente ajudam a enriquecer a reportagem. O mesmo posicionamento tem Borges (2013), que vê o ruído como um diferencial da reportagem realizada *in loco*, capaz de transportar o ouvinte para o local do acontecimento, presentificando a notícia.

Retornando às funções dos efeitos sonoros, conforme Balsebre (2007), cabe discutirmos a função narrativa. Com base no autor, Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) explicam os efeitos sonoros narrativos como os sons que colaboram para a continuidade dramática ou narrativa de um texto radiofônico, principalmente ao marcarem transições de espaço e tempo ou atuarem como conectores entre sequências ou temáticas distintas. Neste sentido, badaladas de um relógio ou o canto do galo, por exemplo, desempenhariam papéis na narrativa radiofônica indicando a passagem do tempo, sem que seja necessário ao locutor reforçar essa informação verbalmente.

O terceiro elemento da linguagem radiofônica, conforme o sistema semiótico radiofônico de Balsebre (2007), é a *música*. Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) afirmam que há duas formas principais de uso da música no rádio: como conteúdo da programação, em caso de emissoras ou programas voltados para a transmissão musical; ou como linguagem, quando a música se integra aos demais elementos da mensagem radiofônica, formando cortinas, características, vinhetas ou servindo como fundo musical.³²

Como elemento da linguagem radiofônica, a música também pode ter distintas funções. Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) classificam-na como: referencial, expositiva ou ornamental; programática, descritiva ambiental e temporal; narrativa; ou expressiva. Para a configuração da narrativa jornalística radiofônica, a função programática é a que mais contribui. Conforme os autores, empregada deste modo a música colabora para a organização dos conteúdos, impondo ritmo e ajudando a construir a identidade do programa. Enquadra-se nesta função o uso da música nos formatos já mencionados – como vinhetas, cortinas e características – que funcionam como elementos de encadeamento da programação e identidade sonora dos programas.

A música também pode ser aplicada no jornalismo com uma função descritiva ambiental e temporal, e como fundo musical (*background*) ou complemento em determinadas produções, auxiliando a situar o ouvinte em um determinado contexto geográfico ou mesmo

³² Conforme Ferraretto (2014), a *característica* é uma música instrumental que identifica determinado programa, sendo executada no início e no fim de cada bloco e de cada transmissão; a *cortina* é um breve trecho musical que identifica ou separa um quadro ou parte de um programa; a *vinheta* assemelha-se à característica, diferenciando-se pela associação de texto à música; geralmente é usada para identificar a emissora, um programa, apresentador ou até mesmo patrocinador; já o *fundo musical* é o mesmo que BG (*background*), música instrumental executada em volume baixo enquanto o locutor lê o texto.

temporal. “Muitos estilos musicais se correspondem com regiões e épocas, portanto, a reprodução desses estilos ou uma imitação razoável podem evocar lugares”, explicam Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005, p. 54, tradução nossa).³³

A função narrativa, apesar da denominação, refere-se a um uso subjetivo da música, aplicado com mais frequência em produtos ficcionais ou em *spots* publicitários. Encaixam-se nessa função as aplicações de música para enfatizar um fato, identificar personagens ou, mesmo, estabelecer a continuidade e o encadeamento de cenas.

Em relação à música no jornalismo, Barbeiro e Lima (2001) recomendam cuidado na sonorização de reportagens, aplicando músicas de fundo apenas quando a temática comportar. Para Meditsch (2007), o uso desse recurso deve ser limitado a situações em que a música tem relação direta com a notícia (por exemplo, em matérias sobre um espetáculo ou a morte de um artista), como ruído próprio do lugar de onde se transmite a reportagem ou, ainda, como “embalagem” do radiojornalismo.

Por fim, o último elemento da linguagem radiofônica, conforme Balsebre (2007), é o *silêncio*. Haye (2005, p. 350) o define como os “lapsos sem sinais vibratórios, fragmentos temporais insonoros que possuem valor em si mesmos como elementos ativos de uma sequência temporal de caráter significativo”. Apesar de fundamental para a construção do texto radiofônico – constituído em sua essência por breves silêncios e sons (palavras) –, o silêncio como manifestação expressiva costuma ser pouco explorado no rádio, principalmente por estar associado à falha: “o ouvinte não aceita a ausência de som e interpreta a presença do silêncio como um ‘ruído’ ou informação não desejada (interrupção da emissão, interrupção da comunicação)” (BALSEBRE, 2007, p. 136, tradução nossa).³⁴

Alguns usos do silêncio, contudo, são explorados no jornalismo. Ferraretto (2014) lembra que o silêncio pode assumir uma função dramática na locução de notícias importantes. Balsebre (2007) também destaca o uso do silêncio como estratégia de entrevista, como forma de “constranger” o entrevistado, que, incomodado com o vazio sonoro, tende a preenchê-lo com respostas mais longas.

3.3.2 A emissão continuada

³³ No original: “Muchos estilos musicales se corresponden con regiones y épocas, por tanto, la reproducción de esos estilos o una imitación razonable pueden evocar lugares”.

³⁴ No original: “el radioyente no acepta la ausencia de sonido e interpreta la presencia del silencio como un ‘ruído’ o información no deseada (interrupción de la emisión, interrupción de la comunicación)”.

Depois de discutirmos as especificidades da linguagem radiofônica e como elas colaboram para a narratividade no rádio, avançamos para outra característica própria desta mídia: a emissão continuada. Guarinos (2009) explica que, assim como a televisão, o discurso radiofônico é construído de modo contínuo, articulando relatos e elementos discursivos diversos em uma sucessão, até constituir uma programação radiofônica.

A programação pode ser definida como o “conjunto organizado dos conteúdos veiculados por uma emissora de rádio” (FERRARETTO, 2014, p. 70). De modo geral, a maior parte das emissoras adota programações lineares,³⁵ compostas por unidades autônomas – os programas – que, apesar de fechados em si mesmos, se inter-relacionam. A programação radiofônica, portanto, não pode ser entendida como o agrupamento de conteúdos isolados, mas, sim, como um conjunto coerente, alinhado com a identidade, o segmento e o formato adotado pela emissora, e, dessa forma, refletindo seu posicionamento, visões de mundo e o público-alvo.

De acordo com Martínez-Costa (2011), a continuidade informativa de uma programação é construída relacionando-se as unidades programáticas por meio de *giros de transição* e *elementos de continuidade* narrativa. Os giros de transição são enlaces funcionais que podem ser expressos por elementos sonoros da linguagem radiofônica – cortinas ou vinhetas, por exemplo – que atuam como índices, preparando o ouvinte para uma determinada notícia, atração ou programa. Podem ser também verbais (os nexos de palavra), auxiliando na aproximação entre diferentes notícias dentro de um bloco informativo de acordo com critérios temáticos, geográficos ou temporais. “*Ainda* nesta segunda-feira, o governador assinou mais um decreto” ou “A chuva de ontem *também* causou estragos no interior do Estado”, são alguns exemplos de nexos verbais que contribuem para a construção da continuidade programática no rádio. Nesse mesmo sentido, o que a autora define como continuidade narrativa pode ser entendida como estratégias retóricas, empregadas com o objetivo de conectar as informações e conteúdos dentro de um bloco ou programa: “Com a continuidade o editor apresenta a notícia, a introduz sem esvaziá-la de conteúdo, mas adiantando as chaves necessárias para a sua correta interpretação” (MARTÍNEZ-COSTA, 2011, p. 116, tradução nossa).³⁶

³⁵ De acordo com Ferraretto (2014), são três os principais tipos de programação: linear, em mosaico e em fluxo. Enquanto os dois primeiros caracterizam-se pela articulação de unidades fechadas em si (os programas), o último tipo constitui-se uma emissão única e constante, dividida por faixas.

³⁶ No original: “Con la continuidad el editor presenta la noticia, la introduce sin vaciarla de contenido pero adelantando las claves necesarias para su correcta interpretación”.

Por meio da emissão continuada, portanto, a narratividade do rádio informativo se estende para além da notícia, como unidade autônoma (microtexto), pressupondo uma narratividade intermediária no interior de cada programa, e ampliada, englobando a grade de programação como um todo (macrotexto). Considerar a narrativa radiofônica sob esse prisma, implica empregar estratégias específicas de construção textual – que se situam, de acordo com a perspectiva metodológica de Motta (2013b), no plano da expressão –, mas, também, pensar estrategicamente o desenrolar fragmentado das histórias narradas ao longo de distintos programas, reflexão que se situa no plano narrativo da estória.

Para Amoedo Casais (2011), no rádio informativo a preocupação com a atualidade impera sobre a programação, demandando uma coerência narrativa. Na construção da pauta jornalística, cada emissora aposta, diariamente, na cobertura de determinados conteúdos ou fatos da atualidade. A programação informativa exige que haja uma continuidade na atualização dessas informações ao longo do dia, uma atuação constante sobre os fatos, que apresente também diferentes perspectivas ou enfoques.

Esse seguimento de uma determinada pauta é mais perceptível em coberturas de acontecimentos importantes. Meditsch (2007) denomina estas situações de *séries temáticas*, em que um fato relevante motiva “uma abordagem sistemática e continuada do tema, sob vários ângulos ao longo da programação” (p. 198). Na cobertura cotidiana de acontecimentos corriqueiros, contudo, essa coerência narrativa também pode ser observada. É o caso das notícias sobre trânsito ou clima, tão frequentes na programação do rádio informativo e que costumam permear toda a programação em uma atualização contínua. Na Rádio Gaúcha, por exemplo, a reportagem volante participa com entradas ao vivo em todos os programas, nem sempre com informações novas, mas, principalmente, com atualizações: que ruas ou rodovias seguem congestionadas e em quais o fluxo diminuiu, onde há acidentes ou interrupções no tráfego e onde o trânsito já foi liberado, em que localidades chove e em quais bairros as temperaturas oscilam mais. A reportagem de rua, dessa forma, constrói diariamente uma narrativa contínua sobre assuntos ordinários, comuns aos espaços urbanos.

No âmbito textual e da montagem radiofônica, o uso de suítes e as reiterações de informações contribuem para conectar as unidades narrativas. As suítes são definidas por Jorge (2008) como o elemento que dá continuidade a um assunto anterior, visando a situar o ouvinte e funcionando como ponto de ancoragem para novas informações. Elas podem se apresentar no formato de manchetes, *teasers* (breve chamada de uma notícia) ou comentários do locutor. As reiterações, como já vimos anteriormente, buscam contornar a efemeridade da

mensagem radiofônica, também situando a audiência volátil do rádio sobre os acontecimentos narrados.

Na esfera da produção, Amoedo Casais (2011) alerta para a necessidade do planejamento da pauta no rádio entre editores e produtores de todos os programas que compõem a grade de programação, objetivando, justamente, a complementaridade entre as distintas unidades. Ele exemplifica citando a realização de uma entrevista com uma determinada personagem em um programa matinal. Sendo um fato relevante, provavelmente a mesma pauta será abordada novamente na programação ao longo do dia. A realização de uma nova entrevista com a mesma personagem, contudo, torna-se desnecessária, cabendo somente a edição do material já produzido para inserção fragmentada em programas posteriores. Nesse sentido, Amoedo Casais (2011, p. 174, tradução nossa) reforça que a produção informativa diária deve basear-se em dois princípios: “a organização da informação para ser tratada ao longo de toda a programação e a coordenação das equipes para aproveitar um máximo rendimento de trabalho”.³⁷

A percepção da continuidade na narrativa radiofônica também é abordada por Balsebre (2007), que revela uma importante dualidade: a continuidade é real, mas também espetacular. A continuidade real está relacionada ao plano da expressão, sendo constituída pela montagem radiofônica e pelo emprego de mecanismos de coesão e coerência, responsáveis por conectar todas as partes da narrativa, como já vimos com Martínez-Costa (2011) e Amoedo Casais (2011). Já a continuidade espetacular se dá entre a mensagem radiofônica, como expressão de um mundo real, e a imagem sonora configurada pelo ouvinte no momento da recepção – ou seja, na transição entre mimese II e mimese III, para aproximarmos-nos do aporte teórico da narrativa. Pela manipulação técnica de recursos sonoros, portanto, o rádio cria uma nova realidade radiofônica, que “conserva seus contornos sonoros, mas constrói ao mesmo tempo uma realidade distinta da materialmente real, alterando suas dimensões espaço-temporais” (BALSEBRE, 2007, p. 144, tradução nossa).³⁸ Essa realidade sonora, segundo o autor, teria uma dimensão expressiva responsável por provocar reações na audiência. A mensagem radiofônica, assim, mesmo a de caráter informativo, não poderia ser tomada como um reflexo da realidade, mas, sim, uma recriação dotada de subjetividades e intencionalidades.

Amparando-se em Balsebre (2007), Guarinos (2009) reforça que o rádio provoca a geração de imagens sonoras. Ao articular narrativamente sons já estabelecidos na sonosfera

³⁷ No original: “la organización de la información para ser tratada a lo largo de toda la programación y la coordinación de los equipos para aprovechar un máximo rendimiento del trabajo”.

³⁸ No original: “conserva sus contornos sonoros, pero construye al mismo tiempo una realidad distinta a la materialmente real, alterando sus dimensiones espacio-temporales”.

humana, estes adquirem uma nova significação, configurando uma representação sonora da realidade, que se transforma em representação visual pela ação interpretativa do ouvinte. Para a autora, contudo, a realidade que é recriada no imaginário do ouvinte precisa ser conduzida por uma continuidade que articule cenários, personagens e ações, configuradas pela narrativa radiofônica. Dessa forma, continuidade real e espetacular se complementam e compõem o que Balsebre (2007) chama de *continuidade dramática da realidade*: “a continuidade real espetacular é continuidade dramática pela qual a imagem sonora projeta sobre o ouvinte uma relação afetiva, consequência também de seu nível de significação conotativo-simbólico” (p. 146, tradução nossa).³⁹

A construção da continuidade espetacular implica, portanto, ação do ouvinte, que deverá valer-se das “pistas” deixadas na programação para reconstruir a história narrada a partir dos seus fragmentos apresentados ao longo dos diferentes programas de uma emissora. Essa narrativa ampliada, apresentada pelo rádio e reconstruída pelo ouvinte, contém a representação sonora não somente de um determinado acontecimento, mas reflete, também, a realidade de um determinado tempo e espaço, valores e relações sociais vigentes. Cada unidade que constitui um programa de rádio é uma micronarrativa. O modo como essas micronarrativas são organizadas dentro dos programas e da programação visa a imprimir ordem e sentido à realidade. Os critérios de seleção das notícias na programação influenciam diretamente sobre a forma como os ouvintes irão perceber e compreender os acontecimentos do seu entorno – pelo contrato de comunicação estabelecido entre o rádio e seus ouvintes, estes interpretam as notícias que ouvem diariamente como os fatos mais importantes e atuais, mesmo que essa hierarquização não seja explícita na narrativa.

Dada sua característica efêmera e atuação em tempo real, como veremos a seguir, a narrativa no rádio é construída quase que simultaneamente aos acontecimentos, sendo atualizada constantemente e de modo fracionado. A compreensão e a interpretação do fato narrado dependem, portanto, da adoção do olhar narrativizante de Leal (2006), que vimos no Capítulo anterior. É mediante esse olhar⁴⁰ que o ouvinte de rádio constrói uma única narrativa radiofônica, conectando todos os fragmentos – notícias, reportagens, entrevistas, comentários, suítes, efeitos sonoros e até mesmo entonações de voz – de forma coerente, valendo-se de seus próprios referenciais e vinculações sociais para atribuir sentidos à mensagem. Ao

³⁹ No original: “la continuidad real espectacular es continuidad dramática, por lo cual, la imagen sonora proyecta sobre el radioyente una relación afectiva, consecuencia también de su nivel de significación connotativo-simbólico”.

⁴⁰ O termo “escuta” provavelmente seria mais adequado aqui, no entanto optamos por manter o conceito original proposto pelo autor.

observarmos, portanto, a programação radiofônica com um olhar narrativizante, podemos identificar quais temas e valores sociais norteiam a configuração das narrativas de uma determinada emissora, região ou época.

3.3.3 Radiojornalismo em tempo real

Mencionamos anteriormente o imediatismo como uma das características do rádio que condiciona a construção do texto e o uso dos demais elementos da linguagem sonora. Discutiremos, agora, a influência dessa característica na configuração das narrativas radiofônicas sob outra perspectiva, considerando o conteúdo narrado. Nossa hipótese aqui é de que a transmissão em tempo real, tão peculiar ao rádio, provoca modificações na narrativa jornalística tradicional, deixando transparecer os bastidores do processo produtivo da notícia. Observamos essa especificidade da narrativa radiofônica em pesquisa anterior (QUADROS, 2017), quando, ao analisarmos a cobertura de um acontecimento inesperado pela Rádio Gaúcha, percebemos que, em razão da imediaticidade da transmissão, procedimentos de apuração, checagem e até mesmo correção de informações, foram realizados ao vivo, fazendo parte da narrativa veiculada pela emissora.

De acordo com Ortriwano (1985), o imediatismo é a capacidade do rádio de transmitir os fatos no instante em que eles ocorrem. Até alguns anos – antes da ascensão da web e do webjornalismo – essa era uma característica muito própria do rádio, livre dos rígidos *deadlines* do jornalismo impresso e contando com um aparato técnico de transmissão mais fácil e viável de ser movimentado do que a televisão. Ferraretto (2000, p. 33), ao comparar o rádio aos demais meios de comunicação de massa quanto à velocidade da mensagem jornalística, reforça essa particularidade, caracterizando o rádio como um “veículo ágil em que a transmissão de um acontecimento de seu palco de ação depende, geralmente, de uma linha telefônica”, o que faz com que o rádio seja “capaz de noticiar rapidamente o fato, podendo narrá-lo em paralelo à sua ocorrência”.

Mas o que isso representa para o jornalismo? Meditsch (2007) discute a condição do ao vivo na radiodifusão a partir da noção de temporalidade. O autor lembra que o jornalismo se caracteriza por uma dupla contemporaneidade, ou seja, é capaz de construir relatos atuais sobre acontecimentos atuais. Essa dupla contemporaneidade, entretanto, se manifesta com maior êxito no rádio⁴¹, em que a periodicidade do jornalismo é superada pela simultaneidade

⁴¹ A dupla contemporaneidade do jornalismo também pode ser observada em determinadas coberturas ou transmissões em tempo real, principalmente na televisão e em mídias digitais.

tanto entre a enunciação e o acontecimento narrado, quanto entre a enunciação e a recepção da notícia.

Apesar de tornar viável a equivalência temporal entre o enunciado, a enunciação e a recepção, a maior parte do conteúdo veiculado no rádio é essencialmente diferido (gravado ou redigido previamente), ainda que preserve em sua linguagem características do *ao vivo*. Meditsch (2007, p. 209-210, grifos do autor) analisa: “A observação do papel predominante do diferido no discurso do radiojornalismo, por um lado, e do caráter efetivamente *vivo* do enunciado radiofônico, por outro, conduz a um paradoxo: o rádio faz *ao vivo* um discurso predominantemente diferido”.

A fim de explicar esse paradoxo temporal, o autor classifica a condição *ao vivo* do rádio em quatro graus. O primeiro grau identifica a simultaneidade entre emissão e recepção, não implicando equivalência entre a produção do enunciado e a enunciação. É uma característica intrínseca do rádio, identificada por Ortriwano (1985) como instantaneidade. O *vivo em primeiro grau*, assim, é o da simultaneidade entre o tempo do enunciado e o tempo da vida real, sendo observado pela isocronia alcançada pelo fluxo contínuo das transmissões.

Acrescentando-se a essa equivalência temporal entre emissão e recepção a atuação do locutor, tem-se o *ao vivo em segundo grau*. Aqui, o texto é construído previamente, mas a locução se dá em tempo real (ou busca simular um discurso *ao vivo*). Besspalhok (2006), assim como Meditsch (2007), reforça que o conteúdo diferido é predominante no rádio, apesar de ser frequentemente mascarado: “Muita coisa é preparada e gravada de antemão, mas, ofuscada pela simultaneidade da transmissão, a condição do diferido passa muitas vezes despercebida pelo ouvinte”, alerta Besspalhok (2006, p. 5). A pesquisadora salienta que, mesmo sendo eticamente condenável, muitos apresentadores costumam “dialogar” com gravações. Sem o recurso da imagem, os ouvintes são iludidos com a ideia de uma interação em tempo real, efeito que tende a despertar a empatia do público.

Com o *ao vivo em terceiro grau*, o rádio alcança outro nível de simultaneidade, dessa vez entre a elaboração do texto e sua enunciação. Nestes casos não há roteiro ou planejamento prévio do conteúdo a ser veiculado; é o improviso que rege esse tipo de transmissão, mais frequente, de acordo com Meditsch (2007), em interações verbais em tempo real ou na cobertura de acontecimentos inesperados.

Por fim, o último e mais alto grau do *ao vivo* radiofônico implica isocronia total entre quatro tempos: o do acontecimento, da produção (construção do texto), da enunciação (locução) e o da recepção. O *ao vivo em quarto grau*, assim, é o que melhor caracteriza uma

transmissão em direto, ocorrendo, geralmente, na cobertura simultânea de acontecimentos previstos e inesperados.

O ao vivo em quarto grau se aproxima do tipo de reportagem que Prado (1989) denomina *reportagem simultânea*, em contraposição à reportagem diferida. Nesse formato, a narração ocorre paralelamente ao desenrolar dos fatos, exigindo do repórter um exercício de valoração constante sobre as informações mais relevantes, além de uma alta capacidade de improvisação. O autor também alerta para a ausência de controle sobre a curva de tensão da reportagem, responsável por prender a atenção do ouvinte. Na reportagem diferida, quando incidem ações de edição e montagem, o fio condutor da narrativa é controlado pelo jornalista. Na reportagem simultânea, em que o desenrolar do próprio evento narrado impõe o ritmo da enunciação, existem picos de tensão que se alternam com períodos de estabilidade. A instabilidade dos acontecimentos, porém, não pode prejudicar a narrativa: cabe ao rádio retomar o controle sobre a condição de enunciação recorrendo a fatos adjacentes, precedentes e dados complementares (PRADO, 1989).

As reportagens simultâneas, tanto em terceiro ou quarto graus, apesar de frequentes no rádio contemporâneo, somente passaram a fazer parte da programação radiofônica a partir da década de 1950, após a chegada da televisão e o fim da chamada “Era de Ouro” do rádio. De acordo com Zuculoto (2012), nesse período uma série de inovações tecnológicas deram novo fôlego ao meio: o transistor permitiu a recepção individualizada, a Frequência Modulada incentivou a segmentação das emissoras e as unidades móveis, os gravadores magnéticos e uma série de outras tecnologias viabilizaram as reportagens de rua e as entrevistas ao vivo. A redação prévia das notícias, seguindo as regras de concisão e objetividade ensinadas pelos manuais, foram gradativamente perdendo espaço para o improviso e o tom mais coloquial. Um avanço que foi possível também pelo fim da censura imposta pela Era Vargas e seu Departamento de Imprensa e Reportagem.⁴²

Chegando à fase atual, Zuculoto (2012) analisa a notícia radiofônica constatando sua evolução contínua, inclusive com a intensificação das intervenções ao vivo da reportagem – hoje ainda mais facilitadas pelas tecnologias digitais e a telefonia móvel.

Os manuais de redação permanecem determinando a utilização de linguagem coloquial, frases curtas, informações objetivas e em ordem direta. Porém,

⁴² Alguns anos mais tarde, com a Ditadura Militar, o improviso na reportagem radiofônica foi novamente cerceado pelo controle do governo. Para Zuculoto (2012, p. 117), a censura sobre o conteúdo da notícia, nesse período, teve reflexos no formato: “o comentário e o ‘ao vivo’, que já poderiam ser mais desenvolvidos nesta época pelas inovações técnicas que permitem veiculações mais instantâneas e imediatas, ficaram refreados em função da censura”.

como cada vez mais se trabalha com a instantaneidade e a simultaneidade, por meio do “ao vivo” e mesmo com o imediatismo, a linguagem se aproxima ainda mais do tom coloquial, mas se liberta das regras dos manuais. Não havendo redação prévia, para posterior leitura ou gravação, é preciso improvisar e a notícia acaba indo ao ar como se fosse uma conversa com o ouvinte (ZUCULOTO, 2012, p. 164-165).

Incide sobre esse novo contexto uma tendência que Moretzsohn (2002) denominou de “fetichismo da velocidade”: um paradoxo entre a busca pela verdade, tão cara ao jornalismo, e a necessidade da informação em tempo real, em resposta à aceleração do tempo, ditada pelo modelo capitalista, e a influência da tecnologia. Meditsch (2007) reforça esse ponto de vista argumentando que a exacerbação da dupla contemporaneidade do rádio leva a uma efemeridade da mensagem radiofônica ainda mais intensa. A viabilidade técnica da simultaneidade, principalmente em seus graus mais altos, associada à concorrência entre os meios, leva cada vez mais as emissoras de rádio a optarem pela “edição ao vivo”, abrindo mão das possibilidades de aprofundamento e edição das reportagens diferidas. Além disso, sem dispor do mesmo tempo de apuração e redação que outros veículos, a narrativa radiofônica, configurada em tempo real, torna-se ainda mais fragmentada e suscetível a imprecisões, sendo construída pelo repórter ao longo da programação, à medida que os fatos são apurados. O radiojornalismo, dessa forma, ganha em agilidade, mas perde em qualidade: o velho lema “*get it first, but first get it right*”⁴³ acaba submetido à lógica da velocidade, resultando, com frequência, na divulgação de informações falsas ou imprecisas (MORETZSOHN, 2002).

Por outro lado, contudo, a apuração e edição ao vivo, desveladas nas reportagens simultâneas, assumem também o propósito de provocar efeitos de sentido. O ao vivo tende a despertar a empatia do público que se sente incluído, como se testemunhasse, junto com o repórter, o desdobramento dos fatos. Além disso, a transparência das ações da reportagem, a narração coloquial e o ambiente sonoro, enriquecido pelos ruídos próprios do local da cobertura, contribuem para provocar efeitos de veracidade, como que comprovando a presença do repórter no palco dos acontecimentos. Mais do que isso, a reportagem externa e ao vivo, conforme Jung (2013), confere credibilidade à notícia e seduz o ouvinte.

Fechine (2006) discute a transmissão direta no telejornalismo, mas suas considerações vão ao encontro dessa valorização do ao vivo também no rádio. A autora defende que essa tendência gera um *sentido de presença*, responsável pela construção de três outros efeitos: de

⁴³ O famoso *slogan* da *United Press International*, agência de notícias norte-americana, pode ser traduzido como “consiga primeiro, mas primeiro consiga certo”.

autenticidade, vigilância e interação. Segundo a pesquisadora, ao acompanhar uma transmissão concomitante à própria ocorrência dos fatos, o espectador tende a crer que aquela narrativa é mais verdadeira, justamente por não passar pela edição posterior. Nesse sentido, a incorporação na narrativa de erros, imprevistos ou problemas técnicos, tornam-se aceitáveis e interpretados como “marcas da fidedignidade da transmissão e do que é transmitido” (FECHINE, 2006, p. 145).

A sensação de prontidão também tem impacto positivo para o veículo. Esse sentido é suscitado pelas constantes entradas do repórter na programação para atualizar uma determinada situação, ainda que, muitas vezes, isso ocorra sem o acréscimo de novas informações. A sensação de presença, neste caso, assegura ao ouvinte que a emissora está vigilante, pronta para informá-lo sobre qualquer novidade (FECHINE, 2006).

Refletimos, até este ponto, acerca das bases teóricas que fundamentam nosso entendimento do jornalismo como uma narrativa argumentativa, capaz de ordenar a realidade caótica em enredos coerentes e efêmeros, dotados de vinculações sociais específicas aos contextos em que estão inseridas. Transportamos esta perspectiva para o jornalismo de rádio, compreendendo como as particularidades e limitações do meio condicionam a configuração das narrativas radiofônicas. No próximo Capítulo apresentamos nosso percurso metodológico e os resultados da análise empírica, observando nas narrativas radiofônicas selecionadas que critérios e circunstâncias influenciaram o acionamentos e a concessão de voz aos ouvintes.

CAPÍTULO 4 – DESVELANDO AS NARRATIVAS RADIOFÔNICAS

Avançando em nossa investigação, buscando perceber o lugar ocupado pelo ouvinte nas narrativas radiofônicas, apresentamos neste Capítulo os resultados da análise empírica. Retomando nossos objetivos de pesquisa, observamos, nas narrativas configuradas pelo rádio que critérios e circunstâncias influenciaram os jornalistas no acionamento dos ouvintes interagentes elevando-os à posição de narradores terciários e personagens das narrativas. Frisamos que nossa perspectiva aqui é a da instância da produção. Ou seja, não é nosso foco descortinar as intenções ou motivações que levam os ouvintes a interagir, tampouco discutir a interatividade entre o rádio e sua audiência; é o processo de configuração das narrativas jornalísticas radiofônicas, desde o ponto de vista do jornalismo, que nos interessa.

Sendo assim, iniciamos este Capítulo apresentando nosso objeto empírico – a Rádio Gaúcha e, especificamente, o programa Gaúcha Atualidade. Em seguida, complementando o Capítulo 2, detalhamos os critérios de composição do nosso *corpus* de pesquisa, bem como os movimentos e operadores aplicados na análise. Por fim, relatamos, de modo individualizado, a análise de cada uma das narrativas selecionadas. A discussão comparativa e crítica dos resultados obtidos nesta etapa será exposto no Capítulo 5, a seguir.

4.1 A RÁDIO GAÚCHA E O PROGRAMA GAÚCHA ATUALIDADE

Emissora FM mais ouvida na Região Metropolitana de Porto Alegre, conforme medição realizada pela Kantar Ibope Media, entre os meses de abril e julho de 2017 (EXCLUSIVO..., 2017), a Rádio Gaúcha tem assegurado sua liderança no mercado radiofônico gaúcho há 26 meses consecutivos, conforme informações da própria emissora.⁴⁴ Boa parte desse desempenho se deve à estratégia de reforço da marca “Gaúcha”⁴⁵ como sinônimo de fonte de informação, desprendendo-se, inclusive, das limitações técnicas do meio rádio e expandindo sua atuação para outras plataformas, principalmente seu site institucional, sites de redes sociais e aplicativos para *smartphone* (QUADROS, 2013).

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/gaucha/>>.

⁴⁵ Em setembro de 2017, o Grupo RBS anunciou o lançamento de um novo produto de comunicação digital agregando os conteúdos produzidos pela Rádio Gaúcha e o Jornal Zero Hora: o GaúchaZH.com A nova plataforma permite ouvir a Gaúcha via *streaming*, ler notícias, assistir vídeos e interagir com a rádio ao vivo via Whatsapp e Facebook Live. É possível também, para assinantes, ler as edições digitais de Zero Hora. As plataformas originais impressa de Zero Hora e o *on air* da Gaúcha seguem independentes. Já nas redes sociais, os perfis dos dois veículos foram unificados (GRUPO RBS..., 2017).

Em virtude desse protagonismo no cenário contemporâneo da radiofonia e, principalmente, de suas estratégias interativas, é que escolhemos a Rádio Gaúcha como objeto empírico de nossa pesquisa. A adoção, por parte da emissora, de ferramentas de interação e o amplo incentivo à participação dos ouvintes ao longo da programação, são diferenciais que tornam a rádio um objeto profícuo para o estudo da influência do público na configuração das narrativas jornalísticas.

A fim de contextualizar e qualificar a justificativa pela escolha da Rádio Gaúcha como nosso objeto empírico, apresentamos, na sequência, um breve panorama sobre a trajetória histórica da emissora desde sua fundação até os dias atuais, tomando como referências Ferraretto (2002, 2007), Schirmer (2002) e Klöckner (1997). Em seguida, descrevemos o programa Gaúcha Atualidade, de onde coletamos as narrativas analisadas.

Em 9 de fevereiro de 1927, foi fundada a Rádio Sociedade Gaúcha, resultado da mobilização de um grupo de entusiastas da radiofonia em Porto Alegre, carentes de uma emissora local, após a breve existência da Rádio Sociedade Rio-Grandese.⁴⁶ Mantida com as doações dos sócios, a Gaúcha foi inaugurada em 19 de novembro de 1927, com a transmissão de um programa de música erudita e canto lírico.

Ao longo das três décadas seguintes, a emissora aumentou a potência de transmissão, qualificou a estrutura física e de pessoal, consolidou uma grade de programação e alterou sua figura jurídica, tornando-se sociedade civil com fins comerciais. Nos anos 1950, durante o período que ficou conhecido como a “Era de Ouro” do rádio, a Gaúcha conta com uma estrutura invejável. Na época em que as radionovelas e os programas de auditório concentravam a atenção do público, a Gaúcha mantinha um elenco de 36 profissionais de radioteatro, uma orquestra com 18 músicos, um acervo com 60 mil discos, além de equipamentos para transmissões externas.

Em 1957, assume a direção da emissora um grupo formado por Arnaldo Ballvé, Frederico Arnaldo Ballvé, Maurício Sirotsky Sobrinho e Nestor Rizzo, dando início ao que, hoje, pode ser considerado o principal conglomerado de comunicação da região Sul do Brasil: a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS). Alguns anos mais tarde, em 1962, é inaugurada a TV Gaúcha, afiliada à Rede Globo de Televisão em 1967 e hoje conhecida como RBS TV. Em 1970, o grupo compra o jornal Zero Hora, constituindo os pilares do grupo RBS até os dias atuais.

⁴⁶ A primeira associação radiodifusora de Porto Alegre, que chegou a contar com 300 sócios, manteve transmissões somente de setembro até novembro de 1924 (FERRARETTO, 2002).

De volta à história da Rádio Gaúcha, o processo de segmentação da emissora, com o direcionamento para uma programação jornalística, teve início com a chegada da década de 1970, período marcado pela queda nos índices de audiência. Sob a influência do modelo de rádio norte-americano, trazido para a Gaúcha por Nelson Sirotsky, filho de Maurício Sirotsky, a emissora vai, lentamente, migrando de uma programação mais popular para o jornalismo 24 horas por dia. Logo, a música vai cedendo espaço às entrevistas, programas de debate, sínteses noticiosas e coberturas externas, reforçando o slogan da emissora no início dos anos 1980: “Gaúcha – a fonte da informação”.

Consolida-se, nessa fase, a identidade da Rádio Gaúcha como emissora de radiojornalismo, combinando elementos dos formatos *all talk* e *all news* (também importados dos Estados Unidos). Klöckner (1997) define o formato da emissora como *talk and news*, em que as notícias são transmitidas de forma direta e dinâmica (*news*) e, a seguir, são comentadas e discutidas (*talk*): “Mais que um veículo meramente informativo, a Rádio Gaúcha desenvolve um jornalismo analítico” (KLÖCKNER, 1997, p. 24). A grade de programação passa a dividir-se, principalmente a partir da década de 1980, em programas jornalísticos (de notícias, entrevistas e debates) e programas de jornalismo esportivo (jornadas esportivas e mesas redondas).

No início dos anos 1990, o Sistema RBS Rádio era composto por 20 emissoras, instaladas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Neste período, a Gaúcha define com maior precisão sua proposta editorial e público-alvo: sua programação de cunho jornalístico é construída visando a atingir ouvintes com idade superior a 25 anos, com formação mínima equivalente ao Ensino Médio, pertencentes às classes A, B e C.

Em 1994, é formada a Rede Gaúcha SAT: uma rede de rádios via satélite, tendo como cabeça a emissora porto-alegrense. Inaugurada em 1994, atualmente a Gaúcha SAT é composta por um total de 143 emissoras localizadas em sete Estados brasileiros, que transmitem a programação da Gaúcha em cadeia.⁴⁷

Em 2012, a Gaúcha iniciou sua própria rede de emissoras, que, atualmente, conta com três afiliadas: em Santa Maria (Gaúcha Santa Maria), Caxias do Sul (Gaúcha Serra) e Rio Grande (Gaúcha Zona Sul). As três emissoras retransmitem a programação da Gaúcha Porto Alegre, com espaços reservados para a produção local de jornalismo.

Desde maio de 2008 a Gaúcha transmite simultaneamente em Amplitude Modulada (600 kHz) e Frequência Modulada (93,7 MHz). A rádio também pode ser ouvida pelos canais

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/gaucha/>>.

de áudio de TVs por assinatura (no canal 407 da SKY, 300 da NET Digital e 175 da Claro TV), via *streaming*, pelo site <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/>> e nos aplicativos (*APPS*) da rádio para *smartphone*.⁴⁸ Já o conteúdo multiplataforma da emissora está disponível no site institucional e também nos perfis da rádio em sites de redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e Google+.

O incentivo à interação dos ouvintes pode ser facilmente notado em qualquer audição da programação da Rádio. Durante a maior parte dos programas, os apresentadores convidam os ouvintes a enviarem sugestões, informações ou questionamentos, lembrando, com frequência, o telefone para contato via WhatsApp, atualmente a principal ferramenta de interação utilizada.

Da programação da Rádio Gaúcha selecionamos o programa Gaúcha Atualidade para a coleta das narrativas. Veiculado de segunda à sexta-feira, das 8h10 às 10h, o programa completou, em 2017, 40 anos na grade de programação da emissora. Sob o comando de Jorge Alberto Mendes Ribeiro, o “Atualidade”, como era denominado, foi ao ar pela primeira vez em 1º de agosto de 1977. Concebido para concorrer com o “Agora”, da Rádio Guaíba (principal emissora concorrente na época), o programa da Gaúcha destacava notícias do Estado e do país (RUTILLI; KLÖCKNER, 2017).

Ao longo de suas quatro décadas, o Gaúcha Atualidade foi ancorado por quatro profissionais: Mendes Ribeiro, entre 1977 e 1992, Armino Ranzolin, de 1992 até 2006, André Machado, 2006 a 2013, e Daniel Scola, que comanda o programa desde 2013. O formato atual foi sendo construído ao longo dos anos, com mudanças graduais, especialmente na preparação da pauta e modelo de apresentação, além da adaptação constante às novas tecnologias.

Rutilli e Klöckner (2017), ao reconstituírem a história do Gaúcha Atualidade, principalmente por meio de entrevistas, observaram algumas características recorrentes. Segundo os pesquisadores, são marcos do programa a condução de entrevistas sobre política e outros temas relevantes; a proposta diferenciada de apresentação, interligando estúdios em cidades distintas (desde 1986 o programa conta com um apresentador que faz o programa desde Brasília); a sincronia entre âncora e equipe de produção ou produtor; e, por fim, a inter-

⁴⁸ A Rádio possui dois *apps*: Gaúcha e Futebol da Gaúcha, disponíveis para celulares com sistemas operacionais *Android* e *iOS*. Além de permitir ouvir a programação ao vivo, os aplicativos também oferecem opções para ouvir áudios de notícias, comentários e programas, assistir vídeos produzidos pela emissora, acessar conteúdos exclusivos, visualizar as postagens dos perfis da Gaúcha e de seus comunicadores no *Twitter*, interagir com a rádio, entre outras funcionalidades. A partir de setembro de 2017, foi lançado também um aplicativo específico para a plataforma digital Gaúcha.ZH.

relação entre os campos políticos e jornalístico, estimulando os profissionais do rádio a desenvolverem papéis na política.⁴⁹

Nossa escolha pelo *Gaúcha Atualidade* como objeto empírico se deu, principalmente, por seu formato, que sintetiza o modelo de programação da emissora como um todo, articulando notícias, entrevistas e debates, com participação de comentaristas, repórteres e interação com a audiência. O programa segue, diariamente, uma estrutura narrativa relativamente fixa. Inicia com a abertura, em que os apresentadores – Daniel Scola, Rosane de Oliveira e Carolina Bahia – saúdam-se entre si e a audiência e apresentam as principais pautas do dia. Geralmente são realizadas uma ou duas entrevistas, via telefone ou com convidados no estúdio. A reportagem é acionada várias vezes durante o programa, atualizando a situação do trânsito nas principais vias de Porto Alegre e Região Metropolitana ou, ainda, trazendo informações sobre alguma pauta ou cobertura específica. Há, também, comentaristas fixos: o meteorologista Cléo Kuhn, o comentarista esportivo Pedro Ernesto Denardin e a repórter de economia Giane Guerra. O comentarista político Claudio Britto faz participações ocasionais. Por volta das 9h da manhã,⁵⁰ é veiculada a síntese noticiosa “Virada da Hora”, em que cada apresentador, repórter, comentarista e produtor do programa, anuncia uma manchete, destacando os assuntos que já foram ou que ainda serão notícia naquela edição do *Atualidade*.

A participação dos ouvintes foi outro fator relevante para a definição do *Gaúcha Atualidade* como objeto deste estudo, haja vista a valorização destes na construção do programa, característica percebida em declarações da apresentadora Rosane de Oliveira, que costuma utilizar várias expressões, como, por exemplo, “rede de repórteres voluntários”, para se referir aos ouvintes que contribuem com o envio de mensagens, além de, em algumas ocasiões, agradecer aos ouvintes pelas colaborações.

O programa comporta quatro tipos de enunciadores: a) os apresentadores Daniel Scola, Carolina Bahia e Rosane de Oliveira, com Scola assumindo o protagonismo da enunciação, geralmente conduzindo o roteiro e dando voz aos demais sujeitos, por isso o identificamos como o âncora; b) os repórteres e outros comentaristas da Rádio Gaúcha que têm voz ativa e são constantemente chamados por Scola e inseridos na programação com informações atualizadas e análises temáticas; c) os entrevistados, também introduzidos por Scola, são fontes jornalísticas tradicionais, autoridades ou especialistas que participam ao vivo,

⁴⁹ Pelo menos três apresentadores do *Gaúcha Atualidade* envolveram-se diretamente com a política: Mendes Ribeiro, eleito deputado federal em 1986 e 1990, Ana Amélia Lemos, eleita senadora em 2010, e André Machado, candidato a deputado federal em 2014 (RUTILLI; KLÖCKNER, 2017).

⁵⁰ Durante o intervalo comercial das 9 horas a *Gaúcha* veicula outra síntese noticiosa: a “Notícia na Hora Certa”, que vai ao ar de hora em hora. Com duração de cerca de três minutos, a síntese é apresentada pelo repórter Arthur Chagas, com participação de repórteres e comentaristas.

presencialmente ou via telefone, respondendo às questões dos apresentadores; e d) os ouvintes-enunciadores, que participam por meio dos aplicativos de celular e sites de redes sociais, enviando informações, perguntas, opiniões e críticas lidas no ar, geralmente, por Rosane de Oliveira.

4.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*: COLETA E SELEÇÃO DAS NARRATIVAS

A fim de observarmos quais os critérios que influenciam o processo de acionamento dos ouvintes interagentes, elevando-os à posição de personagens das narrativas jornalísticas radiofônicas, como ouvintes-enunciadores, analisamos cinco narrativas sobre temáticas distintas. Dessa forma, observamos como as diferentes pautas abordadas nas narrativas condicionaram o acionamento dos ouvintes, do mesmo modo que verificamos, em diferentes contextos, que atributos e efeitos atrelados às interações foram determinantes para a concessão de voz aos ouvintes.

Após uma série de coletas e testes metodológicos experimentais,⁵¹ optamos por restringir nosso *corpus* de pesquisa às narrativas configuradas no programa Gaúcha Atualidade que, como mencionamos anteriormente, é marcado pela abordagem de pautas relevantes e intensa interação com os ouvintes. Limitadas pela duração do programa, algumas das narrativas que selecionamos para análise são excertos de narrativas maiores, que se estenderam ao longo da programação, de forma fragmentada. Outras, menores, restringiram-se aos limites do próprio programa.

Para a coleta e seleção do *corpus*, realizamos gravações do programa ao longo de cinco meses, entre julho e novembro de 2016. Como nosso foco recaiu sobre a programação da emissora porto-alegrense (e não sua afiliada em Santa Maria), onde a interação com a audiência é mais intensa, realizamos a coleta por meio das transmissões via *streaming*, no site da Rádio Gaúcha. Para isso, utilizamos o *software* de gravação e edição de áudio *Audacity*. A partir destas gravações, adotamos como critérios para seleção das narrativas a serem

⁵¹ Nossa ideia inicial era acompanhar o desenrolar de diferentes narrativas ao longo de toda a programação informativa da Rádio Gaúcha, perpassando os diversos programas da grade da emissora. As dificuldades técnicas para efetuar gravações de áudio por longos períodos (instabilidade das conexões de internet e limitações do *software* de gravação, por exemplo) nos levaram a optar por narrativas menores. Apesar de reconhecermos que narrativas mais extensas pudessem nos oferecer mais elementos para reflexão, acreditamos que a escolha das narrativas extraídas do programa Gaúcha Atualidade tenha gerado resultados interessantes e relevantes, como veremos a seguir. Da mesma forma, à medida que nosso recorte de pesquisa foi sendo delineado, também nosso ferramental metodológico foi sendo constantemente ajustado. O percurso de construção de nossos procedimentos e operadores de análise pode ser acompanhado por meio dos artigos publicados ao longo do doutorado (vide, principalmente, Quadros (2016; 2017) e Quadros e Amaral (2016)).

analisadas: a) a existência de uma intriga, um elemento gerador da narrativa; b) o desenvolvimento da “estória”, ou seja, o encadeamento dos fatos e personagens; e c) um volume significativo de participações dos ouvintes.

Chegamos, assim, a cinco narrativas sobre temas distintos. São elas:

- Narrativa 1: Instabilidade climática – 14 de julho de 2016.
- Narrativa 2: Queda da marquise – 21 de julho de 2016.
- Narrativa 3: Greve dos servidores do Detran – 25 de julho de 2016.
- Narrativa 4: Crise na segurança – 26 de agosto de 2016.
- Narrativa 5: Protestos contra reformas – 22 de setembro de 2016.

Cada uma das narrativas foi analisada de modo individualizado por meio da aplicação de movimentos, descritos no tópico a seguir. Os resultados, *a posteriori*, foram sistematizados e cruzados entre si, permitindo-nos indicar certas recorrências, que serão apresentadas no Capítulo 5.

4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: MOVIMENTOS E CATEGORIAS

Retomando a discussão iniciada no Capítulo 2 acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa, detalhamos, neste subtópico, nossos movimentos e operadores analíticos. Tomando como ponto de partida a Análise Crítica da Narrativa, com base em Motta (2013b), reconstruímos o método de acordo com as especificidades do nosso objeto e nossos objetivos de pesquisa. Assim, realizamos, em nossa análise das narrativas selecionadas, quatro movimentos principais.

O primeiro movimento consistiu na **reconstrução da narrativa**. Nesta etapa buscamos identificar e registrar todos os trechos do programa analisado que abordavam a temática central, ou seja, relacionados à intriga da narrativa. Cada um destes trechos foi denominado de Sequência Narrativa (SN), equivalendo ao que Motta (2013b), fundamentando-se nas Análises Estruturais da Narrativa, denominou de Sequências-Tipo. Cada SN foi cronometrada e classificada em categorias construídas a partir do referencial teórico sobre linguagem radiofônica. A fim de facilitar a posterior mensuração do tempo destinado às diferentes SNs, cada uma delas foi classificada em apenas uma categoria, considerando-se, para isso, o tipo de conteúdo prevalente. As categorias empregadas nesta etapa estão descritas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Categorias para classificação das Sequências Narrativas (SNs)

Categoria	Definição
Abertura/Encerramento do programa	Locução de abertura ou encerramento do programa, em que os apresentadores saúdam ou despedem-se dos ouvintes, destacando, de modo breve, as pautas que serão ou foram abordadas no programa.
Comentário	Participação de comentaristas fixos do programa ou blocos opinativos protagonizados pelos próprios apresentadores.
Entrevista	Entrevistas conduzidas pelos apresentadores do programa, de modo presencial ou via telefone.
Manchete	Frase sintética, geralmente contendo verbo de ação, que introduz reportagem, geralmente veiculada no início do programa.
Participação do ouvinte	Registros da participação dos ouvintes, com leitura das mensagens enviadas pela audiência.
Previsão do Tempo	Participação do meteorologista Cléo Kuhn, colaborador fixo do programa.
Reportagem	Atuação da equipe de reportagem da rádio, com entradas ao vivo.
<i>Teaser</i>	Breve chamada ou atualização de notícia que será abordada em seguida na programação, geralmente veiculada no encerramento de blocos.

Fonte: Elaboração da autora.

O segundo movimento de análise buscou **compreender o paradigma narrativo**. Seguindo as orientações de Motta (2013b), nesta etapa delimitamos a intriga central da narrativa e o projeto dramático adotado pelos narradores. Aqui também identificamos episódios, pontos de virada e conflitos secundários.

A **identificação das personagens** foi o foco do terceiro movimento, quando analisamos as vozes que compõem a narrativa, classificando-as em primeiro, segundo e terceiro-narradores, a partir de Genette (1998) e Motta (2013b). Registramos a quem pertencem as vozes da narrativa, qual o tempo destinado a cada uma delas, como são identificadas e de que modo sua enunciação é inserida na narrativa.

Por fim, o quarto e último movimento consistiu na **identificação dos critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores**, a partir da análise específica das Sequências

Narrativas Participativas.⁵² Em cada SN, então, isolamos e quantificamos as mensagens e o número de ouvintes-enunciadores mencionados, registramos o modo de enunciação dos ouvintes e a forma como estes foram identificados.

Ainda nesta etapa, identificamos, em cada SN participativa, os diferentes critérios responsáveis por influenciar os jornalistas no processo de convocação dos ouvintes como personagens da narrativa.⁵³ Em nossas análises preliminares observamos a variação destes critérios, ora pendendo para o conteúdo da mensagem, ora associando as características do sujeito enunciador. Desta forma, elaboramos três categorias de análise, tomando como referência as reflexões de Charaudeau (2013):⁵⁴ os atributos dos ouvintes-enunciadores, os atributos das mensagens e os efeitos valorativos gerados pela associação entre ambos os atributos.

Para a análise dos **atributos dos ouvintes-enunciadores**, nos fundamentamos nas características do sujeito informador. Segundo Charaudeau (2013),

o crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da *posição social* do informador, do *papel* que ele desempenha na situação de troca, de sua *representatividade* para com o grupo de que é porta-voz, quanto do *grau de engajamento* que manifesta com relação à informação transmitida (p. 52).

Com base nas reflexões do autor, tomamos como referência os quatro diferentes *status* dos sujeitos informadores: notoriedade, testemunha, plural e organismo especializado (CHARAUDEAU, 2013, p. 53). A estes, acrescentamos dois outros atributos emanados da análise do próprio objeto: a **localização** geográfica, que reconhece o lugar desde onde falam os ouvintes-enunciadores como fator de distinção em determinadas narrativas, e o reconhecimento do **sujeito comum** que, destituído dos demais atributos, tem seu acionamento determinado essencialmente pelo conteúdo e o efeito provocado por sua mensagem.

⁵² Em razão da limitação metodológica de atribuição de uma única categoria à cada SN, algumas Sequências em que identificamos intervenções dos ouvintes (quantitativamente menos relevantes que o restante do conteúdo da SN) foram classificadas em outras categorias que não a de Participação do Ouvinte. Estas SNs, contudo, foram consideradas dentro do *corpus* específico de análise, como veremos adiante.

⁵³ É importante frisar que outras contribuições de ouvintes podem ter influenciado a configuração das narrativas. Sem serem mencionados pelos apresentadores, contudo, esses ouvintes não deixam marcas perceptíveis na narrativa veiculada e, em razão da metodologia adotada nesta pesquisa, não puderam ser considerados na análise.

⁵⁴ Nesta etapa da pesquisa recorreremos à via discursiva como forma de complementar nosso percurso metodológico. À medida que os movimentos da Análise Crítica da Narrativa não se mostraram suficientes para que pudéssemos atingir nossos objetivos, encontramos nas sistematizações propostas por Charaudeau (2013) os conceitos necessários para a construção de nossas categorias de análise.

Quadro 2 – Atributos do ouvinte-enunciador

Atributo	Definição
Ouvinte-enunciador tem notoriedade	O ouvinte-enunciador é uma pessoa pública e/ou ocupa posição social distinta, o que torna sua fala digna de fé.
Ouvinte-enunciador é uma testemunha	O ouvinte-enunciador é uma pessoa comum que, aparentemente sem intencionalidades outras, apenas relata o que viu e ouviu. Sua fala tem o caráter de “prova de verdade”.
Ouvinte-enunciador é um sujeito-comum	Aplica-se às situações em que o ouvinte-enunciador é um <i>homo quotidianus</i> , conforme Charaudeau (2013), que não apresenta nenhum dos outros atributos. Diferencia-se da testemunha por contribuir com a narrativa de outras formas que não pelo relato de suas experiências (com mensagens opinativas e elucidativas, por exemplo).
Ouvinte-enunciador representa uma coletividade ⁵⁵	Representa um coletivo de ouvintes, sendo identificado sempre de modo genérico e no plural. Aplica-se aos casos em que diferentes ouvintes-enunciadores expressam opiniões ou relatam fatos de modo semelhante. A saturação de uma mesma informação ou ponto de vista, pela repetição das mensagens, atribui-lhes efeitos de verdade e consenso.
Ouvinte-enunciador detém um saber especializado	O ouvinte-enunciador é reconhecido por possuir algum tipo de conhecimento especializado em relação ao fato narrado, seja por titulação acadêmica ou exercício profissional.
Ouvinte-enunciador encontra-se bem localizado	O ouvinte-enunciador encontra-se em localização geográfica privilegiada em relação ao fato narrado.

Fonte: Elaboração da autora, com base em Charaudeau (2013, p. 52-53).

Seguimos com Charaudeau (2013) para a construção dos operadores de **análise dos atributos da mensagem**. Aqui, tomamos como ponto de partida a discussão do autor acerca das provas de verdade de uma informação: Autenticidade, Verossimilhança e Explicação.⁵⁶ Considerando que o conteúdo das mensagens enviadas pelos ouvintes e incorporadas às narrativas não são apenas informativas, mas também opinativas e interpretativas, acrescentamos às provas de verdade indicadas pelo autor atributos outros, novamente advindos da própria análise. Desta forma, consideramos também: a **atualidade** das mensagens, destacando os relatos fatuais enviados de modo simultâneo às ocorrências

⁵⁵ Nesta categoria, preferimos substituir o termo “plural”, originalmente empregado por Charaudeau (2013), por “coletividade”, a fim de evitar possíveis conflitos conceituais.

⁵⁶ A fim de adequar o referencial teórico a nosso objeto, optamos por utilizar os termos Reconstituição e Elucidação, em substituição à Verossimilhança e Explicação, respectivamente.

narradas; a **avaliação**, que abarca as contribuições de cunho opinativo; e o **relacionamento**, atributo presente em mensagens por meio das quais o ouvinte busca estabelecer um vínculo pessoal com a emissora.

Quadro 3 – Atributos da mensagem

Atributo	Definição
Atualidade	Relato factual que contribui para as narrativas configuradas de forma simultânea ou imediata à ocorrência dos acontecimentos. Presente na narrativa em mensagens de cunho informativo, distingue-se dos demais atributos pela proximidade temporal entre o envio da mensagem e o fato narrado.
Autenticidade	A mensagem, geralmente de cunho informativo, contém provas concretas de verdade, atestando a autenticidade do dito relatado. Na narrativa, pode se manifestar por meio do envio de vídeos, fotografias ou mensagens de áudio.
Avaliação	De caráter opinativo, este atributo está presente em mensagens que contenham a expressão de pontos de vista ou juízos de valor acerca do fato narrado. Na narrativa, surge em mensagens com críticas, opiniões, elogios e também em determinadas perguntas, dirigidas tanto à emissora e seus profissionais quanto a outros narradores, em que o posicionamento do ouvinte-enunciador seja perceptível.
Elucidação	Baseada em saberes especializados, a mensagem explica ou interpreta o fato narrado, trazendo elementos relacionados às causas, consequências, finalidades ou intenções. É observado em mensagens explicativas ou que contenham correções.
Reconstituição	Relato de cunho informativo que auxilia na construção discursiva do fato narrado. Diferencia-se da autenticidade por não conter recursos audiovisuais que comprovem sua veracidade. Aparece, na narrativa, em mensagens que contenham relatos e testemunhos.
Relacionamento	Mensagem por meio da qual o ouvinte busca estabelecer um diálogo com a emissora e seus profissionais, evocando o caráter “companheiro” e interativo do rádio. Manifesta-se em mensagens que contenham interpelações, apelos ou simples registros de audiência.

Fonte: Elaboração da autora, com base em Charaudeau (2013, p. 55-56).

Por fim, a análise cruzada dos atributos do ouvinte-enunciador e da mensagem, nos levaram a identificar os **efeitos valorativos** atrelados às mensagens. Estes efeitos incidem sobre o jornalista durante o processo produtivo da narração, ou seja, influenciam no acionamento e no modo de inserção das mensagens e dos ouvintes na narrativa.

Para a definição destes operadores, novamente recorreremos a Charaudeau (2013). Apropriamo-nos dos quatro valores indicados pelo autor como fatores que incidem sobre o processo de seleção dos ditos relatados. Cabe esclarecermos que, alinhados a Amaral (2015),

optamos por utilizar a designação Efeito de Descrição e Veracidade em substituição à Efeito de Testemunho, haja vista que o termo original foi empregado, a nosso ver, de modo mais adequado, como um dos possíveis atributos do ouvinte-enunciador (Quadro 2). Aos efeitos propostos por Charaudeau (2013), também aqui acrescentamos uma quinta categoria, que denominamos Efeito de Interação.

Quadro 4 – Efeito valorativo das mensagens

Efeito	Definição
Efeito de Decisão	É provocado quando a mensagem provém de um ouvinte-enunciador que tem o poder de decisão, geralmente uma pessoa pública ou detentora de certa autoridade. A declaração tem caráter de ação (pelo viés da Pragmática, podemos afirmar que se trata de uma mensagem performativa).
Efeito de Saber	Emana de mensagem remetida por ouvinte-enunciador detentor de determinado saber especializado. A fala tem caráter explicativo ou elucidativo.
Efeito de Opinião	Gerado por mensagens em que o ouvinte-enunciador, seja ele um sujeito com notoriedade, uma pessoa comum ou mesmo anônimo, emite um julgamento ou exprime seu posicionamento ou ponto de vista em relação ao fato narrado.
Efeito de Descrição e Veracidade	Equivalente ao Efeito de Testemunho, é produzido, geralmente, por mensagens enviadas por pessoas comuns, contendo relatos ou descrições de caráter informativo sobre um determinado fato, baseados na experiência do sujeito interagente, naquilo que este viu ou ouviu.
Efeito de Interação	É percebido em mensagens de caráter relacional, quando o ouvinte-enunciador, seja ele pessoa notória ou sujeito comum, busca tão somente estabelecer um diálogo com a emissora ou seus profissionais, sem demonstrar nenhum outro tipo de intencionalidade (não deseja informar, relatar, opinar ou criticar, por exemplo).

Fonte: Elaboração da autora, com base em Charaudeau (2013, p. 169).

Neste quarto e último movimento de análise, permitimos a identificação de mais de um atributo em cada SN participativa. Os efeitos valorativos, em contrapartida, por resultarem do cruzamento entre os atributos do ouvinte-enunciador e da mensagem, tiveram uma única associação permitida.

4.4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Expostos nossos procedimentos metodológicos, apresentamos neste tópico a análise individualizada de cada uma das cinco narrativas selecionadas para compor nosso *corpus* de pesquisa. No relato de cada caso analisado detalhamos a composição da intriga, episódios e conflitos; as vozes presentes na narrativa; e os critérios de acionamento do ouvinte-enunciador identificados.

4.4.1 Narrativa 1: Instabilidade climática

O Gaúcha Atualidade de 14 de julho de 2016, uma quinta-feira, foi aberto pelo âncora Daniel Scola com quatro pautas delineadas: as condições climáticas no Estado, com a incidência de temporais e queda de granizo em diversas regiões; a eleição do novo presidente da Câmara dos Deputados, em Brasília; as mobilizações de servidores grevistas do Detran e da Receita Federal; e a regulamentação de serviços como o aplicativo Uber, em Porto Alegre. A instabilidade climática, contudo, foi o tema que provocou o maior engajamento por parte da audiência, gerando um significativo volume de participações. Foi, por isso, a narrativa escolhida para análise.

4.4.1.1 A composição da intriga, episódios e conflitos

Apesar de concentrarmos nossa análise na narrativa configurada no Gaúcha Atualidade do dia 14 de julho, é importante ampliarmos nosso olhar para os dias anteriores, posto que as questões climáticas foram pauta dos principais programas jornalísticos da Rádio Gaúcha ao longo de toda aquela semana. Dessa forma, torna-se possível compreendermos o contexto do qual a narrativa foi extraída.

Desde o fim de semana, nos dias 9 e 10 de julho, um sistema de instabilidade estava instalado sobre o Rio Grande do Sul provocando chuvas, temporais e queda de granizo em diferentes regiões. Na madrugada de segunda-feira, 11 de julho, as chuvas fortes e o granizo danificaram mais de 2,3 mil residências, em municípios das Regiões Metropolitana e Noroeste.

Com a continuidade da chuva e a previsão de novas precipitações ao longo da semana, na terça-feira, dia 12 de julho, a elevação no nível dos rios tornou-se o principal foco de atenção das autoridades e da mídia. No município de São Sebastião do Caí, distante 60

quilômetros de Porto Alegre, o nível do Rio Caí subiu quase 11 metros, provocando alagamentos.

No dia seguinte, 13 de julho, a previsão dos meteorologistas mantinha a população em alerta, enquanto órgãos, como a Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e Prefeituras, davam suporte aos moradores que tiveram suas casas danificadas pelo granizo do fim de semana. Na noite de quarta-feira, contudo, as pedras de gelo voltaram a provocar estragos. Não-Me-Toque, na Região Noroeste, foi um dos municípios mais atingidos. O temporal com chuva, ventos fortes e novamente granizo, destelhou casas e deixou ruas cobertas com grossas camadas de gelo.

Diante dos estragos provocados por mais um temporal e da previsão do tempo indicando novas precipitações, o programa Gaúcha Atualidade deu destaque ao assunto em sua edição de quinta-feira, 14 de julho. “Estragos”, “noite assustadora” e “chance de retorno dos temporais” foram algumas das expressões utilizadas pelo âncora Daniel Scola na abertura do programa, ao introduzir a principal pauta do dia. A narrativa sobre a instabilidade climática no Estado ao longo do Gaúcha Atualidade, foi construída por meio de 27 sequências narrativas, que ocuparam 25 minutos e 3 segundos do programa, e foram classificadas conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Narrativa 1: Classificação das Sequências Narrativas

Categoria	Quantidade de SNs	Tempo
Participação do ouvinte	11	7'42s
Manchete	4	43s
<i>Teaser</i>	3	27s
Comentário	3	1'46s
Previsão do Tempo	2	7'42s
Entrevista	2	5'37s
Abertura/Encerramento do programa	2	1'06s
Total	27	25'03s

Fonte: Elaboração da autora.

A intriga central desta narrativa é a instabilidade climática. Podemos perceber, porém, duas diferentes abordagens para a temática, que compreendemos como episódios: o relato sobre a queda de granizo, ocorrida durante a madrugada, e a cobertura em tempo real do temporal que se aproximava de diferentes regiões do Estado. Ambos os episódios são mesclados ao longo de toda a narrativa e nenhum deles chega a ser, de fato, encerrado. A

narrativa foi construída de modo linear, ou seja, não houve significativos pontos de virada ou momentos de clímax. Por outro lado, identificamos quatro conflitos secundários:

- Conflito secundário 1: Os estragos em Não-Me-Toque, cidade mais atingida pelas intempéries.
- Conflito secundário 2: A previsão de mais instabilidade e novos temporais para o Rio Grande do Sul.
- Conflito secundário 3: Condições de trafegabilidade nas estradas, agravadas pelas chuvas.
- Conflito secundário 4: Estragos provocados pelos temporais nas lavouras.

Compreendemos estas temáticas como conflitos secundários, pois são abordagens que decorrem da intriga central, gerando um breve desvio temático, sem, contudo, fecharem-se em si.

Sob o ponto de vista jornalístico, a cobertura concentrou-se em descrever e mapear as ocorrências de tempestades e granizo, tendo como principal valor-notícia o caráter sensacional do fenômeno, considerando o volume e o tamanho das pedras de gelo que caíram em determinadas regiões – o projeto dramático adotado para esta narrativa baseou-se, fundamentalmente, nestes fatores. As consequências dos temporais, o impacto na economia e as medidas tomadas pelas autoridades para contornar os estragos, também são abordadas, porém com menor ênfase.

De modo sintético, o ordenamento da narrativa se dá da seguinte forma:

Abertura → Participação dos ouvintes → Previsão do tempo → Entrevista com Prefeita de Não-Me-Toque (Conflito secundário 1) → Participação dos ouvintes → Entrevista com coordenador da Defesa Civil → Participação dos ouvintes → Previsão do Tempo → Encerramento

Como podemos observar, a participação dos ouvintes teve um papel fundamental na estruturação da narrativa. Em contrapartida, não registramos SNs de Reportagem. As mensagens enviadas pela audiência e selecionadas para compor a narrativa, neste caso, tinham caráter informativo: tratavam-se de relatos, muitos deles acompanhados de fotografias (que foram descritas pelos apresentadores), vindos de diferentes regiões e que colaboraram significativamente com a cobertura realizada pela rádio, substituindo, inclusive, a ação da reportagem móvel. O tempo dispensado aos ouvintes (7'42s), equivalente ao espaço ocupado

pela Previsão do Tempo e superior ao das Entrevistas (5'37s), reforça a importância que a participação da audiência teve nesta cobertura.

É importante observarmos que esta é uma narrativa sobre um acontecimento disperso geograficamente, ou seja, que atingiu diversas regiões do Rio Grande do Sul, muitas delas fora da área de alcance da emissora. Dessa forma, a ação da reportagem revelou-se limitada: não era viável à rádio, principalmente do ponto de vista econômico, deslocar um repórter até Não-Me-Toque, por exemplo, distante mais de 280 quilômetros de Porto Alegre, para checar *in loco* os efeitos da chuva de granizo. Em seu lugar, a rádio explorou a interação com seus ouvintes (em outras narrativas que analisamos, Rosane de Oliveira chega a se referir aos ouvintes como “repórteres amadores”). Ao contar com a colaboração da audiência, enviando informações desde suas localidades, a rádio pode construir uma narrativa mais completa, ampliando seu raio de cobertura para além do alcance da antena.

Ainda sobre a estrutura da narrativa, as duas entrevistas e as duas participações do meteorologista Cléo Kuhn, responsável pela Previsão do Tempo, também tiveram um caráter estruturante, funcionando como pontos de ancoragem. Enquanto as participações dos ouvintes subsidiaram os apresentadores no mapeamento dos estragos e das ocorrências de novos temporais, a Previsão do Tempo e as Entrevistas aprofundaram o debate.

Já os outros tipos de sequências narrativas identificadas – *Teasers*, Manchetes e Comentários – funcionaram como elementos de coesão. Como vimos no Capítulo 3, as narrativas jornalísticas radiofônicas caracterizam-se pela fragmentação. O Gaúcha Atualidade de 14 de julho, ao abordar, além das intempéries, também outras três grandes pautas (novo presidente da Câmara dos Deputados, greves no Detran e na Receita Federal e regulamentação de aplicativos), é um exemplo disso. As narrativas sobre as quatro pautas predominantes não foram apresentadas em blocos, mas fragmentadas ao longo do programa. Nesse sentido, *teasers*, manchetes e comentários auxiliaram na conexão entre as sequências narrativas dispersas ao longo do programa, situando e contextualizando o ouvinte.

4.4.1.2 As vozes da narrativa

Ao longo das 27 sequências que configuraram a narrativa sobre os eventos climáticos que castigaram o Rio Grande do Sul em julho de 2016, 33 personagens tiveram voz, de modo direto ou indireto. Destes, 5 eram profissionais da emissora, 2 entrevistados e 26 ouvintes.

Os profissionais da Rádio Gaúcha que tiveram voz na narrativa foram os apresentadores Daniel Scola e Carolina Bahia, o produtor Tiago Boff, o comentarista Pedro

Ernesto Denardin e o meteorologista Cléo Kuhn. Retomando o modelo dos balões sucessivos de Genette (1998), que vimos no Capítulo 2, podemos classificar estes sujeitos como segundos-narradores. Subordinados ao primeiro-narrador (a emissora), eles têm o poder de organizar a narrativa, hierarquizando e posicionando fatos e personagens, além de concederem voz a outros sujeitos – funções desempenhadas de modo mais evidente nesta narrativa por Scola, Bahia e Boff. Já Denardin e Kuhn, apesar de acionados pelos apresentadores e de não exercerem um poder de concessão de voz, representam a voz institucional do primeiro-narrador e, por isso, também podem ser interpretados como segundos-narradores.

Considerados como terceiros-narradores, os dois entrevistados são fontes jornalísticas. Teodora Lütkemeyer, prefeita de Não-Me-Toque, e o coronel Alexandre Martins, coordenador estadual da Defesa Civil, foram convocados pelos segundos-narradores, assumindo voz ativa na narrativa. Suas intervenções no programa, contudo, foram controladas pelos apresentadores, que conduziram o andamento da entrevista, dirigindo-lhes perguntas específicas sobre a pauta. Como fontes jornalísticas oficiais e primárias, conforme classificações propostas por Lage (2011), Lütkemeyer e Martins falam em nome das instituições que representam – Prefeitura e Defesa Civil –, oferecendo informações essenciais para a cobertura.

Por fim, também os ouvintes tiveram voz em 13 Sequências Narrativas. Aqui é importante esclarecermos que, além das SNs classificadas como “Participação do ouvinte”, na Tabela 1 outras duas sequências também tiveram referências às contribuições dos ouvintes: um “*Teaser*” em que Scola menciona as mensagens recebidas para chamar a atenção para a continuidade da cobertura no bloco seguinte; e uma SN de “Entrevista”, em que as contribuições da audiência foram utilizadas para embasar perguntas dirigidas ao coordenador estadual da Defesa Civil.

Em seis sequências narrativas, os apresentadores destacaram o volume de mensagens recebidas e a participação intensa da audiência. Dentre essas, 29 foram selecionadas para compor a narrativa. Todas as mensagens foram levadas ao ar pelo âncora Daniel Scola; 20 delas lidas de modo, aparentemente, literal, e 9 de forma parafrástica.⁵⁷ Não houve registro de recebimento, tampouco a veiculação, de mensagens de áudio enviadas pela audiência. Já 11 mensagens continham fotografias, que foram descritas pelos apresentadores. O âncora não especificou os canais utilizados pelos ouvintes para o envio de cada mensagem, porém

⁵⁷ Como não tivemos acesso às mensagens originais recebidas pela rádio, inferimos que a leitura foi literal ou parafrástica com base na linguagem utilizada.

mencionou uma vez o aplicativo WhatsApp e reforçou o número do telefone para participação (mesmo número utilizado pelo aplicativo) em cinco SNs.

Conforme discutimos anteriormente, denominamos estes ouvintes que conquistaram um espaço na narrativa de ouvintes-enunciadores. Eles são classificados, também, como terceiro-narradores, posto que seu acionamento é feito pelos profissionais da rádio, segundo-narradores. Os ouvintes que contribuem com a narrativa, contudo, nem sempre são identificados. Das 29 mensagens selecionadas, 26 foram atribuídas a ouvintes, enquanto três não tiveram nenhum tipo de identificação quanto à fonte ou origem – por serem mencionadas de modo conjunto às contribuições da audiência, deduzimos que se tratam de participações de ouvintes.

Entre as 26 mensagens atribuídas aos ouvintes, em seis delas a identificação da autoria foi feita por meio de expressões genéricas, tais como “ouvinte”, “morador” e, até mesmo, “amigo”. Cinco ouvintes foram identificados somente pelo primeiro nome, cinco pelo nome e sobrenome, oito pelo primeiro nome acrescido da localização e duas foram identificados com nome completo e localização. Veremos adiante que, em outras narrativas, o local de origem do ouvinte-enunciador não é mencionado. Aqui, por tratar-se de uma cobertura que se estendia até outras regiões do Estado, a referência à localização agrega valor à emissora. Ao citar os municípios de onde participam seus ouvintes, a Gaúcha reforça seu alcance e atesta seus índices de audiência.

Como já pontuamos anteriormente, o tempo destinado às contribuições da audiência, nas 11 SNs identificadas na Tabela 1 como “Participação do ouvinte”, foi de 7’42s. Se considerarmos, ainda, as menções à participação dos ouvintes nas outras duas SNs – *Teaser* e *Entrevista* – essa quantidade de tempo foi ainda maior, superando o espaço concedido à *Previsão do Tempo* e às *Entrevistas*. Aqui é interessante observarmos que, nesta narrativa, os ouvintes conquistaram um espaço de enunciação maior que as fontes oficiais, tradicionalmente fontes com maior prestígio no jornalismo.

4.4.1.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador

Ao analisarmos individualmente cada mensagem enviada pela audiência e inserida na narrativa, com base nas categorias construídas e detalhadas anteriormente – atributos do ouvinte-enunciador, atributos da mensagem e efeitos valorativos –, observamos algumas recorrências que nos remetem aos principais critérios responsáveis por influenciar os segundo-narradores no processo de acionamento dos ouvintes.

Quanto aos atributos do ouvinte-enunciador, duas características se destacaram: o perfil testemunhal, presente em 22 mensagens, e a localização privilegiada, identificada em 28 mensagens.

O primeiro atributo identifica a relevância dos testemunhos para este tipo de narrativa. Os ouvintes acionados relataram a situação do tempo em diferentes localidades a partir de sua perspectiva e experiência, como mostram os exemplos:

– [Daniel Scola] Granizo em Rolante, foi as 6h30. Foram poucas pedras, mas de tamanho médio. Atesta pra gente a Cristiane de Rolante, que mandou inclusive uma foto. As pedras na mão dela. As pedras cobrindo praticamente toda a palma da mão. Três pedrinhas na mão dela. Foi pouco tempo, segundo ela, mas já foi suficiente pra assustar. E são pedras de tamanho médio [SN 10].

– [Daniel Scola] Aqui em Igrejinha caindo um temporal com granizo, diz o Ilton. Douglas Reis: Canoas teve pedra pequena também no Bairro Niterói, isso foi ontem à noite. E pelo WhatsApp eu recebo muitas mensagens de ouvintes. Chuva forte com raios em Campo Bom, no Vale dos Sinos. Até agora sem granizo. Na audiência, diz o Marcos de Campo Bom. Obrigado, Marcos, pela audiência aí na cidade [SN 23].

A localização dos ouvintes-enunciadores também apareceu como um importante critério responsável por atribuir às mensagens enviadas valores que levaram à convocação destas para compor a narrativa. Do total de 29 mensagens, em apenas uma o local de onde interagem os ouvintes não foi mencionado. Apesar de a maior parte das mensagens partir de municípios da região Metropolitana de Porto Alegre, dentro da área de abrangência do sinal hertziano da rádio, houve também registros de participações de diferentes regiões do Estado, onde os ouvintes, provavelmente, consomem a programação via internet ou emissoras afiliadas. Foram identificadas mensagens oriundas de Pejuçara, Não-Me-Toque, São Miguel das Missões e São Luiz Gonzaga, na Região Noroeste, e Farroupilha e Vacaria, na Região Nordeste.

Quanto aos atributos das mensagens, destacamos as duas características predominantes: Atualidade e Reconstituição, ambas identificadas, cada uma, em 14 mensagens. Esse “empate” se deu em virtude de que esta narrativa trata de dois acontecimentos relacionados: o relato sobre a queda de granizo ocorrido na noite anterior e a cobertura em tempo real de um novo temporal que atingia o Estado durante a veiculação do programa. Sendo assim, as mensagens em que o atributo Reconstituição foi identificado traziam informações sobre a queda de granizo e os estragos provocados, auxiliando na narração de um fato já encerrado. Já as mensagens em que percebemos o atributo Atualidade,

alimentaram a narrativa com informações sobre o avanço da instabilidade climática em diferentes regiões. Nos exemplos a seguir estes dois atributos – Atualidade e Reconstituição, respectivamente – podem ser observados:

– [Daniel Scola] São Miguel das Missões, tempo muito carregado, trovão, relâmpagos. Vem tempo por aqui mesmo, diz o ouvinte Carlos Desch [SN 07].

– [Daniel Scola] O Davi, de Viamão: Muita pedra cobriu toda a rua aqui em Viamão, De fato, o carro dele, ele mandou a foto, o carro dele ficou coberto de pedras de gelo [SN 05].

Identificamos, também, em 11 mensagens, a Autenticidade, atributo representado, nesta narrativa, essencialmente pelo envio de fotografias – quase 38% das contribuições levadas ao ar continham imagens enviadas pelos ouvintes. Atreladas, em nove casos, às mensagens de Reconstituição, as fotografias atestavam, principalmente, o acúmulo de granizo em ruas e residências, além da dimensão das pedras. Os trechos a seguir exemplificam as mensagens acrescidas de fotografias remetidas pela audiência:

– [Daniel Scola] O André é morador da cidade de Igrejinha. Manda avisar: teve granizo pela manhã aqui, 20 minutos. Foi por volta das 6 da manhã. Chegou a faltar luz, diz o André. Ele mandou duas fotos. Da entrada de um posto de gasolina, em Igrejinha, à margem da estrada [SN 17].

– [Daniel Scola] São José do Sul, no Vale do Caí, muito granizo nessa madrugada e as pedras continuam inteiras, diz o Tiago Petri. Quem está se divertindo lá em São José do Sul é o cusquinho do Tiago Petri. Ele manda uma foto do cachorro se divertindo nas pedrinhas de gelo que ficaram acumuladas no gramado, nas ruas, à margem da rodovia, nos telhados, nos canteiros, enfim, são imagens muito impressionantes mesmo [SN 05].

Descritas pelo apresentador Daniel Scola, as fotografias cumpriram uma função de comprovação da verdade na configuração da narrativa, ou, como indica Motta (2013b), serviram como estratégias de referenciação, ancorando a representação narrativa configurada pela rádio na realidade referente. Além disso, do ponto de vista da produção jornalística, a fotografia atribui credibilidade ao ouvinte-enunciador, comprovando visualmente as informações que este remete à rádio. Além disso, é bastante provável que o recurso visual da fotografia também seja um fator determinante para atrair a atenção dos profissionais da emissora – apresentadores e produtores – entre as tantas mensagens recebidas.

Além das fotografias associadas à Reconstituição e à Atualidade, houve também o envio de uma fotografia atrelada a uma mensagem de cunho relacional: ao perceber a

aproximação do temporal, o ouvinte Celso apelou para o radinho de pilhas como alternativa para se manter sintonizado à rádio, comprovando sua audiência por meio do envio de uma fotografia:

– [Daniel Scola] O Celso de Arroio dos Ratos diz que tá se armando o temporal e ele já tomou todas as providências. Desligou tudo da luz, mas o radinho dele, mandou a foto inclusive, tá firme e forte com duas boas pilhas. Obrigada pela audiência [SN 09].

O atributo Relacionamento também foi identificado em outras duas mensagens, em que os ouvintes buscavam estabelecer um vínculo com a emissora por meio do envio de pergunta ou recorrendo à rádio para fazer um apelo aos motoristas que acompanhavam o programa:

– [Daniel Scola] Zona Sul de POA não teve chuva, só trovões. Será que vem temporal por aí? Pergunta o ouvinte [SN 10].

– [Daniel Scola] Tá caindo um temporal no entroncamento da [RS] 239 com a BR 116, em Novo Hamburgo, no Vale dos Sinos. Segundo o ouvinte Jéferson, não se enxerga nada na frente e ele faz um apelo: motoristas, liguem os faróis! Não se vê nada na frente. Diz o Jéferson de Alvorada, que tá lá no Vale dos Sinos [SN 20].

Nestes dois trechos percebe-se a busca pelo estabelecimento de uma relação dialógica entre o ouvinte e a rádio. Ambas as mensagens demonstram a percepção da audiência do quão penetrável é a narrativa configurada pelo meio. Na primeira mensagem, o ouvinte envia uma pergunta à emissora e espera que esta o responda, estabelecendo a situação de troca. Na segunda, o ouvinte reconhece na rádio um meio de amplificar sua mensagem e envia um apelo aos demais motoristas.

Por fim, ainda foi identificado o atributo Elucidação em uma mensagem, em que o ouvinte corrigia uma informação dada pelo meteorologista Cléo Kuhn sobre a localização exata de uma determinada localidade. O trecho é breve e não chega a provocar significativa interferência na narrativa.

A análise dos atributos dos ouvintes-enunciadores associada aos atributos das mensagens, nos levou a perceber os efeitos valorativos das interações acionadas na narrativa. Nesta última etapa observamos o predomínio do Efeito de Descrição de Veracidade, presente em 28 mensagens. Os Efeitos de Interação e Saber foram identificados em uma mensagem cada (o Efeito de Interação apareceu associado ao Efeito de Descrição e Veracidade).

Em síntese, percebemos que, apesar de haver uma aparente diversidade de vozes de ouvintes acionadas para compor a narrativa, a perspectiva de enunciação permaneceu a mesma. Ou seja, as mensagens levadas ao ar apenas reforçaram o projeto dramático adotado no início do programa. As intervenções da audiência, ainda que significativas do ponto de vista quantitativo, não influenciaram na condução da narrativa, isto é, não causaram rupturas no enredo que já havia sido programado. Nem mesmo mensagens que continham perguntas dirigidas à rádio – “Será que vem temporal por aí? [SN 10] – ou possíveis pautas – “Tem ouvinte alertando aqui sobre destruição de plantações no interior. Já vou buscar a informação, vou trazer mais detalhes” [SN 18] – provocaram interferências: não houve resposta no ar para o questionamento enviado, assim como o alerta do ouvinte não foi apurado ou desdobrado durante o *Gaúcha Atualidade*.

A participação dos ouvintes nesta narrativa, assim, teve como funções principais suprir a carência de repórteres aptos a cobrir o fenômeno climático em sua amplitude, ao mesmo tempo em que permitiu à rádio estender sua área de cobertura jornalística, configurando uma narrativa mais abrangente. As mensagens inseridas na narrativa serviram, principalmente, como provas de verdade, comprovando as informações iniciais anunciadas pelos apresentadores, bem como atestando a relevância da pauta principal e, desta forma, atribuindo credibilidade ao programa e à narrativa.

4.4.2 Narrativa 2: Queda da marquise

O *Gaúcha Atualidade* do dia 21 de julho de 2016, uma quinta-feira, iniciou com uma pauta atípica. Ao abrir o programa, o âncora Daniel Scola anunciou a continuidade na cobertura de um acontecimento trágico ocorrido na madrugada: um incêndio em um centro de reabilitação de dependentes químicos no município de Arroio dos Ratos (distante pouco mais de 60 quilômetros da capital gaúcha), que vitimou sete internos. Além desta pauta, Scola ainda deu destaque a outros quatro temas que viriam a ser abordados naquela edição do programa: uma controversa decisão da Justiça, que havia libertado um assassino confesso; a greve dos metroviários; a política de segurança do governo estadual; e a polêmica iniciativa da prefeitura de Viamão, que decidiu construir novos prédios para a Administração Pública, enquanto a população reivindicava serviços básicos. Poucos minutos após a abertura do programa, entretanto, a informação sobre outra tragédia reordenou a pauta do programa, adiando as discussões propostas pelo âncora. A queda de uma marquise, no centro de Porto Alegre, tornou-se a narrativa predominante nesta edição do *Gaúcha Atualidade*.

4.4.2.1 A composição da intriga, episódios e conflitos

O programa começa com um tom pesaroso e preocupado em razão da tragédia que havia acometido a comunidade do pequeno município de Arroio dos Ratos naquela madrugada. O incêndio em um centro de reabilitação de dependentes químicos, que levou à morte sete internos, provocou consternação entre apresentadores e repórteres desde o início da manhã. Iniciado por volta da 1 hora da madrugada, o incêndio teria começado em um quarto gradeado, chamado de centro de observação, no qual dormiam os dependentes químicos em reabilitação. A cobertura da Rádio Gaúcha para o caso teve início ainda durante o programa Madrugada Gaúcha (veiculado das 3h às 5h), estendendo-se até o Gaúcha Hoje (das 5h às 8h). Da apuração dos fatos, nas primeiras horas da cobertura, a narrativa evoluiu para o debate acerca das causas do incêndio e da identificação dos responsáveis pela tragédia.

O Gaúcha Atualidade iniciava sua programação situando os ouvintes acerca do acontecimento trágico em Arroio dos Ratos, quando uma mensagem enviada por um ouvinte deu o alerta sobre outro fato preocupante, imediatamente reportado, no ar, por Rosane de Oliveira:

- [Rosane de Oliveira] Preocupação.
- [Daniel Scola] Que que houve?
- [Rosane de Oliveira] Ouvinte informa que caiu uma marquise no centro da cidade, na Rua Annes Dias, perto da Santa Casa, onde tem um prédio em reforma e que, segundo esse ouvinte, há três pessoas embaixo dos escombros [SN03].

Logo mais a informação repassada pelo ouvinte viria a se confirmar: por volta das 8 horas da manhã, de fato, a marquise de um prédio em reformas, localizado na Rua Annes Dias, desabou atingindo duas mulheres. Uma delas, de 34 anos, morreu no local. A outra, de 59 anos, teve ferimentos e foi levada ao Hospital de Pronto-Socorro. A pauta do Gaúcha Atualidade foi, então, reorganizada, implicando, inclusive, no cancelamento da síntese noticiosa Virada da Hora, um dos quadros fixos do programa. Os assuntos secundários também foram deixados de lado e o programa passou a concentrar-se na cobertura das duas tragédias daquela manhã, com ênfase no caso mais recente – escolhido, por isso, como nosso objeto de análise.

Assim que recebido o alerta do ouvinte, a reportagem da emissora foi acionada e colocada em movimentação. Antes mesmo de chegar ao local do acidente, o repórter Cid Martins fez uma entrada ao vivo confirmando o ocorrido a partir da apuração do fato com a

Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) de Porto Alegre. Os ouvintes continuaram contribuindo com mais informações e fotografias do local, utilizadas pelos apresentadores para descrever o cenário e as circunstâncias do acidente.

Pouco antes das 9 horas, o repórter chega ao local do acidente, de onde descreveu, em detalhes, a localização e as condições do prédio, bem como a situação do resgate das vítimas e das condições do trânsito nas redondezas. Cid Martins também entrevistou fontes oficiais, como um sargento do Corpo de Bombeiros e um agente da Defesa Civil, e fontes independentes, como o subsíndico do prédio em reformas, e, mais tarde, em uma segunda entrada ao vivo, um familiar da mulher morta no desabamento.

Com a atuação da reportagem *in loco* e o esclarecimento dos principais elementos daquele acontecimento imprevisto, a narrativa sobre o caso tomou outro rumo, voltando-se à explicação das causas e busca por responsáveis pelo acidente. Essa virada na narrativa foi marcada pela realização de uma entrevista, via telefone, pelos apresentadores Daniel Scola e Rosane de Oliveira, com o secretário-adjunto da Secretaria Municipal de Urbanismo (Smurb) de Porto Alegre, às 9h30. As mensagens enviadas pelos ouvintes e selecionadas para veiculação no programa por Rosane de Oliveira, também mudaram de enfoque, passando a reforçar os questionamentos sobre as causas do acidente.

A narrativa sobre a queda da marquise no centro de Porto Alegre foi encerrada, no programa Gaúcha Atualidade, com o comentário dos apresentadores sobre mensagens de ouvintes contestando a entrevista do secretário municipal e questionando as condições da reforma do prédio. A cobertura do caso, contudo, estendeu-se para além do programa, tendo continuidade ao longo de toda a programação da Rádio Gaúcha naquele dia. No programa Gaúcha Atualidade, a narrativa sobre o caso foi composta por 15 Sequências Narrativas, que totalizaram 32 minutos e 55 segundos. A classificação das SNs pode ser observada na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Narrativa 2: Classificação das Sequências Narrativas

Categoria	Quantidade de SNs	Tempo
Participação do ouvinte	7	6'05s
Reportagem	4	21'06s
<i>Teaser</i>	3	1'23s
Entrevista	1	4'21s
Total	15	32'55s

Fonte: Elaboração da autora.

A queda da marquise, propriamente dita, configura-se como a intriga central desta narrativa. Diferente do caso analisado no tópico anterior, nesta não identificamos conflitos secundários – a narrativa se concentra no fato em si –, mas podemos perceber a existência de três grandes episódios. A narrativa inicia com a apuração dos fatos a partir das mensagens enviadas pelos ouvintes. Em seguida, com a chegada da reportagem ao local, há a confirmação das circunstâncias do acidente e a identificação das vítimas. Num terceiro momento, a narrativa evolui para a discussão acerca da responsabilidade sobre o acidente. O primeiro ponto de virada entre os episódios ocorre com a chegada do repórter ao local, quando Cid Martins assume o papel até então desempenhado pelos ouvintes no relato do acidente. O segundo ponto de virada se dá na terceira entrada da reportagem, a segunda do local, quando o repórter entrevista um agente da Defesa Civil e o subsíndico do prédio cuja marquise desabou. Ambas as fontes são abordadas quanto às causas do acidente, trazendo esta discussão para a narrativa. Nas SNs que se seguem percebemos o direcionamento da narrativa neste sentido, por meio da participação dos ouvintes e da realização de uma nova entrevista. O esquema a seguir sintetiza o ordenamento desta narrativa:

Participação de ouvintes (alerta) → Reportagem em deslocamento → Participação de ouvintes (testemunhos) → Reportagem no local (pontos de virada) → Entrevista com Secretário Municipal de Urbanismo → Participação de ouvintes (opinião) → Reportagem no local → Participação de ouvintes (opinião)

A evolução do projeto dramático definido pela emissora nesta narrativa se torna evidente ao observarmos o teor das mensagens da audiência levadas ao ar. Com tom de pesar e consternação, a narrativa iniciou com um caráter informativo, em que predominou a apuração dos fatos. À medida que as informações sobre o acontecimento são estabilizadas – confirma-se a queda da marquise, a quantidade e identificação das vítimas –, a narrativa volta-se para as causas e os responsáveis pelo acidente, o que é refletido nas participações, que passam a ter um caráter mais opinativo e até mesmo técnico, como detalharemos adiante.

A participação dos ouvintes, neste caso, apesar de determinante para o início da cobertura, não é o principal elemento estruturante da narrativa. A ação da Reportagem é a que teve maior relevância, sendo responsável pela condução da narrativa. As SNs classificadas como Reportagem, inclusive, ocupam um espaço de tempo significativamente maior,

equivalendo a cerca de 65% da narrativa. É importante ressaltar que dentro destas Sequências Narrativas há a realização de entrevistas, conduzidas pelo repórter, no local do acidente.

A Entrevista realizada pelos apresentadores no estúdio também teve um papel relevante para a continuidade da narrativa, principalmente na segunda parte (episódio), quando a emissora investe na busca pela resolução do caso. Aqui a rádio dá voz a uma fonte oficial, questionando-a sobre as circunstâncias do acidente e a responsabilidade do poder público na fiscalização daquele tipo de obra (reforma), recorrendo, inclusive, às mensagens enviadas pela audiência para embasar os questionamentos dirigidos ao secretário entrevistado. Mesmo depois do término da entrevista, as declarações do entrevistado seguem gerando manifestações por parte dos ouvintes e comentários opinativos dos apresentadores.

Por fim, os *Teasers*, quarto tipo de Sequência Narrativa identificado, funcionaram como elementos de coesão. Das três SNs classificadas desta forma, duas foram veiculadas no encerramento de blocos, tendo como função situar o ouvinte nas duas narrativas em curso: a cobertura da queda da marquise e do incêndio em Arroio dos Ratos.

4.4.2.2 *As vozes da narrativa*

Identificamos, nesta narrativa, 12 personagens, sendo quatro profissionais da emissora, cinco fontes jornalísticas entrevistadas e três ouvintes-enunciadores. A participação da audiência, porém, não se restringe a estes três ouvintes identificados, sendo introduzida na narrativa de modo genérico, como especificaremos neste tópico.

São profissionais da emissora e, portanto, segundo-narradores, os apresentadores Daniel Scola e Rosane de Oliveira, o produtor Tiago Boff e o repórter Cid Martins. Todos eles desempenharam, nesta narrativa, seu poder de concessão de voz, anunciando e conduzindo entrevistas, lendo mensagens de ouvintes ou convocando a reportagem.

As fontes entrevistadas – classificadas como terceiro-narradores, e subordinadas aos segundo-narradores – foram: o sargento Vanderlei, do Corpo de Bombeiros; o agente da Defesa Civil Lindomar Constante; o secretário municipal de Urbanismo, Heraldo Veríssimo Arnt; o subsíndico do prédio cuja marquise desabou, Fernando Silva; e o familiar de uma das vítimas, Jorge de Souza. Todos tiveram voz ativa na narrativa, porém suas intervenções foram controladas pelos segundo-narradores. A participação do secretário de Urbanismo se deu via telefone, enquanto as demais foram feitas de modo presencial, no local do acidente, em entrevista ao repórter Cid Martins. Como fontes jornalísticas oficiais, autorizadas e testemunhais, estas personagens foram fundamentais para a reportagem, na medida em que

confirmaram as principais informações relativas ao acidente, contribuindo para a reconstituição do acontecimento, além de fornecerem elementos que colaboraram para a explicação das causas do ocorrido.

Já os ouvintes tiveram uma presença difusa na narrativa. Como vimos na Tabela 2, identificamos sete Sequência Narrativas como “Participação do ouvinte”. A essas somam-se outras três SNs, classificadas como Entrevista e Reportagem, em que registramos contribuições da audiência sendo empregadas como subsídio para a formulação de perguntas, dirigidas ora a entrevistados, ora ao próprio repórter da emissora. Consideramos aqui, então, as dez Sequências Narrativas em que percebemos o acionamento dos ouvintes-enunciadores.

O modo com que as contribuições vindas da audiência foram inseridas nesta narrativa distingue-se da forma como os ouvintes-enunciadores foram acionados na narrativa anterior. Apenas três mensagens foram atribuídas a ouvintes identificados, com dois introduzidos pelo nome e um somente pela profissão. As demais contribuições foram levadas ao ar em forma de comentário, o que fez com que a delimitação e a quantificação das mensagens veiculadas pela rádio se tornassem um tanto confusas. Ao invés de ler as mensagens de modo (aparentemente) literal, indicando a sua autoria, Oliveira preferiu agrupá-las, identificando os ouvintes-enunciadores do modo genérico, utilizando expressões no plural, como veremos a seguir.

Considerando também as contribuições da audiência utilizadas como embasamento para a formulação de questões, identificamos 14 mensagens levadas ao ar, constatando que 12 tiveram identificação genérica por meio de expressões como “ouvinte”, “outros ouvintes”, “vários ouvintes”, entre outras.

Das 14 mensagens, apenas duas foram levadas ao ar por Scola e 12 por Rosane de Oliveira. Somente duas mensagens foram lidas de forma literal, enquanto as demais seguiram o modo parafrástico. Duas mensagens continham fotografias, que foram descritas pelos apresentadores, auxiliando na projeção imagética do local do acidente. Não houve, nesta narrativa, a divulgação do número de telefone para envio de mensagens via WhatsApp ou de outro canal de interação com a emissora. Novamente, também não foram utilizadas mensagens de áudio oriundas da audiência.

Quanto ao tempo da narrativa destinado à participação dos ouvintes, como vimos na Tabela 2, as sete Sequências Narrativas classificadas como Participação do ouvinte somaram 6’05s – tempo superior ao dedicado à Entrevista. Se considerarmos, ainda, as outras SNs que continham contribuições de ouvintes, esta quantidade de tempo é superior, porém sem alcançar o espaço dedicado à reportagem.

4.4.2.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador

A análise das SNs participativas nos revelou que, nesta narrativa, o ouvinte-enunciador acionado pelos jornalistas representa a coletividade da audiência, estava próximo do acontecimento e contribuiu com a narrativa por meio do seu testemunho. Suas mensagens caracterizaram-se pela atualidade, alimentando a narrativa com informações em tempo real sobre o fato que estava sendo narrado pela emissora. Com isso, as mensagens convocadas a compor a narrativa provocaram, essencialmente, efeitos de descrição e veracidade.

O testemunho e a localização dos ouvintes-enunciadores foram critérios fundamentais, principalmente nos primeiros momentos da narrativa: o atributo testemunha foi identificado em nove mensagens, enquanto a localização revelou-se determinante em seis contribuições. Como vimos anteriormente, até a chegada da reportagem ao local do acidente foram os ouvintes que repassaram à emissora as primeiras informações. Nesta narrativa, diferente da anterior, não foi a distância geográfica dos ouvintes que determinou sua relevância, mas, sim, a presença no local do acidente. Próximos da ocorrência, estes ouvintes relataram aquilo que viam, como podemos observar nos trechos a seguir:

– [Rosane de Oliveira] É um caso muito grave, Scola, na Rua Annes Dias, 366, é o número do prédio, isso quem me informa é o Luís Eduardo Lima. Outros ouvintes estão mandando fotos do atendimento tem ambulância do SAMU, tem ambulância dos Bombeiros, tem Brigada Militar por lá. O atendimento está sendo feito e a informação dos ouvintes é de que é gravíssimo o estado de uma das vítimas [SN 05].

– [Rosane de Oliveira] E a informação que agora me manda um outro ouvinte. [...] que a marquise está sendo escorada por umas madeiras e que as pessoas que ficaram embaixo dos escombros são duas mulheres. Uma idosa, a idade indefinida, e outra na faixa dos 35 anos [SN 05].

O caráter coletivo dos enunciadores também foi fator marcante ao longo de toda a narrativa, identificado em oito mensagens. Aqui percebemos como a saturação de informações enviadas pela audiência levou os apresentadores a utilizar expressões que massificaram os ouvintes, apagando suas identidades, como no exemplo:

– [Rosane de Oliveira] Eu complemento por aqui com as informações que muitos ouvintes estão nos mandando. Agradeço essa nossa rede de repórteres voluntários e a informação é que os Bombeiros estão lá, Brigada Militar está lá. Já tem ambulância do SAMU também pra atender essas vítimas e evidentemente uma enorme confusão no trânsito do centro porque ali na saída da Jerônimo Coelho, perto do viaduto da Salgado Filho, pelo relato dos

nossos ouvintes; e a informação é de que é um prédio que estava em reforma [SN 03].

Aparentemente (pois não tivemos acesso ao conjunto de mensagens recebidas pela emissora), com a repetição de informações oriundas da audiência, os apresentadores agruparam as mesmas, atribuindo a autoria à coletividade dos ouvintes, utilizando, para isso, os termos no plural. Esse recurso foi empregado também quando essas mesmas informações foram utilizadas como argumentos para a formulação de perguntas dirigidas a um entrevistado e ao próprio repórter deslocado para a cobertura do fato:

– [Rosane de Oliveira] Secretário tem uma informação dos ouvintes de que os andaimes foram instalados sobre a marquise. Os andaimes pra recuperação dessa fachada do prédio. Isso já está confirmado? [SN 11].

– [Rosane de Oliveira] Cid? Dá pra perceber se havia andaimes, porque os ouvintes dizem que tinha andaime, que instalaram andaimes em cima dessa marquise [SN 13].

A saturação das mensagens recebidas contribuiu para dar credibilidade às informações, como se a repetição de uma mesma informação, enviada por diferentes fontes, concedesse-lhe um estatuto de verdade, habilitando-a à veiculação, sem a necessidade de checagem preliminar.

Ainda sobre os atributos do enunciador, após a estabilização do acontecimento, ou seja, a confirmação da queda da marquise, da localização e das vítimas e suas identidades, quando a narrativa se encaminha para a elucidação das causas do acidente, já ao final do programa, são acionadas mensagens enviadas por ouvintes detentores de saberes especializados: profissionais da área da construção civil, que demonstravam conhecimentos técnicos sobre o tema em discussão e, provavelmente, por isso, ganharam voz na narrativa. Uma das mensagens foi atribuída a um profissional específico que, ainda que não identificado nominalmente, foi destacado e teve sua mensagem lida, aparentemente, de modo integral e literal – prática pouco frequente nesta narrativa. Já a segunda mensagem deste tipo foi atribuída, novamente, à coletividade, o que, neste caso, contribuiu para reforçar o argumento defendido pelos ouvintes-enunciadores, alinhado ao projeto dramático adotado pela emissora.

– [Rosane de Oliveira] Deixa eu ler pra ti uma mensagem de um arquiteto. Sou arquiteto com vários anos de experiência em laudos de segurança predial. Não vou me identificar. Tem várias leis que proibem qualquer objeto ser colocado sobre marquise, tais como ar condicionado, vaso de planta, painéis publicitários, entre outros, justamente para evitar sobrepeso e colapso

da estrutura. É obrigatório apoiar e proteger a marquise em caso de reformas na fachada, isolar e sinalizar a área. O secretário mente, diz esse arquiteto. Licença obrigatória no mínimo. A lei exige laudo de segurança estrutural, laudo de marquise, laudo de fachada. Jamais se instala andaime sobre marquises. Onde está o responsável técnico pela obra? Pergunta o arquiteto e pergunto eu [SN 14].

– [Daniel Scola] Têm ouvintes, técnicos, engenheiros e tudo mais, né Rosane? Arquitetos contestando a informação passada pelo secretário de Urbanismo, de que não precisa licença ali [SN 15].

Já em relação ao conteúdo das mensagens, o principal atributo foi a atualidade, presente em dez contribuições acionadas. Definido como o relato factual mais próximo, temporalmente, da ocorrência dos fatos narrados, este atributo denota a capacidade do rádio de narrar os acontecimentos de modo quase que imediato – uma característica ainda muito peculiar a este veículo e, talvez, somente alcançada, hoje, pelas mídias digitais. Novamente, neste caso, a ausência de um repórter no local do fato, desde o início da cobertura, abriu espaço para a atuação dos ouvintes como fornecedores de informações jornalísticas, assumindo a posição de fontes testemunhais.

Além da atualidade, também foram identificados, com duas ocorrências cada, os atributos de autenticidade, reconstituição e elucidação. A autenticidade foi percebida pelo envio de fotografias que, como na narrativa anterior, funcionaram como provas de verdade. Ambas foram levadas ao ar no início da cobertura (SN 05) e não foram descritas de modo pormenorizado, mas serviram, principalmente, para dar credibilidade à narrativa que, até então, vinha sendo construída fundamentalmente a partir de mensagens enviadas por ouvintes.

Já as mensagens classificadas como reconstituição, foram as que ampliaram o debate para além do fato específico, trazendo o alerta dos ouvintes sobre outras construções com riscos de desabamento. Ambas as mensagens tinham como enunciadores ouvintes plurais, e uma delas foi empregada como subsídio para a formulação de uma pergunta dirigida ao secretário municipal de Urbanismo. Por fim, as mensagens de elucidação diziam respeito às correções, levadas ao ar no final da narrativa. Elas também foram dirigidas ao secretário, porém após a realização da entrevista, contestando as informações repassadas pelo político. A escolha destas mensagens reforça o posicionamento adotado pelos apresentadores durante o diálogo com o secretário, quando Daniel Scola e Rosane de Oliveira dirigiram-lhe questões bastante incisivas sobre a regularidade da obra em questão e o trabalho de fiscalização da Prefeitura. A seleção destas mensagens, desta forma, também não foi ingênua, mas teve como propósito (ainda que, talvez, não intencional) reforçar o projeto dramático que vinha sendo adotado pela emissora.

A partir do cruzamento dos atributos dos ouvintes e das mensagens, o principal efeito gerado foi o de descrição e veracidade, percebido em 12 mensagens. Nas duas restantes, o efeito provocado foi o de saber, resultado da combinação do conhecimento especializado dos ouvintes-enunciadores com o caráter elucidativo de suas mensagens.

É interessante observar, como já pontuamos anteriormente, a evolução no conteúdo das mensagens ao longo da narrativa. Na parte inicial, as intervenções selecionadas foram mais frequentes (metade das mensagens veiculadas concentraram-se nas três primeiras sequências narrativas) e alimentaram a narrativa com informações sobre o acidente. Com a chegada do repórter no local – o que foi registrado na SN 06 – não somente a frequência diminuiu, mas as contribuições levadas ao ar passaram a desempenhar outras funções, contribuindo com a reconstituição e a elucidação do fato, além de servirem como subsídio para a elaboração de perguntas. Provavelmente a emissora tenha continuado a receber novas informações sobre o acidente repassadas pelos ouvintes, o que mudou foi o foco da narrativa, que se voltou à busca das causas e responsáveis pelo ocorrido, determinando, assim, um novo critério para o acionamento da audiência.

A participação dos ouvintes nesta narrativa, portanto, teve duas principais funções de acordo com o projeto dramático adotado pela emissora. Em um primeiro momento, são os ouvintes-enunciadores que dão início à narrativa, a partir de uma mensagem de alerta, e abastecem a rádio com as principais informações enviadas do local da ocorrência. Com a chegada da reportagem, os ouvintes-enunciadores passam a ser acionados com o objetivo de contribuir com o debate acerca das causas e da identificação dos responsáveis pelo acidente.

Nesta narrativa, a individualização dos ouvintes, bem como sua identificação e atribuição de elementos como local de origem ou profissão, teve menor relevância. A grande parte das contribuições da audiência foi veiculada de modo parafrástico ou empregada como forma de subsídio para a elaboração de questões, com identificações genéricas. Mesmo assim, podemos afirmar que os ouvintes-enunciadores tiveram a capacidade de provocar interferências na narrativa, já que o próprio início desta se deu mediante um alerta enviado por ouvinte e que acabou por alterar todo o roteiro desta edição do programa.

4.4.3 Narrativa 3: Greve dos servidores do Detran

As duas semanas de duração da greve dos servidores do Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Sul (Detran-RS) foram a principal pauta anunciada por Daniel Scola na abertura do Gaúcha Atualidade do dia 25 de julho de 2016, uma segunda-feira. O

atraso nos serviços prestados pelo órgão, os transtornos causados aos motoristas e o funcionamento do próprio Detran foram os principais focos da narrativa configurada. Além deste assunto, também se abordou, ao longo do programa (com menos intervenções da audiência), o impacto econômico da violência urbana no Rio Grande do Sul; os preparativos para os Jogos Olímpicos e as polêmicas envolvendo a ocupação da Vila Olímpica, no Rio de Janeiro; a prisão de dois policiais suspeitos de corrupção; e os problemas no trânsito na Região Metropolitana de Porto Alegre.

4.4.3.1 A composição da intriga, episódios e conflitos

Para compreendermos melhor o contexto em que se insere a narrativa sobre a greve dos servidores do Detran, configurada no *Gaúcha Atualidade* do dia 25 de julho, é preciso voltarmos no tempo em alguns dias. De acordo com informações publicadas no site da Rádio Gaúcha, a decisão pela paralisação das atividades foi acordada em uma assembleia dos servidores realizada no dia 8 de julho, sexta-feira. Na segunda-feira seguinte, dia 11, foi deflagrada a greve. A categoria reivindicava melhorias na estrutura dos locais onde são realizados os exames práticos de direção, a execução pelo governo das progressões e promoções de carreira, reposição salarial de 26,7% (que correspondia às perdas inflacionárias dos últimos quatro anos) e o fim da cobrança de coparticipação no vale-alimentação.

Após uma semana de greve, o Detran estimava que 75% dos servidores do órgão não estavam trabalhando por adesão à mobilização ou afastamento. Alguns dias depois, o Departamento anunciou o corte no ponto dos grevistas. Com duas semanas de paralisação, o Sindicato dos Servidores do Detran (Sindet) estimava que 20 mil exames práticos e teóricos de direção deixaram de ser realizados. Já os dados apresentados pelo Detran minimizavam os efeitos da greve. Segundo o Departamento, o *déficit* no número de exames era de 11,2 mil. Além das provas, outros serviços também foram interrompidos ou prejudicados, como as fiscalizações da Operação Balada Segura e as liberações de veículos apreendidos.

Ao completar duas semanas, no dia 25 de julho, data em que se comemora o Dia do Colono e Motorista, a greve voltou a ser pauta do *Gaúcha Atualidade*. O assunto já vinha sendo abordado em outras edições do programa, como pontuou o âncora Daniel Scola, ao, aparentemente,⁵⁸ responder críticas da audiência quanto ao enfoque dado à cobertura do assunto:

⁵⁸ Scola não faz referência ao recebimento de críticas, mas fica implícito em sua fala um tom de “explicação”.

– [Daniel Scola] Os servidores que estão em greve. Nós ouvimos eles várias vezes aqui na programação da Rádio Gaúcha. Hoje nosso objetivo no Gaúcha Atualidade era ouvir uma posição do governo em relação a isso [...] Desde o início, três sextas-feiras atrás, nós ouvimos o sindicato já anunciando greve, confirmando a paralisação do serviço, ouvimos ao longo desse processo de discussão sobre aumento salarial e, hoje, acho que é a primeira vez que o secretário falou aqui no programa [SN 05].

A intriga que provoca a narrativa, assim, pode ser entendida como o balanço das duas semanas de paralisação das atividades do Detran em razão da greve dos servidores. Ao longo da narrativa, contudo, o enredo se modifica, passando a dar ênfase às taxas cobradas pelo Departamento. O projeto dramático adotado pelo programa é de crítica ao governo e ao Detran, inicialmente pela demora na resolução do impasse com os grevistas e, posteriormente, pelos valores cobrados pelo órgão.

A narrativa começa, logo após as manchetes de abertura, com uma entrevista com o secretário estadual de Administração, Raffaele Di Cameli, via telefone, conduzida pelos apresentadores Daniel Scola e Rosane de Oliveira. O entrevistado é questionado sobre o posicionamento do governo em relação à greve e as tratativas com a categoria. Em seguida, Scola e Oliveira comentam a greve, apresentando as reivindicações dos servidores grevistas e, desde já, assumindo o tom de crítica ao governo e ao Detran.

A narrativa segue com intervenções de ouvintes mescladas aos comentários dos apresentadores, principalmente sobre as dificuldades da população em acessar determinados serviços prejudicados pela greve, como a emissão das Carteiras de Habilitação ou a retirada de veículos apreendidos. Logo as queixas deixam de se concentrar somente nos serviços interrompidos e avançam para uma crítica ao funcionamento do Detran como um todo e, em especial, às taxas cobradas. Começa a se delinear uma outra direção para a narrativa.

Na segunda metade do programa foi veiculada uma sonora gravada pela equipe de produção com o presidente do Sindicato dos Servidores do Detran, Maximiliano da Rocha, em resposta à entrevista com o secretário de Administração do Estado. Pode-se concluir que a narrativa sobre a greve se encerra aí. A discussão sobre o Detran continua, porém o foco é direcionado às taxas e valores cobrados pelos serviços prestados pelo órgão. A narrativa segue, até o encerramento do programa, estruturada, basicamente, pelas contribuições enviadas pela audiência e os comentários dos apresentadores.

A narrativa sobre a greve do Detran, então, pode ser dividida em dois grandes episódios: na parte inicial temos a discussão sobre o impacto negativo da greve para a população, e, num segundo momento, a crítica ao próprio Departamento de Trânsito e suas

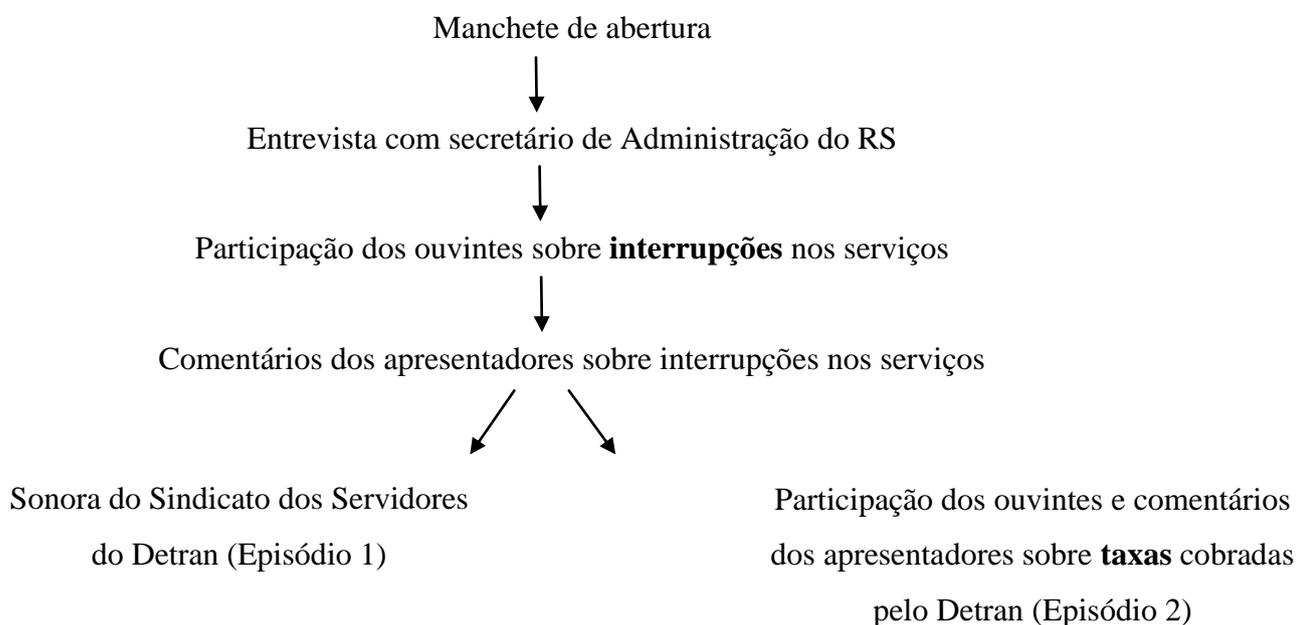
taxas. O ponto de virada entre os episódios se localiza na SN 03, quando os apresentadores trazem o assunto à discussão:

- [Daniel Scola] Tem uma coisa que chama a atenção também e a gente não pode deixar passar, né, Rosane: as taxas do Detran.
- [Rosane de Oliveira] Ah como são caras!
- [Daniel Scola] São salgadas. Transferência, licenciamento, a própria obtenção da CNH, primeira CNH é mais de mil reais. A renovação da Carteira de Motorista passa dos 200 reais. E assim vai. Qualquer operação com o Detran é, olha, salgadinha, pesada no bolso [SN 03].

Apesar de bastante visível, o ponto de virada não representa uma ruptura entre os episódios. Eles se mesclam durante boa parte do desenvolvimento da narrativa até a SN 10, quando é veiculada a sonora com o presidente do Sindicato dos Servidores do Detran. A partir de então, as questões das taxas se sobrepõem à discussão inicial.

A narrativa que inicia enfatizando a greve e o impacto da interrupção dos serviços se modifica ao longo do programa, desviando-se da intriga principal. Enquanto a questão da greve em si se encerra com o posicionamento do Sindicato dos Servidores, a discussão sobre os valores cobrados pelo Departamento de Trânsito ganha corpo, principalmente pela participação dos ouvintes, que relatam várias situações de cobranças consideradas abusivas. O que poderia ter sido apenas um conflito secundário, acabou evoluindo e sendo incorporado como um episódio.

O ordenamento desta narrativa, assim, apresenta uma bifurcação, como mostra o esquema a seguir:



Quantitativamente, a narrativa sobre a Greve do Detran ocupou 35 minutos e 4 segundos do Gaúcha Atualidade do dia 25 de julho, sendo composta por 16 Sequências Narrativas, classificadas conforme mostra a Tabela 3, a seguir. A classificação das SNs, nesta narrativa, foi particularmente mais complicada. Muitas das Sequências continham características que permitiam a classificação em mais de uma categoria: houve participação de ouvintes durante a entrevista e muitos comentários junto a leitura das mensagens dos ouvintes. Além disso, uma das sequências identificadas como Entrevista, na verdade, abriga a veiculação da sonora gravada anteriormente e complementada por comentários – fugindo, ligeiramente, à definição que nos serve de referência (Quadro 1).

Tabela 3 – Narrativa 3: Classificação das Sequências Narrativas

Categoria	Quantidade de SNs	Tempo
Participação do ouvinte	6	12'13s
Comentário	5	6'14s
Entrevista	2	15'07s
<i>Teaser</i>	2	23s
Abertura/Encerramento do programa	1	1'07s
Total	16	35'04s

Fonte: Elaboração da autora.

É interessante observarmos, também, que não houve intervenções da reportagem nesta narrativa, apesar de que, durante o programa, um protesto era organizado pelos servidores grevistas em frente ao Palácio Piratini, sede do governo gaúcho em Porto Alegre. Assim, apesar de as Entrevistas ocuparem o maior espaço de tempo, são as participações da audiência e os comentários dos apresentadores que sustentam a narrativa. Os *Teasers* e a manchete de abertura do programa servem como elementos de coesão.

4.4.3.2 *As vozes da narrativa*

Na narrativa sobre a greve do Detran identificamos as vozes de 16 personagens, que contribuíram com a estória de modo direto ou indireto. Destes, quatro personagens eram profissionais da emissora, segundos-narradores, portanto; dois eram entrevistados e dez eram ouvintes-enunciadores, ambos ocupando a posição de terceiro-narradores.

Os profissionais da emissora que tiveram voz na narrativa foram os apresentadores Daniel Scola e Rosane de Oliveira, o produtor Tiago Boff e o repórter Paulo Rocha. Enquanto

os dois últimos tiveram participações mais discretas, estando presentes em apenas três SNs, Scola e Oliveira ocupam funções de destaque, seja na condução das entrevistas, no acionamento dos ouvintes-enunciadores ou nos comentários que fundamentam a narrativa, como vimos anteriormente.

Os entrevistados foram o secretário estadual de Administração, Raffaele Di Cameli, e o presidente do Sindicato dos Servidores do Detran, Maximiliano da Rocha. Ambos podem ser classificados como fontes oficiais, que falam em nome das entidades que representam. O primeiro, como já pontuamos, foi entrevistado via telefone por Scola e Oliveira, enquanto o segundo teve seu depoimento gravado pela equipe de produção e veiculado, posteriormente, durante o programa. Como terceiro-narradores, Di Cameli e Rocha foram convocados pelos segundo-narradores e tiveram suas intervenções mediadas e controladas de acordo com o projeto dramático adotado para a narrativa.

Os 10 ouvintes-enunciadores, por sua vez, foram identificados em 13 menções aos ouvintes, distribuídas em 8 Sequências Narrativas. Aqui, mais uma vez, consideramos duas SNs além das classificadas como Participação do ouvinte: a SN 02, identificada como Entrevista, em que Oliveira elabora uma pergunta ao secretário entrevistado com base nas mensagens enviadas pelos ouvintes, e a SN 11, categorizada como Comentário, em que, novamente, Oliveira tece seu comentário sobre o tema em discussão a partir das contribuições da audiência. São justamente nestas duas SNs que identificamos o uso das mensagens de modo genérico, como subsídio para a argumentação da apresentadora. Nestas duas Sequências, Oliveira não chega a ler ou comentar uma mensagem específica, mas se vale do conjunto das mensagens em sua enunciação:

– [Rosane de Oliveira] Pra gente encerrar, secretário, porque eu tenho muitas mensagens aqui de pessoas reclamando do problema dos carros que são guinchados, que são apreendidos e a pessoa não pode retirar. Não tem como ter uma solução emergencial pra isso? [SN02].

– [Rosane de Oliveira] Tem um serviço do Detran que as pessoas estão reclamando muito aqui e eu vou concordar com os nossos ouvintes, que é uma extorsão. A pessoa compra o carro financiado. Ele fica alienado; esse carro tá vinculado ao financiamento. Termina de quitar e aí só pra tirar a palavra alienado do documento do carro o Detran cobra 200 reais [SN11].

Nas demais mensagens de ouvintes, percebemos o emprego de diferentes modos de identificação dos enunciadores. Há quatro identificações genéricas, que se valem de expressões como “um ouvinte” ou “um outro ouvinte”. Outros dois ouvintes são introduzidos na narrativa pelo nome e três pelo nome e sobrenome. Em quatro identificações é mencionado

o local de origem dos ouvintes, ressaltando-se que um deles fala desde os Estados Unidos. Registramos, ainda, duas contribuições em que foram utilizadas, como identificação dos ouvinte-enunciadores, a referência a suas profissões: na SN 04, a referência a um examinador, funcionário do Detran; e na SN 05, um motorista de ônibus.

Das 13 menções às contribuições da audiência – entre mensagens e subsídios à apresentadora – somente três foram introduzidas na narrativa de modo literal. Todas as outras foram relatadas de modo parafrástico. Somente duas mensagens foram levadas ao ar por Scola, e as demais ficaram sob responsabilidade de Oliveira. Não registramos, nesta narrativa, nenhum envio de fotografia ou mensagem de áudio por parte da audiência. O número de telefone para interação via WhatsApp é mencionado em duas SNs, porém sem nenhum tipo de convite ou estímulo explícito à participação.

4.4.3.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador

Diferente das narrativas analisadas até então, nesta a intriga central não girava em torno da cobertura de um fato recente ou em curso, mas, sim, de um acontecimento que já se estendia há duas semanas. Sendo assim, as mensagens enviadas pelos ouvintes e convocadas à narrativa foram marcadas, principalmente, pela reconstituição e avaliação. Os ouvintes-enunciadores acionados foram, em sua maioria, sujeitos comuns, e o efeito valorativo predominante foi o de descrição e veracidade.

Na análise dos atributos dos ouvintes-enunciadores, sobressaíram-se os sujeitos comuns. *Homo quotidianus*, estes ouvintes não detinham nenhum outro atributo que os especificasse: não tinham notoriedade ou algum saber especializado, não eram testemunha e sua localização era irrelevante para a narrativa. Seu acionamento, assim, se deu em consequência dos atributos da mensagem.

– [Daniel Scola] Tem ouvinte indignado aqui. Olha, ele quer saber onde eu paguei a carteira de habilitação por mil reais. Mil reais. Ela custa quase 2 mil, diz o ouvinte Ademir, em mensagem ao programa. Quase 2 mil reais pela CNH? Primeira CNH? Chega a isso já? [SN 12].

– [Daniel Scola] O Alexandre Lima, nosso ouvinte, tá lembrando que quem compra carro financiado, quando quita, tem que pagar quase 200 reais para tirar a alienação do documento. Sabiam disso? [SN 05].

No primeiro excerto temos a identificação do ouvinte apenas pelo primeiro nome, enquanto no segundo caso temos o nome e sobrenome, porém essas informações não agregam valor à narrativa. A ênfase do acionamento destes ouvintes-enunciadores recai sobre a mensagem. São, por isso, exemplos de sujeitos comuns elevados à posição de personagens da narrativa.

Identificamos, ainda, três outros atributos: coletividade e saber especializado, em duas situações cada, e a localização geográfica, em uma situação. No primeiro caso, tratam-se, novamente, de falas atribuídas à audiência como representação de uma coletividade, sintetizando informações e opiniões enviadas à rádio até a saturação. O saber especializado foi percebido em mensagens enviadas por profissionais ligados à área: um examinador do próprio Detran e um motorista de ônibus. Já a localização foi fator determinante para o acionamento do ouvinte residente nos Estados Unidos, que trouxe à narrativa o relato sobre os valores cobrados pelas carteiras de habilitação naquele país, permitindo uma comparação com os valores praticados no Brasil.

Quanto aos atributos das mensagens, a reconstituição e a avaliação mostraram-se predominantes, estando presentes em sete e seis mensagens, respectivamente. Três mensagens foram marcadas pela elucidação. Como reconstituição, entendemos aquelas mensagens que continham relatos sobre situações anteriores vivenciadas pelos ouvintes:

– [Rosane de Oliveira] [...] tem gente que diz que tá aqui com o carro preso há sete dias precisando do carro pra trabalhar. [SN 05].

– [Rosane de Oliveira] O Paulinho Silva, de Rio Pardo, diz que há algum tempo ele teve o carro preso por atraso no IPVA, estava em processo de transferência e teve que fazer vistoria no pátio do guincho, diz ele. “Paguei todas as taxas e documentos e o carro foi liberado do guincho somente um mês e meio depois de apreendido. Quando fui buscar tive que pagar mais de 500 reais de diárias lá no guincho” [SN 08].

Mensagens deste tipo trazem à narrativa elementos que servem como provas de verdade, evidências que comprovam os argumentos defendidos pelos apresentadores. Além disso, muitas trazem um tom emocional, sendo acionadas de forma a reforçar o projeto dramático adotado pela emissora, em que o Detran e o governo do Estado são configurados como “vilões” da estória, enquanto a população, representada pelos ouvintes-enunciadores, são as “vítimas”, que sofrem com a greve e as taxações abusivas impostas pelo Departamento.

A avaliação foi percebida em mensagens em que os ouvintes manifestavam sua opinião sobre a greve ou sobre os serviços do Detran. Este atributo foi observado em

mensagens em que os ouvintes expressavam de modo evidente seu posicionamento e, principalmente, seu descontentamento com o órgão e a greve. Em alguns casos, a avaliação se revelou implícita, sendo identificada pelo emprego do verbo “reclamar”.

O último atributo identificado nas mensagens – a elucidação – foi percebido em três situações: em duas os ouvintes explicam práticas do Detran, com base em suas experiências, e, em outra um ouvinte corrige os apresentadores:

– [Rosane de Oliveira] Tem um ouvinte dizendo aqui que a diária do depósito do Detran é de 25 reais e lembra o seguinte: “sem contar que se guincharem o teu carro na sexta-feira, tu só consegue pagar e retira-lo na segunda ou terça porque tem que ter tempo para a multa entrar no sistema e pra pessoa pagar”. Esse ouvinte diz o seguinte: “eu não entendo isso, pois quando se entra numa barreira eles checam a placa do carro na hora, no sistema, então poderia já se fazer tudo automaticamente [SN 05].

– [Rosane de Oliveira] Agora tem ouvinte dizendo que a história da gratuidade não é bem assim. Felipe Machado diz que na verdade a pessoa se inscreve e que a gratuidade é dada por sorteio. Não pode ser. [SN 16].

É interessante refletirmos sobre a veiculação desta última mensagem, que se assemelha a anterior, em que o ouvinte questiona a informação sobre o valor das CNHs. Elas evidenciam uma das características da narrativa radiofônica que discutimos no Capítulo 3: a apuração ao vivo. Como vimos, as narrativas radiofônicas, configuradas em tempo real, costumam expor determinadas práticas produtivas, que, em outras mídias, ficam restritas aos bastidores. Isso se dá em virtude do caráter dinâmico e ágil da comunicação radiofônica. Em programas como o *Gaúcha Atualidade*, baseado em notícias e na conversa entre os apresentadores, a veiculação de informações ou dados imprecisos se revela frequente. Nestes casos, os ouvintes atuam como vigilantes, contribuindo para a precisão das informações veiculadas.

Nesses dois casos identificados, as correções e questionamentos levados ao ar agregaram, ainda, a função de reforço do projeto dramático. Em ambos os casos, os ouvintes-enunciadores corrigem informações referentes aos serviços prestados pelo Detran enfatizando o lado negativo: o valor da Carteira de Habilitação mais caro que o indicado por Scola e o processo de obtenção da CNH Social mais burocrático do que o mencionado por Oliveira. Ambas as mensagens, dessa forma, contribuem para a construção da imagem negativa do Detran, um dos vilões desta narrativa.

Por fim, os efeitos gerados pelo cruzamento dos atributos dos ouvintes-enunciadores e das mensagens foram de descrição e veracidade, predominante em nove mensagens, opinião,

presente em quatro, e saber, identificada em uma. Percebe-se que a narrativa foi alicerçada pela contribuição dos ouvintes com descrições de situações vivenciadas, ainda que, em muitas dessas, o posicionamento e a avaliação dos ouvintes estivessem implícitos.

A participação dos ouvintes na narrativa sobre a greve do Detran, em síntese, teve o propósito de reforçar o projeto dramático adotado pela emissora e seus profissionais desde o início do programa. Apesar de diversas, as vozes de ouvintes levadas ao ar tiveram a mesma perspectiva de enunciação, ou seja, colaboraram com as críticas ao órgão e evidenciaram os problemas causados pela continuidade da greve.

Mesmo assim, as contribuições tiveram uma atribuição relevante na construção da narrativa, principalmente pelo papel de reconstituição e avaliação das mensagens acionadas pelos apresentadores. Desta forma, os ouvintes-enunciadores, por meio de seus depoimentos e relatos de experiências pessoais, forneceram à narrativa provas de verdade que fortaleceram a argumentação desenvolvida pelos apresentadores.

Percebemos, também, que as intervenções dos ouvintes-enunciadores provocaram significativas interferências na narrativa. A própria mudança no enredo – dos impactos causados pela greve dos servidores para as queixas quanto ao funcionamento e as taxas cobradas pelo Detran – foi alicerçada pelas mensagens enviadas pela audiência, ainda que o novo enfoque tenha sido provocado pelos apresentadores. Outro fator que distingue esta narrativa das demais analisadas é o grau de diálogo mantido pelos apresentadores com os ouvintes. Ainda que esta interação tenha se dado de modo unilateral, sem a possibilidade de réplicas ou trélicas por parte dos ouvintes – o que viria a configurar, de fato, uma situação de diálogo ou interatividade, conforme Quadros (2013) –, observamos que as mensagens lidas no ar não foram isoladas, mas geraram comentários por parte dos apresentadores, estendendo o debate.

4.4.4 Narrativa 4: Crise na segurança

No dia 26 de agosto de 2016, uma sexta-feira, o Gaúcha Atualidade foi ao ar com uma grande pauta, que dominou praticamente todo o programa. A crise na segurança pública no Estado do Rio Grande do Sul, que já vinha sendo intensamente abordada em diversos programas da Rádio Gaúcha, foi o tema central do programa. Ancorado de Brasília por Daniel Scola, o programa também abordou, ainda que de modo muito breve, o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e as condições do trânsito e clima na Região Metropolitana de Porto Alegre.

4.4.4.1 A composição da intriga, episódios e conflitos

A escolha da pauta que dominou o roteiro do *Gaúcha Atualidade* do dia 26 de agosto de 2016 foi motivada por quatro grandes acontecimentos registrados entre os dias 25 e 26 de agosto: o assassinato de uma mulher enquanto esperava o filho sair da escola, em Porto Alegre; a exoneração do então secretário estadual de segurança, Wantuir Jacini; a criação de um Gabinete de Crise no governo gaúcho; e a viagem do governador José Ivo Sartori a Brasília em busca do auxílio da Força Nacional de Segurança. Apesar da gravidade dos acontecimentos, não foram somente estas as motivações para a ênfase dada à pauta. Novamente aqui se faz necessário que voltemos no tempo, a fim de compreendermos o contexto em que se situou a narrativa sob análise.

Os problemas enfrentados pelo Estado do Rio Grande do Sul na área da segurança pública já vinham sendo intensamente explorados nos veículos do Grupo RBS, entre eles a *Rádio Gaúcha*. Duas matérias publicadas no dia 26 de agosto, no site do jornal *Zero Hora*, sintetizam as causas da crise na segurança e relembram os últimos acontecimentos que levaram à situação dramática vivida pelos gaúchos no final daquele mês de agosto (FURLAN, 2016; COSTA, 2016). De acordo com as reportagens, o “colapso na segurança pública no Rio Grande do Sul” era resultado de problemas acumulados pelo Estado ao longo dos últimos dez anos. A crise financeira, o descontrole e os equívocos administrativos foram apontados pelo jornal como as principais razões para a escalada da criminalidade no Estado.

A queda do secretário de segurança, em 25 de agosto, também foi explicada pelo jornal por meio de uma linha do tempo que lembrava os crimes que marcaram os últimos dias de Jacini à frente da pasta. O jornal parte do dia 14 de agosto, *Dia dos Pais*, quando nove pessoas foram mortas de modo violento na Região Metropolitana de Porto Alegre, duas delas vítimas de latrocínio. Os assassinatos registrados nesse dia causaram comoção na região. Desde então, até o dia 26, *Zero Hora* afirmava que pelo menos 50 pessoas haviam sido assassinadas na Região Metropolitana, contabilizando uma média superior a 4 mortes por dia (FURLAN, 2016).

Nesse contexto, a narrativa do *Gaúcha Atualidade* do dia 26 teve início com um longo discurso de abertura, em que Scola apresenta as principais questões que seriam tratadas ao longo do programa. O tom de voz era um misto de pesar e indignação. O mesmo percebe-se nas falas das apresentadoras Carolina Bahia e Rosane de Oliveira, que reforçavam os argumentos de Scola quanto à gravidade da situação vivida pelos gaúchos, especialmente os moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre. Nota-se, já nos primeiros minutos do

programa, o projeto dramático adotado: a crítica à demora do governo em reagir diante da crise instalada no Estado. Logo após a abertura do programa, Scola leu um trecho de coluna assinada por ele mesmo e publicada no site da emissora um ano antes, em agosto de 2015. Dizia o trecho:

– [Daniel Scola] Ao governador e ao secretário de segurança: não dá mais. A escalada da violência perdeu o controle. Montem um gabinete de crise. Reúnam à mesma mesa nomes de peso da segurança, Judiciário, Ministério Público, Polícia Federal, Susepe, e quem mais estiver disposto a contribuir. Mostrem para todos os gaúchos que o Estado quer recuperar o tempo perdido, nos deem uma resposta eficiente e enérgica sob pena de lembrarmos dessa como uma crise que ficou sem resposta [SN 02].

A leitura da nota nos ajuda a compreender o contexto em que se dá a configuração da narrativa e o tom adotado pelos apresentadores. Repetem-se em suas falas argumentos que indicam que este já era um tema recorrente no programa; que os alertas ao governo já haviam sido dados há muito tempo, porém sem repercussões até então.

A narrativa segue com a participação do repórter Mateus Ferraz, que acompanhava, junto ao Palácio Piratini, sede do governo gaúcho em Porto Alegre, a primeira reunião do Gabinete de Crise para tratar da segurança pública no Estado. Em seguida, os apresentadores entrevistaram, por telefone, o delegado responsável pela investigação do assassinato da mãe em frente à escola. O diretor do educandário, um padre, é o entrevistado seguinte, também via telefone. Na sequência, Scola lê uma nota oficial emitida pela Brigada Militar.

A participação dos ouvintes, intercalada com comentários dos apresentadores, dá seguimento à narrativa. Como veremos adiante, a interação com os ouvintes foi intensa durante o programa (de acordo com as afirmações de Rosane de Oliveira, responsável por administrar o aplicativo WhatsApp), apesar de o número de mensagens lidas e de ouvintes-enunciadores identificados não ter sido tão expressivo, principalmente se comparado com as narrativas analisadas anteriormente.

A reportagem da emissora foi novamente acionada, dessa vez com a repórter Kelly Mattos, que aguardava, no aeroporto, em Brasília, a chegada do governador do Rio Grande do Sul. Na sequência, até mesmo o comentário esportivo diário, com Pedro Ernesto Denardin, trouxe contribuições à narrativa sobre a crise na segurança: ao final de sua fala, Denardin também demonstrou indignação com a situação vivida no Estado.

Por volta das 9h10 da manhã, a síntese noticiosa Virada da Hora, que destaca, durante o Gaúcha Atualidade, as principais pautas do dia, trouxe cinco manchetes sobre segurança.

Intercalaram-se, em seguida, mais comentários dos apresentadores, menções às mensagens dos ouvintes e novas intervenções da reportagem. Primeiro, Giane Guerra, repórter de Economia, abordou a questão da segurança e seu impacto junto as escolas e universidades particulares de Porto Alegre. Logo após, Kelly Mattos entrevistou o governador José Ivo Sartori em sua chegada a Brasília.

Em um dos poucos momentos em que o programa foge da temática sobre segurança pública, Scola entrevistou pessoalmente o senador Lasier Martins sobre o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Ao final da conversa, contudo, o parlamentar também comentou a situação da violência no Estado. A narrativa se encerrou, no programa Gaúcha Atualidade, com comentários dos apresentadores e novas menções à participação dos ouvintes. A temática, entretanto, seguiu sendo abordada na programação da rádio ao longo do dia.⁵⁹

A intriga da narrativa configurada no dia 26, assim, foi a crise na área da segurança pública no Estado. Já os acontecimentos que motivaram a pauta podem ser entendidos como episódios, ainda que estes não tenham sido apresentados de modo fechado e isolado, mas, sim, de forma fragmentada, mesclando-se uns aos outros, ao longo do programa. São eles:

- Episódio 1: Investigação do assassinato da mãe, morta em frente à escola em Porto Alegre.
- Episódio 2: Exoneração do secretário estadual de segurança, Wantuir Jacini.
- Episódio 3: Criação e primeira reunião do Gabinete de Crise do governo do Estado.
- Episódio 4: Viagem do governador José Ivo Sartori a Brasília, em busca de apoio do governo federal e liberação da Força Nacional de Segurança.

Identificamos ainda, dois conflitos secundários:

- Conflito secundário 1: Receptação de bens furtados e sua influência no aumento da criminalidade.
- Conflito secundário 2: Impacto dos investimentos em segurança para escolas e universidades da rede privada de Porto Alegre e região.

O ordenamento dos episódios e conflitos pode ser esquematizado da seguinte forma:

⁵⁹ Os acontecimentos ocorridos entre os dias 25 e 26 de agosto mobilizaram todo o Grupo RBS em uma ampla cobertura. Além disso, a edição do jornal Zero Hora do fim de semana, dias 27 e 28 de agosto, noticiou o lançamento da campanha Segurança Já e de uma editoria específica sobre Segurança, unificando diferentes veículos: os jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, a RBS TV e a Rádio Gaúcha. Segundo a editora geral de ZH, Marta Gleich, a pauta passava, a partir daquela data, a ser prioritária nos veículos do Grupo. Na Gaúcha foi adotada uma vinheta com o slogan Segurança Já, veiculada ao longo da programação sempre que o tema fosse abordado. A vinheta permaneceu em uso por cerca de três meses.

Abertura do programa e comentário inicial → Reportagem (Episódio 3) → Entrevista (Episódio 1) → Entrevista (Episódio 1) → Leitura de Nota (Episódio 1) → Participação dos ouvintes → Comentário (Conflito Secundário 1) → Participação dos ouvintes → Reportagem (Episódio 4) → Comentário → Reportagem (Conflito Secundário 2) → Participação dos ouvintes (Conflito Secundário 1) → Reportagem (Episódio 4) → Participação dos ouvintes → Comentário.

Estruturalmente, a narrativa sobre segurança pública foi configurada por meio de 29 Sequências Narrativas, que ocuparam 1 hora, 12 minutos e 25 segundos do Programa. Trata-se de uma narrativa extensa, que, de fato, dominou praticamente todo o Gaúcha Atualidade do dia 26 de agosto (lembrando que o programa tem, no total, 1 hora e 50 minutos de duração, incluindo-se aí o tempo destinado aos intervalos comerciais). As SNs foram classificadas como mostra a Tabela 4.

Tabela 4 – Narrativa 4: Classificação das Sequências Narrativas

Categoria	Quantidade de SNs	Tempo
Comentário	8	13'30s
Manchete	5	1'52s
Entrevista	4	31'43s
Reportagem	4	8'25s
Participação do ouvinte	4	7'32s
<i>Teaser</i>	2	1'09s
Leitura de Nota	1	1'19s
Abertura/Encerramento do programa	1	6'55s
Total	29	1h12'25s

Fonte: Elaboração da autora.

A narrativa é estruturada principalmente pelas Entrevistas (e aqui consideramos também a Leitura da Nota), pelas intervenções da Reportagem e pelos Comentários dos apresentadores. A opinião dos profissionais da rádio, aliás, não se restringe às SNs identificadas como Comentários, estando presentes também na SN de Abertura e junto as menções à participação dos ouvintes. Manchetes e *Teaser*, novamente, funcionaram como elementos de coesão da narrativa. Houve apenas uma menção ao número de telefone para interação via WhatsApp, porém não foi feito nenhum tipo de convite à participação.

As Sequências Narrativas classificadas como Participação do ouvinte, por sua vez, somaram somente 7 minutos e 32 segundos, ainda que o volume de mensagens enviadas pela

audiência tenha sido bastante expressivo – segundo afirmou Rosane de Oliveira, durante o programa. Discutiremos estas intervenções de modo mais detalhado nos tópicos a seguir.

4.4.4.2 As vozes da narrativa

Predomina, nesta narrativa, o tempo dedicado às vozes autorizadas, sejam elas fontes oficiais ou profissionais da emissora. Identificamos as vozes de 20 personagens, sendo dez de profissionais da Rádio Gaúcha, cinco fontes e cinco ouvintes.

Os profissionais da emissora que tiveram voz nesta narrativa foram: os apresentadores Daniel Scola e Carolina Bahia, ambos falando desde Brasília, e Rosane de Oliveira, desde Porto Alegre, os repórteres Kelly Matos, Mateus Ferraz, Milena Scheller e Giane Guerra, o produtor Tiago Boff e os comentaristas fixos da rádio, Cláudio Brito e Paulo Ernesto Denardin.

Já as fontes que foram inseridas na narrativa foram: o delegado de polícia Alexandre Vieira, responsável pela investigação da morte da mulher, o diretor da escola onde ocorreu o assassinato, padre Marcos Sandrini, o governador do Estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, o senador Lasier Martins, e ainda a instituição Brigada Militar, cuja manifestação se deu por meio de leitura da nota oficial remetida ao programa. Tratam-se de terceiro-narradores, dos quais a intervenção na narrativa se deu mediante a convocação e o controle exercido pelos segundo-narradores.

As fontes entrevistadas desempenharam um papel fundamental nesta narrativa. Como podemos observar na Tabela 4, o tempo dedicado a elas, somando-se as SNs classificadas como Entrevista e Leitura de Nota, chega a 33 minutos e 2 segundos, o equivalente a, aproximadamente, 45% do tempo total da narrativa. Exceto pela participação do senador Lasier Martins, cuja contribuição foi de caráter opinativo, as demais colaboraram para a elucidação dos episódios narrados, trazendo os pontos de vista oficiais das instituições que cada um dos entrevistados representa.

A terceira categoria de personagem identificada na narrativa são os ouvintes-enunciadores, que ocuparam, também, a posição de terceiro-narradores. Suas intervenções na narrativa foram acionadas e controladas pelos profissionais da emissora, especificamente Rosane de Oliveira e Daniel Scola. Das 12 mensagens isoladas da narrativa, 11 foram levadas ao ar por Oliveira e apenas uma por Scola.

O volume de contribuições vindas da audiência, apesar de não ocupar um tempo significativo na narrativa, em comparação com o espaço concedido às demais vozes, foi,

supostamente, bastante significativo, como já mencionamos anteriormente. Rosane de Oliveira expressa, em pelo menos duas SNs, a intensa participação dos ouvintes por meio do aplicativo WhatsApp:

– [Rosane de Oliveira] Explodiu hoje, Scola, explodiu mesmo nosso WhatsApp. Eu acho, a gente não tem como contar, mas eu acho que nunca tivemos tantas mensagens. Todo mundo querendo dar uma sugestão, todo mundo querendo contar uma história de violência. É impressionante como há histórias de violência. Todo mundo tem um parente, um amigo ou foi ele mesmo assaltado. Muitos dos nossos ouvintes assaltados duas, três vezes até. Muitos comentários também sobre esse tema da receptação que a gente falou [SN 20].

– [Rosane de Oliveira] Olha, Scola, novamente eu estou aqui, não consigo dar conta, tô o tempo todo grudada no WhatsApp de tantas mensagens dos ouvintes com muitas sugestões para a segurança pública [SN 27].

Ainda que a pauta tenha gerado uma grande repercussão entre os ouvintes interagentes, de acordo com as reações expressas pelos apresentadores durante o programa, as contribuições enviadas foram inseridas na narrativa de modo difuso. Ou seja, apesar de o volume de mensagens recebidas ter sido expressivo, e de termos isolado 12 mensagens, apenas 5 ouvintes-enunciadores foram identificados. Essa identificação, contudo, não seguiu um padrão: um ouvinte foi identificado somente pela profissão (taxista), dois foram identificados pelo nome e local de origem (“Eduardo, de Canoas” e “Regina, que mora na [Rua] Coronel Feijó”), e dois pelo nome completo e profissão (“promotor Amilcar Macedo” e “juiz Adel Oliveira”⁶⁰). Nas outras sete mensagens, a autoria foi atribuída ao coletivo dos ouvintes, sendo empregadas expressões como “muitos ouvintes”, “nossos ouvintes” ou “as pessoas”.

Quanto ao modo como as mensagens foram inseridas na narrativa, entre as que tiveram sua autoria identificada, apenas duas foram lidas de modo, aparentemente, literal, enquanto as demais foram veiculadas de forma indireta, ou seja, comentadas pelos apresentadores.

Não foram mencionados na narrativa outros meios de interação entre a rádio e os ouvintes, além do aplicativo WhatsApp. O número de telefone para interação pelo aplicativo foi citado apenas uma vez (SN 20). Também não houve referências ao envio de mensagens contendo fotografias, vídeos ou áudios.

⁶⁰ A menção ao juiz Adel Oliveira, na verdade, se refere a uma carta enviada pelo magistrado à Rosane de Oliveira em resposta a sua coluna “Pelos filhos de Cristine”, publicada no site do jornal Zero Hora no dia 25 de agosto de 2016. Não se trata, portanto, de um ouvinte, mas de um leitor do jornal.

4.4.4.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador

As contribuições da audiência acionadas nesta narrativa foram, essencialmente, de cunho opinativo. O principal efeito valorativo observado nas mensagens levadas ao ar foi o Efeito de Opinião. Já pela análise dos atributos, percebemos que os principais critérios de convocação consistiram no perfil coletivo e testemunhal dos ouvintes-enunciadores, bem como no caráter avaliativo de suas mensagens.

Novamente a fala dos ouvintes foi apresentada como a representação de uma coletividade. Em sete mensagens, os ouvintes-enunciadores não foram especificados, mas, sim, apresentados de forma genérica, no plural. A maioria destas contribuições sintetiza opiniões que, aparentemente, se repetiram entre as mensagens enviadas pela audiência ao longo do programa.

Além do perfil coletivo, os ouvintes convocados a participar da narrativa também se revelaram testemunhas e bem localizados em relação à intriga – atributos presentes em cinco e quatro mensagens, respectivamente. Suas contribuições trouxeram à narrativa informações sobre o mapa da criminalidade no Rio Grande do Sul a partir de suas próprias experiências, o que agregou, ainda, um caráter emocional à narrativa. Os trechos a seguir exemplificam este tipo de ouvinte-enunciador:

– [Rosane de Oliveira] E agora, neste momento, enquanto nós estamos aqui falando de segurança, eu recebo do Eduardo, lá de Canoas, a informação de que houve mais um assalto na frente de uma escola. Mãe assaltada ao deixar o filho na escola Espírito Santo, em Canoas. Segurança zero, diz ele. Levaram o carro dela. Felizmente deixaram a criança descer. É um filho pequeno. Aliás o filho do Eduardo está no berçário dessa mesma escola. E ele diz: “estamos todos com medo. Minha esposa está apavorada, pois deixamos nosso amado Pedro Henrique todos os dias nessa escola”. Com medo estamos todos nós, Eduardo [SN 01].

– [Rosane de Oliveira] E aí tem um ouvinte nosso que é taxista e ele tem ponto lá no centro. Diz que se a polícia quiser ela pega, porque eles vendem à luz do dia e não tem dia que não ofereçam pra ele celulares que valem aí 3, 4 mil reais, os caras oferecendo por 300, 400 reais, o que, obviamente, indica que esse telefone é roubado [SN 20].

A localização, aqui, funcionou de modo semelhante à primeira narrativa analisada. Assim como a cobertura dos temporais que vinham assolando todo o Estado, nesta o foco foi a crise na segurança pública no Rio Grande do Sul e, principalmente, na Região

Metropolitana. A referência ao local – bairro, cidade ou região – desde onde interagiam os ouvintes, colaborou para reforçar a imagem da emissora, seu alcance e índices de audiência.

Em duas mensagens também percebemos o saber especializado demonstrado pelos ouvintes como fator preponderante para seu acionamento na narrativa. Ambas as mensagens continham posicionamentos dos ouvintes em relação à discussão conduzida no programa, sendo utilizadas como forma de reforçar o projeto dramático. Apenas uma destas mensagens, contudo, era “positiva”, ou seja, concordava com o enquadramento proposto para o tema. A segunda mensagem era uma crítica dirigida à apresentadora e colunista do jornal Zero Hora Rosane de Oliveira. A esta se soma outro trecho, veiculado na mesma sequência narrativa, em que os ouvintes criticam uma suposta parcialidade na cobertura realizada pela rádio:

– [Rosane de Oliveira] Tem também, Scola muitos ouvintes perguntando assim: Por que nós só cobramos do governador Sartori e não cobramos das outras instituições? Por que nós não cobramos do Judiciário, por que nós não cobramos do Ministério Público, da Assembleia, enfim das outras instituições? [SN 27].

– [Rosane de Oliveira] E aí os nossos ouvintes, os leitores concordam com isso, mas recebi de um juiz federal uma ameaça de processo por dano moral porque se sentiu ofendido com essa minha sugestão. Diz esse juiz que concorda que eu tenho o direito de dizer e escrever o que quiser, mas que ele, como cidadão, tem o direito de buscar reparação ao agravo que ele se sentiu pela ofensa de eu ter dado essa sugestão. [...]. Este juiz federal, o juiz Adel Oliveira, escreveu uma carta dizendo que não concorda, que se sente ofendido neste caso. Ele recebe o auxílio-moradia da União e acha que eu não tenho equilíbrio para falar sobre os magistrados, que eu não gosto do Poder Judiciário e detesto magistrados [SN 27].

A primeira mensagem teve sua autoria indefinida, sendo atribuída ao coletivo de ouvintes. A crítica foi levada ao ar por meio das palavras da apresentadora, sem a leitura literal de uma mensagem específica e tampouco a identificação de um ouvinte-enunciador – estratégias que, neste contexto, ajudaram a enfraquecer o argumento negativo vindo da audiência. Logo após a menção a essa crítica, a própria apresentadora contra-argumentou, defendendo brevemente o ponto de vista da rádio e emendando, na sequência, a segunda crítica, desta vez dirigida a ela própria. Esta segunda mensagem, como já explicamos anteriormente, na verdade se trata de uma crítica dirigida ao conteúdo da coluna publicada por Rosane de Oliveira no Jornal Zero Hora. Não teria sido, portanto, enviada por um ouvinte da Rádio Gaúcha, mas por um leitor do jornal do Grupo RBS. Mesmo assim, Oliveira a insere na narrativa configurada pela emissora de rádio. A mensagem também não é lida de modo literal, mas comentada por Oliveira. É interessante observarmos como as duas únicas críticas à

narrativa foram levadas ao ar: na mesma Sequência Narrativa e de forma encadeada. O modo como Rosane de Oliveira articulou as duas mensagens contribuiu para enfraquecer ambos os comentários negativos: a apresentadora responde à primeira crítica, que questiona o foco dirigido apenas ao governo do Estado, com a leitura da segunda, em que um juiz desaprova justamente a tentativa da apresentadora de envolver o Poder Judiciário na resolução da crise da segurança pública.

As mensagens de avaliação, para além das críticas e elogio, foram mais frequentes nesta narrativa, sendo observadas em dez mensagens – grande parte atribuída ao coletivo de ouvintes interagentes. As mensagens traziam opiniões diversas sobre a questão da segurança pública:

– [Rosane de Oliveira] E, obviamente, também nas mensagens dos nossos ouvintes muitos pedidos para agravamento das penas e presídios, que as pessoas, que os presos condenados fiquem nos presídios, cumpram a pena inteira; não essa história de já cumpriu um sexto, libera e sai pra rua cometer crime novamente [SN 20].

– [Rosane de Oliveira] E, claro, um bom número de ouvintes também defendendo a pena de morte, defendendo a liberação das armas, essas sugestões que sempre aparecem quando ocorre um crime de repercussão como esse da mãe assassinada na frente da filha ontem lá no colégio Dom Bosco [SN 20].

Outras quatro mensagens trouxeram contribuições para a reconstituição de fatos relacionados à temática da narrativa e uma foi marcada pela atualidade. As mensagens de reconstituição continham o relato sobre experiências pessoais dos ouvintes, denunciando situações de violência urbana. Já a mensagem caracterizada pela atualidade dizia respeito a um helicóptero da Brigada Militar que, durante o programa, sobrevoava determinadas regiões da Grande de Porto Alegre:

– [Rosane de Oliveira] E a Regina, que mora na Coronel Feijó, uma rua paralela à Eduardo Chartier, ela disse que na frente da casa dela ficam grupos de trabalhadores do Zaffari Higienópolis e, dia desses, em pleno meio dia, parou um carro em frente onde esse grupo estava ali, fazendo o seu intervalo de trabalho, e fizeram uma limpa nos funcionários levando bolsas e celulares [SN 07].

– [Daniel Scola] Quero só registrar, Rosane, que tem helicóptero da Brigada Militar sobrevoando a Zona Sul de Porto Alegre agora.

– [Rosane de Oliveira] E sobrevoando Eldorado do Sul também, as pessoas estão dizendo. Não sei se é o mesmo [SN 27].

Do cruzamento entre os atributos específicos dos ouvintes-enunciadores e das mensagens, emanaram, principalmente, Efeitos de Opinião, resultantes da convocação mais frequente de contribuições de cunho opinativo. Já o perfil testemunhal de alguns ouvintes, somados as suas mensagens de reconstituição e atualidade, provocaram Efeitos de Descrição e Veracidade em quatro mensagens. Em apenas uma observamos a geração de Efeitos de Saber, resultantes da participação de profissionais da área do Direito, representados por uma mensagem atribuída a um promotor.

Sintetizando a análise dos critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores, percebemos que estes ocuparam um papel de personagens coadjuvantes nesta narrativa. Ou seja, a rádio priorizou as fontes oficiais e as vozes de seus próprios profissionais para relatar os episódios relacionados à crise da segurança pública. As contribuições da audiência, mesmo que pouco estimuladas pelos apresentadores, foram expressivas quantitativamente. Ainda assim, não tiveram uma grande repercussão na narrativa, não interferiram na condução do enredo, tampouco serviram como subsídio para a formulação de perguntas aos entrevistados (como registramos em algumas das narrativas já analisadas). Com conteúdo principalmente opinativo, as mensagens levadas ao ar foram marcadas pelo tom testemunhal, além do caráter coletivo (vários ouvintes enviando informações e opiniões semelhantes). Na narrativa, estas contribuições tiveram o papel de corroborar o projeto dramático adotado, reforçando o tom de indignação e pesar registrados desde a abertura do programa.

4.4.5 Narrativa 5: Protestos contra as reformas

A pauta do Gaúcha Atualidade da quinta-feira, 22 de setembro de 2016, foi anunciada pelo âncora Daniel Scola logo na abertura do programa. Dois grandes temas prometiam concentrar as discussões: os protestos organizados pelas centrais sindicais em oposição às reformas propostas pelo governo federal e a nova fase da Operação Lava Jato, que havia culminado na prisão do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega. O tipo de acontecimento, foco da primeira pauta e sua repercussão junto aos ouvintes, nos levou a selecionar esta narrativa para fechar nosso *corpus* de análise.

4.4.5.1 A composição da intriga, episódios e conflitos

No dia 22 de setembro ocorreu o Dia Nacional de Paralisação e Mobilização contra o governo federal. Em Porto Alegre as manifestações foram convocadas pelas principais

centrais sindicais: Central Única dos Trabalhadores (CUT), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), União Geral dos Trabalhadores (UGT), Força Sindical, Nova Central, Intersindical e Central Sindical e Popular (CSP-Conlutas). As mobilizações foram anunciadas ainda na quarta-feira, dia 21 de setembro. O foco dos manifestantes eram as propostas de reforma nas legislações previdenciária e trabalhista apresentadas pelo governo federal, além da preparação para uma possível greve geral.

Os protestos tiveram início na madrugada da quinta-feira em frente às garagens das principais empresas de transporte coletivo da capital gaúcha. Os manifestantes atrasaram a saída dos ônibus, liberando as garagens somente após às 7h. Em seguida, os diversos grupos de manifestantes saíram em caminhada por diferentes vias, rumo à região central de Porto Alegre.

A cobertura do dia de protestos, na Rádio Gaúcha, começou durante a madrugada, nos programas Madrugada Gaúcha (veiculado das 3h às 5h) e Gaúcha Hoje (das 5h às 8h), estendendo-se pela programação ao longo do dia. No Gaúcha Atualidade, a pauta foi introduzida por Daniel Scola logo na abertura do programa, dando o tom da narrativa que começava a ser configurada:

– [Daniel Scola] É uma manhã agitada com protestos em Porto Alegre, pelo interior. Na capital gaúcha, o dia começou com portões de garagens de ônibus bloqueados. Agora, manifestantes contra mudanças nas leis trabalhistas e previdenciárias estão caminhando por Porto Alegre provocando transtornos no trânsito, lentidão no trânsito. Ainda muita gente à espera de ônibus nas paradas [SN 01].

A narrativa sobre os protestos seguiu, durante o Gaúcha Atualidade, com a participação da reportagem. Dois repórteres revezavam-se na cobertura, acompanhando as manifestações em pontos distintos. Vitor Rosa relata a movimentação desde o acesso à capital pela ponte do Rio Guaíba, na BR 290, enquanto Daniel Fraga seguia os manifestantes que transitavam pelas vias centrais da capital. As entradas ao vivo foram frequentes – dez, ao longo do programa, como veremos na Tabela 5 a seguir – e, geralmente, os repórteres eram acionados em sequência, um após o outro. Os repórteres descreviam as ações dos manifestantes e a situação do trânsito, indicando rotas alternativas para quem trafegava pelas regiões afetadas pelos protestos.

Além das reportagens, a narrativa foi configurada, também, por intervenções da audiência, leitura de uma mensagem informativa repassada pela Polícia Rodoviária Federal, um breve comentário político da apresentadora Carolina Bahia sobre as reformas que

motivavam os protestos e, ainda, um questionamento dirigido à então candidata à Prefeitura de Porto Alegre, Luciana Genro,⁶¹ acerca do seu posicionamento, caso eleita, diante de manifestações como as que ocorriam naquele dia.

A intriga central desta narrativa foi o transtorno causado pelos protestos contra o governo federal. O projeto dramático adotado pela emissora enfocou somente a situação do trânsito, priorizando a atuação da reportagem, que acompanhava de perto as manifestações. A pauta foi esvaziada da discussão de cunho político, pouco explorando as reivindicações dos manifestantes. É perceptível e, em alguns trechos explícito, o posicionamento contrário dos apresentadores quanto ao modo como o protesto foi conduzido, com trancamento de vias e restrições à circulação dos ônibus. As razões que levaram os manifestantes às ruas, contudo, são consideradas legítimas pelos profissionais da emissora.

Não percebemos, nesta narrativa, a divisão por episódios ou a existência de pontos de virada. Os protestos foram narrados de forma linear, acompanhando a evolução dos manifestantes pelo espaço urbano. Não houve nenhum momento de clímax ou tensão na narrativa configurada durante o *Gaúcha Atualidade*. Por outro lado, identificamos alguns conflitos secundários, derivados da intriga central:

- Conflito secundário 1: Protestos na RS 287 levam ao trancamento do trevo de acesso ao município de Santa Cruz do Sul.
- Conflito secundário 2: Previsão de içamento do vão móvel da ponte sobre o Rio Guaíba, às 11h, o que provocaria ainda mais congestionamentos na BR 290.
- Conflito secundário 3: Motoristas trafegando no acostamento, em vias congestionadas.

Estruturalmente, o ordenamento da narrativa sobre os protestos pode ser esquematizado da seguinte forma:

Abertura → Reportagem → Participação dos ouvintes → Reportagem → Participação dos ouvintes → Reportagem → Entrevista → Reportagem → Participação dos ouvintes → Notícia → Participação dos ouvintes → Comentário → Reportagem

Quantitativamente, a narrativa ocupou 23 minutos e 24 segundos do programa, divididos em 22 Sequências Narrativas, classificadas conforme mostra a Tabela 5:

⁶¹ A poucos dias das eleições municipais, o *Gaúcha Atualidade* vinha entrevistando periodicamente os candidatos à Prefeitura de Porto Alegre. Neste dia, a entrevistada era a candidata Luciana Genro, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Tabela 5 – Narrativa 5: Classificação das Sequências Narrativas

Categoria	Quantidade de SNs	Tempo
Reportagem	10	14'15s
Participação do ouvinte	4	4'16s
<i>Teaser</i>	3	41s
Entrevista	1	1'17s
Comentário	1	1'06s
Abertura/Encerramento do programa	1	58s
Notícia	1	43s
Manchete	1	8s
Total	22	23'24s

Fonte: Elaboração da autora.

A classificação das Sequências Narrativas comprova a importância da reportagem nesta narrativa: a cobertura foi construída, essencialmente, a partir das dez intervenções realizadas pelos repórteres. Em seguida, a participação dos ouvintes é o tipo de SN mais frequente, com quatro ocorrências e pouco mais de quatro minutos de duração. Além destas, a Abertura, a Notícia e o Comentário também são elementos relevantes. A Entrevista, como já mencionamos, trata-se, na verdade, de apenas um breve trecho, que não provocou interferência no enredo configurado pela rádio. Manchetes e *Teasers*, mais uma vez, contribuíram para a coesão da narrativa.

É interessante observarmos a não realização de entrevistas específicas ou a participação de outros comentaristas que abordassem os protestos em si ou as reformas geradoras das mobilizações. Nem mesmo durante as intervenções da reportagem foram entrevistados lideranças sindicais, manifestantes, autoridades ou pessoas comuns, afetados pelos protestos. As vozes presentes na narrativa, como veremos adiante, foram limitadas aos profissionais da emissora. Como já ponderamos anteriormente, a narrativa, dessa forma, se mostrou rasa do ponto de vista jornalístico, sem aprofundar-se em questões mais complexas ou promover uma discussão entre pontos de vista distintos.

4.4.5.2 As vozes da narrativa

A narrativa configurada pelo programa Gaúcha Atualidade sobre os protestos contra o governo federal, em Porto Alegre, articulou 13 vozes diferentes. Destas, seis pertenciam a profissionais da emissora, seis foram atribuídas à audiência e apenas uma era de uma fonte jornalística.

Falaram pela Rádio Gaúcha, na posição de segundo-narradores, os apresentadores Daniel Scola, Rosane de Oliveira e Carolina Bahia, e os repórteres Vitor Rosa, Daniel Fraga e Carolina Avila (esta última desde Rio Grande, na região Sul do Estado). Apesar de em outras narrativas os repórteres exercerem maior influência no processo de narração, conduzindo entrevistas ou dialogando com os apresentadores, neste caso os profissionais limitaram-se ao relato objetivo dos fatos relacionados aos protestos. Mesmo em posição inferior do ponto de vista enunciativo, entretanto, os repórteres conquistaram prestígio na narrativa, o que pode ser percebido pelo tempo ocupado por estes profissionais e a frequência com que eles foram acionados pelos apresentadores.

Um dos fatores peculiares a esta narrativa é a quase inexistência de fontes jornalísticas com voz ativa. A única personagem deste tipo a ocupar um espaço na narrativa foi a então candidata à Prefeitura de Porto Alegre Luciana Genro – que não foi convocada a participar pela pauta sob análise, é importante ressaltar, mas, sim, dentro de uma programação pré-agendada de entrevistas com os candidatos à Prefeitura da capital gaúcha. Além dela, outras três fontes de informação foram mencionadas na narrativa: a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), a Concessionária da Rodovia Osório-Porto Alegre (Concepa) e a Polícia Rodoviária Federal (PRF). As informações levadas ao ar a partir destas fontes, contudo, nos soaram como consultas a páginas na internet, postagens em redes sociais ou informes oficiais emitidos pelas mesmas. Tratava-se de informações buscadas pelos profissionais da rádio como parte do processo de apuração, sendo levadas ao ar de modo indireto.

Como já assinalamos anteriormente, não foi concedida voz a nenhuma fonte específica que abordasse os protestos ou as razões que levavam as pessoas à rua. Lideranças sindicais, manifestantes, autoridades de segurança, representantes do governo federal ou pessoas comuns afetados pelos protestos, poderiam ter sido personagens da narrativa. A emissora, no entanto, preferiu construir um enredo que, além de pouco plural, também se relevou monofônico, ou seja, em que apenas um ponto de vista foi apresentado.

A participação dos ouvintes também foi pouco explorada na narrativa, ocupando pouco mais de quatro minutos – tempo que contabilizou não somente a leitura das mensagens, mas também os comentários posteriores tecidos pelos apresentadores. Apesar de, potencialmente, esta ser uma pauta capaz de gerar uma expressiva interação com a audiência, somente seis mensagens foram atribuídas a ouvintes nas quatro Sequências Narrativas classificadas como Participação do ouvinte. Destas, três foram atribuídas a ouvintes identificados, dois pelo nome e sobrenome e um pelo nome e localização. Já a autoria das

outras três mensagens foi atribuída a sujeitos indeterminados: “o ouvinte”, “muitos ouvintes” e “vários ouvintes”.

Também nesta narrativa percebemos uma baixa divulgação do número de telefone para interação, presente em apenas uma SN. Todas as intervenções da audiência, aparentemente, foram enviadas por meio do aplicativo WhatsApp e levadas ao ar por Rosane de Oliveira. A enunciação das mensagens se deu de modo parafrástico, exceto por uma mensagem contendo uma crítica à cobertura, que foi lida de forma literal. Nenhuma das mensagens continha fotos, áudios ou vídeos.

4.4.5.3 Critérios de acionamento do ouvinte-enunciador

Na narrativa em que houve o menor número de mensagens de ouvintes incorporadas, o Efeito de Descrição e Veracidade, resultante da combinação do perfil testemunhal e bem-localizado dos ouvintes-enunciadores com a atualidade de suas mensagens, foi, mais uma vez, predominante.

Das seis mensagens levadas ao ar, no que se refere às características dos ouvintes-enunciadores, em quatro identificamos os atributos testemunha e bem-localizado, sempre combinados. Estes ouvintes ofereceram à narrativa relatos sobre protestos em outras localidades (no município de Santa Cruz do Sul, localizado no Vale do Rio Pardo) e informações sobre a aproximação de dois navios que, navegando pelo Rio Guaíba, levariam ao içamento do vão móvel da ponte, provocando ainda mais congestionamentos (um dos conflitos secundários da narrativa):

– [Rosane de Oliveira] O ouvinte informa que a RS 287 está bloqueada por manifestantes no trevo de acesso a Santa Cruz do Sul [SN 03].

– [Rosane de Oliveira] Alô; mudou lá em Santa Cruz, terminou, se desmobilizaram e liberaram a entrada de Santa Cruz no trevo Fritz e Frida, informam vários ouvintes por aqui [SN 05].

– [Daniel Scola] Tem ouvinte alertando que o problema pode ser ainda maior, Rosane? Porque estão apontando aqui no Guaíba dois grandes navios, duas grandes embarcações, que certamente vão ter que passar pela ponte do Guaíba, pelo vão móvel e o vão móvel vai ter que ser içado.

– [Rosane de Oliveira] É o Leandro Coelho fazendo esse alerta, que ele está vendo ali perto do Cristal esses dois navios se dirigindo aqui pro porto [SN 05].

As duas primeiras mensagens não causaram qualquer tipo de reação nos apresentadores ou influência na condução da narrativa. Já a terceira mensagem levou a equipe da rádio a apurar a informação, trazendo, em seguida, a confirmação do horário previsto para o içamento do vão móvel da ponte sobre o Rio Guaíba. O alerta dado pelo ouvinte, assim, causou uma interferência na narrativa, configurando um dos conflitos secundários que apontamos nos tópicos anteriores.

Como atributos dos ouvintes-enunciadores, identificamos, ainda, o caráter coletivo atribuído à autoria de duas mensagens, e o perfil de sujeito comum, em outra. No primeiro caso, mais uma vez, a aparente saturação de informações e opiniões levou a apresentadora Rosane de Oliveira a atribuir a fala dos ouvintes à coletividade da audiência. Já o segundo caso, em que entendemos o ouvinte como um sujeito comum, a identificação do mesmo se dá pelo nome e sobrenome, porém esse dado nada acrescenta à narrativa. É o teor de sua mensagem, cujo principal atributo foi a avaliação, que determina seu acionamento:

– [Rosane de Oliveira] Aqui o Eduardo Camargo dizendo: “Por favor, alguém explica pra Rosane que protestos não violam o direito de ir e vir. Não deixem ela falar bobagem no ar. Bloquear uma rua não viola o direito de ir e vir até porque existem outras vias que podem ser utilizadas” [SN 20].

A crítica dirigida diretamente à apresentadora e lida de modo integral, denota um posicionamento favorável às manifestações, mas que vai de encontro ao projeto dramático adotado pela rádio e pelo programa. Aqui, Oliveira adotou uma postura mais agressiva (enfática) ao responder ao ouvinte, e que foi sustentada, também, por Daniel Scola:

– [Rosane de Oliveira] Não, Eduardo. O senhor está enganado. Dependendo do que se bloqueia, sim, fere o direito de ir e vir. [...]

– [Daniel Scola] Além do mais, nós temos uma posição aqui, sem julgar os motivos que levam ao protesto e acho que esse protesto de hoje inclusive está acontecendo; os trabalhadores têm até muita razão em querer discutir, em querer se manifestar contra algo que está ainda não muito claro, por parte do governo. São mudanças nas leis trabalhistas, e eu acho que é necessário ser feita uma discussão sobre as leis trabalhistas e também sobre a reforma previdenciária. Agora, trancar, bloquear o direito de ir e vir, ah isso aqui, independentemente das motivações, o ato de bloquear vai ser sempre condenado pela gente aqui. Isso vale pra protesto de trabalhadores, protestos de ruralistas, pra qualquer tipo de protesto. É uma linha que a gente adota aqui já há muito tempo na nossa programação [SN 20].

Além deste trecho, em apenas uma outra mensagem percebemos o atributo avaliação, quando sintetiza o posicionamento de vários ouvintes a respeito das manifestações por meio

de uma pergunta: “Muitos ouvintes perguntado: Essas pessoas que estão protestando, elas não trabalham?” [SN 03]. A discussão que poderia ser conduzida como uma pauta política foi esvaziada por Oliveira, que respondeu ao ouvinte de forma neutra:

– [Rosane de Oliveira] Hoje é um dia que a CUT convocou como sendo um dia de manifestações em todo o país. Tem muita gente que aderiu a esse protesto, mas tem muita gente que é desempregada que vai ao protesto porque está desempregada. Não acredito que tenha muito trabalhador, com essa crise de emprego, que tenha muito trabalhador faltando trabalho pra fazer protesto, pra trancar a rua [SN 03].

A maior parte das mensagens (quatro) teve como atributo principal a atualidade. Tratava-se de relatos sobre os protestos em Santa Cruz do Sul, o içamento do vão móvel da ponte sobre o Rio Guaíba e um alerta sobre a situação na BR 116. Interessante observar que não houve mensagens sobre os protestos em Porto Alegre e a situação do trânsito na capital gaúcha. Provavelmente, naquela manhã de protestos, o Gaúcha Atualidade tenha recebido uma série de outras mensagens enviadas por ouvintes com informações sobre trancamentos de vias ou congestionamentos na região Metropolitana. Por que tão poucas foram levadas ao ar? E por que as selecionadas para serem veiculadas diziam respeito a uma cidade distante 155 quilômetros da capital? Nossa hipótese aqui tem a ver, novamente, com a disponibilidade da equipe de reportagem. Diferente da primeira narrativa, em que era inviável à emissora dispor de um número de repórteres suficientes para cobrir todos os estragos causados pelos temporais e pela chuva de granizo em diferentes regiões do Estado, nesta narrativa a Rádio adotou uma estratégia distinta. Como se tratava de um acontecimento agendado, a emissora planejou sua cobertura com antecedência, posicionando dois repórteres em locais específicos. Com os profissionais a postos para acompanhar a movimentação dos manifestantes e monitorar a situação do trânsito, as contribuições dos ouvintes não foram tão necessárias.

Por outro lado, os protestos tinham um caráter político partidário bastante evidente, tendo sido articulados por partidos alinhados à esquerda – um posicionamento tradicionalmente contrário ao do Grupo RBS. A pauta das reivindicações, contudo, trazia temas já recorrentes no Gaúcha Atualidade. Mesmo assim, o programa, neste dia, optou por não provocar uma discussão aprofundada sobre as reformas propostas pelo governo ou sobre a própria realização dos protestos, limitando-se a cobrir o acontecimento de modo pragmático, atendo-se às questões relativas à mobilidade urbana. Diante disso, o principal efeito valorativo emanado das contribuições dos ouvintes-enunciadores foi o de Descrição e Veracidade, presente em quatro mensagens. Em outras duas observamos o Efeito de Opinião.

Sintetizando a participação dos ouvintes-enunciadores nesta narrativa, percebemos que estes tiveram pouca relevância. Isso se deu, provavelmente, por duas razões: a primeira foi a atuação estratégica da equipe de reportagem, destacada com antecedência para acompanhar os protestos, o que tornou desnecessária a colaboração dos ouvintes como fontes de informação; e a segunda em razão do posicionamento político oposto entre a emissora e os movimentos promotores dos protestos, que levou a uma abordagem superficial da pauta. Os ouvintes, assim, foram enquadrados em papéis secundários e dispersos na narrativa, ora trazendo informações, ora opiniões, porém sem grande capacidade de interferência no roteiro do programa.

CAPÍTULO 5 – CONDIÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS DE CONCESSÃO DE VOZ AO OUVINTE-ENUNCIADOR

Neste último Capítulo, após o detalhamento dos resultados obtidos pela análise empírica, apresentamos nossas reflexões finais. Retomando nossas bases teóricas, traçamos, neste tópico, uma síntese comparativa entre as diferentes narrativas radiofônicas analisadas, com o objetivo de destacar recorrências e especificidades que nos permitam responder a nossos questionamentos iniciais acerca das condições e circunstâncias responsáveis por determinar o acionamento e a concessão de voz aos ouvintes-enunciadores.

Nosso objetivo aqui é promover uma reflexão crítica sobre o lugar, o espaço e os propósitos que levam ao acionamento do ouvinte nas narrativas radiofônicas. Para isso, assumimos e reforçamos nossa perspectiva de análise, compreendendo o jornalismo enquanto uma narrativa e, como tal, reconhecendo seu caráter argumentativo e intencional.

Organizamos este Capítulo, então, em três partes. Inicialmente, retomaremos os resultados da análise das narrativas de forma sintética e comparativa, destacando nossas principais constatações. Das recorrências e especificidades observadas no conjunto das narrativas analisadas, destacamos, no segundo tópico deste Capítulo, os principais critérios, circunstâncias e intencionalidades que norteiam a concessão de voz aos ouvintes na configuração de narrativas jornalísticas radiofônicas transmitidas em tempo real – nosso objetivo principal nesta pesquisa. Por fim, encerramos refletindo sobre os jogos de poder que permeiam a configuração das narrativas jornalísticas e radiofônicas, enfatizando as contribuições da Análise Crítica da Narrativa para o estudo da participação e da interação dos ouvintes com o rádio.

5.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Após analisarmos as cinco narrativas radiofônicas selecionadas para compor nosso *corpus* de pesquisa, percebemos recorrências e especificidades no acionamento e concessão de voz aos ouvintes. Neste tópico retomaremos, sinteticamente, as principais características de cada narrativa, visando a traçar um comparativo entre os casos examinados.

A primeira narrativa analisada tinha como intriga central a **instabilidade climática** que atingia o Estado do Rio Grande do Sul, provocando temporais, ventos fortes e queda de granizo. A narrativa configurada no Gaúcha Atualidade do dia 14 de julho de 2016 teve como

foco, então, dois acontecimentos que classificamos como imprevistos:⁶² a cobertura dos efeitos do temporal que atingiu a Região Metropolitana de Porto Alegre, na noite anterior, e a ocorrência de novos temporais em diferentes regiões do Estado.

Como podemos observar na Tabela 6, a seguir, esta foi a narrativa com maior frequência de participação dos ouvintes: foram identificadas 13 Sequências Narrativas que continham intervenções da audiência, acionados 26 ouvintes-enunciadores (identificados, ainda que de modo genérico) e levadas ao ar 29 mensagens.

Tabela 6 – Síntese comparativa e quantitativa da participação dos ouvintes

	Narrativa 1 – Chuva	Narrativa 2 – Marquise	Narrativa 3 – Greve	Narrativa 4 – Segurança	Narrativa 5 – Protesto
Sequências Narrativas Participativas ⁶³	13	10	8	4	4
Número de ouvintes-enunciadores acionados	26	3	10	5	6
Número de mensagens levadas ao ar	29	14	13	12	6

Fonte: Elaboração da autora.

Os principais atributos observados nos ouvintes-enunciadores acionados foram o testemunho e a localização privilegiada em relação aos acontecimentos narrados. É importante frisar que a localização tem relevância como critério de acionamento no sentido de abrangência, uma vez que muitos ouvintes que conquistaram um lugar na narrativa interagiam desde regiões distantes da capital gaúcha, reforçando, de modo subjacente, o alcance e penetração da emissora no Estado. Já os principais atributos das mensagens foram a atualidade e a reconstituição, e o efeito valorativo predominante foi o de Descrição e Veracidade.

Sem intervenções da reportagem na narrativa sobre o clima, os ouvintes desempenharam a função de repórteres, ocupando, inclusive, um tempo de fala superior ao

⁶² Apesar de não termos discutido o conceito de acontecimento em nossos capítulos teóricos, entendemos que aqui ele se torna relevante como critério de distinção entre as narrativas analisadas. Tomamos como referência para a compreensão do conceito e a classificação dos tipos de acontecimentos midiáticos as reflexões de França (2012) e Berger e Tavares (2010), que serão discutidas a seguir, no item 5.2.1.

⁶³ Consideradas as SNs identificadas como Participação do Ouvinte e as demais em que foram percebidas interferências dos ouvintes.

destinado às fontes oficiais. Como “ouvintes-repórteres” (PARADA, 2000), os ouvintes-enunciadores alimentaram a narrativa com informações sobre as consequências dos temporais da noite anterior e a aproximação de novas tempestades em regiões distantes da sede da emissora e, portanto, de difícil acesso para a equipe de reportagem. O acionamento dos ouvintes, neste caso, foi instrumental, suprimindo a carência de profissionais aptos a cobrir a dimensão dos acontecimentos narrados com a imediaticidade esperada de uma cobertura radiofônica.

O segundo caso analisado, em que foi narrada a **queda da marquise** de um prédio em obras no Centro de Porto Alegre, ocorrido e veiculado no dia 21 de julho de 2016, também se classifica como um acontecimento imprevisto. Novamente os ouvintes tiveram uma participação significativa, porém condicionada à ação da reportagem. Foram observadas interferências da audiência em dez Sequências Narrativas e 14 mensagens foram levadas ao ar, mas apenas três ouvintes foram individualmente identificados – as demais mensagens foram atribuídas à coletividade dos ouvintes interagentes.

Mais uma vez o testemunho e a localização – aqui no sentido de proximidade ao acontecimento narrado – foram os principais atributos percebidos nos ouvintes-enunciadores acionados. Quanto aos atributos das mensagens, sobressaiu-se a atualidade, enquanto o efeito valorativo predominante foi o de Descrição e Veracidade.

Nesta narrativa, inaugurada por uma mensagem enviada por ouvinte, a concessão de voz aos ouvintes-enunciadores deu-se de diferentes modos e com distintos propósitos ao longo da narrativa, sendo determinada pela atuação da reportagem. Como vimos, na primeira parte da narrativa, antes da chegada do repórter ao local, os ouvintes foram os responsáveis por fornecer à Rádio as primeiras informações sobre o acidente e as condições das vítimas. Com a chegada do profissional, os ouvintes passam a ser acionados para opinar acerca do ocorrido, suas causas e possíveis responsáveis, reforçando o posicionamento assumido pela emissora.

Diferente das anteriores, a terceira narrativa analisada teve como intriga central um acontecimento previsto e programado: a **greve dos servidores do Detran** do Rio Grande do Sul, que completava duas semanas naquela segunda-feira, dia 25 de julho de 2016. A participação dos ouvintes-enunciadores nesta narrativa foi quantitativamente significativa: foram oito Sequências Narrativas com intervenções da audiência, dez ouvintes-enunciadores identificados e 13 mensagens lidas no ar.

Nesta narrativa, o acionamento dos ouvintes-enunciadores se deu em decorrência dos atributos das mensagens por eles enviadas. A maior parte dos ouvintes convocados à narrativa

caracterizava-se como sujeitos comuns, ou seja, *homo quotidianus*, que não se qualificavam como personagens da narrativa por sua localização geográfica, notoriedade, saber especializado ou testemunho, mas, sim, pelo teor de suas contribuições e, principalmente, pelo alinhamento ao projeto dramático assumido pela emissora na narrativa sobre a greve. Os principais atributos das mensagens foram a reconstituição e a avaliação, responsáveis por gerar efeitos de Opinião e Descrição e Veracidade.

O acionamento dos ouvintes-anunciadores, neste caso, difere-se dos anteriores, principalmente pelo tipo de acontecimento narrado e pelo enquadramento dado à narrativa. Por se tratar de um acontecimento programado – as duas semanas de greve – que não trazia consigo nenhum fato novo, a narrativa concentrou-se em reconstituir a última quinzena enfatizando os prejuízos causados à população pela paralisação dos servidores e, daí, evoluindo para uma crítica aos serviços oferecidos pelo Detran e, em extensão, ao governo do Estado, responsável pelo gerenciamento do Departamento. Os ouvintes acionados, nesse sentido, foram aqueles que contribuíram para reforçar este projeto dramático, principalmente por meio de relatos, informações e opiniões sobre os serviços do Detran e o impacto da greve.

A quarta narrativa, veiculada no dia 26 de agosto de 2016, abordou um acontecimento que poderíamos entender como um macroacontecimento em desenvolvimento. A **crise na segurança pública** no Rio Grande do Sul era uma pauta que já vinha sendo abordada sistematicamente pela Rádio Gaúcha há pelo menos um ano, como foi explicitado na abertura do programa. A escolha deste tema como intriga central da narrativa deu-se em razão de uma série de outros acontecimentos inesperados relacionados ao problema da segurança: o assassinato de uma mulher na porta de uma escola, em Porto Alegre; a exoneração do secretário estadual de segurança; a criação de um Gabinete de Crise no governo gaúcho; e a viagem do governador a Brasília em busca do auxílio da Força Nacional de Segurança. Apesar de gerar um significativo engajamento dos ouvintes, testemunhado no ar pela apresentadora Rosane de Oliveira – “Explodiu hoje, Scola, explodiu mesmo nosso WhatsApp. [...] eu acho que nunca tivemos tantas mensagens” [SN 20] –, o acionamento dos ouvintes-enunciadores foi pouco expressivo. Houve interferência da audiência em apenas quatro Sequências Narrativas, com a identificação de cinco ouvintes-enunciadores e a veiculação de 12 mensagens.

Os atributos determinantes para o acionamento dos ouvintes-enunciadores foram difusos, destacando-se o caráter coletivo, consequência da saturação de mensagens enviadas com o mesmo teor e resultando no apagamento das identidades dos ouvintes-enunciadores. O testemunho dos ouvintes e sua localização, aqui tanto no sentido de abrangência dos

problemas de segurança e, conseqüentemente do alcance da Rádio, quanto de proximidade com os casos narrados, também foram responsáveis pelo acionamento dos ouvintes-enunciadores. Já as mensagens selecionadas para a veiculação tiveram como principal atributo a avaliação, o que contribuiu para gerar, principalmente, efeitos de Opinião. Efeitos de Descrição e Veracidade também foram percebidos, especialmente pelas contribuições que traziam relatos e testemunhos sobre casos de violência urbana.

Os ouvintes-enunciadores tiveram, nesta narrativa, uma posição de personagens coadjuvantes com pouca visibilidade. Novamente aqui eles foram acionados com uma função instrumental, servindo fundamentalmente para reforçar o projeto dramático assumido pela Rádio, do qual emergiam tons de pesar e indignação, além de uma crítica desvelada ao posicionamento do governo estadual diante da crise.

Por fim, retomamos o quinto caso examinado, que no dia 22 de setembro narrou os protestos realizados durante o **Dia Nacional de Paralisação e Mobilização**. Aqui temos, mais uma vez, um acontecimento previsto e programado, fator que se revelou determinante para o acionamento dos ouvintes. Nesta cobertura, a Rádio posicionou seus repórteres (em maior quantidade que a usual, inclusive) em locais estratégicos de Porto Alegre, de onde os profissionais puderam acompanhar e relatar a movimentação dos diferentes grupos articulados no protesto. Soma-se a isso a abordagem rasa da pauta. A narrativa configurada pela Rádio concentrou-se basicamente nos transtornos causados pelas manifestações no trânsito da capital, eximindo-se da discussão de cunho político sobre as reivindicações dos manifestantes. A ausência de fontes ligadas ao protesto – líderes sindicalistas, organizadores das passeatas ou mesmo pessoas que participavam dos atos – denota o esvaziamento do debate e o posicionamento imparcial da Rádio, claramente contrária às manifestações.

Com uma equipe de reportagem atuante, o espaço dos ouvintes foi limitado. Foram observadas interferências da audiência em somente quatro Sequências Narrativas, em que seis ouvintes-enunciadores foram identificados e seis mensagens foram lidas no ar. Esta foi, portanto, a narrativa em que os ouvintes tiveram o menor espaço e poder de voz. Quanto aos atributos responsáveis pela concessão de voz aos ouvintes, destacamos o testemunho e a localização geográfica – mais uma vez com o sentido de abrangência. Já o principal atributo das mensagens foi a atualidade, e o efeito valorativo predominante foi o de Descrição e Veracidade.

Como vimos, cada um dos casos analisados possuía características distintas que influenciaram diretamente nos critérios e no modo como os ouvintes foram convocados à

narrativa. No Quadro 5, a seguir, apresentamos uma síntese comparativa dos principais fatores responsáveis por determinar a concessão de voz aos ouvintes interagentes:

Quadro 5 – Síntese comparativa das narrativas analisadas

	Narrativa 1 – Chuva	Narrativa 2 – Marquise	Narrativa 3 – Greve	Narrativa 4 – Segurança	Narrativa 5 – Protesto
Tipo de acontecimento	Imprevisto	Imprevisto	Programado	Macroacontecimento em desenvolvimento e acontecimentos imprevistos	Programado
Vozes predominantes	Ouvintes-enunciadores	Fontes jornalísticas	Ouvintes-enunciadores e Fontes jornalísticas	Profissionais da emissora (apresentadores e comentaristas) e Fontes jornalísticas	Repórteres
Principais atributos do ouvinte-enunciador	Testemunho e localização privilegiada (abrangência)	Testemunho e Localização privilegiada (proximidade)	Sujeito comum	Coletivo, Testemunho e Localização privilegiada (abrangência e proximidade)	Testemunho e Localização privilegiada (abrangência)
Principais atributos das mensagens	Atualidade e Reconstituição	Atualidade	Reconstituição e Avaliação	Avaliação	Atualidade
Principais Efeitos valorativos	Descrição e Veracidade	Descrição e Veracidade	Descrição e Veracidade e Opinião	Opinião e Descrição e Veracidade	Descrição e Veracidade

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme observado no Quadro, destacam-se como principais atributos dos ouvintes-enunciadores a Localização Privilegiada em relação ao acontecimento narrado, ora pela proximidade do fato, ora por conferir abrangência à narrativa, e o Testemunho, responsável por atribuir credibilidade à contribuição vinda da audiência e, conseqüentemente, à narrativa configurada pela Rádio. Quanto aos atributos das mensagens, destaca-se a Atualidade, reforçando a importância da imediatividade da comunicação radiofônica e o papel desempenhado pela audiência ativa do rádio no relato simultâneo dos acontecimentos. Em consequência, o principal Efeito Valorativo associado às intervenções dos ouvintes-enunciadores é o de Descrição e Veracidade, o que corrobora a principal função atribuída aos

ouvintes enquanto personagens das narrativas radiofônicas: o fornecimento de informações e testemunhos acerca de diferentes fatos, em tempo real e desde diferentes posições geográficas (e não discursivas, é importante assinalar). Destas conclusões, apontamos, no tópico a seguir, os principais critérios que avaliamos significativos no processo de acionamento dos ouvintes-enunciadores nas narrativas jornalísticas radiofônicas.

5.2 PRINCIPAIS CRITÉRIOS DE ACIONAMENTO DO OUVINTE-ENUNCIADOR

Da comparação entre os resultados obtidos pela análise das cinco narrativas selecionadas para comporem nosso *corpus* de pesquisa, emergiram sete principais critérios que percebemos relevantes no processo de acionamento e concessão de voz aos ouvintes. São eles: o tipo de acontecimento narrado; a atualidade e a imediatividade das mensagens enviadas pela audiência; a saturação de mensagens com conteúdo semelhante; o testemunho e a credibilidade da informação enviada pelo ouvinte; a localização geográfica do ouvinte-enunciador; a qualificação do ouvinte-enunciador; e, por fim, a adequação e reforço do projeto dramático assumido na narrativa. Detalharemos cada um destes critérios na sequência.

5.2.1 Tipo de acontecimento narrado

A previsibilidade ou não do acontecimento narrado é um dos critérios determinantes para a convocação e a concessão de voz aos ouvintes.

França (2012, p. 14) define o acontecimento como “fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença”. Ao romper com a normalidade, o acontecimento desorganiza o presente, reivindicando uma força reordenadora capaz de retomar a estabilidade cotidiana. Cabe ao jornalismo, enquanto narrativa do tempo presente, promover a reorganização de fatos e sujeitos, atribuindo sentidos e significados às ocorrências. Para França (2012), os acontecimentos têm uma dupla vida, reflexão que podemos associar ao círculo mimético de Paul Ricoeur. A primeira vida do acontecimento – que se assemelha à mimese I onde se situa o mundo prefigurado – é da ordem existencial; é sua ocorrência no “mundo real”. Já a segunda vida é de ordem narrativa, como objeto simbólico – tal qual o mundo figurado da mimese II. É na passagem da primeira para a segunda vida que incide a ação do jornalismo, transformando o acontecimento bruto em acontecimento jornalístico.

No rádio, essa transição entre o real e o simbólico se dá, muitas vezes, de forma quase instantânea. Como vimos no Capítulo 3, a imediatividade, que caracteriza a comunicação radiofônica, somada a sua capacidade técnica de transmitir desde o local dos acontecimentos ou mesmo a sua maior flexibilidade de programação (que permite “derrubar” a grade para dar espaço a uma cobertura, por exemplo), fazem com que o tempo de configuração da narrativa seja menor que em outras mídias tradicionais, implicando rotinas produtivas e estratégias narrativas específicas. O acionamento dos ouvintes na condição de fontes testemunhais é uma delas.

A convocação dos ouvintes, entretanto, depende do tipo de acontecimento narrado. De acordo com Berger e Tavares (2010), podemos classificar os acontecimentos midiáticos em duas grandes categorias: previstos e imprevistos. Enquanto os previstos são aqueles programados, de rotina ou mesmo encenados para a mídia, os imprevistos são inesperados, produzindo, de fato, um rompimento com a normalidade, desestabilizando a própria rotina produtiva jornalística.

Na narrativização dos acontecimentos previstos no rádio percebemos, a partir de nossa análise, a existência de uma organização prévia por parte da emissora. Foi o que observamos no caso da cobertura dos protestos, por exemplo. Por se tratar de um evento agendado, a emissora preparou a cobertura com antecedência, distribuindo estrategicamente seus profissionais e antecipando possíveis desdobramentos. Já nos casos em que eclodem eventos inesperados, como tragédias, acidentes ou intempéries climáticas, o tempo de preparação da cobertura, de apuração dos fatos ou mesmo para o deslocamento dos profissionais é escasso – especialmente em se tratando de uma emissora de radiojornalismo, com transmissão essencialmente em tempo real. É aqui que o ouvinte ocupa um espaço privilegiado.

Em situações inesperadas, o ouvinte, que testemunha ou que se encontra próximo do acontecimento, torna-se uma fonte privilegiada. Sem dispor de repórteres ou outras fontes oficiais ou autorizadas, a emissora precisa recorrer à informação que apenas esse ouvinte detém. Nestas condições, as contribuições vindas da audiência se revestem de valores associados à atualidade e à credibilidade da informação, servindo como primeiro recurso para explicar as ocorrências e reorganizar o caos provocado pela ruptura do acontecimento. Motta e Amaral (2016, p. 81), ao analisarem o papel dos testemunhos na cobertura televisiva da tragédia da boate Kiss, ocorrida em Santa Maria em 2013, observaram essa mesma prática: “[...] chegamos à conclusão de que as [fontes] testemunhais são priorizadas pelos jornalistas nas primeiras horas após o fato, quando é necessário entender, ainda em caráter preliminar, o que aconteceu”.

Conforme a cobertura avança, o acionamento dos ouvintes na condição de fontes testemunhais vai perdendo o espaço. Isso se dá, primeiro, pela estabilização das informações iniciais e pelo consequente direcionamento da narrativa para outros aspectos do acontecimento, como a discussão sobre causas, responsáveis e consequências – tal qual observamos na narrativa sobre a queda da marquise. A disponibilidade das fontes oficiais, autorizadas ou experts, comumente indisponíveis nos primeiros instantes de um acontecimento imprevisto (principalmente quando trágico), é também um fator que influencia diretamente no acionamento dos ouvintes. À medida que as fontes tradicionais assumem seu papel, as contribuições vindas da audiência perdem prestígio.

Por fim, considerando o caráter imediato das transmissões radiofônicas, a disponibilidade ou não de uma equipe de reportagem e produção também é um elemento relevante. Como vimos, o poder de voz concedido aos ouvintes é inversamente proporcional à capacidade de a emissora cobrir um determinado acontecimento. Ou seja, nos casos em que a ocorrência se dá fora da área de alcance da emissora – como nas narrativas sobre temporais, que se espalhavam por todo Estado, ou em que o repórter demora a deslocar-se até o local do fato –, como no caso da marquise, os ouvintes são convocados com maior frequência e notoriedade.

5.2.2 Atualidade e imediaticidade

No Capítulo 3 vimos, com Meditsch (2007), que o rádio (e hoje a internet também) é a mídia capaz de alcançar a dupla contemporaneidade do jornalismo com êxito, ou seja, a capacidade de construir relatos atuais sobre acontecimentos do momento presente, coincidindo a simultaneidade entre os fatos, a enunciação e a recepção. Charaudeau (2013, p. 107, grifos do autor) corrobora essa argumentação, lembrando que o rádio, pela maleabilidade de seu suporte técnico, tecnologia simples e, ao mesmo tempo, sofisticada, “é, por excelência, a mídia da transmissão *direta* e do *tempo presente*”. Sendo assim, a atualidade e imediaticidade das contribuições vindas da audiência, em relação aos acontecimentos narrados, revelou-se um fator relevante no processo de acionamento dos ouvintes-enunciadores.

Essa agilidade na interação mostrou-se determinante nas narrativas sobre acontecimentos inesperados, quando os ouvintes conquistaram maior poder de voz principalmente por meio de seus testemunhos, contribuindo para a estabilização do caos provocado pela ruptura do acontecimento. As mensagens enviadas diretamente do local dos

fatos, poucos instantes após as ocorrências, tiveram destaque nas narrativas, inclusive interferindo na condução do roteiro preestabelecido para o programa.

Não é, porém, apenas a imediatividade das contribuições de cunho informativo que se revelou capaz de influenciar o acionamento dos ouvintes na narrativa. As correções e críticas também demonstram como esse critério é explorado pelo Rádio. Observamos que, diante de erros ou declarações polêmicas levadas ao ar pelos personagens da narrativa – apresentadores, comentaristas ou entrevistados –, muito rapidamente os ouvintes foram convocados para dar voz à correção ou à crítica.

Essa agilidade, em parte, pode ser considerada um reflexo do uso das tecnologias de informação e comunicação no rádio. Não somente pela internet, mas desde o uso das mensagens de texto (SMS) enviadas via telefone celular, a interação dos ouvintes com o rádio tem sido cada vez mais sincrônica. Com os sites de redes sociais e os aplicativos para *smartphone*, a simultaneidade entre a recepção do conteúdo radiofônico e a interação com a emissora tornou-se ainda mais fácil e rápida.

5.2.3 Saturação de mensagens

Entre as dezenas e, às vezes, até centenas de mensagens recebidas diariamente pelo rádio hoje, por meio de diferentes plataformas de interação – aplicativos para *smartphone*, sites de redes sociais, mensagens de texto via telefone celular ou, ainda, os cada vez mais raros e-mails e ligações telefônicas –, muitas contêm informações ou posicionamentos semelhantes. A repetição do conteúdo das mensagens, principalmente quando oriundas de fontes distintas, gera um efeito de verdade, eximindo o jornalista dos processos de apuração e checagem e habilitando-o à veiculação imediata.

Esta prática não é recente e tampouco decorrente das novas tecnologias. A “Lei das Três Fontes” vem sendo aplicada nas rotinas jornalísticas há mais tempo. Lage (2011, p. 67) explica que esse princípio autoriza o jornalista a tomar como verdade uma informação repassada por três diferentes fontes testemunhais: “Um bom princípio – comprovam os estudos de probabilidade – é só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si”. Apesar de questionável, principalmente no atual contexto em que a disseminação de informações falsas é uma preocupação latente do campo jornalístico, a prática parece ainda nortear os processos de apuração, principalmente no rádio, refém do fetiche pela velocidade.

A saturação das mensagens semelhantes, dessa forma, agrega valor à informação no sentido de torná-la credível e, portanto, adequada à veiculação, mas também pode representar um engajamento por parte do público, especialmente quando o conteúdo tem caráter opinativo. A repetição de um mesmo ponto de vista leva a uma sensação de consenso, como se o conjunto, ou ao menos uma parcela significativa da audiência, compartilhasse das mesmas opiniões.

Esse efeito de consonância, quando alinhado ao posicionamento da própria emissora, revelou-se, em nossa análise, um critério relevante para o acionamento dos ouvintes-enunciadores nas narrativas. Nestes casos, percebemos a valorização do coletivo e o apagamento das identidades individuais dos ouvintes interagentes. As mensagens levadas ao ar que exprimiam saturação, costumavam ser atribuídas a um ouvinte genérico – “os ouvintes”, “muitos ouvintes”, “as pessoas”, e outras expressões semelhantes – capaz de representar a coletividade da audiência.

5.2.4 Testemunho e credibilidade da informação

Como já enfatizamos nos tópicos anteriores, os ouvintes-enunciadores que se revelam testemunhas dos acontecimentos narrados, especialmente aqueles imprevistos, e que interagem de forma imediata com a Rádio, repassando informações, detêm certo prestígio, sendo imputados de um poder de voz temporário.

A informação, ou mesmo a opinião de quem presenciou determinado fato narrado, goza de credibilidade, pois, conforme Charaudeau (2013, p. 53), quando o informador é uma testemunha, “ele desempenha o papel de ‘portador da verdade’ na medida em que sua fala não tem outro objetivo a não ser o de dizer o que viu e ouviu”. A contribuição do ouvinte-testemunha, assim, é desinteressada. Baseada em sua experiência pessoal, geralmente este tipo de fonte não tem a intenção de sobrepor um determinado ponto de vista ou versão dos fatos, comprometendo-se, somente, com o relato de suas impressões. Por isso, é comum que as contribuições enviadas por este tipo de ouvinte sejam levadas ao ar sem passar por um processo de checagem, principalmente em narrativas sobre acontecimentos imprevistos e que demandem agilidade na cobertura. Alguns cuidados, contudo, costumam ser tomados pelos jornalistas de rádio ao veicularem esse tipo de contribuição. Em Quadros (2013), o apresentador da Rádio Gaúcha, Antônio Carlos Macedo, revelou, durante uma entrevista em profundidade, que as informações que chegassem à rádio envolvendo mortes ou a “honra de terceiros”, eram encaminhadas à apuração, sendo veiculadas somente após a confirmação dos

fatos, enquanto mensagens que tratassem de questões cotidianas, como trânsito ou clima, não tinham restrições para veiculação. A saturação das mensagens ou a “Lei das Três Fontes”, que discutimos anteriormente, também servem ao rádio como validação para uma informação testemunhal enviada pela audiência.

Depreende-se de nossa análise, ainda, outro fator associado às mensagens de cunho testemunhal: o envio de imagens, responsável por atribuir credibilidade às informações, tornando-as relevantes para veiculação. Percebemos que, em alguns casos, o envio de fotografias foi expressivo, como na cobertura dos temporais, presença de granizo e queda da marquise. No primeiro caso, as fotografias traziam um elemento extraordinário à narrativa, haja vista o tamanho das pedras de gelo e a intensidade da chuva que atingiu determinadas regiões do Estado. Já na segunda narrativa, as fotografias ajudaram os narradores jornalistas a comporem o cenário do acidente, inclusive dirimindo dúvidas sobre as condições da obra que ruiu no centro de Porto Alegre. As fotografias, nesse sentido, são descritas pelos apresentadores e servem como provas de verdade, reforçando a argumentação da narrativa.

5.2.5 Localização geográfica do ouvinte-enunciador

O local desde onde o ouvinte-enunciador interage revelou-se um critério relevante em diversas narrativas analisadas, assumindo, porém, significados distintos: ora como forma de demonstrar o alcance de escuta da Rádio e da cobertura realizada, ora em virtude da proximidade do ouvinte ao fato narrado.

Não se pode negar que o acionamento de ouvintes que interagem desde localidades distantes e diversas à sede da emissora, contribui para a configuração de uma narrativa mais ampla, abrangente e, até certo ponto, plural. Considerando que a Rádio Gaúcha consolidou-se como um veículo de comunicação com forte conexão com o Estado – chegando, muitas vezes, a ser taxada de “bairrista” –, cuja programação é replicada (nem sempre no todo) em mais de 90 municípios gaúchos por meio da rede Gaúcha SAT, além de poder ser consumida via internet em qualquer localidade com conexão à rede, a referência a informações oriundas de outras regiões ajuda a tornar a narrativa radiofônica configurada pela emissora mais completa, atendendo às expectativas dos ouvintes que se encontram distantes de Porto Alegre. Acreditamos, todavia, que essa não seja a única razão para que as mensagens enviadas por esses ouvintes tornem-se relevantes para a emissora.

A convocação dos ouvintes que interagiam desde outras localidades serve à Rádio, também, como uma estratégia de autopromoção. A referência à localidade, desde onde os

ouvintes interagem, ajuda a consolidar a identidade da emissora e sua conexão com o Estado como um todo. Além disso, ao enfatizar a origem dos ouvintes-enunciadores, a Rádio destaca sua própria abrangência e penetração. As mensagens enviadas por estes ouvintes, assim, servem como provas de verdade, capazes de comprovar valores como alcance, pluralidade e credibilidade, além dos próprios índices de audiência. Há uma intencionalidade outra, portanto, para além da preocupação com a qualidade da narrativa jornalística, que justifica a preferência pela concessão de voz a determinados ouvintes em detrimento de outros.

Por outro lado, quando a localização do ouvinte está relacionada à proximidade com o fato narrado, seu acionamento se dá em razão do valor informacional de sua mensagem. Aqui o ouvinte assume o papel de fonte testemunhal, oferecendo à Rádio uma contribuição privilegiada, baseada em sua experiência, e, por isso, dotada de credibilidade.

5.2.6 Qualificação do ouvinte-enunciador

Diferente do ouvinte coletivo, acionado diante da saturação de mensagens com conteúdos semelhantes, o ouvinte que apresenta uma qualificação específica recebe um tratamento diferenciado, principalmente quando seus atributos têm relação com a narrativa configurada. Referimo-nos aqui à qualificação como qualquer caracterização a mais associada à identificação do ouvinte (exceto sua localização, já abordada), capaz de agregar a sua contribuição valores de relevância e credibilidade. Os atributos mais significativos que identificamos durante nossas análises dizem respeito à notoriedade e ao saber especializado do interagente.

A notoriedade do ouvinte-enunciador, como já definimos anteriormente (ver Quadro 2), é observada quando este é uma pessoa pública ou que ocupa posição social distinta. Não necessariamente este sujeito precisa ser uma fonte oficial ou autorizada falando em nome de alguma instituição, mas, sim, deve deter certo grau de visibilidade midiática. Lembramos que estamos distinguindo, nesta pesquisa, os ouvintes-enunciadores das fontes, principalmente pelo seu modo de convocação e acionamento: enquanto as fontes seriam escolhidas pelos profissionais, de acordo com seu capital social, para atender à determinada demanda informacional ou opinativa, os ouvintes interagem de maneira espontânea e sua convocação se dá *a posteriori*, em decorrência de atributos e efeitos gerados pelo conteúdo de sua mensagem somada a sua identificação.

Ouvintes com notoriedade gozam de certa credibilidade. Pela posição que ocupam na sociedade, suas contribuições são dignas de fé. Além disso, por sua visibilidade midiática,

suas falas têm maior potencial para gerar repercussão e engajamento por parte da audiência – efeito altamente valorizado em tempo de redes sociais

Outra qualificação valorizada nos ouvintes-enunciadores é o saber especializado, que pode ser atestado por uma titulação acadêmica, exercício profissional ou, ainda, por experiências pessoais específicas diretamente relacionadas ao fato narrado. O acionamento do ouvinte detentor de um saber especializado, contudo, se dá prioritariamente em narrativas cuja temática tenha relação com sua qualificação. Ou seja, tomando como exemplo um dos nossos casos analisados – a queda da marquise –, a opinião de um ouvinte que se identificasse como economista não teria eco na narrativa levada ao ar. Em contrapartida, a opinião espontânea de arquitetos e engenheiros, profissionais com expertise em obras e reformas, revelou-se relevante, sendo convocada a compor a narrativa. O mesmo pode ser percebido nas narrativas cotidianas sobre trânsito, quando o número de ouvintes que se identificam como motoristas é significativamente superior a outras qualificações.

Outra peculiaridade que marca a convocação desse tipo de ouvinte-enunciador é a forma como ele e sua mensagem são inseridos na narrativa. Percebemos que, nestes casos, a qualificação do ouvinte é sempre destacada e sua contribuição costuma ser lida na íntegra, de forma literal, de modo a valorizar sobremaneira o conhecimento demonstrado pelo ouvinte. Nestas situações, o ouvinte-enunciador ocupa e é tratado de maneira semelhante a uma fonte especializada, acionada, geralmente, na busca por “versões ou interpretações de eventos” (LAGE, 2011, p. 67).

5.2.7 Reforço do projeto dramático

O alinhamento das mensagens enviadas pela audiência ao projeto dramático ou, em outras palavras, ao enquadramento jornalístico dado à narrativa configurada pelo rádio, por fim, é também um dos critérios para o acionamento dos ouvintes-enunciadores. Esta condição se revelou determinante, principalmente para a veiculação de mensagens com cunho opinativo.

Motta (2013b) defende que toda narrativa é argumentativa e intencional, permeada por jogos de poder, em que cada sujeito implicado busca sobrepor sua versão sobre os fatos. O narrador jornalista, neste processo, ocupa uma posição privilegiada, ainda que subordinada ao narrador veículo – neste caso, a emissora de rádio. É ele quem organiza a narrativa, concedendo voz aos demais interlocutores, posicionando e hierarquizando-os de acordo com o

projeto dramático adotado. O processo de seleção das mensagens que são levadas ao ar, então, não é ingênuo e desinteressado, mas, sim, estratégico.

Por meio da Análise Crítica da Narrativa, ao esmiuçarmos as narrativas jornalísticas conseguimos perceber a existência de *frames* cognitivos, que são determinados por inúmeros fatores, desde o posicionamento político do veículo e seus profissionais, os constrangimentos editoriais até o contexto sociocultural em que a narrativa se insere. Observamos, assim, que na cobertura dos protestos do Dia Nacional de Paralisação e Mobilização, a narrativa configurada pela Rádio Gaúcha desaprovava as manifestações; no programa dedicado à crise na segurança, o governo do Estado era apontado como o grande responsável pela onda de violência; e na narrativa sobre a greve do Detran, a crítica à qualidade dos serviços prestados pelo órgão tornou-se o mote central. Em todas estas narrativas haviam outros enquadramentos possíveis: o dia de protestos poderia aprofundar a discussão sobre as reformas políticas – contra as quais marchavam os manifestantes – e não somente os transtornos provocados no trânsito; a narrativa sobre segurança poderia dar voz a mais vítimas, configurando uma narrativa mais apelativa e menos política; e a cobertura da greve poderia – a exemplo dos protestos – condenar os servidores grevistas atribuindo-lhes a responsabilidade pelos danos causados à população desassistida dos serviços não prestados. A emissora e o programa – seus produtores e apresentadores –, contudo, adotaram um posicionamento específico e, a partir dele, selecionaram as vozes que seriam ecoadas ou não.

Como já pontuamos, esse alinhamento das mensagens enviadas pelos ouvintes ao projeto dramático é mais perceptível em trechos opinativos. Notamos o acionamento de ouvintes-enunciadores, especialmente durante os comentários proferidos pelos próprios apresentadores, como uma forma de corroborar seus argumentos, como se a mensagem do ouvinte endossasse e legitimasse seu posicionamento como uma opinião consensual entre emissora e audiência. A identificação dos ouvintes-enunciadores, nestes casos, ora se dava por meio da massificação destes, ou seja, a atribuição da autoria da mensagem a um ouvinte que representa a coletividade da audiência, ora pela qualificação do interagente, quando esta era condizente com a pauta em discussão.

Até mesmo críticas dirigidas à emissora podem ser usadas em prol do projeto dramático. Nas narrativas analisadas, percebemos que os apresentadores davam voz aos ouvintes que lhes dirigiam críticas (justamente sobre os enquadramentos adotados em determinadas coberturas), para, em seguida, desconstruí-las e contra-argumentar, de modo a reforçar o posicionamento assumido pela emissora. Nestes casos, as mensagens não eram lidas na íntegra, mas comentadas pelos apresentadores de forma parafrástica.

A veiculação das mensagens de crítica, assim, tem uma dupla função. Ao rebatê-las no ar, jornalistas e rádio reforçam seus próprios argumentos e o projeto dramático assumido naquela narrativa. Ao mesmo tempo, ao dar voz a um posicionamento contraditório a emissora gera um efeito de pluralidade, como se estivesse atestando sua abertura para opiniões divergentes – uma das estratégias de objetividade apontadas por Tuchman (1999). A aparente polifonia, entretanto, dissimula uma narrativa ancorada em um único ponto de vista.

Em alguns casos, o projeto dramático autoriza até mesmo o acionamento dos ouvintes durante entrevistas com fontes jornalísticas. Registramos, em algumas das narrativas analisadas, a elaboração de perguntas dirigidas aos entrevistados a partir das contribuições enviadas pela audiência. Novamente, nestes casos, ao recorrer aos ouvintes, também de modo genérico e no plural, o rádio gera um efeito de consenso, como se o conjunto de ouvintes da emissora compartilhasse das mesmas dúvidas e inquietações. Esse tipo de estratégia é capaz de constranger a fonte, levando-a a repensar seu discurso de forma a não provocar uma repercussão negativa para si.

Por fim, devemos pontuar que, mesmo menos evidente, também as mensagens de cunho informativo são acionadas de modo a enfatizar o projeto dramático e os interesses da emissora. Na narrativa sobre o clima, por exemplo, em que o tamanho das pedras de granizo foi explorado como um elemento extraordinário, as fotografias enviadas pelos ouvintes serviram para dar ainda mais evidência ao enquadramento adotado.

A concessão de voz aos ouvintes por si só e a valorização da contribuição destes no ar, por meio de expressões de agradecimento ou surpresa diante do volume de mensagens recebidas, têm, subjacente, uma intenção de autopromoção da emissora, como já assinalamos anteriormente. Ao trazer diferentes vozes para a narrativa, ainda que com o mesmo ponto de vista, a Rádio se mostra interativa e plural, gerando um efeito de diálogo com a audiência e um sentimento de pertencimento entre os ouvintes interagentes.

5.3 A PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE PELO VIÉS DA NARRATIVA

A identificação e definição dos diferentes critérios empregados pela Rádio Gaúcha e, especificamente o programa Gaúcha Atualidade, no acionamento dos ouvintes como narradores terciários e personagens das narrativas radiofônicas, atende e responde aos objetivos e problemas centrais desta pesquisa, conforme expusemos na Introdução desta Tese. Ao final de nossa análise e discussão sobre os resultados, porém, percebemo-nos aptas a ampliar nossa reflexão sobre o lugar do ouvinte no rádio, e, principalmente, sobre as

contribuições da Análise Crítica da Narrativa para o estudo das vozes e dos jogos de poder que fazem parte da prática jornalística.

Guiamos nosso olhar (e ouvidos), nesta pesquisa, tomando como base teórica e metodológica o entendimento do jornalismo como uma narrativa. Sob essa perspectiva, compreendemos o jornalismo como um produto simbólico que, por meio de estratégias e técnicas enunciativas, estabelece uma mediação entre os acontecimentos “reais” e a sociedade. Ao ordenar fatos e personagens, inserindo-os em um contexto histórico-social, as narrativas jornalísticas cristalizam o presente expondo uma representação simbólica e efêmera da realidade. Essa representação, todavia, não é um reflexo, mas, sim, uma versão dos fatos, narrados, desde um ponto de vista singular, por narradores autorizados e, principalmente, com intencionalidades específicas.

Reforçamos nossa filiação a Motta (2013b) especialmente no que diz respeito à compreensão das narrativas como intencionais e argumentativas. Toda narrativa ensina, defende, desconstrói ou condena algo; oferece uma visão de mundo singular e um modo de interpretar os fatos de acordo com as vinculações sociais do veículo, dos profissionais e dos sujeitos a quem concede voz. Com isso, não estamos afirmando que as narrativas jornalísticas manipulam ou distorcem a realidade, mas, sim, assumindo um entendimento do jornalismo como uma construção discursiva, uma prática simbólica que, mesmo travestida por um compromisso com a verdade, subjaz interesses políticos, econômicos e ideológicos.

A configuração das narrativas jornalísticas, por isso, não pode ser vista como um processo ingênuo, que tem como único objetivo informar, pois, como defende Motta (2013b, p. 74),

narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude – quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração.

A intencionalidade que permeia a narração está presente em todas as narrativas, sejam elas ficcionais ou factuais, independente do suporte midiático em que sejam configuradas. Estes propósitos, contudo, não são estáveis e absolutos, especialmente quando nos referimos às narrativas jornalísticas. Diferente das narrativas de ficção ou mesmo da História, as narrativas jornalísticas são configuradas a partir do entrelaçamento de diferentes vozes e personagens, numa busca idealista por imparcialidade e objetividade. A construção de um discurso plural é uma característica e um valor intrínseco à prática jornalística e sua função

mediadora. As diferentes vozes acionadas neste discurso, contudo, também almejam sobrepor suas próprias visões de mundo, provocando uma disputa por poder e visibilidade no interior do processo de narração. As intencionalidades subjacentes às narrativas jornalísticas, dessa forma, são negociadas e disputadas entre os diferentes interlocutores

O jornalismo de rádio não é transparente, mas opaco. As narrativas radiofônicas também são construídas de acordo com propósitos específicos, que, por sua vez, influenciam diretamente na relação que o meio mantém com seu público e no modo com que concede e organiza vozes e personagens. Dessa forma, ainda que o rádio agregue, em suas narrativas, as vozes da audiência de forma mais intensa e frequente que outras mídias, este não é um processo inocente. A concessão de voz ao ouvinte também se dá de acordo com um projeto dramático e argumentativo, cujo controle discursivo é exercido pelo narrador jornalista, subordinado a um narrador veículo. Quando o ouvinte conquista um lugar na narrativa, portanto, é porque sua fala contribui, de alguma forma, com o projeto assumido para aquela narrativa.

O acionamento e a concessão de voz aos ouvintes, então, são instrumentais e controlados. A convocação dos ouvintes-enunciadores serve a um determinado propósito e é conformada na narrativa de acordo com uma intencionalidade específica. O modo como esse ouvinte “fala” na narrativa sustenta nosso argumento. As contribuições da audiência são levadas ao ar, essencialmente, pela voz dos apresentadores, portanto de modo indireto. Ainda que seja tecnicamente possível por meio do envio de mensagens de áudio ou ligações telefônicas, são raras as situações em que a voz do ouvinte, de fato, vai ao ar (não registramos nenhuma ocorrência nas narrativas analisadas). É mais seguro para os jornalistas que essa interação se dê de modo indireto, pois assim é possível manter o controle discursivo sobre a enunciação. Falando por intermédio dos profissionais os ouvintes têm pouca capacidade de interferência na narrativa, sendo colocados em uma posição de coadjuvantes.

É claro que o ouvinte também não é inocente. Ele próprio, ao interagir com a Rádio, o faz com alguma intenção. Ele pode estar buscando visibilidade para si, suas ideias ou mesmo produtos. Pode estar tentando demonstrar ou defender uma visão de mundo particular. Pode, também, estar à procura de um diálogo desinteressado ou, ainda, exercitando sua cidadania, sentindo-se útil ao colaborar com o jornalismo. A grande questão é que, independente da intenção que move o ouvinte a interagir, ele somente conquistará um lugar na narrativa, alcançando seus objetivos, se o jornalista e a emissora permitirem.

Quais são, então, as intenções do rádio ao conceder voz aos seus ouvintes? Ainda que esta não tenha sido uma das questões centrais de nossa pesquisa, a análise das narrativas nos

revelou algumas dessas motivações. A principal delas, a nosso ver, é a produção de efeitos de sentidos que reforcem a ideia de interatividade e diálogo com a audiência, o que, por consequência, contribui para a fidelização dos ouvintes à emissora. Ao convidar a audiência a interagir e dar-lhes voz nas narrativas, o rádio faz com que os ouvintes se sintam ouvidos e representados, fortalecendo o sentimento de companheirismo e proximidade que, historicamente, o caracterizam.

Dessa motivação decorrem várias outras. O rádio concede voz aos ouvintes em nome da velocidade da informação. Com a contribuição do ouvinte que interage relatando acontecimentos no momento e no local de suas ocorrências, esta mídia narra os fatos com agilidade. A velocidade da informação, especialmente quando se trata de um “furo”, é um valor constante na prática jornalística, principalmente nos veículos ou programas de *hard news*. Em um contexto em que as redações, seja de jornais impressos, rádio ou TV, encontram-se cada vez mais esvaziadas, o ouvinte que interage com a rádio, enviando informações, torna-se uma importante fonte jornalística. Ao dar-lhe voz na narrativa, a rádio reconhece esse valor e, de modo indireto, incentiva outros ouvintes a também colaborarem, mantendo, assim, uma rede voluntária de apoio.

Por outro lado, é preciso ponderar que a atribuição de uma informação a um ouvinte equivale ao uso “judicioso” das aspas como ritual estratégico de objetividade, conforme ensina Tuchman (1999). Diante de um fato inesperado, grave ou urgente, em que o fetiche da velocidade impera, muitas vezes a apuração é comprometida e a informação é levada ao ar sem a devida checagem. Atribuir tal informação ao ouvinte, de certa forma, protege o jornalista diante de uma informação falsa ou equivocada.

A concessão de voz aos ouvintes também visa à configuração de narrativas plurais, mesmo que isso nem sempre signifique narrativas polifônicas. Ao acionar diferentes ouvintes como personagens da narrativa, o rádio se mostra aberto às diversas versões e interpretações sobre os acontecimentos que narra, gerando um efeito de transparência e pluralidade. Discursivamente, contudo, nem sempre as diferentes vozes acionadas representam distintos pontos de vista, contribuindo, desta forma, para a configuração de uma narrativa que, na verdade, é monofônica, ou seja, composta por diferentes enunciadores, mas apenas uma única perspectiva de enunciação. Nestes casos, a concessão de voz aos ouvintes, além de reforçar um determinado posicionamento, tem o objetivo de autopromover o rádio como meio interativo e democrático, sem um compromisso com os valores e a qualidade do jornalismo produzido. De outra parte, quando, de fato, a narrativa radiofônica permite o contraditório e o

confronto entre versões e visões de mundo, tem-se, enfim, um jornalismo de rádio polifônico, mais próximo dos ideais de imparcialidade e objetividade.

A abertura de espaço para a participação sincrônica do ouvinte nas narrativas pode ser entendida, então, como uma técnica de enunciação peculiar às narrativas radiofônicas empregada com diferentes objetivos, porém norteadas pela intenção de envolver a audiência, produzindo efeitos de proximidade e pertencimento que, por sua vez, levam à fidelização, tão necessária para a viabilidade econômica do rádio – assim como qualquer outro veículo de comunicação com caráter comercial. Ao assumirmos isso, não estamos julgando ou condenando a forma como o rádio aciona e concede voz a seus ouvintes. Expor essa intencionalidade, na verdade, contribui para uma análise mais crítica do meio, das práticas jornalísticas e, principalmente, da qualidade do conteúdo produzido.

A Análise Crítica da Narrativa, nesse sentido, mostrou-se um lugar e uma ferramenta de observação propícia para descortinarmos as relações de poder subjacentes ao processo de narração no rádio. Este aporte teórico e metodológico nos permitiu enxergar as intencionalidades por trás da configuração das narrativas jornalísticas e, principalmente, do acionamento e concessão de voz aos ouvintes-enunciadores.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos, ao longo da trajetória de desenvolvimento desta pesquisa, o desafio de olharmos para o jornalismo radiofônico desde um outro lugar. As inquietações despertadas pelo exercício profissional e aguçadas pelas primeiras reflexões acadêmicas durante o Mestrado, encontraram nas teorias narrativas uma nova perspectiva para o estudo das relações entre o rádio e seu público ouvinte. Como toda mudança que nos desloca de uma zona de conforto, esta também nos impôs obstáculos e limitações, e exigiu recortes e escolhas. Ao encerrarmos este ciclo, entretanto, o balanço final se mostra positivo e conseguimos vislumbrar algumas contribuições para o campo, assim como novos e necessários questionamentos.

Em um contexto de hiperconexão, em que as audiências assumem, cada vez mais, uma postura ativa, tanto no processo de recepção quanto no de produção e recirculação jornalísticas, traçamos como objetivo desta pesquisa entender e identificar por quais razões o rádio concede voz aos seus ouvintes durante o processo de narração no radiojornalismo transmitido em tempo real. Questionamo-nos, desde o ponto de vista do jornalismo, sobre quais critérios e circunstâncias norteiam ou definem o acionamento dos ouvintes, elevando-os à condição de personagens das narrativas radiofônicas. Dentre as tantas mensagens recebidas pelas emissoras de rádio diariamente, que fatores são determinantes para a seleção de quem ganhará voz na narrativa? Que disputas se dão no interior desse processo? E, afinal, por que o rádio concede voz aos ouvintes?

Nos propusemos a abordar essas questões pelo viés da narrativa. Assumimos, então, que o jornalismo pode ser entendido como uma narrativa do tempo presente – menos por seu formato textual e mais por seu processo transitório de cristalização da história. Deste modo, reconhecemos no jornalismo um trabalho simbólico de mediação entre as experiências humanas no mundo “real” e sua compreensão pelo conjunto da sociedade. Um trabalho que se baseia na capacidade de ordenamento, contextualização e atribuição de significados a fatos e personagens aparentemente isolados. Compreendemos, por fim, que a narrativa jornalística é um processo dotado de intencionalidades, jogos de poder e sentidos subjacentes.

Ao apropriarmo-nos desse posicionamento epistemológico acerca do jornalismo, nos desafiamos a pensar o radiojornalismo sob a mesma perspectiva. As teorias e métodos para a análise das narrativas, contudo, vêm de uma tradição impressa, partindo das vertentes Estruturalistas e Formalistas dedicadas aos estudos literários e mitológicos. Foi com Motta (2007, 2013b), sob influência do Pragmatismo e da Hermenêutica, que tivemos a transposição

desse arcabouço teórico para os estudos do jornalismo. As bases metodológicas para a condução de uma pesquisa empírica, entretanto, ainda permaneciam ancoradas no texto impresso e suas características normativas. Foi preciso, inicialmente, promovermos uma aproximação entre a narrativa jornalística e as especificidades do que se compreende como narrativa radiofônica.

Atendendo ao primeiro de nossos objetivos específicos, desenvolvemos, nos Capítulos 2 e 3 desta Tese, reflexões de cunho teórico, situando nosso lugar de fala dentro dos estudos sobre narrativa e estabilizando nosso entendimento sobre narrativas radiofônicas. Partimos de uma compreensão das narrativas radiofônicas como um processo simbólico e argumentativo de ordenamento da realidade, dotado de especificidades determinadas por condições técnicas e culturais atreladas ao veículo. As narrativas configuradas pelo rádio, desta forma, incluem recursos típicos da linguagem radiofônica, como a palavra falada, os efeitos sonoros, a música e os silêncios. Além disso, são caracterizadas pela emissão continuada, a transmissão em tempo real e a forte presença do ouvinte como um interlocutor.

Na etapa seguinte, a análise de um objeto radiofônico – as cinco narrativas configuradas pelo programa *Gaúcha Atualidade da Rádio Gaúcha* – foi realizada após diversas experimentações e testes metodológicos. O recorte e os movimentos analíticos relatados no Capítulo 4 nos instrumentalizaram para as análises e reflexões a que nos propúnhamos, atendendo a outros dois objetivos específicos: a identificação das vozes autorizadas e acionadas nas diferentes narrativas radiofônicas e a observação dos atributos e efeitos associados às intervenções dos ouvintes levadas ao ar. Para além dos resultados obtidos pela aplicação do protocolo por nós elaborado, com base nos movimentos analíticos propostos por Motta (2013b), acreditamos que a própria metodologia construída para esta Tese possa ser considerada uma contribuição aos estudos de rádio e das narrativas radiofônicas, podendo ser replicada e aperfeiçoada em pesquisas futuras.

Do cruzamento dos resultados obtidos pela análise individualizada de cada uma das cinco narrativas selecionadas para compor nosso *corpus* de pesquisa, extraímos a sistematização dos principais critérios e circunstâncias responsáveis por determinar o acionamento dos ouvintes nas narrativas radiofônicas – nosso último objetivo específico. Identificamos sete fatores que consideramos os mais frequentes: o tipo de acontecimento narrado; a atualidade e a imediaticidade das mensagens enviadas pela audiência; a saturação de mensagens com conteúdo semelhante; o testemunho e a credibilidade da informação enviada pelo ouvinte; a localização geográfica do ouvinte-enunciador; a qualificação do ouvinte-enunciador; e a adequação e reforço do projeto dramático assumido na narrativa.

Percebemos, assim, que o acionamento dos ouvintes-enunciadores nas narrativas radiofônicas depende, primeiramente, do tipo de acontecimento narrado. Na cobertura de acontecimentos imprevistos, as contribuições da audiência são mais valorizadas, como forma de sanar a falta ou indisponibilidade temporária de repórteres e fontes tradicionais. Acontecimentos previstos, por outro lado, têm sua cobertura planejada com antecedência, implicando preferência pelas vozes autorizadas.

A atualidade das informações repassadas por ouvintes, atreladas ao seu caráter testemunhal, também foram percebidas como atributos no processo de acionamento da audiência nas narrativas. Aqui, observamos como o envio de imagens torna-se relevante ao rádio sonoro, servindo como prova de verdade para a narrativa configurada. Da mesma forma, notamos que a saturação de mensagens semelhantes enviadas por diferentes ouvintes autoriza o jornalista de rádio a levar uma informação ao ar sem checagem prévia, creditando à audiência uma credibilidade presumida.

A localização e a qualificação do ouvinte também se mostraram importantes atributos, capazes de elevar um ouvinte à condição de narrador terciário ou personagem das narrativas. O lugar desde onde o ouvinte interage, mais do que qualificar a narrativa, mostrou-se um valor relevante para a emissora à medida que lhe atribui valores que reforçam a capacidade de abrangência de sua programação e audiência. Já a qualificação do ouvinte revelou-se um critério de concessão de voz especialmente diante de contribuições opinativas ou interpretativas sobre os fatos narrados. Nesses casos, a forma como o ouvinte foi acionado assemelha-se ao tratamento destinado a fontes *experts* e autorizadas.

Por fim, a adequação da mensagem e do próprio ouvinte-enunciador ao projeto dramático adotado pela emissora e seus profissionais diante de cada uma das narrativas, mostrou-se um dos critérios mais marcantes, presente em todos os casos analisados. Percebemos, em todas as narrativas, a adoção de um determinado enquadramento, responsável por nortear a configuração destas e, conseqüentemente, a concessão de voz e a hierarquização das personagens.

Para além da sistematização dos principais critérios de acionamento, acreditamos que a Tese também ofereça como resultado uma reflexão ampliada sobre a participação do ouvinte no rádio. Ao optarmos por abordar este tema pelo viés da narrativa, escolhemos promover uma discussão que não se ativesse apenas às modificações nas práticas produtivas ou sobre uma possível pluralização dos discursos jornalísticos. Nosso foco foi direcionado ao processo de configuração das narrativas e, principalmente, aos embates que se dão por trás desse processo. Acreditamos que a perspectiva da narrativa, ao reconhecer as múltiplas vozes que

configuram o texto jornalístico e as disputas que envolvem o processo de enunciação, nos oferece uma possibilidade de reflexão crítica acerca das formas e práticas de interação entre veículos de comunicação e seus receptores.

Avançando para além das abordagens mais frequentes nos estudos sobre rádio e participação/interatividade, especialmente aqueles ancorados no contexto da convergência midiática, nossa reflexão nesta Tese buscava questionar, ainda que de forma latente, as perspectivas que enfatizam tão somente o papel democrático da participação e sua capacidade de pluralização dos discursos jornalísticos. Partimos do pressuposto de que a interação com o público tem papel relevante e cada vez mais influente no jornalismo, porém a concessão de voz aos ouvintes – no caso do rádio – e sua autorização como enunciadore das narrativas radiofônicas, não é feita de forma desintermediada e ingênua. Pudemos comprovar, a partir da pesquisa, a existência de critérios e condições específicas (ainda que nem sempre evidentes ou institucionalmente definidas) que regulam esse processo, de modo a assegurar a autoridade enunciativa dos profissionais jornalistas, ao mesmo tempo em que garantem a captação e fidelização do público receptor.

A análise empírica que conduzimos e apresentamos nesta Tese, portanto, reforçou nossas premissas iniciais, evidenciando que o jornalismo segue sendo uma atividade complexa, em que diferentes interlocutores entram em conflito por visibilidade, e em que a tecnologia – o principal motor para o surgimento das modalidades participativas e colaborativas no jornalismo – é apenas mais um dos elementos desse contexto. Nossas reflexões mostraram que os ouvintes-enunciadores são capazes de interferir na configuração da narrativa radiofônica, dentro, porém, de um projeto dramático, uma intencionalidade predeterminada pelo veículo e seus profissionais. Como, quando e o quanto os ouvintes podem interferir e influenciar nas narrativas que o rádio veicula, são decisões que ainda cabem às emissoras e seus profissionais.

Por mais ativo e conectado que esteja, o ouvinte-enunciador ainda tem um papel passivo na configuração das narrativas, subordinado ao controle narrativo dos jornalistas e da emissora de rádio. Isso demonstra que somente a tecnologia e as novas formas de interação não são capazes de modificar a hierarquia do processo de construção do discurso jornalístico. A autoridade enunciativa permanece atrelada ao profissional: é ele quem dá voz aos demais personagens. Há que se considerar, porém, que a tecnologia e a cultura participativa que caracterizam o contexto de convergência midiática em que o rádio está inserido, são fatores que tensionam continuamente essa autoridade e os próprios processos produtivos do radiojornalismo.

Ponderamos, contudo, que não esgotamos com esta pesquisa as possibilidades de investigação desta temática. Reconhecemos a importância da continuidade destas reflexões tanto para a estabilização da aplicabilidade da Análise Crítica da Narrativa nos estudos radiofônicos, quanto para a validação dos resultados e conceitos por nós apresentados. A ampliação do *corpus* de pesquisa, de modo a contemplar outros tipos de narrativas e também outras emissoras de rádio, bem como a complementaridade metodológica da análise das narrativas, por meio de entrevistas com profissionais e métodos etnográficos de observação das rotinas produtivas, são algumas das possibilidades e alternativas que vislumbramos para a continuidade das reflexões iniciadas com esta tese.

Por fim, concluímos estas reflexões ressaltando a importância de buscarmos outros modos de olharmos criticamente para nossos objetos midiáticos e seus processos. A escolha por um aporte teórico e metodológico até então pouco – ou raramente – aplicado aos estudos radiofônicos foi, de fato, um grande desafio, mas que nos permitiu refletir sobre a interação entre ouvintes e rádio – uma temática já amplamente debatida entre os pesquisadores da área – sob uma perspectiva discursiva, jogando luz sobre aspectos que, frequentemente, passam despercebidos em investigações mais focadas em questões de cunho tecnicista.

Ao adotarmos a narrativa como nosso lugar de observação sobre o jornalismo de rádio e sua relação com o público ouvinte, percebemos a importância de considerarmos o contexto histórico-social em que estão inseridas nossas análises midiáticas, a fim de que possamos compreender de modo mais abrangente os fenômenos sobre os quais nos debruçamos em nossas pesquisas. Principalmente a partir das contribuições de Paul Ricoeur, entendemos que todo o processo de configuração das narrativas jornalísticas se dá de modo contínuo, sofrendo a influência do contexto ao mesmo tempo em que o modifica. Dessa forma, reconhecemos que, para refletirmos de forma crítica e integral sobre o rádio e, principalmente, sobre as transformações pelas quais o meio atravessa diante do contexto de convergência midiática, precisamos considerar não somente os aspectos relacionados à técnica radiofônica ou ao uso instrumental das novas tecnologias de informação e comunicação; é preciso compreender as vinculações sociais existentes entre o meio e seu entorno, os constrangimentos políticos e econômicos, os sentidos implícitos no uso da linguagem e como tudo isso interfere nas práticas e no conteúdo jornalístico gerado pelo rádio.

Além de representar uma contribuição metodológica, do ponto de vista operacional, para os estudos de rádio, acreditamos que a Tese possa também renovar, junto ao campo de estudos radiofônicos, uma busca por novas formas de refletirmos e analisarmos criticamente o rádio, suas práticas, linguagem e papel na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Norma; CHAPARRO, Manuel Carlos; GARCIA, Wilson. **Imprensa na berlinda**: a fonte pergunta. São Paulo: Celebris, 2005.
- ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. 2015.
- AMOEDO CASAIS, Avelino. La producción radiofónica de los programas informativos. In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (Org.). **Información radiofónica**: cómo contar noticias en la radio hoy. Barcelona: Editora Ariel, 2011. p. 163-193.
- ANDRADE, Mônica Araújo. **Interação no rádio**: a participação do ouvinte no programa Debates do Povo. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, 2014.
- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. 5. ed. Madrid: Cátedra, 2007.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARSOITTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-62.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.
- BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **As interações no rádio expandido**: a experiência das emissoras curitibanas Massa FM, Caiobá FM e 98 FM. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, UTP, Curitiba, 2015.
- _____. Reportagem Radiofônica: as possibilidades do vivo e do diferido na construção de um rádio informativo diferenciado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Intercom; UnB, 2006. p. 1-15.
- BIRD, Elizabeth S.; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.
- BORGES, Paulo. A credibilidade do ruído no radiojornalismo. **Revista Comtempo**, v. 5, n. 2, p. 1-15, dez. 2013.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, v. 10, n. 3, p. 288-296, 2005.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 35-45. V. 1.

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, v. 6, n. 1, p. 169-187, jul./dez. 2012.

CARVALHO, Carlos Alberto; LAGE, Leandro Rodrigues. Sobre contribuições epistemológicas de Paul Ricoeur para estudos da comunicação: ação, narrativa e acontecimento. In: FRANÇA, Vera et al. (Org.). **Teorias da comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2014. p. 149-171.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Modelos de radio, desarrollos e innovaciones: del diálogo y participación a la interactividad**. Madrid: Editorial Fragua, 2007.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Fonte, sujeito jornalístico nos novos cenários da notícia. In: BIANCO, Nelía Del; SANTOS, Marli (Org.). **Manuel Carlos Chaparro: 70 anos na estrada do texto**. São Paulo: Intercom, 2014. p. 74-83.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. Covilhã: LabCom Books, 2011.

COSTA, José Luís. As razões do colapso na segurança pública no Rio Grande do Sul. **Gaúcha.ZH**. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/08/as-razoes-do-colapso-na-seguranca-publica-no-rio-grande-do-sul-7335838.html>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Filosofia da linguagem: introdução crítica à semântica filosófica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

EXCLUSIVO: 104 FM acirra disputa pela liderança no FM da Grande Porto Alegre. **Tudo Rádio**. 2017. Disponível em: <<https://tudoradio.com/noticias/ver/17822-exclusivo-104-fm-acirra-disputa-pela-lideranca-no-fm-da-grande-porto-alegre>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

FECHINE, Yvana. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria Lília (Org.). **Televisão: entre a academia e o mercado**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 139-154.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.

_____. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ed. Ulbra, 2002.

_____. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul:** as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.

_____. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis:** comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FRAGA, Emerson Charley da Fonseca; MOTTA, Luiz Gonzaga. A disputa pela voz: conflito e negociação de sentidos na construção de uma telenarrativa jornalística. **Líbero**, v. 16, n. 32, p. 99-110, jul./dez. 2013.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FURLAN, Mariana. Linha do tempo: os 12 dias em que a criminalidade derrubou o secretário de Segurança do Estado. **Gaúcha.ZH.** 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2016/08/linha-do-tempo-os-12-dias-em-que-a-criminalidade-derrubou-o-secretario-de-seguranca-do-estado-7335364.html#showNoticia=OE89azl1VHM0NTc0OTUyOTMxMDYwNjMzNjAwZkZtNzIyMjk4MjM3NTY5ODMwNTM1OEMrOTczNzIzMTU4NDU5MTkyNDQyODhZRTh1UC1EOTFmSkw0dEx+emM>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GENETTE, Gérard. **Nuevo discurso del relato.** Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide.** Porto Alegre: Tchê, 1987.

GONÇALVES, Jurandira Fonseca. Quem fala no jornalismo? In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 89-101.

GRUPO RBS lança novo produto digital GaúchaZH.com. **Grupo RBS.** 2017. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2017/09/19/grupo-rbs-lanca-novo-produto-digital-gauchazh-com/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

GUARINOS, Virginia. **Manual de narrativa radiofônica.** Madrid: Sintesis, 2009.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. p. 347-354. V .1.

HERRERA DAMAS, Suzana. Tipología de la participación de los oyentes en los programas de radio. **Anàlisi:** Quaderns de comunicació i cultura, n. 30, p. 145-166, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca:** guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KASEKER, Mônica Panis. **Modos de ouvir**: a escuta do rádio ao longo de três gerações. Curitiba: Champagnat, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Radiojornalismo comunitário em mídias sociais e microblogs: circulação de conteúdos publicados no portal RadioTube. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 1, p. 136-148, jan./jun. 2012.

_____. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KLÖCKNER, Luciano. **A notícia na Rádio Gaúcha**: orientações básicas sobre texto, reportagem e produção. Porto Alegre: Sulina, 1997.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 215-240.

LAGE, Leandro Rodrigues. **Elementos de uma poética jornalística do acontecimento**: narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de S.Paulo. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2013a.

_____. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. **Contracampo**, v. 27, n. 2, p. 71-88, ago./nov. 2013b.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2011.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEAL, Bruno Souza. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.

_____. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 25-48.

LEAL, Bruno Souza.; CARVALHO, Carlos Alberto. De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta. **Intexto**, n. 34, p. 606-622, set./dez. 2015.

LEGORBURU HORTELANO, José María. Programas de participación de la audiencia. In: ALCUDIA BORREGUERO, Mario (Org.). **Nuevas perspectivas sobre los géneros radiofónicos**. Madrid: Editorial Fragua, 2008. p. 123-139.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>.

_____. et al. Audiência radiofônica: a construção de um conceito a partir da metamorfose do meio. **Ação Midiática**, v. 10, p. 182-198, jul./dez. 2015.

_____. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 326-342.

MACHADO, Márcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, v. 1, n. 14, p. 1-11, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26572/000547648.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

MAGEE, Bryan. **História da filosofia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar. El proceso de escritura de la información radiofónica. In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (Org.). **Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy**. Barcelona: Editora Ariel, 2011. p. 97-119.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica**. Pamplona: Eunsa, 2005.

MARTINEZ, Mônica; IUAMA, Tadeu Rodrigues. Primeiras reflexões sobre a pesquisa em narrativas midiáticas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 14., 2016, Palhoça. **Anais...** Palhoça: SBPJor, 2016. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/paper/viewFile/44/50>>. Acesso em: 04 jul 2017.

MASIP, Pere et al. Audiencias activas y periodismo? Ciudadanos implicados o consumidores motivados? **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 1, p. 240-261, 2015.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MESQUITA, Giovana. **Intervenho, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo**. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MONTIPÓ, Criselli. Crise do jornalismo? Por uma narrativa jornalística mais propositiva, investigativa e cidadã. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA

COMUNICAÇÃO, 37., Foz do Iguaçu, 2014. **Anais...** Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. p. 1-11.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

MOTTA, Juliana; AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos na cobertura jornalística do caso Kiss: transbordamento emocional e provas de verdade. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 13, n. 1, p. 77-88, jan./jun. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O trabalho simbólico da notícia. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 12., 2003, Recife. **Anais...** Recife: UFPE; Compós, 2003.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, p. 143-167.

_____. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zelia Leal (Org.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.

_____. Mediação + Representação: matriz conceitual e operacional para análise dos conflitos de poder no jornalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013a, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA; Compós, 2013a.

_____. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013b.

_____. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017a. p. 47-63.

_____. Prefácio. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017b. p. 7-10.

OLIVEIRA, Gildésio Bomfim de. Narrativas sonoras: expressões de gêneros e formatos radiofônicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., Manaus, 2013. **Anais...** Manaus: Intercom; Ufam, 2013. p. 1-12.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Panda Books, 2000.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Biblioteca On-line das Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008. p. 5-31.

PESSOA, Sônia. O empoderamento sutil do ouvinte no radiojornalismo: os desafios de uma cultura além da escuta. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Estudos radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 358-369.

PINTO, Céli. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney – ou como entender os meandros da linguagem do poder**. São Paulo: Hucitec, 1989.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PRINCE, Gerald. **A dictionary of narratology**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1989.

QUADROS, Mirian Redin de. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Faculdade de Comunicação Social, UFSM, Santa Maria, 2013.

_____. A narrativa como perspectiva teórico e metodológica para o estudo do jornalismo radiofônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom; USP, 2016, p. 1-15.

_____. A história do tempo presente nas ondas de rádio: especificidades das narrativas radiofônicas em tempo real. **Passagens**, v. 8, n. 1, p. 107-122, 2017.

QUADROS, Mirian Redin de; AMARAL, Márcia Franz. O ouvinte-enunciador nas narrativas radiofônicas: as disputas pelo poder de voz. **Rizoma**, v. 4, n. 2, p. 108-121, dez. 2016a.

QUADROS, Mirian Redin de; AMARAL, Márcia Franz. Especificidades e estratégias enunciativas do narrar radiofônico em tempo real: análise narrativa do Caso do Rodado. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., Palhoça, 2016b. **Anais...** Palhoça: SBPJor; Unisul, 2016b. p. 1-15.

QUADROS, Mirian Redin de; NASI, Lara; MOTTA, Juliana. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 36-46.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. Tomo I.

_____. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1995. Tomo II.

ROVIDA, Mara. Apuração in loco: o impacto do trabalho de campo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., Palhoça, 2016. **Anais...** Palhoça: SBPJor; Unisul, 2016. p. 1-13.

RUTILLI, Marizandra; KLÖCKNER, Luciano. Gaúcha Atualidade: 40 anos de história no radiojornalismo (1977-2017). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Alcar, 2017. p. 1-14.

SALAVERRÍA, Ramon. Los medios de comunicación ante la convergencia digital. **Dadun**: Depositório académico digital Universidad de Navarra. 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10171/5099>>. Acesso em: 15 maio 2013.

SCHIRMER, Lauro. **RBS: da voz-do-poste à multimídia**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHUDSON, Michael. A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 278-293.

SOUCHIER, Emmanuël; WRONA, Adeline. O cruzamento de vozes no espaço do jornal. In: MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Mudanças e permanências do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015. p. 304-331.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 167-176.

_____. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012. V. 1.

TUCHMAN, Gaye. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-277.

VIZEU, Alfredo; MESQUITA, Giovana. O cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo. **Revista Estudos em Comunicação**, n. 9, p. 329-340, maio 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-17.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2012.

ZUCULOTO, Valci. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

APÊNDICE A
ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS NARRATIVAS PARTICIPATIVAS

SN	CATEGORIA	QTDE MSGS	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
NARRATIVA 1 – Instabilidade climática						
14.07 SN 02	Participação do ouvinte	4	DANIEL SCOLA - Nosso ouvinte de Harmonia, o Noel, da cidade de Harmonia, diz que às margens da RS 440, ainda tem gelo nas laterais da pista. Ainda tem gelo nas laterais da pista. O Alexandre de Alvorada também está mandando imagens aqui do granizo que ficou acumulado ontem em Alvorada. O outro ouvinte, Bom dia sou Cleiton Castro de Triunfo ainda tem pedras por aqui, a essa hora da manhã E mandou uma foto da horta dele, toda destruída e as pedras de gelo tb acumuladas sobre a horta. 9699-5218. Tem granizo acumulado ainda em Viamão. É o Elson. Tirei essas fotos agora de manhã as 8h, tem pedras de gelo no pátio. Depois de 10 horas que o granizo caiu por aqui, diz o Elson de Viamão e de fato ficou no gramado dele as pedras acumuladas e na medida que elas vão se derretendo elas formam um bloco só e são pedras maiores inclusive. Obrigado Elson. Elson Oliveira de Viamão.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Reconstituição ² Autenticidade/ Reconstituição Autenticidade/ Reconstituição Autenticidade/ Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 05	Participação do ouvinte	4	DANIEL SCOLA - Eu tô recebendo imagens aqui, fotos impressionantes de várias partes do estado. Olha Região Metropolitana Viamão, Alvorada. Fundamentalmente esses dois municípios. São José do Sul, no Vale do Caí, muito granizo nessa madrugada e as pedras continuam inteiras, diz o Tiago Petri. Quem está se divertindo lá em São José do Sul é o cusquinho do Tiago Petri. Ele manda uma foto do cachorro se divertindo nas pedrinhas de gelo que ficaram acumuladas no gramado, nas ruas, à margem da rodovia, nos telhados, nos canteiros, enfim, são imagens muito impressionantes mesmo. Aqui em Pejuçara chuva pesada, pedras e trovoadas. Mas é nesta manhã, amigo? Será que foi nesta manhã ou ontem à noite? Que essa manhã ainda tem chance de muita chuva e temporal. O Davi de Viamão: Muita pedra cobriu toda a rua aqui em Viamão. De fato, o carro dele, ele mandou a foto, o carro dele ficou coberto de pedras de gelo. Priscila: Alvorada ontem à noite, com pedrinhas de gelo, do tamanho de bolinhas de gude acumuladas no gramado da casa dela.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Autenticidade/ Reconstituição Reconstituição Autenticidade/ Reconstituição Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 07	Participação do ouvinte	3	DANIEL SCOLA - Céu nublado e olha temporal se armando lá pras Missões, o Planalto Médio. Tem mais aqui. Tem mais msg de ouvintes, 9699-5218. 9699-5218. Pejuçara se armando temporal. São Miguel das Missões, tempo muito carregado, trovão, relâmpagos. Vem tempo por aqui mesmo, diz o ouvinte Carlos Desch. Vou desligar todos os aparelhos. Só não desliga o rádio, Carlos. Deixa o radinho ligado aí.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Atualidade Atualidade Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07	Participação	1	DANIEL SCOLA - O Celso de Arroio dos Ratos diz que tá se armando o	Testemunha/	Atualidade/	Efeito de Descrição e

¹ Quando apenas um efeito é indicado, este é comum a todas as mensagens.

² As cores foram utilizadas na tabela apenas como elemento de contraste entre as mensagens identificadas, sem um significado específico.

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
SN 09	do ouvinte		temporal e ele já tomou todas as providencias, desligou tudo da luz, mas o radinho dele, mandou a foto inclusive, tá firme e forte com duas boas pilhas. Obrigada pela audiência. CAROLINA BAHIA - Radinho das antigas	Bem localizado	Relacionamento/ Autenticidade	Veracidade + Efeito de Interação
14.07 SN 10	Participação do ouvinte	5	DANIEL SCOLA – Tô recebendo ainda de hoje pela manhã, são imagens mais atualizadas e aí o registro do granizo em várias partes do RS. Granizo em Rolante, foi as 6h30. Foram poucas pedras, mas de tamanho médio. Atesta pra gente a Cristiane de Rolante, que mandou inclusive uma foto. As pedras na mão dela. As pedras cobrindo praticamente toda a palma da mão. Três pedrinhas na mão dela. Foi pouco tempo, segundo ela, mas já foi suficiente pra assustar. E são pedras de tamanho médio. Tem mais mensagens aqui. 9699-5218. Temporal se armando na região das Missões. Tempo feio no Vale do Caí, diz a Juliana. Tem mais aqui mensagens. São Luiz Gonzaga com forte indicativo de temporal. Forte indicativo de temporal. Zona Sul de POA não teve chuva, só trovões. Será que vem temporal por aí? Pergunta o ouvinte. Bom o Cleo Kuhn disse que a chuva... [repete principais informações da previsão do tempo]	Testemunha/ Bem localizado Bem localizado Bem localizado Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Autenticidade/ Reconstituição Atualidade Atualidade Atualidade Atualidade/ Relacionamento	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 11	Participação do ouvinte	1	DANIEL SCOLA – Olha quem não tá nada feliz é quem tá fazendo rali pelas estradas do RS. CAROLINA BAHIA – Ah! Imagino... SCOLA - Marcelo Maciel trafegando agora pela RS 101. Bom ela leva o nome de estrada do Inferno e ela é um inferno mesmo. Ele fez as fotos aqui. Eu vou postar daqui a pouquinho no Twitter, são buracos, painelas, painela de pressão, tem todo tipo de painela, tem de caçarola ao painelão aquele de cozinha industrial, sabe Carolina Bahia CATROLINA – Da frigideira ao painelão SCOLA – Tem um problema adicional que choveu muito e os buracos foram tapados, estão encobertos pela água, então o motorista não tem a noção de profundidade, ele vai desviando, desviando até daqui a pouco ela cai. Porque é tanto buraco que ele acaba caindo nesse buraco. E tem movimento sim na RST 101, a estrada do inferno, saindo de São José do Norte, entre Tavares e Mostardas. Ele mandou a foto aqui. Olha eu sou pós-doutorado em buracos de estrada, mas eu to impressionado com os flagrantes que o Marcelo fez. CAROLINA – Scola, quando, quando deixaremos de ter uma estrada chamada estrada do inferno. Isso não tem cabimento. [segue críticas à estrada]	Testemunha/ Bem localizado	Atualidade/ Autenticidade	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 17	Participação do ouvinte	1	SCOLA – O André é morador da cidade de Igrejinha. Manda avisar: teve granizo pela manhã aqui, 20 minutos. Foi por volta das 6 da manhã. Chegou a faltar luz, diz o André. Ele mandou duas fotos. Da entrada de um posto de gasolina, em Igrejinha, a margem da estrada. Olha, é granizo pra mais de centímetro de altura e metro de largura, viu Carolina Bahia. É muito granizo	Testemunha/ Bem localizado	Autenticidade/ Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			acumulado mesmo lá em Igrejinha CAROLINA - É de assustar, né Scola.			
14.07 SN 18	Participação do ouvinte	1	SCOLA - ... e a mobilização aqui no Estado em torno do temporal, da instabilidade. Tem muita gente preocupada. Tem ouvinte alertando aqui sobre destruição de plantações no interior. Já vou buscar a informação aqui, vou trazer mais detalhes. Já já no Gaúcha Atualidade.	Testemunha	Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 19	Entrevista	3	SCOLA – Nós estamos recebendo registros dos nossos ouvintes com muito granizo pelo interior do Estado. Pra entender melhor o que está acontecendo e como a Defesa Civil está mobilizando, nós convidamos o coronel Alexandre Martins, Coordenador da Defesa Civil aqui do Estado. Coronel, bom dia! [entrevista] SCOLA (1h13'06) – Eu to recebendo aqui, Coronel, eu to recebendo aqui do Miquel Dellano, novas fotos sobre, nosso ouvinte, tá. Novas fotos sobre NMT. Olha, é um mar, é um tapete branco que encobriu toda a cidade, né? SCOLA (1h13'55) – Eu to recebendo aqui agora informação atualizada: Grazino agora em Farroupilha, avisa o Roberto, e em Vacaria, fechou tudo, vai desabar um temporal aqui em Vacaria, diz o Márcio. Ou tá começando o temporal. Parece noite.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Autenticidade/ Reconstituição Atualidade Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 20	Participação do ouvinte	2	SCOLA - Tá caindo um temporal no entroncamento da 239 com a BR 116, em Novo Hamburgo, no Vale dos Sinos. Segundo o ouvinte Jéferson, não se enxerga nada na frente e ele faz um apelo: motoristas, liguem os faróis! Não se vê nada na frente. Diz o Jéferson de Alvorada, que tá lá no Vale dos Sinos. 9699-5218. Choveu forte, muito forte com granizo, hoje pela manhã, em Rolante. Foi assustador, diz o ouvinte que mandou mensagem da pedrinha. A pedra de granizo que é do tamanho quase, olha um tamanho de uma laranja, aquelas laranjas de umbigo, sabe Carolina Bahia. CAROLINA - Nossa, maior que uma bola de tênis.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Atualidade/ Relacionamento Autenticidade/ Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 23	Participação do ouvinte	3	SCOLA – Aqui em Igrejinha caindo um temporal com granizo, diz o Ilton. Douglas Reis: Canoas teve pedra pequena também no bairro Niterói, isso foi ontem à noite. E pelo Whatsapp eu recebo muitas mensagens de ouvintes. Chuva forte com raios em Campo Bom, no Vale dos Sinos. Até agora sem granizo. Na audiência, diz o Marcos de Campo Bom, obrigado Marcos pela audiência ai na cidade.	Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Atualidade Reconstituição Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 24	Teaser	1	SCOLA – Eu to recebendo mensagens aqui de ouvintes a gente vai falar mais sobre isso depois do intervalo. Olha, tá marcando o dia aqui, marcando o dia mesmo a instabilidade no Estado. Tem granizo em várias cidades do RS agora.	Coletivo	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
14.07 SN 26	Participação do ouvinte	1	SCOLA – O 9699-5218 tá revelando hoje pra gente que tem, olha, muitos, muitos pontos do RS com instabilidade e queda de granizo nessa manhã. Tem	Bem localizado	Elucidação	Efeito de Saber

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			mais mensagens. O ouvinte aqui de Maratá. Tá corrigindo o Cleo Kuhn. Maratá fica no pé do Vale do Cai, na região do Vale do Cai. Uma cidade muito bonita, inclusive Maratá. Onde está sendo registrado granizo nessa manhã.			
NARRATIVA 2 – QUEDA DA MARQUISE						
21.07 SN 01	Participação do ouvinte	1	ROSANE – Preocupação. SCOLA – Que que houve? ROSANE – Ouvinte informa que caiu uma marquise no centro da cidade, na Rua Annes Dias, perto da Santa Casa, onde tem um prédio em reforma e que, segundo esse ouvinte, há três pessoas embaixo dos escombros SCOLA – Atenção, nossa reportagem está indo pra lá. Centro de Porto Alegre, Rua Annes Dias. ROSANE – Ali perto da Santa Casa.	Testemunha/ Bem localizado	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 03	Participação do ouvinte	1	SCOLA – Rosane! ROSANE – Eu complemento por aqui com as informações que muitos ouvintes estão nos mandando agradeço essa nossa rede de repórteres voluntários e a informação é que os Bombeiros estão lá, Brigada Militar está lá. Já tem ambulância do SAMU também pra atender essas vítimas e evidentemente uma enorme confusão no trânsito do centro porque ali na saída da Jerônimo Coelho perto do viaduto da Salgado Filho, pelo relato dos nossos ouvintes, e a informação é de que é um prédio que estava em reforma. Os restos da marquise estão escorados por madeiras e os Bombeiros estão pedindo que as pessoas, os curiosos, por favor não se aproximem porque há risco de desabar mais uma parte dessa marquise.	Coletivo Testemunha Bem localizado	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 05	Participação do ouvinte	5	SCOLA – Os nossos ouvintes estão contribuindo conosco aqui, Rosane, em relação ao que aconteceu nesta manhã, aconteceu há pouco e ainda está em desdobramento essa ocorrência. O desabamento de uma marquise na rua Annes Dias, no Centro de Porto Alegre ROSANE – É um caso muito grave, Scola, na Rua Annes Dias, 366, é o número do prédio, isso quem me informa é o Luís Eduardo Lima. Outros ouvintes estão mandando fotos do atendimento tem ambulância do SAMU, tem ambulância dos Bombeiros, tem Brigada Militar por lá. O atendimento está sendo feito e a informação dos ouvintes é de que é gravíssimo o estado de uma das vítimas SCOLA – O nosso ouvinte, o Severo, manda foto inclusive do local com grande presença de Bombeiros, Brigada Militar, Samu. Fica bem perto da emergência do SUS da Santa Casa. A entrada da emergência do SUS, da Santa Casa, bem no centro, na rua Annes Dias. É um prédio que está em reforma, claramente em reforma, dá pra ver aqui pela foto. Aquelas telas colocadas no prédio que está em reforma pra não cair resíduos nas pessoas e	Testemunha Coletivo/Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Atualidade Atualidade/ Autenticidade Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
				Testemunha/ Bem localizado	Atualidade/ Autenticidade	

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>a marquise, o que sobrou da marquise, não sobrou praticamente nada só um pedaço da estrutura, ela desabou mesmo exatamente na curva da rua Annes Dias em frente à Santa Casa.</p> <p>ROSANE – É a informação que agora me manda um outro ouvinte. Aliás o mesmo que tinha me mandado as informações antes sobre que a marquise está sendo escorada por umas madeiras é que as pessoas que ficaram embaixo dos escombros são duas mulheres. Uma idosa, a idade indefinida, e outra na faixa dos 35 anos.</p>	Testemunha/ Bem localizado	Atualidade	
21.07 SN 08	Participação do ouvinte	1	<p>ROSANE – Cada vez que cai uma marquise e essa não é a primeira e não será a última sempre há aquela mobilização de fiscalização das marquises. Vários ouvintes aqui estão dizendo: “Atenção porque há muitas outras no centro em estado bem preocupante” e diz que esta aqui se olhar no Google Maps na última foto disponível já se verificava por cima ali que ela tinha problema na estrutura. Então, atenção responsáveis pela fiscalização. Vamos dar uma olhada nessas marquises. De parte da população o único jeito é não passar embaixo, mas é difícil com tantas que existem no centro da cidade.</p>	Coletivo	Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 11	Entrevista	2	<p>SCOLA – Vamos à Central de Produção. Tiago Boff.</p> <p>TIAGO BOFF – Scola sobre a marquise que caiu no Centro de Porto Alegre e infelizmente deixou uma vítima fatal, tá na linha conosco o secretário adjunto que está respondendo agora pela Smurb, Heraldo Veríssimo Arnt.</p> <p>SCOLA – Secretário, bom dia! [Entrevista com secretário]</p> <p>[4h45'11] ROSANE – Secretário tem uma informação dos ouvintes de que os andaimes foram instalados sobre a marquise. Os andaime pra recuperação dessa fachada do prédio. Isso já está confirmado? E a pergunta principal é isso pode? Já que não tem licença pra fazer a reforma da fachada, não precisa. Mas, agora, pra colocar andaime em cima de uma marquise, precisa ou não?</p> <p>[Segue entrevista]</p> <p>[4h47'13] ROSANE – Secretário, em relação a outras marquises, existe uma fiscalização regular? Eu tenho aqui vários ouvintes dizendo que passam rezando embaixo de marquises já que tem várias, e até citam um prédio que é da antiga Princesa do Lar que está escorado e que aparentemente oferece perigo. Tem um programa de fiscalização permanente das marquises?</p> <p>[Segue entrevista]</p> <p>SCOLA – Secretário, obrigado pelo esclarecimento, um bom trabalho ai na Smurb. Secretário de Urbanismo de Porto Alegre.</p>	Coletivo/ Testemunha	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 12	Participação do ouvinte	1	<p>SCOLA – Pra que fique claro, Rosane, eu usei uma figura aqui uma explicação numa pergunta que eu fiz ao secretário de urbanismo de Porto Alegre: se eu ameaçar cortar uma árvore no pátio do meu prédio, Rosane, vão pular fiscais</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>de todos os lados da prefeitura. Isso já aconteceu. Já aconteceu comigo. E acho até correto que a prefeitura faça esse tipo de fiscalização. Agora, o que eu não consigo entender é que um prédio antigo no centro de Porto Alegre passe por uma profunda reforma na sua fachada incluindo a marquise, se instalem ali andaimes, se faça uma reforma que é uma reforma, olha eu tô vendo as imagens do repórter Cid Martins, é uma reforma profunda e não precisa de nenhuma autorização, nenhuma fiscalização? Nenhum cuidado adicional por parte do poder público? Tô surpreso.</p> <p>ROSANE – O secretário disse que não tinha andaime, que era só aquelas telas de proteção pra não cair os entulhos, os ouvintes estão dizendo que tinham andaimes e os andaimes foram instalados na marquise. Aí é peso. Andaime é feito de madeira. Tem muita coisa pra ser investigada nisso. Nós não estamos lá pra conferir, mas as imagens do Cid são bem reveladoras. Eu também fico intrigada com isso. Porque pra qualquer coisa precisa autorização, tem fiscal, como que a gente vai simplesmente mexer na fachada de um prédio como esse, assim, sem autorização nenhuma? Tô achando estranho, no mínimo, isso. Olha aqui... [sobreposição de vozes]</p> <p>ROSANE – Fala o Cid. Depois eu leio a mensagem de um arquiteto.</p>	Coletivo, Testemunha	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 13	Reportagem	1	<p>SCOLA – Cid no centro de Porto Alegre</p> <p>CID – Estamos aqui na Annes Dias, número 366, onde caiu a marquise sobre duas pessoas. Uma faleceu e outra ferida no HPS. Estou com aqui com familiar de Tatiane Duarte da Silva. Senhor Jorge Ricardo de Souza. Como foi que o senhor soube da informação? Bom dia! [Entrevista com familiar]</p> <p>CID - Obrigado, então. Senhor Jorge Ricardo de Souza que é cunhado da Tatiane Duarte da Silva, 34 anos, deixou 2 filhos. A mãe dela estava aqui no local. Está em estado de choque, foi encaminhada ao hospital. E também, repetindo, que ficou ferida Eva Lenir Flores da Silva de 59 anos. Só pra informar, também chegou agora a Polícia Civil aqui da 17ª, o delegado Omar Abud está aqui no local, está verificando todo o fato. Ainda, corrigindo uma informação, Scola e Rosane. Ainda está se aguardando pela Perícia. A informação que a gente teve é que o pessoal de plantão estaria depois vindo de Arroio dos Ratos aqui para o local. Foi a informação que a gente recebeu em relação aos peritos. Ainda aguardando. Pelo menos foi a informação inicial. Mas, já chegou, já chegou agora aqui. Já está no local, já está trabalhando. Eles isolaram, como havia falado antes, toda a esquina aqui com uma lona preta para que os peritos possam trabalhar. O corpo está coberto. Vale destacar que ainda há um pedaço de concreto muito grande, está pendurado. Um pedaço de marquise, ele tem pelo menos uns 3 metros a 4 metros de</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>altura e deixando claro, também, que o subsíndico Fernando Silva informou que a obra era de 30 dias, só na fachada, que a marquise já estava liberada em uma fiscalização feita no final de 2014 e a empresa responsável pela obra é empresa Concreto. A Defesa Civil, segundo o senhor Lindomar Constante, informa que não havia uma sinalização pelo menos inicialmente faltava uma fiscalização aqui bem na esquina saindo da Annes Dias entrando para a Salgado Filho, em frente a Santa Casa onde houve e queda dessa marquise, Scola e Rosane.</p> <p>ROSANE- Cid? Dá pra perceber se havia andaimes, porque os ouvintes dizem que tinha andaime, que instalaram andaimes em cima dessa marquise. Claro a marquise caiu, mas tem restos de andaimes aí?</p> <p>CID – Tem, tem um andaime aqui. O prédio ele é bem na esquina. Ele estava sendo descascado, tirando o concreto e estavam reformando toda a fachada. Tem aquela lona azul, aquela tela azul para não cair caliça, destroços, e bem na parte onde há a marquise, há uma contenção, há uma proteção feita de madeira, para não cair a caliça, cimento. Em cima, sobre a marquise. A marquise está bem embaixo dessa proteção. Ela fica toda a fachada do prédio, escorada por um, dois, por cinco escoras de madeira, forma uma caixa, como se fosse uma canaleta na volta do prédio para não cair destroços. Essa canaleta de madeira, escorada nessas toras de madeira, nessas escoras ela está sobre a fachada, sobre a marquise. A marquise que acabou então caindo. E vale ressaltar que tem, tem sim um andaime aqui que está na parte direita do prédio, mais em direção à Santa Casa, no lado contrário da Salgado Filho, Rosane</p> <p>SCOLA – Tem andaime, tem grande estrutura, tem tela de proteção, tem reforma profunda ali, tem uma marquise que desabou e tem explicações que precisam ser dadas. E mais do que isso: tem uma pessoa morta e tem outra sendo atendida agora em estado grave. Não posso acreditar que uma obra desse porte, desse porte, era feita a Deus Dará.</p>	Coletivo	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
21.07 SN 14	Participação do ouvinte	1	<p>ROSANE – Deixa eu ler pra ti uma mensagem de um arquiteto. Sou arquiteto com vários anos de experiência em laudos de segurança predial. Não vou me identificar. Tem várias leis que proíbem qualquer objeto ser colocado sobre marquise, tais como ar condicionado, vaso de planta, painéis publicitários, entre outros, justamente para evitar sobrepeso e colapso da estrutura. É obrigatório apoiar e proteger a marquise em caso de reformas na fachada, isolar e sinalizar a área. O secretário mente, diz esse arquiteto. Licença obrigatória no mínimo. A lei exige laudo de segurança estrutural, laudo de marquise, laudo de fachada. Jamais se instala andaime sobre marquises. Onde está o responsável técnico pela obra? Pergunta o arquiteto e pergunto eu.</p>	Saber especializado	Elucidação	Efeito de Saber

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			SCOLA – Boa pergunta			
21.07 SN 15	Participação do ouvinte	1	SCOLA – Voltamos. 9 e 54. Tem ouvintes, técnicos, engenheiros e tudo mais, né Rosane? Arquitetos. Contestando a informação passada pelo secretário de Urbanismo, de que não precisa licença ali. Diz que todo mundo pra fazer alguma coisa, no prédio, na fachada dele que envolve um local onde tem a circulação de muitas pessoas precisa, sim, pelo menos de uma autorização pra mexer... ROSANE – E esse prédio – recém botei as fotos agora – com a marquise toda escorada com madeira significa que era uma intervenção grande ali pra terem feito todas essas escoras e as pessoas passavam pelo meio das madeiras, pelo meio da escora.	Coletivo/ Saber especializado	Elucidação	Efeito de Saber
NARRATIVA 3 – GREVE NO DETRAN/RS						
25.07 SN 02	Entrevista	1	SCOLA – Hoje está completando duas semanas do início da greve dos servidores do Detran. Por conta disso, mais de 7 mil exames práticos e teóricos tiveram de ser cancelados, provocando um transtorno enorme aos motoristas. Também há atraso na entrega de veículos. Enfim, os problemas são enormes aí. E pra entender um pouquinho melhor como o governo vai tratar esse impasse com os servidores nós convidamos pra conversar conosco o Secretário de Administração do Rio Grande do Sul, Raffaele Di Cameli. Secretário, bom dia! [ENTREVISTA COM SECRETÁRIO] [3h38'28] ROSANE – Pra gente encerrar, secretário, porque eu tenho muitas mensagens aqui de pessoas reclamando do problema dos carros que são guinchados, que são apreendidos e a pessoa não pode retirar. Não tem como ter uma solução emergencial pra isso? Porque a punição que a pessoa sofre, enfim, é ter o carro guinchado, é a multa. Agora não pode ficar 7, 15 dias sem poder retirar seu carro. Não tem uma solução emergencial? [SECRETÁRIO RESPONDE]	Coletivo	Reconstituição Avaliação	Efeito de Descrição e Veracidade
25.07 SN 04	Participação do ouvinte	1	SCOLA – E o nosso 9699-5218, hein Rosane? ROSANE – Muitas mensagens sobre? A greve do Detran. Tem um funcionário do Detran dizendo que não consegue compreender. Ele é examinador e não consegue entender como que um Estado quebrado tem dinheiro pra renovar os 138 contratos emergenciais. Que segundo ele não tem necessidade porque muitas vezes ele aplica apenas uma prova de manhã e outra à tarde devido ao excesso de examinadores. Bom, a resposta que a gente pode dar pra ele é que o governo está pensando em fazer isso como resposta à greve que já dura duas semanas e que tem esses pedidos, esses exames acumulados. Evidentemente que é um contrassenso, renovar contratos de examinadores sem necessidade. Agora alguma solução o governo também tem que dar pra	Saber especializado	Avaliação	Efeito de Opinião

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>população. Eu me lembro de uma greve lá em Caxias e o governador se orgulha muito disso, usa isso como exemplo nas conversas com os secretários dizendo: “Eles não me conhecem. Lá em Caxias a greve dos médicos durou dois anos”. Agora, não é um problema da relação entre o governo e a categoria em greve. Problema é o serviço público que deixa de ser prestado, por isso se cobra uma solução emergencial do secretário, da administração, do governo pra resolver o problema das pessoas que precisam fazer carteira de motorista, mudar de status no caso, pra quem quer trabalhar com isso, fazer a transferência e esse caso dos carros que são guinchados e que a pessoa não pode retirar no depósito do Detran, então, olha não é luxo isso, as pessoas usam o carro pra trabalhar e tem gente que precisa.</p> <p>SCOLA – Não é luxo e o motorista tá pagando muito por isso, já ROSANE – Sim, só falta agora cobrarem esses dias, que é muito caro o depósito, né. A taxa que se paga no depósito, o motorista que teve o carro guinchado tem que pagar em vez de dois ou três dias da taxa de depósito queiram cobrar por duas semanas</p> <p>SCOLA – Com certeza o Detran vai abonar isso aí, né ROSANE – Espero que sim, né. É o mínimo SCOLA – Com certeza, com certeza.</p>			
25.07 SN 05	Participação do ouvinte	5	<p>SCOLA – Estamos de volta, são 8 e 55. 8 e 55. Já já nós vamos ouvir o que pensam os servidores do Detran. Os servidores que estão em greve. Nós ouvimos eles várias vezes aqui na programação da Rádio Gaúcha. Hoje nosso objetivo no Gaúcha Atualidade era ouvir uma posição do governo em relação a isso porque é o governo que tem que resolver esse impasse, mas a gente nunca deixou de ouvir, aliás desde o início, desde o início, sexta-feira, três sextas-feiras atrás, nós ouvimos o sindicato já anunciando greve, confirmando a paralisação do serviço, ouvimos ao longo desse processo de discussão sobre aumento salarial e hoje, acho que é uma das primeiras vezes, a primeira vez que o secretário falou aqui no programa, Rosane. Secretário de Administração, Raffaele Di Cameli. Foi a primeira vez que ele falou aqui no Gaúcha Atualidade. Nós demos a oportunidade para o secretário dar sua posição, isso não significa que nós deixamos de lado, não ouvimos os servidores. Muito pelo contrário se a gente fizer um extrato de quem foi ouvido mais, com certeza vai dar mais vezes para os servidores. O que a gente quis hoje na abertura do Gaúcha Atualidade foi dar a versão do governo pra saber como o governo vai resolver esse impasse, que é quem está com a faca e o queijo na mão, quem tem que resolver esse pepino aí, Rosane.</p> <p>ROSANE – E a nossa preocupação é com o cidadão que paga por um serviço. O serviço público é para o público como o nome diz. Os impasses entre servidores públicos e governo do estado têm que ser resolvidos na</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>negociação, tem que ser resolvidos, tem que se cobrar, a gente cobra do governo é que encontre uma solução. Porque atrás, lá na ponta quem tá sofrendo com isso? A população que precisa. É como o Diogo de Porto Alegre, por exemplo, que é motorista de ônibus e não pode trabalhar porque ele precisa renovar a carteira de habilitação dele e não está conseguindo. Os motoristas profissionais, hoje é o dia do motorista aqui, tem toda a razão em reclamar. E a gente não paga barato, tu lembraste bem, nós pagamos taxas altíssimas pro Detran. As taxas que o Detran do Rio Grande do Sul cobra estão entre as mais altas do Brasil. E tem que se encontrar uma solução. Não vamos ficar de braços cruzados esperando que o governo mate no cansaço os sindicalistas do Detran enquanto a população tá pagando caro por isso. Tem um outro aqui, não tem a ver com a greve, tem a ver com ineficiência, sei lá o quê. A pessoa dizendo que o carro do irmão dele espera há sete meses por um liberação do Detran lá em Rolante. Sete meses? Como assim? Tá tudo ok, tudo resolvido, só precisa de alguém que assine lá a liberação do carro. É isso que a gente tá cobrando do estado. O serviço público tem que atender o cidadão. Não pode se ter uma máquina que funcione exclusivamente pros servidores.</p> <p>SCOLA – O Alexandre Lima, nosso ouvinte, tá lembrando que quem compra carro financiado quando quita tem que pagar quase 200 reais para tirar a alienação do documento. Sabiam disso? Olha Alexandre tem tanta taxa, tanto procedimento, tanta, tanta, tanta taxação, enfim, que eu não sabia, te confesso não sabia. Sei que paga praticamente por tudo em relação ao carro aqui no Rio Grande do Sul e paga muito, muito. Só a carteira de habilitação, a CNH, mais de mil reais a primeira habilitação aqui no estado.</p> <p>ROSANE – Tem um ouvinte dizendo aqui que a diária do depósito do Detran é de 25 reais e lembra o seguinte: “sem contar que se guincharem o teu carro na sexta-feira, tu só consegue pagar e retira-lo na segunda ou terça porque tem que ter tempo para a multa entrar no sistema e pra pessoa pagar”. Esse ouvinte diz o seguinte: “eu não entendo isso, pois quando se entra numa barreira eles checam a placa do carro na hora, no sistema, então poderia já se fazer tudo automaticamente. Mas aí não, tem que ficar segunda, terça e vai espichando e agora com essa greve falta então tem gente que diz que tá aqui com o carro preso há sete dias precisando do carro pra trabalhar.”</p>	<p>Saber especializado</p> <p>Testemunha</p> <p>Testemunha</p> <p>Testemunha</p> <p>Testemunha</p>	<p>Reconstituição</p> <p>Reconstituição</p> <p>Elucidação</p> <p>Elucidação/Avaliação</p> <p>Reconstituição</p>	<p>Efeito de Descrição e Veracidade</p> <p>Efeito de Descrição e Veracidade</p> <p>Efeito de Descrição e Veracidade</p> <p>Efeito de Descrição e Veracidade + Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Descrição e Veracidade</p>
25.07 SN 08	Participação do ouvinte	1	<p>SCOLA – Nosso whatsapp 9699-5218. 9699-5218. Rosane.</p> <p>ROSANE – Mais e mais histórias envolvendo o Detran e os seus serviços. O Paulinho Silva, de Rio Pardo, diz que há algum tempo ele teve o carro preso</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>por atraso no IPVA, estava em processo de transferência e teve que fazer vistoria no pátio do guincho, diz ele. "Paguei todas as taxas e documentos e o carro foi liberado do guincho somente um mês e meio depois de apreendido. Quando fui buscar tive que pagar mais de 500 reais de diárias lá no guincho".</p> <p>Tem alguma coisa errada na qualidade do serviço. É isso que a gente cobra. O governo e o Detran que se entendam aí nas suas reivindicações, agora que a qualidade, a greve tá servindo pra isso, também pra mostrar...</p> <p>[SOBREPOSIÇÃO DE VOZES]</p> <p>SCOLA – Escancarar que o valor cobrado versus o trabalho realizado tem uma diferença enorme.</p> <p>ROSANE – É e pra escancarar também a má qualidade desse serviço. As pessoas tem tanta reclamação aqui e não tem pra quem reclamar. O serviço quando ele é, não tem concorrência, o serviço de várias entidades, autarquias, no caso o Detran é uma autarquia, não tem como escolher: "ah eu quero fazer no Detran ou eu quero fazer no concorrente A, B, C, D". Não, a gente é refém disso. Então, paga-se o preço que o governo estabelece, no caso das diárias, dessa burocracia pra liberação de um carro mesmo depois que uma pessoa cumpre todas as obrigações, vai se queixar pra quem? Pro bispo?</p>	Testemunha	Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
25.07 SN 09	Participação do ouvinte	1	<p>SCOLA – 9 e 25. Rosane, tem muitas, mas muitas sugestões sobre o debate em relação aos valores, taxas e serviços do Detran aqui no Rio Grande do Sul. Tem uma sugestão interessante aqui, é do nosso ouvinte, o João, de Porto Alegre: "Nosso Ministério Público, sempre tão atuante, porque não pede pra Justiça liberar todos os carros que estão em condições de ser liberados e não podem simplesmente porque funcionários do Detran estão em greve". Olha é uma boa sugestão, talvez uma intervenção do Ministério Público. Entrando nessa discussão, entrando nesse debate, né, Rosane?</p> <p>ROSANE – É porque a pessoa que tem o carro apreendido, a punição que ela tem que sofrer qual é? É pagar a multa pelo depósito, pelos dias que o carro fica no depósito, pagar se é IPVA vencido, é quitar o IPVA. Enfim, não pode simplesmente ter uma multa adicional, ter uma punição adicional, que é essa de ficar o carro dias e dias e dias parado porque os servidores do Detran estão em greve. Então a solução me parece interessante, porque o Ministério Público, qual é o papel do Ministério Público? Agir em defesa da sociedade. Se este é um serviço público e o setor público não está oferecendo, tem que ter uma solução. Acho que a sugestão do João deveria ser no mínimo discutida. Não sei nem qual é a viabilidade legal, vamos deixar claro isso. Agora, certamente os nossos amigos do Ministério Público que estão nos ouvindo devem ter uma opinião sobre isso.</p>	Testemunha	Avaliação	Efeito de Opinião
25.07 SN 11	Comentário	1	<p>SCOLA – Surgiu até o Sindicato dos servidores provisórios do Detran, Dos contratos emergenciais. Tem os contratos emergenciais.</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>ROSANE - Mas tem sindicato neste mundo!</p> <p>SCOLA - São 140, 150. E como a gente vem tratando do tema Detran desde o início do programa, se manifestaram os representantes do sindicato dos servidores do Detran, esses concursados, tem cargo efetivo lá, e agora surgiu também o sindicato dos trabalhadores temporários do Detran. São 150, 160 pessoas. E criaram, apesar de ser um serviço temporário, criaram em torno deles um sindicato pra representar a categoria.</p> <p>ROSANE – Tem um serviço do Detran que as pessoas estão reclamando muito aqui e eu vou concordar com os nossos ouvintes, que é uma extorsão. A pessoa compra o carro financiado. Ele fica alienado, esse carro tá vinculado ao financiamento. Termina de quitar e aí só pra tirar a palavra alienado do documento do carro o Detran cobra 200 reais.</p> <p>SCOLA - É o Alexandre Lima mandou mais cedo pra gente aqui</p> <p>ROSANE – É. E aí o que que acontece? Não tem nenhuma importância na verdade tu tirar ali do documento que está alienado. Porque na hora de vender, no site do Detran já tá liberado. Mas as pessoas ficam imaginando que elas têm que tirar aquela palavrinha, alienado, porque pode dificultar a venda. Eu acho que é uma coisa tão absurda esse preço que cobram só pra tirar a palavra alienado, está comprovado que foi quitado, que eu deixaria, sinceramente. Aliás a última vez que eu financiei um carro eu nunca tirei a palavra alienado. Deixa assim. Na hora de vender ficou claro lá que eu não devia nada. Ponto, foi resolvido.</p> <p>SCOLA - Mas é uma voracidade, né?</p> <p>ROSANE - A voracidade das taxas do Detran, diga-se de passagem, o governo passado, o governo Tarso Genro sempre se gabou que não aumentou impostos. Impostos. E é verdade, não aumentou impostos, nem tentou aumentar impostos. Mas foi um dos governos que mais aumentou as taxas do Detran. Elas deram um salto no governo passado. E é por isso que a gente paga esses horrores, tanto pra fazer a carteira de motorista, quanto por esses outros serviços que nem se dá conta, as vezes. E, claro, eu já me revoltou com o valor que a gente paga pela Taxa de Emissão do Documento quando se paga o IPVA. Já percebeu quanto se paga por isso?</p> <p>SCOLA - É uma exorbitância.</p> <p>ROSABE - Soma, mesmo que tu mandasse Sedex 10, carta registrada. Mas não é nem 10% daquele valor que a gente paga. Absurdo o valor que se paga. E é aí quem é quem imprime aquele documento? É a Corag. Será que a Corag tá fazendo o melhor preço? Não sei, é outra discussão essa. Eu só sei que o contribuinte, desculpem o popular aqui, só se ferra.</p> <p>SCOLA - É só se ferra, com certeza.</p>	Coletivo	Reconstituição Avaliação	Efeito de Descrição e Veracidade
25.07	Participação	1	SCOLA – Tem ouvinte indignado aqui. Olha ele quer saber onde eu paguei a			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
SN 12	do ouvinte		<p>carteira de habilitação por mil reais. Mil reais. Ela custa quase 2 mil, diz o ouvinte Ademir, em mensagem ao programa. Quase dois mil reais pela CNH? Primeira CNH? Chega a isso já?</p> <p>ROSANE – Olha, eu não vou te duvidar, sabe porquê? Porque se tem as taxas, primeiro. As taxas que a gente paga do Detran tem ali no site do Detran, é 800 e pouco eu acho, tá escrito. Até um ouvinte me mandou. A aula, tu tem a hora aula, antes da hora aula prática tem a hora aula de simulador que tem que pagar, essa é uma novidade dos últimos anos e cai mais uma vez naquela coisa muito brasileira, exigiu-se, tinha que ter aula em simulador. Eu, velhinha de Taubaté, pensei, bom, legal, em vez de jogar esses jovens já no trânsito faz no simulador. Foi tanta confusão na implantação, que algumas auto-escolas, milha filha até foi vítima disso, inverteram o processo: ela primeiro fez as aulas práticas e depois a de simulador. Qual é o sentido de alguém fazer aula prática antes e simulador depois, não me pergunta, porque não existe resposta, não tem. Virou e mexeu, a exigência que deveria ser nacional passou a ser o seguinte: agora não é mais necessário isso depois que os CVRs tinham comprado o simulador que custa caro e aí ficou assim na lei, implanta quem quiser no país. Aí o Detran decidiu, bom, já que aqui tinha sido exigido, vai se manter. No Rio Grande do Sul é exigido, em outros estados não é. Se a lei, o país é um só, o território é único, como é que pode ter uma lei?</p> <p>SCOLA – Primeiro implanta pra todos, depois volta atrás?</p> <p>ROSANE – Depois volta atrás...</p> <p>SCOLA – Qual é a convicção disso?</p> <p>ROSANE – É a mesma da caixinha de pronto-socorro, aquela do kit de primeiros socorros, do extintor, do extintor ABC que foi voltou e agora. Qual a última? Não precisa mais é isso, né? Não precisa mais o extintor. Então é assim, as coisas vão e voltam e dane-se o consumidor que tá lá.</p>	Testemunha	Avaliação	Efeito de Opinião
25.07 SN 16	Participação do ouvinte	2	<p>SCOLA – Pra encerrar, Rosane.</p> <p>ROSANE – Vou deixar os ouvintes irritados. Posso?</p> <p>SCOLA – Infelizmente, vamos lá Rosane.</p> <p>ROSANE – Com a mensagem de um ouvinte que mora nos Estados Unidos e diz o seguinte: Moro nos Estados Unidos, para fazer a minha carteira de habilitação gastei 25 dólares de taxas e mais 55 para fazer a prova. Apenas isto.</p> <p>SCOLA – Posso contar outra? [INAUDÍVEL]</p> <p>ROSANE – Conte.</p> <p>SCOLA – No Texas, sabe quanto custa uma carteira, primeira habilitação? Zero. Rosane, zero. Certamente os contribuintes pagam alguns impostos que são usados pra custear. Alguns impostos a mais. Mas é zero. Zero. Não paga nada, é isento de taxa no estado do Texas, nos Estados Unidos. Eu não gosto</p>	Testemunha Bem localizado	Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>de ficar fazendo essas comparações porque são realidades completamente opostas, mas é só pro ouvinte ter uma referência. Enquanto aqui a gente paga 3 mil pra carro e moto.</p> <p>ROSANE - É que a nossa máquina burocrática é uma máquina muito cara. Agora tem ouvinte dizendo que a história da gratuidade não é bem assim. Felipe Machado diz que na verdade a pessoa se inscreve e que a gratuidade é dada por sorteio. Não pode ser.</p>	Testemunha	Elucidação	Efeito de Saber
NARRATIVA 4 – CRISE NA SEGURANÇA						
26.08 SN 01	Abertura	1	<p>SCOLA – O Atualidade de hoje é aqui do Senado, mas nós vamos nos dedicar a falar sobre insegurança pública. A falta de segurança que acossa os gaúchos, pessoas que estão morrendo nas mãos de criminosos diariamente. O povo gaúcho vive com medo e a cada dia nós estamos tendo mais exemplos de como os bandidos tomaram conta. Roubam, matam, tiram vidas, fazem de tudo. A segurança precisa de uma resposta. O governo Sartori que sempre tratou com sinais de desdém o tema e a gravidade desse problema, agora parece que acordou. Tá desembarcando em Brasília por volta das 9 horas da manhã e vai bater à porta do Palácio do Planalto e depois no Ministério da Justiça onde já deveria ter passado há muito tempo pra pedir ajuda para o Rio Grande do Sul. O Gaúcha Atualidade vai tratar desse tema, também em função do que aconteceu ontem à noite. Depois da morte de mais uma pessoa pelos bandidos, pelos criminosos que estão às pencas nas ruas, às pencas. O secretário de segurança do Rio Grande do Sul foi derrubado. Ele caiu, ele não é mais secretário. Wantuir Jacini que nos últimos 18 meses mostrou ao Rio Grande do Sul que falta ao estado uma política clara de segurança pública com recursos, com estratégia, com o reforço da União, com a ajuda da União, para que o Rio Grande do Sul sofra menos com esse problema, que é hoje a principal preocupação dos gaúchos. Ah, não é invenção da mídia, não é retórica do medo. Não é nada disso, é sim a vida real das pessoas e nós vamos tratar desse tema em profundidade hoje no Gaúcha Atualidade. Com o nosso campo de visão no cantinho, ali, Carolina Bahia, a discussão sobre o impeachment. Mas hoje a prioridade é segurança pública. Aqui em Brasília, nós vamos nos mobilizar hoje pra acompanhar tudo que vai acontecer O governador desembarca daqui a pouco no aeroporto. Nós estamos lá com a Kelly Matos, ela fala de lá daqui a pouco ao vivo. No Palácio do Planalto o Mateus Shuch também vai conversar conosco vai acompanhar essa reunião do governador Sartori com o presidente interino Michel Temer e ao longo do dia nós vamos trazer mais informações. Bom dia, Carolina.</p> <p>CAROLINA – Bom dia Scola e Rosane, bom dia aos ouvintes. Segurança que</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>hoje é a nossa prioridade Scola, tem sido a nossa prioridade aqui no Atualidade, mas não foi prioridade do governo Sartori ao longo de todos esses meses. Há quanto tempo ele já poderia ter estado aqui em Brasília pedindo ajuda da Força Nacional de Segurança exatamente o que ele veio fazer hoje. Ele já poderia ter feito isso há meses, e não fez. Não é uma questão de quem será o próximo secretário de segurança Scola e Rosane, é uma questão de governo, de atitude de governo, de colocar a segurança em primeiro lugar, do governador do estado do Rio Grande do Sul tomar conta deste assunto. Que foi abandonado, a bandidagem tomou conta das ruas de Porto Alegre até que a gente chegou ao ponto de ontem com o assassinato de uma mãe que tava na frente de uma escola, uma jovem na frente de uma escola, deixando os filhos, certamente todo o Rio Grande do Sul está abalado com isso, especialmente nós, né Rosane, mães que poderíamos estar tranquilamente naquela situação, na frente de uma escola, durante o dia, num horário que é pra ser tranquilo esperando seu próprio filho. Agora não é mais questão de porque tu fez um movimento brusco, porque o carro não abriu, sempre tem uma desculpa. Não tem mais desculpa. O governador Sartori que saia aqui de Brasília com uma consciência a respeito da segurança pública</p> <p>SCOLA – Rosane de Oliveira, Bom dia!</p> <p>ROSANE – Bom Dia Scola, Carolina. Bom dia ouvintes. Tá difícil pra gente dizer bom dia hoje, Scola. Eu to muito abalada desde ontem porque todos os dias nós convivemos com esse horror, desse aumento da violência no Rio Grande do Sul. E ontem foi o 25º latrocínio em Porto Alegre. 25º latrocínio em Porto Alegre. Os números indicam que nesse ritmo nós vamos bater o recorde em 2016 de laticínios no Rio Grande do Sul. Tá difícil viver nesse estado. O governador acordou, finalmente, criou um gabinete de crise pra tratar disso, caiu o secretário da segurança pública ontem à noite. Ele já estava dentro do governo sendo muito criticado pela falta de ação, pela forma, de certa forma, contemplativa com que ele vinha atuando, pelo conformismo do governo e aí que veio esse gabinete de crise. Não se sabe se haverá secretário de segurança ou se o governador vai puxar pra ele essa responsabilidade ou se o vice-governador poderia continuar sendo o responsável e ele conversando diretamente como está sendo agora nesse gabinete de crise com os chefes de polícia, com comandante da brigada, agora tem um ponto que a gente precisa tratar aqui. Não se resolverá esse problema se não houver uma política séria para o sistema penitenciário. A nossa política fracassada no sistema penitenciário está por trás desse aumento da criminalidade e eu espero que a partir dessa reação do governador que foi a Brasília finalmente se convenceu de que tem que pedir a força de segurança que se faça alguma coisa também em relação aos presídios. É um dia de luto no Rio Grande do Sul, como são</p>			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			dias de lutos todos os dias quando uma criança morre numa vila por bala perdida, quando o porteiro de um prédio é assassinado porque foi proteger o filho na tentativa, no roubo de uma moto. Quando uma médica é assassinada voltando da casa dos pais onde ela havia passado o dia dos pais, porque simplesmente nos disse o delegado aqui no Gaúcha Atualidade, porque ela foi escolhida? Ah porque eles acham mais fácil escolher uma mulher, que eles acham mais vulnerável. E agora neste momento, enquanto nós estamos aqui falando de segurança, eu recebo do Eduardo, lá de Canoas a informação de que houve mais um assalto na frente de uma escola. Mãe assaltada ao deixar o filho na escola Espírito Santo em Canoas. Segurança zero, diz ele. Levaram o carro dela. Felizmente deixaram a criança descer. É um filho pequeno. Aliás o filho do Eduardo está no berçário dessa mesma escola. E ele diz: "estamos todos com medo. Minha esposa está apavorada, pois deixamos nosso amado Pedro Henrique todos os dias nessa escola". Com medo estamos todos nós, Eduardo	Testemunha/ Bem localizado	Reconstituição/ Avaliação	Efeito de Descrição e Veracidade
26.08 SN 07	Participação do ouvinte	2	SCOLA – Bom, Rosane, a reação dos ouvintes. ROSANE – Olha, Scola, tu não imagina quanto tem de mensagens aqui de pessoas relatando assaltos naquela região ali do bairro Higienópolis. Ex-alunos, alunos do Colégio Dom Bosco dizendo que ali os assaltos são frequentes, são diários, que é difícil o dia em que não acontece alguma coisa. E a Regina, que mora na Coronel Feijó uma rua paralela à Eduardo Chartier, ela disse que na frente da casa dela ficam grupos de trabalhadores do Zaffari Higienópolis e dia desses, em pleno meio dia, parou um carro em frente onde esse grupo estava ali, fazendo o seu intervalo de trabalho, fizeram uma limpeza nos funcionários levando bolsas e celulares. É isso. E porque as pessoas roubam celulares? Porque tem receptação de celulares e porque tem idiota, me desculpe a grosseria, idiota que compra celular barato desses vendedores ambulantes achando que fez um grande negócio.	Coletivo/Testemunha/ Bem localizado Testemunha/ Bem localizado	Reconstituição Reconstituição	Efeito de Descrição e Veracidade
26.08 SN 09	Participação do ouvinte	1	SCOLA – Ainda bem que nós não estamos sozinhos nesse debate, Rosane e Carolina, sobre a responsabilidade do receptor na cadeia do crime. Recebi aqui enquanto a gente fazia o comentário, enquanto fazia as observações no bloco anterior, várias mensagens de delegados, de promotores, de procuradores. Vou ler só uma mensagem aqui do promotor Amílcar Macedo. "Vocês estão absolutamente corretos na questão da responsabilidade dos receptores quanto a prática de crimes graves. Sempre defendi essa tese". Promotor Amílcar Macedo que é experiente na área criminal, tem um longo trabalho, extenso trabalho nesta área.	Saber especializado	Avaliação	Efeito de Opinião + Efeito de Saber
26.08 SN 20	Participação do ouvinte	5	SCOLA – Rosane de Oliveira. 9699-5218. Rosane eu imagino que o nosso whatsapp hoje esteja, olha com o cabo de força tem que tá na tomada aí porque tá consumindo bateria esse whatsapp hoje			

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>ROSANE – Explodiu hoje, Scola, explodiu mesmo nosso whatsapp. Eu acho, a gente não tem como contar, mas eu acho que nunca tivemos tantas mensagens. Todo mundo querendo dar uma sugestão, todo mundo querendo contar uma história de violência. É impressionante como há histórias de violência todo mundo tem um parente um amigo ou foi ele mesmo assaltado. Muitos dos nossos ouvintes assaltados duas, três vezes até. Muitos comentários também sobre esse tema da receptação que a gente falou. O que dizem os nossos ouvintes: quem compra tem que saber, quem compra um celular que vale 3 mil reais e te oferecem por 300, 400 reais tem que saber que tem alguma coisa errada, que não existe telefone bom e barato sendo vendido nas esquinas por aí. Então quem faz isso tá sendo conivente com o crime, tá estimulando essa indústria do crime. E aí tem um ouvinte nosso que é taxista e ele tem ponto lá no centro, diz que se a polícia quiser ela pega, porque eles vendem à luz do dia e não tem dia que não ofereçam pra ele celulares que valem aí 3, 4 mil reais, os caras oferecendo por 300, 400 reais o que obviamente indica que esse telefone é roubado. E mais mensagens de ouvinte pedindo soluções que a gente sabe que são, estão no imaginário da população, mas que não tem chance de ser executadas. A principal delas: coloque-se o exército nas ruas. O exército a gente sabe não quer se meter com segurança pública, diz que não é essa a função dele, atua em casos pontuais como foi na tomada de morros lá no Rio de Janeiro, atua em momentos cruciais, mas a segurança de rotina o exército sempre disse que não quer participar. E, obviamente, também nas mensagens dos nossos ouvintes muitos pedidos para agravamento das penas e presídios, que as pessoas, que os presos condenados fiquem nos presídios, cumpram a pena inteira não essa história de já cumpriu um sexto, libera e sai pra rua cometer crime novamente. E, claro, um bom número de ouvintes também defendendo a pena de morte, defendendo a liberação das armas, essas sugestões que sempre aparecem quando ocorre um crime de repercussão como esse da mãe assassinada na frente da filha ontem lá no colégio Dom Bosco.</p>	<p>Coletivo</p> <p>Testemunha/ Bem localizado</p> <p>Coletivo</p> <p>Coletivo</p> <p>Coletivo</p>	<p>Avaliação</p> <p>Reconstituição/ Avaliação</p> <p>Avaliação</p> <p>Avaliação</p> <p>Avaliação</p>	<p>Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Descrição e Veracidade + Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Opinião</p>
26.08 SN 27	Participação do ouvinte	3	<p>SCOLA – 9 e 46. Estamos de volta. Rosane, daí de Porto Alegre, sua impressão sobre hoje, a sua impressão sobre o que estão dizendo os nossos ouvintes.</p> <p>ROSANE – Olha, Scola, novamente eu estou aqui, não consigo dar conta, to o tempo todo grudada no Whatsapp de tantas mensagens dos ouvintes com muitas sugestões para a segurança pública.</p> <p>SCOLA – Quero só registrar, Rosane, que tem helicóptero da Brigada Militar sobrevoando a Zona Sul de Porto Alegre agora.</p> <p>ROSANE – E sobrevoando Eldorado do Sul também, as pessoas estão dizendo. Não sei se é o mesmo.</p>	<p>Coletivo/Testemunha</p>	<p>Atualidade</p>	<p>Efeito de Descrição e Veracidade</p>

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>SCOLA – Pode ser. Eu recebi informação aqui que a Zona Sul de Porto Alegre com helicóptero há mais de 20 minutos sobrevoando a região.</p> <p>ROSANE – Tem também, Scola, muitos ouvintes perguntando assim porque nós só cobramos do governador Sartori e não cobramos das outras instituições. Porque nós não cobramos do Judiciário, porque nós não cobramos do Ministério Público, da Assembleia, enfim das outras instituições.</p> <p>A gente cobra sim. Eu acho que esta é uma situação de emergência, nós precisamos, sim, de pessoas, de envolvimento de outros órgãos públicos, não é apenas do Executivo. Cada um tem que fazer a sua parte. Agora, como cada um vai fazer a sua parte? Que se monte uma força tarefa e se busque essas soluções. Eu dei uma sugestão muito singela na minha coluna de hoje e pode até parecer simplista que é uma sugestão mais de solidariedade, de colaboração. Que se os juízes, os promotores, os membros do Tribunal de Contas que recebem auxílio moradia, doassem esse auxílio moradia, que não existe nem previsão legal, ele está sendo pago por uma decisão do CNJ e por uma liminar lá no Supremo Tribunal Federal, se doassem esse auxílio moradia de 4 mil e 500 pra um fundo pra construção de presídios poderia ser uma colaboração pequena, mas seria uma colaboração. E aí os nossos ouvintes, os leitores concordam com isso, mas recebi de um juiz federal uma ameaça de processo por dano moral porque se sentiu ofendido com essa minha sugestão. Diz esse juiz que concorda que eu tenho o direito de dizer e escrever o que quiser, mas que ele, como cidadão, tem o direito de buscar reparação ao agravo que ele se sentiu pela ofensa de eu ter dado essa sugestão. Não consigo identificar ofensa nisso, é apenas uma singela sugestão que eu estou dando, este juiz federal, o juiz Adel Oliveira escreveu uma carta dizendo que não concorda que se sente ofendido neste caso, ele recebe o auxílio moradia da União e que acha que eu não tenho equilíbrio para falar sobre os magistrados, que eu não gosto do Poder Judiciário e detesto magistrados. Doutor Adel Oliveira, você está enganado. Eu não tenho nada contra, eu respeito muito o Poder Judiciário, respeito os senhores juízes. O que eu não concordo e isso é público, essa minha posição há muito tempo, é com esse auxílio moradia, que pra mim não faz nenhum sentido e já ouvimos tanto do atual presidente do Tribunal de Justiça aqui, quanto do presidente anterior, que o nome tá errado, que na verdade não é bem auxílio moradia, que é uma forma disfarçada de compensar um aumento que os magistrado não tiveram.</p> <p>SCOLA – Perfeito, Rosane. To contigo</p>	<p>Coletivo</p> <p>Saber especializado</p>	<p>Avaliação</p> <p>Avaliação</p>	<p>Efeito de Opinião</p> <p>Efeito de Opinião</p>
NARRATIVA 5 – PROTESTOS						
22.09 SN 03	Participação do ouvinte	2	<p>ROSANE – O ouvinte informa que a RS 287 está bloqueada por manifestantes no trevo de acesso à Santa Cruz do Sul. Aquele trevo conhecido como Fritz e</p>	<p>Testemunha/ Bem localizado</p>	<p>Atualidade</p>	<p>Efeito de Descrição e Veracidade</p>

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			Frida, onde tem os dois bonequinhos símbolo lá da Oktoberfest, símbolo de Santa Cruz. A RS está trancada na 287. Mas temos problemas em várias rodovias, alguns são protestos menores, mas estão provocando tumulto. Muitos ouvintes perguntado: "essas pessoas que estão protestando elas não trabalham?" Hoje é um dia que a CUT convocou como sendo um dia de manifestações em todo o país. Tem muita gente que aderiu a esse protesto, mas tem muita gente que é desempregada que vai ao protesto porque está desempregada. Não acredito que tenha muito trabalhador, com essa crise de emprego, que tenha muito trabalhador faltando trabalho pra fazer protesto, pra trancar a rua.	Coletivo	Avaliação	Efeito de Opinião
22.09 SN 05	Participação do ouvinte	2	SCOLA – Tem ouvinte alertando que o problema pode ser ainda maior, Rosane? Porque estão apontando aqui no Guaíba dois grandes navios, duas grandes embarcações, que certamente vão ter que passar pela ponte do Guaíba, pelo vão móvel e o vão móvel vai ter que se içado. ROSANE – É o Leandro Coelho fazendo esse alerta que ele está vendo ali perto do Cristal esses dois navios se dirigindo aqui pro porto. Mas eu olhei no site da Concepa, no aplicativo da Concepa, e não tem içamento do vão móvel previsto. Talvez eles fiquem aqui, do lado de cá da ponte, esses navios. Ou por alguma razão, neste momento, não tem içamento previsto. [SOBREPOSIÇÃO DE VOZES] ROSANE – Alo mudou lá em Santa Cruz, terminou, se desmobilizaram e liberar a entrada de Santa Cruz no trevo Fritz e Frida, informam vários ouvintes por aqui.	Testemunha/ Bem localizado Coletivo/Testemunha/ Bem localizado	Atualidade Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
22.09 SN 18	Participação do ouvinte	1	[SCOLA E ROSANE FALAM SOBRE MOTORISTAS QUE PASSAM PELO ACOSTAMENTO] ROSANE – O Jéferson, de Alvorada, faz o seguinte alerta. Ele diz que lá na BR 116, ele está indo para Camaquã, tem 10 quilômetros de lentidão. E tem um Siena preto, dirigido por uma mulher, segundo ele, cortando todos pela grama, quer dizer pelo acostamento. "Favor avisem a policia". Vale pro Siena preto e pra qualquer outro carro: ultrapassar pelo acostamento é infração de trânsito. Fica sujeita, sim, a multa, perder ponto na carteira, mas mais do que isso, é risco. Não se ultrapassa pelo acostamento. Eu vejo que quando tem congestionamento tem muito espertinho que faz isso. E às vezes anda trechos longos pelo acostamento [...]	Testemunha/ Bem localizado	Atualidade	Efeito de Descrição e Veracidade
22.09 SN 20	Participação do ouvinte	1	SCOLA – Nosso Whatsapp é 9699-5218, Rosane. 9699-5218 ROSANE – Aqui o Eduardo Camargo dizendo: "Por favor, alguém explica pra Rosane que protestos não violam o direito de ir e vir. Não deixem ela falar bobagem no ar. Bloquear uma rua não viola o direito de ir e vir até porque existem outras vias que podem ser utilizadas". Não, Eduardo. O senhor está	Sujeito comum	Avaliação	Efeito de Opinião

SN	CATEGORIA	QTDE MSGs	TRANSCRIÇÃO	ATRIBUTOS DO OUVINTE-ENUNCIADOR	ATRIBUTOS DA MENSAGEM	EFEITOS VALORATIVOS ¹
			<p>enganado. Dependendo do que se bloqueia, sim, fere o direito de ir e vir. Imagine uma pessoa que está numa ambulância na 290 perto da ponte do Guaíba</p> <p>SCOLA – O que já aconteceu!</p> <p>ROSANE – Já aconteceu incontáveis vezes. A pessoa tá trancada ali e não tem como sair. Digamos que seja uma mulher em trabalho de parto ou uma pessoa que tá numa ambulância não é porque está bem de saúde, vai descer caminhando e andar quilômetros e quilômetros pra ultrapassar. Não. Fere o direito de ir e vir, sim, quando se tranca uma estrada ou uma rua em que não há outra opção de trânsito.</p> <p>SCOLA – 9 e 51. Além do mais, nós temos uma posição aqui, sem julgar os motivos que levam ao protesto e acho que esse protesto de hoje inclusive está acontecendo, os trabalhadores tem até muita razão em querer discutir, em querer se manifestar contra algo que está ainda não muito claro, por parte do governo. São mudanças nas leis trabalhistas, que eu acho que é necessário ser feita uma discussão sobre as leis trabalhistas e também sobre a reforma previdenciária. Agora, trancar, bloquear o direito de ir e vir, ah isso aqui independentemente das motivações, o ato de bloquear vai ser sempre condenado pela gente aqui. Isso vale pra protesto de trabalhadores, protestos de ruralistas, pra qualquer tipo de protesto. É uma linha que a gente adota aqui já há muito tempo na nossa programação.</p>			